

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

### **INTRODUÇÃO**

Os aspetos ligados à cultura local, particularmente os que se relacionam com a tradição e os costumes, na vertente da linguagem oral, como as cantigas, os *rimances* ou as lengalengas sempre causaram em nós uma grande vontade de investigar esses assuntos e, por isso mesmo, já constituíram opções de pesquisa no âmbito do nosso estudo de mestrado. Não queremos acreditar que “a dinâmica da sociedade absolutiza o presente, isolando-o do património cultural do passado e sem a intenção de delinear um futuro.” (Bento XVI:2010). cremos, isso sim, que “uma tal valorização do «presente» como fonte inspiradora do sentido da vida, individual e em sociedade, confronta-se com a forte tradição cultural do Povo Português, (...)” (Idem). Queremos continuar a realizar investigação e a produzir documentação que possa ajudar a aproximar a escola e os alunos da forte tradição cultural do nosso povo. Nesse sentido, vamos tentar expor e explorar as vertentes relacionadas com essa cultura, existentes nos documentos normativos para a gestão curricular no Ensino Básico, particularmente no que respeita à sua finalidade cultural, expressa na Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE), e dando continuidade à voz de Paraskeva & Morgado (1998:13) quando afirmam que

“O currículo funciona, de algum modo, como um processo permanente de diagnosticar as tendências e sensibilidades do tecido social. Sociedade, ideologia, educação e currículo revelam-se, assim, como realidades em perfeita cumplicidade, patenteando fronteiras muito tênues em que a primeira necessita das restantes como alicerces robustos para a sua perpetuação.”

A escola deve repensar as suas práticas, numa concepção de conhecer para fazer, plena de discursos verdadeiros e eficazes que vão ao encontro das aprendizagens dos alunos, porque, como diz Pinho (1998: 277),

“(…) o discurso abstrato e desencarnado, pretensiosamente universalista, a que todos os níveis nos fomos habituando e fomos também promovendo, tem tornado a escola desinteressante, desumanizada e autoritária e nem por isso (ou talvez por isso) o mesmo ponto de vista das ciências mais abstractas parece estar a preparar os jovens para os desafios que se colocam ao homem contemporâneo, não parecendo igualmente promover capacidades de tolerância, de procura e gosto pelo conhecimento e de interacção no que nos rodeia.”

Sabemos hoje que as crianças com baixo nível de literacia são alvo de exclusão social, por não terem desenvolvido a sua criatividade, a sua identidade, e, muitos deles, os valores contemporâneos de paz, justiça e espírito solidário. Bernstein (1924-2000) alertava para o facto de as escolas poderem reproduzir desigualdade, quando não têm em conta os meios socioculturais de onde os alunos são oriundos. A leitura, é, indiscutivelmente, uma prática transversal a todas as áreas do currículo, sendo que os fracos leitores não têm a possibilidade de desenvolver competências literárias e literárias e, desde logo, têm menos oportunidades de compreender o que se passa à sua volta.

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

Os resultados dos sucessivos *Program For International Students Accesement (PISA)*<sup>1</sup> da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico), vieram demonstrar que as crianças de famílias mais desfavorecidas socialmente gostavam menos de ler. Igualmente, os estudos de Ramalho (2001:67) salientam tal preocupação, já que as consequências negativas destes resultados podem prefigurar exclusão social (Sequeiros,2005). Todavia, a escola vem tentando colmatar estas desigualdades, ao acompanhar o percurso escolar e pessoal do aluno, e desenvolvendo estratégias, que ao valorizarem o sujeito, potenciam o seu desenvolvimento integral (formação pessoal e social) em complemento à formação académica. Althier (2004:104-109) valoriza esta visão, propondo que aquele espaço se concretize na criação e desenvolvimento de experiências de literacia, selecionando as vivências dos alunos, no sentido de criar sujeitos autónomos. Já na década de 70, Freire (1970) salientou a importância da próprio universo do alfabetizando no seu percurso escolar de codificação e decodificação, considerando as *palavras geradoras* do universo vocabular do aluno como fulcrais para o desenvolvimento do conhecimento. Através da combinação dos elementos básicos desse universo, suportadas em significações constituídas ou reconstituídas em comportamentos dos alunos que se revêm nelas, passam, desta forma, da experiência vivida para o mundo dos objetos, provocando nos alunos uma distância em relação à sua experiência que vai refletir-se numa reconstituição da situação vivida, despertando a consciência para o espírito crítico. De facto, diz-nos Inês Duarte (2001:67,68) que qualquer falante de uma língua não domina na totalidade o conjunto de princípios e regras gramaticais dessa mesma língua, sendo que a base de dados lexical vai-se permanentemente atualizando ao longo da vida. A autora apresenta-nos, inclusivamente, a distinção entre o *léxico passivo* e o *léxico ativo*, sendo o primeiro relativo à compreensão e o segundo à produção. Na perspectiva de Duarte as experiências acumuladas e os conhecimentos adquiridos, fruto das transformações culturais e tecnológicas, conduzem ao enriquecimento do léxico. E, nesse sentido, cremos poder afirmar que o domínio do vocabulário aumenta as competências de qualquer falante e em simultâneo contribui para o alargamento da sua competência em literacia.

Ora, esta perspectiva enquadra-se, de algum modo, na seguinte questão, para nós fundamental: de que forma a cultura local pode contribuir para a literacia dos alunos, evitando que estes entrem em processo de exclusão social?

É, pois, nosso crer, que a cultura local assume grande importância ao influenciar inclusivamente a própria linguagem e deixando-se influenciar por ela. Este sentir está clarificado em Bernstein (1975:26) do modo que a seguir se apresenta:

---

<sup>1</sup> PISA 2000 incidiu sobre a avaliação do desempenho dos alunos. Nos resultados globais verificou-se que ao nível da proficiência leitora Portugal aparece no 26º lugar, entre 32 países participantes, resultados considerados pouco animadores; o PISA 2003 não trouxe grandes novidades sendo o PISA 2009 a trazer um expressiva melhoria em Leitura, Matemática e Ciências. [www.gave-min-edu.pt](http://www.gave-min-edu.pt) em 15 de Agosto de 2011

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

“ (...) les formes de langage qui dépendent de caractéristiques culturelles et non de caractéristiques individuelles déterminent la possibilité ou au contraire l'impossibilité d'acquérir des compétences à la fois intellectuelles et sociales - dont la possession conditionne la réussite scolaire e professionnelle”.

Aliás, no Relatório para a UNESCO, da Comissão Internacional sobre Educação para o Séc. XXI (1996:47)<sup>2</sup>, encontramos algumas afirmações que alertam para esta problemática. Vejamos a citação a seguir apresentada: “A compreensão deste mundo passa, evidentemente, pela compreensão das relações que ligam o ser humano ao seu ambiente”. Tal preocupação envereda para os cenários de ensino-aprendizagem, uma vez que, refere o relatório supracitado:

“Não se trata de acrescentar uma nova disciplina a programas escolares já sobrecarregados, mas de reorganizar, de acordo com uma visão de conjunto, o ensino dos laços que unem homens e mulheres ao meio ambiente, recorrendo quer às ciências da natureza, quer às ciências sociais”.

O conceito de identidade é igualmente aqui referido numa relação de causa e efeito com os fundamentos da cultura individual, reforçando-se, deste modo, a solidariedade social e, ao mesmo tempo, constituindo para qualquer sujeito caminhos positivos e libertadores de encontro e diálogo com o outro.

“A educação deve pois procurar consciencializar o indivíduo para as suas raízes, afim de dispor de referências que lhe permitam situar-se num mundo (...) devendo ensinar-lhe o respeito pelas outras culturas. (...) O conhecimento das outras culturas torna-nos, pois, conscientes da nossa própria cultura, mas também da existência de um património comum ao conjunto da humanidade.” (idem:42)

Mediante o exposto, na crença de que o conhecimento das culturas locais faz com que cada sujeito se conheça melhor a si mesmo e aos outros, o trabalho que nos propomos realizar prende-se com a necessidade de investigar até que ponto o atual currículo do 1º Ciclo do Ensino Básico (1º CEB), enquanto documento norteador da prática, contempla *aspetos* que podem ser considerados como janelas abertas aos saberes locais, uma vez que, neste novo século, este tipo de saberes deve ser entendido como formas de compreender o *outro* e, concomitantemente, de compreender o mundo.

Retomando o Relatório para a UNESCO, da Comissão Internacional sobre Educação para o séc. XXI, aqui é referido que

“Cada indivíduo define em relação ao outro, aos outros, e aos vários grupos a que pertence segundo modalidades Dinâmicas. A descoberta da multiplicidade destas relações, para lá dos grupos mais ou menos restritos constituídos pela família, a comunidade local, até a comunidade nacional, leva à busca de valores comuns, que funcionem como fundamento da solidariedade intelectual moral da humanidade. (...) A educação tem, pois, uma especial responsabilidade na edificação de um mundo mais solidário. (...) É (...) um novo humanismo que a educação deve ajudar a nascer, com uma componente ética essencial, e um largo espaço

---

<sup>2</sup> Ver Delors, et al (1996). De facto, entendemos clarificar que, embora o Relatório tenha na sua composição outros autores, nomeadamente o de Roberto Carneiro, o nome que sobressai, presidiu e deu voz ao Relatório foi o de Jacques Delors.

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

dedicado ao conhecimento e respeito das culturas e dos valores espirituais das diferentes civilizações, para contrabalançar uma globalização em que apenas se observam aspetos económicos ou tecnicistas. O sentimento de partilhar valores e um destino comuns constitui, em última análise, o fundamento de todo e qualquer projecto de cooperação internacional.” (idem:44)

Ora, em qualquer parte do mundo, a educação, sob as mais diversas formas e metodologias, abrange, entre outros aspetos, a criação de vínculos sociais a partir de referenciais comuns, definindo-se como veículo de cultura e valores na construção de um projeto comum. De facto, são vários os estudos que têm vindo a lume, promovendo uma educação onde não persistam práticas de desigualdade e exclusão social. Durkheim (1893) referia-se a aspetos como o desmantelamento do tecido social, fruto de más práticas educativas, apelando para o restabelecimento de algumas componentes essenciais à vida coletiva, como a própria cultura.

Por conseguinte, acreditando na necessidade de ensinar e aprender nesta aldeia global, cabe à escola desenvolver espaços naturais de pertença que vão da nação, à região, à cidade, à aldeia, à vizinhança. Contudo, tal tarefa não se adivinha fácil, necessitando a escola atual de verdadeiros agentes educativos, capazes de fazer face às tensões deste novo século, desde logo enumeradas no referido Relatório:

A tensão entre o global e o local; a tensão entre o universal e o singular; entre tradição e modernidade; a tensão entre as soluções a curto e a longo prazo; a tensão entre a indispensável competição e o cuidado com a igualdade de oportunidades; entre o extraordinário desenvolvimento dos conhecimentos e as capacidades de assimilação, por parte do homem; entre o espiritual e o material.

Sublinhando esta perspetiva, o Relatório, a propósito das tensões atrás referidas ( panorama que não é recente e persiste como o cerne da problemática do século XXI), salienta a educação como sendo uma ferramenta indispensável à humanidade para a construção dos ideais da paz, da liberdade e da justiça social. De facto, a esse propósito, refere-se (1996:14) que é preciso entender que educação tem um papel preponderante no desenvolvimento contínuo, quer do indivíduo quer das sociedades, pelo que se realça que é urgente ter em conta as principais tensões existentes, nomeadamente:

“A tensão entre o global e o local: tornar-se pouco a pouco cidadão do mundo sem perder as suas raízes e participando, ativamente, na vida do seu país e das comunidades de base. A tensão entre o universal e o singular: a mundialização da cultura vai-se realizando progressiva mas ainda parcialmente. Ela oferece promessa e também riscos, dos quais o menor certamente não é o esquecimento do carácter único de cada indivíduo, de sua vocação para escolher o seu destino e realizar todas as suas potencialidades, mantendo a riqueza de suas tradições e da sua própria cultura ameaçada. A tensão entre tradição e modernidade tem origem na mesma problemática: adaptar-se sem negar a si mesmo, construir a sua autonomia em dialética com a liberdade e a evolução do outro, dominando o progresso científico.”

Face ao objeto do nosso estudo, não queremos deixar de salientar as referências às “raízes,” às “comunidades de base”, à “riqueza das tradições”, em contrabalanço com

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

“cidadão do mundo”, “mundialização da cultura”, “evolução”, “progresso científico”, plasmados na citação anterior.<sup>3</sup>

Com efeito, sendo os agentes educativos peças fundamentais do processo ensino-aprendizagem, propomo-nos investigar, igualmente, de que maneira os professores enquadram, ou não, na sua programação letiva, essas vertentes, ditas culturais, que apelidamos de “janelas”, enquanto espaços de onde se vislumbra algo, particularmente nas áreas de Língua Portuguesa, do Estudo do Meio e das Expressões. Esta intenção vai no sentido de tentar perceber se, ao recontextualizar-se a cultura nas práticas docentes, não estaremos a encaminhar os nossos alunos para uma maior compreensão mútua, com mais sentido de responsabilidade e solidariedade, mais consciencialização na aceitação das diferenças culturais e espirituais, logo cidadãos mais capazes de influenciar o destino coletivo e democrático.

Efetivamente, perante a conjuntura de referentes socioculturais, sabemos que se torna algo difícil questionar os professores sobre o seu agir e interagir com conceitos e processos nem sempre devidamente clarificados. Referimo-nos, obviamente, ao conhecimento das metanarrativas fundacionais de uma cultura, aos quadros de referência intertextuais que, na óptica de Hirsch (1998, cit. por Azevedo, 2006), são apontados como fazendo parte da literacia cultural. Nesta perspetiva, lendas, mitos, fábulas, cantigas, contos, rimas, lengalengas, trava-línguas e aliterações, ligadas frequentemente ao maravilhoso (Todorov:1990, cit. por Azevedo, 2006:32), constituem saberes considerados fundacionais ou primordiais que

“interconectando-se intimamente com os códigos culturais de uma comunidade, enfaticamente sublinham verdades axiológicas e/ou simbólicas, cuja origem, colectiva e indeterminada, se esgota na memória do tempo, e correlacionando-se a sua concretização frequentemente com fatores de ordem mágica ou ritual, estas unidades semióticas se caracterizam por reiterarem, com reduzidas modulações, os esquemas semânticos e formais prescritos pelo respectivo policódigo.”

Evidentemente que, ao valorizarmos toda a panóplia de textos culturais, estamos a corroborar o alerta de Steiner (2003:28), quando diz: “a atrofia da memória é o traço dominante da educação e da cultura de meados e do final do século XX.” Sabemos, ainda, que o privilégio concedido a este tipo de textos não se enquadra naquilo que Harold Bloom (2002) perfila como cânone. Porém, fazemos nossas as palavras de Azevedo (2006), quando diz que estes textos constituintes de uma memória coletiva são geradores de mecanismos propiciadores de novas e renovadas linguagens, sendo que o conhecimento da tradição é fundamental para que não haja rupturas na comunicação com textos considerados canónicos, uma vez que estes se podem revelar poderosos desmistificadores de ideologias vigentes. Mas, a vertente cultural que aqui assinalamos pode ainda ser constituída sobre a relação de homem-natureza. De facto, Martins (2010:253), sustentado em Sousa (1990), sugere-nos que:

---

<sup>3</sup> Aspas nossas. Estes conceitos, embora igualmente extraídos do Relatório, fazem parte do nosso quotidiano enquanto professores.

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

“haverá que reconhecer o valor intrínseco da natureza, de modo a estender os deveres a um mundo não humano (ética ambiental centrada na vida) que supere os interesses do homem (...) ou seja numa visão ecocêntrica que concebe os ecossistemas como entidades possuidoras de “valor intrínseco” ou de valor como fim em si mesmo.”

O autor propõe um novo paradigma ético das relações “Homem-Natureza” sustentando que, no passado, o domínio ético sobre a natureza era fundamental para o progresso da humanidade.<sup>4</sup>

Neste sentido, queremos partilhar a ideia de que uma escola deve estar centrada na educação para o desenvolvimento sustentável (EDS)<sup>5</sup>, e ser capaz de sair da concha tradicional, já que o currículo está regularmente apoiado num conhecimento de carácter generalista, pouco relacionado com a cultura local, separado do mundo real dos alunos. Deste modo, a escola pode tornar-se numa instituição pró-ativa em relação ao meio que a rodeia e assumir-se como um elemento colaborativo em relação à comunidade onde se insere. Uma escola assente numa política de gestão participada pelos professores, pais e alunos, onde estes se identificam com as atividades que desenvolvem, tendo em conta a proximidade destas com as suas vivências diárias, pode ser um fator potenciador do desenvolvimento integrado da personalidade do aluno, despertando a sua curiosidade, o seu espírito crítico, bem como a sua realização como elemento interventivo na construção do conhecimento local. Aliás, como refere Breiting et al, em *Crítérios de Qualidade para Escolas - EDS. Guia para a melhoria da qualidade da Educação para o Desenvolvimento Sustentável* (2006:46), os problemas sentidos pela comunidade educativa devem servir de polo dinamizador para trabalhos de investigação que possam elevar os níveis de literacias, tanto da escola como das populações, onde esta, enquanto palco de todas as aprendizagens, detém um papel fundamental

“Uma das ideias principais em EDS é a relevância local e a construção de “conhecimento localmente contextualizado”. (...) “Um primeiro passo nesta direcção consiste em utilizar as características e os problemas da comunidade como recursos para o trabalho de campo e para uma aprendizagem activa. Um outro passo consiste em propor a escola como uma voz importante no processo de planeamento do desenvolvimento sustentável local e um passo seguinte consiste em oferecer os recursos e competências da escola para os estudos e acções da comunidade que tenham em vista a sustentabilidade. Neste processo, as escolas tornam-se “centros sociais nucleares” e abertos, fontes de conhecimento especializado que partilham responsabilidades com outros actores da comunidade. Professores e alunos ganham visibilidade e reconhecimento, enquanto que estes últimos começam a praticar o seu futuro papel de cidadãos activos.”

Também os manuais, enquanto *artefactos culturais*<sup>6</sup>, veiculam, de igual modo, aspetos culturais que podem, ou não, ser recontextualizados no âmbito do discurso pedagógico,

---

<sup>4</sup> O autor enquadra a sua proposta em Marcuse (1972) entre outros, defendendo a reconciliação do homem com a natureza que remete para a ética ambiental e que divide em: ética centralizada no ser humano; ética centralizada nos animais; ética centralizada na vida.

<sup>5</sup> A expressão Escolas-EDS (Escolas de Educação para o Desenvolvimento Sustentável) surge, nesta publicação, em vez das expressões “eco-escolas” ou “escolas verdes” como um desafio para a introdução de critérios de qualidade nas escolas que desejem envolver-se num desenvolvimento orientado para a EDS.

<sup>6</sup> Encontramos este conceito - *artefactos culturais*, em Alain Choppin (1992,1999).

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

consoante o olhar do professor. Sabendo, à partida, que estes, segundo Apple (1989), são produtos do controlo social, económico e político, ao reproduzirem o conhecimento socialmente válido, e paradigmas do texto legítimo (Bernstein, 2000), podem, no entanto, conter *janelas de cultura*<sup>7</sup>, dependendo obviamente dos mediadores que com eles trabalham.

Evidentemente que a questão da mediação, protagonizada pelos manuais escolares, será também o nosso propósito e, neste enquadramento, tentaremos encontrar nos manuais do 1º Ciclo do Ensino Básico (CEB) o modo como estes textos respondem, ou não, às chamadas *janelas de cultura*.

De facto, dizem-nos Santomé (1995) e Apple (2002) que os manuais escolares organizam a vida escolar de professores e alunos na escola, contribuindo para o reforço das relações de poder existentes em cada sociedade. Nesse sentido, torna-se de extrema importância potenciarmos uma visão crítica sobre a forma como aquele artefacto cultural estabelece ligações com a comunidade, no sentido de se poder praticar um ensino diferenciado e menos discriminatório.

Na investigação, optámos por iniciar a pesquisa através da consulta de documentos relacionados com a história mais recente da educação em Portugal, particularmente no que respeita ao período pós 25 de Abril, para melhor compreendermos quais têm sido as políticas educativas desde então, tentando fundamentar e enraizar o mote da nossa questão, ou seja, o da valorização dos saberes locais na construção do saber escolar e do seu contributo para a valorização da identidade nacional, incidindo, muito especificamente, no currículo do 1º Ciclo do Ensino Básico (1º CEB) e no desempenho docente neste nível de ensino, reflexão que desenvolveremos mais adiante.

### 01. Relato de experiências culturais e interculturais na escola

A nossa experiência profissional tem-se desenvolvido, também, neste ciclo de ensino, e, igualmente, a nossa presença enquanto parceiros e coordenadores de projetos Educativos Europeus Comenius<sup>8</sup>, desde 1997, trouxe-nos uma outra sensibilidade a par de uma consciência que ditou a urgência de iniciarmos uma investigação acerca da importância da cultura local na educação dos sujeitos, jovens e adultos, e que tem vindo a proporcionar a professores e alunos o contacto com diversas culturas e *modus vivendi* de diversos países da

---

<sup>7</sup> Este conceito encontramos-lo em Isa Maria Freire, no âmbito de um projeto de pesquisa *Janelas da Cultura Local: Quissamã, RJ*, implementado no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia/Coordenação de Ensino e pesquisa, com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e cujo objetivo é divulgar informação no âmbito da Ciência de informação no Brasil, ou seja, encontrar percursos integrados em redes de pesquisa e desenvolvimento de tecnologias intelectuais e digitais acompanhada de um programa de treino para o uso de tecnologias intelectuais e digitais (2004).

<sup>8</sup> O projeto Comenius integra o segundo programa de acção comunitário para a educação, SÓCRATES (1995/99). É dirigido ao Ensino Básico e Secundário e pretende o desenvolvimento de projectos educativos europeus enquadrados em parcerias multilaterais entre escolas básicas e secundárias, que projetem actividades no domínio da educação intercultural e formação contínua transnacional de pessoal educativo.

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

Europa. Esta experiência enriquece e desenvolve a percepção multicultural dos alunos, o que acreditamos ter sido, e ser ainda, um percurso motivador quer para o reconhecimento dos nossos valores identitários, quer para o desenvolvimento de um sentimento de respeito e reconhecimento pelas diferentes características culturais representadas pelos parceiros dos projetos. Estes momentos de partilha experimental são considerados fundamentais para o desenvolvimento sustentado da personalidade nos jovens, sobretudo pelo sentido da interculturalidade que vão adquirindo, simultaneamente aliado aos desafios subjacentes às distantes e morosas viagens a esses países.

No nosso caso, 16 escolas de 15 países europeus têm estado envolvidas neste projetos Comenius. Queremos salientar, muito particularmente, as experiências de permanecer (ainda que só por uma semana) fora do conforto do ambiente familiar onde sempre estiveram, bem como a estadia em lares de outros alunos das mesmas idades, desconhecendo a sua língua, os seus costumes, a sua cultura, quer em países com melhores condições de vida, como a Finlândia e a Itália, quer em outros, com a condição social portuguesa de há 40 anos, como a Bulgária ou a Roménia. São experiências inesquecíveis que se refletem num enriquecimento pessoal intenso, quer a nível cultural e social. A aprendizagem e desenvolvimento de uma língua estrangeira, o Inglês, é outro aspeto relevante destes projetos. Neste sentido, queremos salientar a construção do *Manual de Sobrevivência*, previamente realizado pelos alunos, sob orientação dos professores envolvidos no projeto. Este artefacto contempla um conjunto diversificado de palavras e expressões de cada país envolvido, com a respetiva tradução em língua inglesa, e serve de suporte aos alunos participantes, durante as estadias nas famílias de acolhimento dos países estrangeiros.

O papel da escola no que respeita à procura de melhores resultados escolares, nomeadamente os que dizem respeito às metas educativas até 2014, pressupõe um conjunto diverso de referenciais ligados à qualidade e estabilidade do corpo docente e não docente, aos aspetos sócio económicos das famílias, às valências da estrutura escolar, às ligações da escola à comunidade, ao ambiente e clima escolares, entre muitos outros.

Neste caso, queremos apenas evidenciar algumas experiências que temos vindo a desenvolver em ambiente escolar e que pretendem revelar até que ponto a aposta nos saberes mais próximos dos alunos pode servir de alicerce para a espiral de conhecimentos organizados, propostos no âmbito do currículo nacional.

Num estudo realizado por Sousa (2000:8), mandatado pelo Ministério da Educação em 2000, intitulado *O Património Cultural Local como forma de envolvimento dos Pais*, é por demais evidente esta perspetiva. Este documento revela aspetos muito interessantes relacionados com a promoção dos laços entre a escola, a família e a comunidade local,

“ (...) ao promover a cultura participativa dos pais / encarregados de educação e o seu envolvimento na aprendizagem dos seus filhos, nomeadamente através da criação de momentos de interactividade a propósito da escolha e desenvolvimento de temas ligados à vida comunitária(...), valoriza os seus saberes (...). Por outro lado a escola ao tornar-se a promotora deste diálogo e ao enquadrá-lo pedagogicamente, cresce como instituição, alarga a sua área de

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

influência, promovendo, ainda que indirectamente, a educação social das crianças e das suas famílias.”

O mesmo documento refere ainda intenção de revelar exemplos de boas práticas educativas, nomeadamente aquelas que visam a implementação dos seis princípios/modalidades que norteiam a Tipologia de Joyce Epstein, no que respeita à colaboração entre a escola e as famílias. Embora consideremos todos da maior importância, é, sobretudo, no tipo 6<sup>9</sup> que revemos a ligação ao nosso propósito em termos de investigação, quando se refere à necessidade de promover a

“Colaboração e Intercâmbio com a Comunidade - Criação de condições para o estabelecimento de uma relação instituída entre a escola, as famílias e a comunidade, envolvendo as estruturas de poder local, comunitárias e empresariais. A finalidade é promover e facilitar o diálogo entre todas as estruturas e levar, mesmo as famílias de fracos recursos, ao acesso a esse diálogo alargado”(idem:9).

Como já referimos, acreditamos que os fenómenos relacionados com a cultura local, quando explorados de maneira integrada no âmbito dos currículos escolares, podem influenciar de forma objetiva a motivação dos alunos para o estudo e para a escola, porque, por um lado, eles identificam-se e revêm-se nessas referências e, por outro, porque passam a ser eles próprios os protagonistas da história de si próprios, das suas famílias e dos povos a que pertencem.

Por conseguinte, entendemos ser pertinente fazer referência aos projetos educativos que temos protagonizado nos últimos quinze anos na Escola Básica (EB) de Silvares,<sup>10</sup> no

---

<sup>9</sup> Tipo 1 - Obrigações Básicas das Famílias - As escolas consciencializam as famílias sobre a necessidade de desenvolverem práticas relacionadas com a promoção do bem-estar físico e afectivo dos seus filhos . Nos casos em que as famílias não podem ou não sabem fazê-lo, a escola deverá pôr em acção os mecanismos de ajuda social para tal previstos.

Tipo 2 - Obrigações Básicas das Escolas- As escolas devem informar as famílias, mesmo as mais desfavorecidas, sobre as rotinas da vida escolar, os programas, os regulamentos existentes, as reuniões a que devem assistir, os progressos e dificuldades dos seus filhos e a forma de orientá-los no seu percurso escolar.

Tipo 3 - Envolvimento na Escola - Pretende-se promover o apoio voluntário das famílias na vida da escola, ajudando a resolver dificuldades e participando ,de forma activa ,em reuniões e em eventos significativos da vida escolar .Esta modalidade prevê ainda a realização de actividades de educação parental.

Tipo 4 - Envolvimento em Actividades de Aprendizagem em casa–Fomento do diálogo entre a escola e as famílias no sentido de proporcionar oportunidades de os pais ajudarem os filhos a estudar, a fazerem os trabalhos de casa e a prepararem- se para os momentos de avaliação. Outra das finalidades desta modalidade é a promoção do diálogo pais - filhos, através da realização conjunta do trabalho escolar.

Tipo 5 - Participação na Tomada de Decisões - Promoção da capacidade das famílias, mesmo das mais desfavorecidas ,de influenciarem as decisões tomadas em contexto escolar e exercerem um papel activo nos órgãos decisórios das escolas.

Tipo 6 - Colaboração e Intercâmbio com a Comunidade - Criação de condições para o estabelecimento de uma relação instituída entre a escola, as famílias e a comunidade, envolvendo as estruturas de poder local, comunitárias e empresariais. A finalidade é promover e facilitar o diálogo entre todas as estruturas e levar, mesmo as famílias de fracos recursos, ao acesso a esse diálogo alargado.

<sup>10</sup> O Agrupamento de Escolas Terras do Xisto é constituído pela Escola Básica de Silvares, sede do Agrupamento, por 3 Jardins-de-infância e 1 Escola do 1.º Ciclo. A Escola do Ensino Básico de Silvares situa-se na parte alta da encosta do sítio das Lameiras por onde se estende. A escola dista cerca de 1000 metros dos locais mais importantes da Vila - Junta de Freguesia e Igreja. Dista 21 Km da sede de concelho, a cidade do Fundão.

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

concelho do Fundão, e, muito particularmente, àqueles que envolvem experiências relacionadas com a cultura local, em duas vertentes distintas, mas que se completam, que são as que contam com a participação ativa da comunidade educativa local, e as que dizem respeito à participação de outras escolas de países europeus.

Em 1996, no âmbito de uma reunião ordinária do Conselho Pedagógico, foi tema de reflexão a necessidade de motivar mais os alunos para a escola e para o estudo, tendo em conta os altos níveis de retenção apresentados nos anos anteriores, sempre superiores a 20 %. Nessa altura, propusemos diversas medidas, de entre as quais queremos referir as duas que consideramos fulcrais para aquele desígnio: a necessidade de tentar valorizar o que lhes é próximo; e a tentativa de lhes mostrar outras culturas e o quanto são apreciadas e valorizadas pelos seus representantes, nomeadamente por outros alunos da sua idade. Assim sendo, apresentamos alguns parâmetros que enquadraram a nossa estratégia:

- selecionar a temática do Projeto Educativo de Escola sempre relacionada com as vivências dos alunos na comunidade educativa;
- abrir novos horizontes do conhecimento aos alunos, através da participação em atividades que envolvam alunos de outras escolas nacionais e europeias, recorrendo a candidaturas a projetos que lhes possam proporcionar esta vertente.

Para satisfazer a primeira medida, elegemos para temática do Projeto Educativo de Escola (PEE), para três anos (95/98), o estudo de uma associação local, com um vasto currículo nacional e internacional - o *Rancho Folclórico de Silvares*.

Esta instituição encontrava-se em acentuado declínio, face ao falecimento da sua maior impulsionadora, a Sr.ª D.ª Ilda Valentim Mesquita.

A estratégia assentava em dois aspetos conceptuais: por um lado, preparar a aproximação à instituição para conhecer melhor os seus pontos fortes e fracos, e motivar a direção para um novo desafio que passava por envolver os alunos na descoberta e na recolha de informação dispersa, integrá-los na direção, envolvê-los no rancho, nomeadamente através da aprendizagem de instrumentos e dança tradicional; por outro lado, delinear um plano de intervenção que incluísse a elaboração de plano anual de atividades e a definição de uma estratégia que pudesse viabilizar dois desejos antigos da comunidade local: a reabilitação do Festival Internacional da Beira Baixa, extinto havia dez anos e que nunca tinha sido realizado em Silvares mas sim no Fundão, e a aquisição de um espaço para a implementação do museu local do traje tradicional. Note-se que estes trajes sempre foram alvo de interesse por parte do Museu Nacional do Traje, dada a sua qualidade e raridade.

A equipa de professores, que elaborou o guião da primeira visita, deparou-se com um património invejável, especialmente no que respeita ao guarda roupa, onde abundavam

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

inúmeros vestidos de seda pura, alguns em risco de degradação eminente. A direção acolheu de muito bom grado as propostas apresentadas e, em pouco tempo, os alunos e professores iniciaram um vasto conjunto de visitas guiadas aos aposentos do *Rancho Folclórico de Silvares*. Os níveis de motivação para o projeto foram ganhando fôlego e com o envolvimento total dos alunos e dos professores, inventariaram todo o espólio e elaboraram brochuras com legendagem sobre os diversos trajes; confeccionaram os trajes em tamanhos para a sua idade (10 a 15 anos); elaboraram calendários, postais em duas e três dimensões; recriaram as marafonas, figuras típicas em três dimensões;<sup>11</sup> fundaram um rancho folclórico juvenil.

Com os materiais referidos, os alunos montaram uma exposição/venda que passou a contar com a atuação do rancho juvenil. Esteve patente ao público em Silvares e no Fundão e contou financeiramente com o apoio da Câmara Municipal do Fundão, da Junta de Freguesia de Silvares, entre outros. Estes materiais foram todos adquiridos por familiares e visitantes, revertendo a receita para confecção de trajes em tamanho infantil e juvenil.

No último ano deste Projeto Educativo de Escola (1998), elaboraram-se candidaturas à Federação do Folclore Português, ao CIOFF<sup>12</sup> e ao Ministério da Cultura, garantindo, deste modo, o reconhecimento como grupo federado, como entidade pública, e também a sua participação financiada em festivais no estrangeiro, permutando com a vinda de grupos internacionais a Silvares. O ano letivo terminou com a primeira realização do Festival Internacional da Beira Baixa, na Escola de Silvares, que abriu e fechou com a atuação do rancho juvenil contando com a participação de três grupos internacionais da França, Chile e Espanha, que deliciaram as mais de duas mil pessoas ali presentes. Este acontecimento repete-se desde então, de dois em dois anos, envolvendo um grande número de alunos, em atividades tão diversas quanto criativas, mas sempre com um cunho cultural que traduz uma partilha dos costumes e hábitos relacionadas com a memória coletiva dos representantes. Neste âmbito, são os alunos que procedem à elaboração do enorme cenário de fundo em pano cru, pintado à mão com motivos da cultura local; que executam as pinturas em pano cru e linho, em tempo real, durante o espetáculo e que servem de oferta a todos os grupos visitantes; que integram a “Orquestra Recicla”, a qual abre o evento executando ritmos tradicionais com recurso a objetos de plástico, de metal e de madeira, reciclados na escola; que protagonizam a apresentação e locução do evento, entre muitas outras atividades.

Em termos de participação dos alunos e, por consequência, daquilo que frequentemente se entende por comunidade educativa, podemos afirmar que atingimos os

---

<sup>11</sup> Marafona - boneco que imita o modo como se vestiam tradicionalmente (anos 40-60) as pessoas de Silvares e arredores, como a lavadeira, o noiva e a noiva, o traje domingueiro, o ganhão, o mineiro, entre outros. É construído com base numa estrutura de madeira, e vestido com traje tradicional local. Segundo afirmam idosos locais, as raparigas em idade para casar, dançavam com a Marafona, que depois guardavam em segredo no seu quarto, para sua proteção, até ao dia do casamento, em que a colocavam debaixo da cama, porque ela não ouve, não vê e não fala. Esta figura está normalmente associada ao culto da fertilidade e da felicidade.

<sup>12</sup> International Council of Organizations of Folklore Festivals and Folk Arts - CIOFF is an international cultural non-governmental Organization (NGO) in formal consultative relations with UNESCO. Created in 1970, the duty of CIOFF is safeguarding, promotion and diffusion of traditional culture and folklore. <http://www.cioff.org/index.cfm?lng=en>, 12 de março de 2012.

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

objetivos previstos. No que respeita aos resultados escolares, ultrapassámo-los. Os níveis de retenção passaram para cerca de 14% em 1998, o que justifica a nossa aposta nos valores ligados à cultura local, como estímulo à atividade escolar.

No mesmo sentido, o de motivar os alunos para a escola, recorrendo aos valores culturais que lhes estão próximos e integrá-los de forma ativa no convívio social, no triénio seguinte repetimos a estratégia supracitada, privilegiando, todavia, um outro aspeto que era preocupação das populações locais, dada a sua degradação continuada - o *Rio Zêzere*. Neste caso, elaborámos uma projeto que candidatámos ao Instituto Português do Ambiente, que pela pertinência e qualidade o financiou integralmente.

Este projeto perseguia um objetivo específico: - levar os alunos a desenvolver atividades relacionadas com o currículo, de modo a sensibilizar as populações e as entidades responsáveis, para aspetos da cultura local relacionadas com a utilização e a defesa do *Rio Zêzere*. Assentou em três aspetos estratégicos específicos:

- Criar uma Aplicação Pedagógica Multimédia (APM) que denunciase os focos poluentes do rio Zêzere, desde a nascente até Silvares.
- Criar outra APM interativa que refletisse os conteúdos do currículo nacional do Ensino Básico relacionados com a poluição, por forma a ser utilizada por alunos e professores.
- Realizar a *Festa da Água*, no *Rio Zêzere*, no sentido de recriar em tempo real aspetos das vivências, hábitos e costumes das populações locais, relacionados com a utilização das águas do rio, como a rega das culturas, a monda, a sacha, bem como a utilização dos lavadouros e das noras.

Para a concretização do primeiro objetivo, os alunos procederam ao levantamento em vídeo, fotografia e áudio, de todos os focos eventualmente poluentes do rio, desde a sua origem no Covão da Metade, no vale glacial da Serra da Estrela, até Silvares. Em parceria com a UBI, contaram com o acompanhamento de uma docente do Departamento de Química que desenvolveu um estudo sobre a evolução da poluição daquelas águas, no mesmo percurso. Sob a sua orientação, os alunos recolheram amostras de água, à medida que iam descendo o rio. Estas amostras foram analisadas na UBI e, depois de expostos os resultados na escola, os mesmos foram divulgados no CD\_ROM criado para o efeito. O CD\_ROM, com as duas APM, foi posteriormente reproduzido e distribuído pelo IPAMB para outras instituições a nível nacional (Anexo I).

Para a consecução do segundo objetivo, solicitámos a participação especial dos alunos do 3º CEB que tinham como missão proceder ao levantamento dos conteúdos relacionados com a poluição, plasmados no currículo do 1º e 2º CEB, recorrendo a manuais, revistas e outras fontes disponíveis na altura. Note-se que, entre outras particularidades, na aplicação de um teste escrito a duas turmas do 6º ano, sobre os vários tipos de poluição estudados, os

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

resultados da turma que teve acesso à exploração da APM foram muito superiores aos obtidos pela outra turma.

No sentido de concretizar o terceiro objetivo, conseguimos envolver todas as associações locais, e recriámos no *Areal do Rio Zêzere* um espetáculo único, com um cunho cultural muito exposto, nomeadamente através da recriação de diversos momentos representativos das vidas locais, como por exemplo a travessia do rio em *Barca Tradicional* à luz da candeia (Anexo II), dado que só em 1986 foi construída uma ponte a ligar Silves ao Ourondo; a recriação teatral em palco com recurso ao traje e ao património oral local, traduzindo deste modo as vivências da comunidade nos anos 40 a 60, nomeadamente o trabalho nas *Minas da Panasqueira*, as lendas, os jogos tradicionais, as atividades agrícolas, a religiosidade, as festas, etc. Neste evento, assumiu ainda particular destaque a projeção do CD\_ROM, já referido, apresentado publicamente pelos alunos envolvidos.

Este evento, realizado num *Areal do Rio Zêzere*, contou com a presença de mais de mil pessoas e teve o elogio unânime das mais diversas personalidades ali presentes em representação do concelho, do distrito e da Assembleia da República.

A envolvimento destes alunos no projeto aconteceu de forma imediata desde o primeiro minuto e foi gradualmente ganhando melhores níveis de motivação, o que, em nosso entender, tem a ver com a proximidade das temáticas abordadas e as vivências dos alunos. Os resultados escolares evidenciaram a pertinência do projeto, traduzido, mais objetivamente, nos níveis de retenção que baixaram para cerca de 11% em 2000 e abaixo de 9% em 2001. Face a estes resultados, acreditamos que fica justificado o *leitmotif* que nos motiva para este trabalho.

Paralelamente a este projeto e no sentido de perseguir o segundo objetivo, assente num princípio *open mind*<sup>13</sup>, candidatámo-nos pela primeira vez a um Projeto Educativo Europeu (PEE), no âmbito do programa Comenius, em 1998. Inscrevemo-nos num projeto proposto por uma escola espanhola, cuja temática estava, naturalmente, integrada nos nossos objetivos em termos de Projeto Educativo de Escola - a valorização da cultura local. Para o efeito, desenvolvemos com Espanha, Itália e Irlanda o projeto europeu sob o mote *Carnaval Atlântico*, dado que nestes países esta “celebração” tradicional é muito evidente. A partilha das experiências entre os professores e alunos envolvidos e as visitas de trabalho que realizámos, tiveram um impacto significativo no ambiente escolar, dado que os alunos selecionaram como tema para o referido projeto *as Profissões em Desuso* na nossa comunidade educativa. Essa escolha “obrigou” os pais e familiares a envolverem-se de forma ativa, quer na confecção das roupas, quer na vinda à escola para explicarem cada uma das profissões em causa. O momento mais celebrado na festa de carnaval foi o reavivar de uma tradição local muito antiga - *o Enterro do Entrudo* (Anexo III).

---

<sup>13</sup> Utilizamos a expressão *open mind* traduzida para espírito aberto, enquadrada na aceitação de novas ideias.

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

Foi uma primeira experiência europeia que resultou numa aproximação das diferentes culturas dos parceiros europeus envolvidos, dada a forma entusiasta com que este evento é celebrado em Espanha e na Irlanda, ainda que de maneira muito distinta. Para a nossa comunidade educativa, para além do contacto e desenvolvimento da língua inglesa, traduziu-se na aquisição de novos conhecimentos, de outros usos e costumes, que por certo enriqueceram de forma inolvidável todos os participantes. Todavia, não ficámos plenamente satisfeitos com o projeto dado que, embora os alunos se contactassem por e-mail e videoconferência e trocassem trabalhos pelo correio, não podíamos deslocá-los entre os países envolvidos.

No triénio seguinte (2001 a 2004), na Áustria, apresentámos e candidatámos o nosso primeiro Projeto Educativo Europeu, como coordenadores, que apelidámos de *Proverbs and Ideoms - bridges within cultures*.

Este PEE obteve a inscrição de doze países que, na sua diversidade europeia elegeram, também, este projeto sobre cultura local, como um caminho imprescindível para a aproximação e respeito entre os povos europeus, valorizando, deste modo, a interculturalidade como um fator a ter em conta nesta aldeia global. Por condicionalismo do regulamento, apenas quatro viriam a participar de forma exaustiva: Áustria, Irlanda, Finlândia e nós. O envolvimento dos alunos e da comunidade educativa foi muito intenso, por diversos motivos: em primeiro lugar os alunos recolheram junto da família e comunidade em geral os provérbios por temas previamente combinados entre os países participantes (tempo, alimentação, animais,...); de seguida, construíram 18 *Telas em Linho* (40x90) que pintaram com os motivos dos provérbios escolhidos (Anexo IV). Para o efeito, tivemos a colaboração especial de um artista, pintor, que se ofereceu para orientar os trabalhos. O resultado foi reconhecido pelos parceiros e, a seu pedido, as pinturas percorreram os países das escolas envolvidas em exposição itinerante durante alguns meses. Com este projeto concretizávamos um outro objetivo, que há muito perseguíamos, que era o da mobilidade dos alunos entre os países envolvidos.

Em plena visita de trabalho à Finlândia, fomos confrontados com uma equipa de televisão, enviada pela Direção Geral de Educação e Cultura da Comissão Europeia sediada em Bruxelas, que nos entregou um comunicado do Parlamento Europeu, onde estava evidenciado o apreço dos responsáveis europeus pelo objetivo e condução do projeto, pelo que foi realizada uma reportagem para a TV sobre este PEE que, posteriormente, viria a ser divulgada em todas as Televisões estatais dos países da Europa, com o título *Ideas to Spare*. Foi enviado a todos os participantes um vídeo com esse momento de televisão (Anexo V).

Face ao desempenho evidenciado pela nossa liderança na condução daquele PEE, fomos convidados a participar em encontros de âmbito nacional e europeu, onde sempre salvaguardámos a importância fulcral da cultura local, regional e nacional, na preservação da identidade dos povos, neste particular de países da União Europeia.

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

Volvidos mais dois anos, candidatámo-nos e participámos em mais um PEE, intitulado *Music Without Borders* que contou com a parceria de países como a Alemanha, a Bulgária e a Lituânia. Os resultados positivos deste projeto são por demais evidentes, quer no relacionamento atual e regular quer entre os professores envolvidos, quer entre os mais de 20 alunos da nossa comunidade educativa e os mais de 50 alunos estrangeiros, muitos dos quais “viveram” uma semana em casa dos nossos alunos, em aldeias como Bogas, Barroca ou Janeiro de Baixo. Uma das atividades do projeto traduziu-se num espetáculo na Bulgária, na cidade de Ithiman. Cada escola, com os seus professores e alunos, apresentou atividades relacionadas com a sua cultura, nomeadamente cantigas, músicas e danças tradicionais dos seus países. Para este espetáculo, os alunos selecionaram, ensaiaram e apresentaram uma nova canção e uma nova dança que foi criada para o efeito, em que participaram todos, de todas as escolas representadas, e que tentava fundir as características de cada cultura ali representada.

Com os recursos tecnológicos de que hoje dispomos, professores e alunos mantêm um relacionamento regular, recorrendo, particularmente, às redes sociais onde trocam experiências e se envolvem em novos projetos.

Em 2008, voltámos a candidatar novo PEE, mas ficámos em lista de espera. Face ao elevado número de candidaturas, foi dada prioridade a escolas que não tinham ainda participado nesta experiência europeia.

Nunca desistindo, como sempre foi nosso lema, em 2010, com a crise na Europa a ganhar terreno a todo o instante, voltámos a candidatar nova participação, desta vez por iniciativa do Departamento de Línguas do Agrupamento de Escolas Terras do Xisto. Fomos nomeados escola coordenadora de mais um PEE, denominado *Tales and Legends are on the way*. O primeiro encontro de parceiros realizou-se na Escola Básica de Silvares, em Novembro de 2011, onde estiveram presentes 27 professores de 10 escolas europeias, pertencentes a 9 países, nomeadamente Islândia, Escócia, Irlanda, Holanda, Finlândia, França, Espanha, Itália (2 escolas) e Portugal. O projeto envolve alunos com idades compreendidas entre os 6 e os 14 anos. Os participantes decidiram selecionar duas lendas em cada país que vão ser “estudadas” pelos outros parceiros, mediante informação fornecida pelos primeiros. Depois de traduzidas para inglês, língua de suporte ao projeto, são trabalhadas pelos jovens de cada escola e sobre elas desenvolvem atividades que podem traduzir-se em documentos escritos, desenhados, apresentações ou mesmo encenações. Em Março de 2012, nas cidades de Benevento e Cassino em Itália foram apresentadas ao público, pelos alunos e professores envolvidos no projeto, uma primeira exposição com um vasto e diverso conjunto de materiais em duas e três dimensões realizados em cada país, bem como algumas encenações, sempre alusivos às lendas em estudo.

Os nove alunos da EB de Silvares ficaram alojados, durante seis dias, em casas de famílias de acolhimento, nas duas cidades acima referidas.

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

Para uma escola situada no interior rural de Portugal, esta vertente relacionada com Projetos Europeus tendo sempre como ponto de partida a valorização da cultura local, e o reconhecimento e apreciação de outras culturas, tem-se revelado de importância indiscutível não só para todos os alunos e professores envolvidos, mas também para os colegas de uns e de outros, pela dinâmica que eles imprimem nas escolas e na comunidade educativa, fruto do desenvolvimento de novas aprendizagens, de novas formas de vida, e, cremos, do respeito mútuo pelas diferentes culturas.

A sociedade atual, mais exigente e competitiva que nunca, requer uma preparação mais alargada e abrangente dos jovens, pelo que tem sido para nós um desafio educar os alunos para a dura vida de competição que têm que enfrentar num futuro próximo. Nessa perspetiva, estamos conscientes que o papel da escola é hoje mais alargado, no sentido de que tem que compensar a eventual demissão de muitas famílias da educação dos filhos, de proporcionar aos alunos um conhecimentos mais vasto sobre a Europa e o Mundo, de desenvolver as capacidades dos alunos no sentido da utilização das novas ferramentas tecnológicas por forma a sentir-se preparado para os desafios que referimos. Nesse sentido, temos desenvolvido o nosso trabalho perseguindo os seguintes objetivos:

- incentivar os nossos alunos a desenvolverem a auto estima, no sentido de que o facto de viverem nesta região desfavorecida pode, e deve ser, um desafio aliciante de que muitos ex-alunos têm dado prova;
- desenvolver, em cada instante, um conjunto de valores que farão deles homens e mulheres de bem, tais como o respeito, a responsabilidade, a solidariedade, entre outros;
- proporcionar atividades tão diversas quanto possível, particularmente ligadas às suas vidas mais próximas, no sentido de integrar o currículo escolar de forma mais consistente e realista;
- oferecer oportunidades únicas de contato com alunos e famílias de outros países da Europa, num espírito de conhecimento, de respeito e de partilha cultural;
- provocar-lhes o espírito crítico e a curiosidade, tão importante para o desenvolvimento harmonioso da personalidade.

Nos últimos quatro anos, os alunos sujeitos a provas de avaliação externa ultrapassaram sempre os níveis nacionais. No ano letivo de 2009/10, os níveis de retenção ficaram nos 7,3 %. Estes resultados, só por si, significam, para nós, uma relação de causa-efeito face à postura da escola perante o necessário investimento nos aspetos ligados à cultura local no âmbito do currículo oficial, onde as *janelas de cultura* são por demais evidentes.

Mediante o exposto, a ideia conceptual que suporta este estudo é o de continuar a encontrar percursos que levem a um compromisso entre a escola e a valorização da cultura local, no sentido de contribuirmos para o equilíbrio necessário à sociedade contemporânea. Assim sendo, o objetivo geral desta tese pode apresentar o seguinte figurino: *valorizar as*

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

*culturas locais, enquanto precursoras da identidade de um povo, integrando-as no currículo do 1º CEB, personificando a escola cenários de discursos polifónicos, transversais e multiculturais.*

As chamadas “novas culturas da informação e do conhecimento”, que parece levarem a uma crescente apropriação pelos jovens de uma cultura imposta pelos massmédia, relegam para segundo plano os valores, usos e costumes que espelham a identidade cultural e histórica de um povo. Neste sentido, temos em conta Santos Pereira (2009:453), quando refere que

“A utilidade da história, a qualquer nível, parece hoje incontestável, para instrução exemplar dos processos de desenvolvimento ou para conferência dos abismos de toda a índole em que, mais do que os indivíduos, as coletividades podem cair”.

Entendemos, fruto da nossa experiência, que existem processos capazes de promover o desenvolvimento da identificação dos alunos com alguns aspetos relevantes da cultura local e regional, promotores de sentidos de identidade e de alteridade, integrados em cenários de diversidade cultural, pois como referem Morgado & Pires (2010:18) o dialogo intercultural promove

“o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre o mundo (...) tanto da tolerância em relação aos que são percebidos como diferentes, como da solidariedade para com os que sofrem qualquer tipo de marginalização ou esquecimento nas sociedades contemporâneas.”

Ainda neste perspectiva, queremos salientar Freire (1987:78), ao referir que

“ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”, ou seja, a educação problematizadora e como prática de liberdade, exige de seus personagens uma nova concepção de comportamento. Ambos são educadores e educandos, aprendendo e ensinando em conjunto, mediatizados pelo mundo.”

Assim, visto que esta tese não se pretende apenas enquanto reflexão, ela procurará os caminhos que Touraine (1998, cit. por Martelli,2006:164) preconizou para a escola enquanto instituição de uma *escola do sujeito*<sup>14</sup>, entendida em três grandes princípios:

“deve ser orientada para a liberdade do sujeito pessoal, para a comunicação intercultural e para a gestão democrática da sociedade e das suas mudanças.”

## 02. O Problema

O objeto de estudo para este trabalho prende-se, muito especialmente, com um problema de cariz cultural e social que temos vindo a constatar e que propomos enunciar da seguinte forma:

---

<sup>14</sup> O conceito *escola do sujeito* será desenvolvido mais adiante, nesta tese, embora na perspectiva de Fernando Savater (1997) em *El Valor de Educar*.

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

- A sociedade portuguesa da atualidade confronta-se com uma gradual perda de referências culturais e consequentemente identitárias, particularmente evidentes nas camadas mais jovens, causada, muito particularmente, em nossos entender, pela globalização da informação.  
Enquanto profissionais de ensino interrogamo-nos de que forma poderá a escola contrariar tais tendências.

Não será nosso propósito, no âmbito deste estudo, enveredar pela elaboração de uma listagem de vantagens ou desvantagens da aldeia global e sua posterior discussão. No entanto, como referimos, enquanto cidadãos preocupados com tal fenómeno, e tendo em conta a profissão que abraçámos há muito, a de professor, queremos questionar que modelos deverão ser desenvolvidos pela escola, onde a participação responsável dos professores, dos pais e das famílias, possa traduzir-se numa realidade efetiva num mundo em constante devir.

Nesta perspetiva, queremos investigar a problemática supracitada, esperando conseguir encontrar explicações para, posteriormente, propormos algumas soluções.

### 03. Questões da investigação

Como em qualquer trabalho de investigação, e tendo em conta a problemática apresentada, optámos por elencar algumas questões de fundo, que apresentamos de forma sequencial, e que serão posteriormente confirmadas, ou infirmadas.

1. *Será que os professores têm consciência de que todos os alunos, quando chegam à escola, já são detentores da sua própria narrativa?*

São vários os autores que se referem à importância da escola enquanto entidade potenciadora das aprendizagens de que os alunos já são portadores, tendo em conta que a família e o meio envolvente são cenários de primeira socialização.<sup>15</sup>

---

<sup>15</sup> A título de exemplo evocamos Gianni Rodari, de cuja obra emerge a valorização da linguagem, da cultura e dos valores da criança, que ele enriquece através de brincadeiras e trocadilhos. Em a *Gramática da Fantasia*, (1982), encontramos uma panóplia de propostas para enriquecer o ambiente onde vive a criança, sendo ele escola ou a casa onde mora. Para o autor, a escola deve saber potenciar todas as aprendizagens de que a criança já é portadora. Também na obra *La escuela de la Fantasia* (s.d.) Gianni refere que o mundo começa sempre de novo, cada vez que nasce uma criança, e não têm sentido quaisquer discursos sobre ela se esta não for vista como um ser produtor e criador, logo, merecendo a atenção dos adultos, no sentido de saberem valorizar todas as aprendizagens. Igualmente, Bruner (1981) é o precursor de que a linguagem se aprende pelo uso, o que exige estruturas organizadas de falante de um mesmo universo, ou seja que transmitam linguagem e culturas porque ambas se complementam. É, aliás, deste autor a expressão *setting cultural*.

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

### *2. O currículo do 1º Ciclo do Ensino Básico comporta vertentes relacionadas com a cultura local?*

Ao longo deste trabalho, iremos focar a nossa atenção no currículo do 1º CEB, alertando para a existência das chamadas *janelas de cultura*, que, em nosso entender, ali aparecem, frequentemente, ora de forma explícita, ora de forma implícita.

Creemos que neste campo muito há a explorar, cabendo ao docente encontrar caminhos que proporcionem a descoberta, a inovação e a criatividade, porque, como salienta Pinho (1998: 279):

“Normalmente, damos a conhecer as ciências já feitas, tal como nós próprios as aprendemos, as conclusões já tiradas, as obras já acabadas, a poesia já interpretada, a história de um só lado. Inverter esta lógica é também uma atitude procurada. Essa capacidade de intervenção aprofunda o conceito de cidadania e representa um acréscimo de liberdade de todos os intervenientes.”

*3. Os manuais do 1º CEB refletem vertentes relacionadas com a cultura, entendidas enquanto conjunto de quadros intertextuais e meta-narrativas fundacionais da própria cultura, tal como refere Hirsch (1998) porque, em princípio, abordam os conteúdos referidos no respetivo currículo?*

Analisamos o modo como surgem, se implícita ou explicitamente, nos manuais de Língua Portuguesa e Estudo do Meio.

Com efeito, os responsáveis pelos manuais, quer a nível editorial ou de autor, deixam frequentemente a sua marca, o seu posicionamento. Diz-nos Jorge Martins (2005:228) que

“cada um destes mediadores, para o melhor e para o pior não só é porteiro comunicacional (gatekeeper) ao filtrar, escolher, seleccionar, mas também opera a transferência da sua própria chancela para o produto de uma indústria cultural onde ele é protagonista”.

Igualmente, Bernstein (1994), que temos vindo a citar, refere que em contexto de reprodução, o discurso pedagógico assume aspetos reguladores, ou seja, os seus significados são assumidos como legítimos para a sua aquisição. Assim, a nossa preocupação incidirá sobre o modo como este discurso atravessa o manual, implicado nas janelas ditas culturais.

*4. Os professores do 1º CEB incluem, na sua práxis, as componentes culturais plasmadas no currículo?*

Há modos e tempos distintos para concretizar estas práticas, por isso, iremos analisar o que fazem, o modo como o fazem, nomeadamente as atividades que desenvolvem dentro e fora da sala de aula, bem como a regularidade com que incluem essa vertente na sua programação letiva.

De facto, em Varela de Freitas (1998:28), encontrámos a preocupação de que deve ser interpretada a realidade circundante por forma a fornecer aos alunos “instrumentos básicos

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

para que possam singrar na vida como cidadãos independentes”. Nesta perspetiva, Delors, em *Educação para o séc. XXI*, já tinha sustentado que

“o aumento dos saberes sobre diversos aspetos leva a compreender melhor o ambiente, favorece o despertar da curiosidade intelectual, estimula o sentido crítico e compreende o real mediante a aquisição de autonomia na capacidade de discernir” (1996:78).

### **04. Organização do estudo**

No que respeita à estrutura do estudo, e após a elaboração de uma introdução profunda onde relatámos experiências culturais e interculturais na escola e procedemos à formulação do problema bem como das questões de fundo, procedemos à elaboração do **primeiro capítulo**, intitulado “Cultura, Currículo e Praxis”, onde tentamos definir os conceitos de cultura e cultura local, bem como os conceitos de currículo, currículo escolar e currículo oculto e estabelecemos relações entre estes e as aprendizagens.

No **segundo capítulo**, onde dissertamos sobre Políticas Educativas e Educação, a nossa análise incide sobre o currículo oficial do 1º CEB, particularmente no que respeita aos princípios orientadores da sua organização, à sua estrutura, bem como aos aspetos ligados à ação pedagógica do professor. É neste capítulo que descortinamos, no currículo formal do 1º CEB, todas as referências relacionadas com a cultura local ali plasmadas, que, em nosso entender, são as mais significativas para o estudo em curso.

No **terceiro capítulo** - apresentamos os resultados da análise dos manuais e da entrevista semiestruturada a professores do 1º CEB, cujos critérios de seleção serão referidos no respetivo capítulo. Nesse sentido, procedemos à análise dos conteúdos dos manuais para a leção no 1º CEB, no que diz respeito aos aspetos culturais ali evidenciados, mais objetivamente nas áreas de Língua Portuguesa e Estudo do Meio. Estes manuais foram selecionados a partir das escolhas dos professores entrevistados, referidos no portal da Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular (DGIDC), considerando o ano letivo compreendido entre 2012 e 2013. Esta análise pretende descortinar até que ponto aqueles textos valorizam os aspetos ligados à cultura local na elaboração da estrutura de conteúdos dos referidos manuais. Por outro lado, ainda neste capítulo, damos ênfase ao processo de seleção do instrumento de recolha e aos procedimentos para tratar toda a informação, entretanto recolhida através da entrevista semiestruturada realizada aos referidos professores.

Procedemos, ainda, a uma apresentação da análise e interpretação dos resultados conseguidos.

No **última parte**, procedemos ao registo das conclusões a que chegámos e tentamos apresentar propostas para estudos futuros que possam, de alguma forma, contribuir para uma melhor compreensão do problema apresentado, com base na análise das respostas às

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

questões que formulámos na Introdução, no sentido de cumprir os objetivos do trabalho. Na perspetiva reflexiva, a investigação proporá a elaboração de um manual, que sirva para a recolha selecionada e sistematizada da informação sobre a cultura local, capaz de potenciar a concretização dessa vertente do programa, ou seja, capaz de integrar e recontextualizar outro tipo de discurso pedagógico, bem como a construção de uma *base de dados dinâmica*<sup>16</sup>, disponível na Internet, para recolha organizada dessa informação, que poderá constituir uma mais valia para o professor e para o aluno.

Por último, apresentamos o registo bibliográfico das obras que consultámos e que, em nosso entender, são representativas das matérias em análise, seguida de um corpo de anexos e apêndices que julgámos pertinente.

### **05. Delimitação do estudo**

A razão pela qual decidimos circunscrever a nossa pesquisa ao 1º CEB prende-se com o facto de considerarmos que é neste nível de ensino que o sujeito, ao deixar o estágio operatório (4-7 anos) e ao iniciar o estágio operatório concreto (7-12 anos) (Piaget, 1967), começa a apropriar-se, de forma mais consciente, de um conjunto organizado de conhecimentos lógicos e a desenvolver raciocínios e competências, que serão determinantes para a compreensão e intervenção no meio envolvente, num processo de socialização, que se irá desenvolver ao longo da sua vida.

---

<sup>16</sup> *Base de Dados Dinâmica* - permite o poder de acesso, alteração e introdução de um conjunto organizado de dados na Internet, através da navegação em menus orientados para a inclusão de dados específicos sobre determinada matéria, bem como o poder de descarregar documentos preparados para uma recolha sistematizada da informação.

# Capítulo I - Cultura, Currículo e Praxis

## 1.1. Cultura

Definir cultura (ou culturas) não se nos afigura tarefa fácil, tendo em conta que o passar dos tempos, a par das profundas mudanças sociais, provocou alterações na definição do(s) conceito(s). Iniciamos esta parte do estudo tentando defini-la numa perspetiva, quer individual, quer coletiva, e, desde logo, com a primeira asserção, ou seja, a da força criadora que irrompe de cada sujeito e ainda numa perspetiva mais social advinda da força da primeira premissa. Em *A Nave de Pedra*, de Fernando Namora (1975: 215-216), adivinha-se um conceito de cultura com um caráter que, embora passivo, é natural e espontâneo, onde quer que existam sujeitos com a capacidade de permanentemente se interrogarem, por forma a poderem agir

“A cultura será (...) uma certa maneira de nos situarmos no mundo, interrogando, interpretando e refazendo (...) uma certa maneira de conceber o trabalho, os lazeres (...) uma certa maneira de apreender a novidade e a legar (...). Nada, pois, menos passivo que cultura (...). O camponês que inventa uma dança ou uma cantiga referentes ao seu mundo de anseios e labores, o pastor que, nas horas solitárias, esculpe bichos, objetos ou figurantes do seu agro, o aldeão que representa um auto tradicional, e lhe acrescenta a sua perspetiva das paixões, o cidadão que pratica desporto num estádio, a criança que produz num desenho uma cena familiar, todos eles fazem cultura e fazem-na sobretudo, se cada um desses atos for diverso dos que, no tempo e no espaço, de algum modo se lhes assemelharam.”

Com efeito, qualquer ser humano, uns mais do que outros, tenta, por imitação, desenvolver a sua função criadora, como referem Rabello e Passos (2010: n.d.), apoiados em Vigotsky, ao dizerem que “o ser humano nasce mergulhado em cultura, sendo esta uma das principais influências no seu desenvolvimento.” Todavia, uma questão nos ocorre: que cultura ou culturas valorizar em detrimento de outra ou de outras? Fernando Savater (1997:69) vem, de algum modo, responder a esta problemática ao dizer-nos

“Ninguna cultura es insoluble para las otras, ninguna brota de una esencia tan idiosincrásica que no pueda e no deba mezclarse con otras, congiarse de las otras. Ese contagio de unas culturas por otras es precisamente lo que puede llamarse civilización y es la civilización, no meramente la cultura, lo que la educación debe aspirar a transmitir.”

De facto, o autor, baseando-se em Paul Feyerabend, refere não negar as diferenças existentes entre linguagens, costumes e formas artísticas, fruto de acidentes e da própria história e não essências culturais claras, explícitas e invariáveis. Para Savater, cada cultura é fruto de todas as culturas, sendo que, se cada cultura representa todas as culturas, as diferenças culturais esbatem-se, convertendo-se em manifestações concretas e simultaneamente mutáveis, fruto de uma natureza humana comum. Toda esta perspetiva, na óptica daquele autor, remete para a civilização e, ao mesmo tempo, para a universalidade.

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

Fator inegável da identidade de um povo, a cultura determina as relações entre as pessoas, sendo igualmente determinada por elas, fazendo com que estas ganhem a sua identidade consoante as suas próprias escolhas. Para Goodenough (1963), citado em Thanasoulas (2001), a cultura remete, fundamentalmente, para um conjunto de normas que ditam e forjam, quer a nossa identidade, quer as relações com as pessoas e com as coisas.

Esta concepção, assente em normas responsáveis pelas relações vividas pelos sujeitos num determinado espaço, está igualmente presente em Poyatos (1994:25-26), quando diz:

“La cultura puede definirse como una serie de hábitos compartidos por los miembros de un grupo que vive en un espacio geográfico, aprendidos pero condicionados biológicamente, tales como los medios de comunicación (de los cuales el lenguaje es la base), las relaciones sociales a diversos niveles, las diferentes actividades cotidianas, los productos de ese grupo y como son utilizados, las manifestaciones típicas de las personalidades, tanto nacional como individual, y sus ideas acerca de su propia existencia y la de los otros miembros.”

Em Pereira (2008:43), assinalamos a cultura livre de qualquer olhar etnocêntrico, ao valorizar três níveis: o natural, o social e o espiritual. O autor, num sentir que consideramos democrático, refere-se a estes três níveis, não valorizando uns em detrimento dos outros, abraçando-os da mesma forma. De igual modo, vem tentar dar resposta à constatação inicial onde o social aliado às mudanças que o tempo consigo transporta veio compartimentar a cultura em “grande cultura”, “cultura popular” e “cultura de massas.”

“(…) Os ingredientes fundamentais da cultura podem ser considerados sumariamente em três níveis: a natural ou seja os meios necessários à satisfação das exigências básicas - a alimentação, a habitação e o vestuário; o social ou os meios complementares à adaptação ao mundo e à vida - o divertimento, a arte, a justiça e a moral; o espiritual ou os meios de desenvolvimentos prático e teórico e de transformação - as ideias, os mitos e as crenças. A cultura tem sido ainda compartimentada, nem sempre só com objetivos metodológicos, em cultivada ou grande cultura, popular e de massas. A cultivada ou a grande cultura assume como características a originalidade, a autenticidade e a perenidade. Obviamente, resulta da criação de um autor ou artista quase sempre identificável. A popular, “pequena?” cultura, mantém daquela a perenidade e a autenticidade, garantidas na ingenuidade popular. A cultura de massas, sem perenidade, nem autenticidade, grau zero da cultura, emergiu, a nível planetário depois da dita Revolução Industrial, em que aquela se transformou em civilização.”

Retomando a cultura como fruto de relações estabelecidas pelas pessoas, sem que a natureza ou natura interfiram nestas realizações, a existência de frutos a que o espírito dá voz, materializado também pela fala, é a proposta de Saraiva (2003: 11-12), para quem a França e a Alemanha vieram trazer a materialização do conceito:

“(…) Cultura opõe-se a natura ou natureza, isto é, abrange todos aqueles objetos ou operações que a natureza não produz e que lhe são acrescentadas pelo espírito. A fala é já condição de cultura. Por ela se comunicam emoções ou concepções mentais. A religião, a arte, o desporto, o luxo, a ciência e a tecnologia são produtos da cultura. Este é o sentido mais extenso da cultura, que coincide com o de civilização, palavra que se propagou por via francesa. Cultura, essa, difundiu-se por via alemã. Um sentido mais restrito, entende-se por cultura um conjunto de actividades lúdicas ou utilitárias, intelectuais e afectivas que caracterizam especificamente um determinado povo.”

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

Corroborando o que temos vindo a afirmar, é o homem, que, quer se queira ou não, tem nas suas mãos o controle da própria cultura, ou seja, homem e natureza em perfeito equilíbrio, não podendo existir um sem o outro. Vejamos, a propósito, o que nos diz Batista (2003:400-405), apoiando-se, ainda assim, em autores consagrados:

“Mas o supracitado dinamismo, expresso naquele desconcertante “jogo” tem como privilegiado centro de revelação explicativa, de controlo e de comando, ainda que de relativo alcance de reduzido autodomínio, o próprio Homem. [...]”

“[...] O papel nuclear do dinamismo global de qualquer cultura consiste, substancialmente, em criar (com base nos repositórios de informação produzida pelo Homem, ao longo do tempo ...) informação nova, cada vez mais poderosa e qualitativa, e em organizar estruturalmente o mundo que nos rodeia (cf. J. Lotman e B. Uspenskij, 1975,64)”

Mas, se o homem evolui e se os repositórios de informação por ele produzidos vão evoluindo ao longo dos tempos, terá necessariamente consequências na própria expansão do universo, influenciando-o e sendo influenciado por ele, construindo-se, assim, aquilo que de mais belo tem um povo: a sua memória.

“O universo (sempre em expansão ...) constituído pelas criações ou materializações culturais de toda a espécie, mais elaboradas e complexas, ou mais espontâneas e simples, mais eruditas ou mais populares, mais “sofisticadas” ou mais “naif”, de autoria nominada ou de matriz anónima, um tal universo de criações, legado de geração em geração, ao longo da história de um povo e quase sempre com as raízes perdidas no tempo ante-histórico, constitui aquilo que correntemente designamos de “património” ou “memória” cultural desse povo. (p.406)”

Sem entrarmos em caracterizações da própria cultura (*cultura elaborada, cultura de massas, cultura não elaborada, cultura padronizada, cultura de consumo*), detemo-nos naquilo que personifica um tipo de cultura que, desde o 1º CEB, a escola pode e deve valorizar. Esta enumeração encontrámo-la em Batista (2003:408-409),

“Tradições, usos, costumes, lendas, mitos e contos maravilhosos, superstições, crenças, milagres e rituais, aforismos, anexins, provérbios, rifoneiros ou adagiários, rimances e rimanceiros, anedotários, receituários de curandaria (as mesinhas) de culinária e de doçaria, inventos de curiosos e imaginativos, alfaias ferramentas e demais utensílios, trajes, indumentária e adereços (ou atavios), manufactos artesanais como a tapeçaria, os bordados, as vergas e entrançados, os barros, os azulejos, os forjados, as filigranas, a ourivesaria, mobiliário, divertimentos com os jogos tradicionais e outros passatempos populares, as danças e cantares folclóricos, os cancioneiros, o teatro de fantoches, de marionetas ou (melhor ainda e mais conformemente com o espírito e a tradição portuguesas!...) o teatro de bonifrates (os “bons irmãos” ...), as festas, as feiras, as romarias, toda a gama de espetáculos populares, as tunas, os orfeões, as fanfarras, as bandas, os cortejos, as procissões, as bibliotecas e os museus populares (etnomuseus e ecomuseus) , os agrupamentos e associações culturais, artísticas e recreativas de toda a espécie, etc., etc.”

Perante as perspetivas de cultura que os autores referem, e tendo como primeira premissa a da força criadora que irrompe de cada sujeito, acreditamos que é ao homem que compete criar, e que o resultado da sua criação contínua é a memória cultural de um povo, que alimenta a construção da sua identidade. No âmbito do nosso trabalho, subjaz a ideia de que esta memória cultural será determinante no futuro, por motivos que referiremos ao longo

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

da investigação. Considerando que, como professores, somos elos privilegiados de ligação entre o passado, o presente e o futuro da humanidade, a nossa preocupação prende-se com a necessidade de contribuir, para que essa ligação se processe, efetivamente, sem hiatos. Nesse sentido, entendemos que também compete à escola a divulgação e valorização dessas memórias, tendo em conta que uma das seis finalidades principais do SE é a sua *finalidade cultural*, prevista na LBSE (vide p.12). Em nosso entender, esse processo deveria iniciar-se, de forma mais estruturada no 1º CEB, e evoluir durante toda a escolaridade obrigatória, como, aliás, está registado na referida lei.

### **1.1.1. Cultura e processos de sociabilização: subsídios para a sua concretização**

Desde há muito que se vem atribuindo alguma importância ao património cultural. A título de exemplo, lembramos *O Livro Verde para a Sociedade da Informação em Portugal*<sup>17</sup> que alerta para a necessidade da difusão do património cultural e da língua portuguesa. Obviamente, aqui estarão integrados aspetos da cultura local que cabe à escola, enquanto palco de aprendizagens formais e não formais, potenciá-los, integrando-os, de forma eficaz, nas aprendizagens de todos os alunos.

Estamos em crer que, para uma interpretação sustentada de uma determinada cultura, teremos de, necessariamente, conhecer e compreender a estrutura cognitiva dos protagonistas, que se revela nas suas manifestações, nas relações que estabelecem entre si e com os outros, com base no que acontece de forma natural, e peculiar, como refere Geertz (2008:10,13), quando afirma a necessidade de se particularizar, indo, assim, do mais remoto para o mais próximo,

“compreender a cultura de um povo expõe observar a sua normalidade sem reduzir a sua particularidade” (...) “Se a interpretação antropológica está construindo uma leitura do que acontece, então divorciá-la do que acontece - do que nessa ocasião ou naquele lugar, pessoas específicas dizem, o que elas fazem, o que é feito a elas, a partir de todo o vasto negocio do mundo - é divorciá-la das suas aplicações e torná-la vazia.”

Quando abordamos o conceito de cultura local, queremos referir-nos, de forma sucinta, ao conjunto de processos históricos, vivenciados no quotidiano pelos elementos de uma determinada população, traduzidos em comportamentos, experiências e saberes que os identificam e distinguem de outros.

Não queremos, neste momento, enveredar por um estudo cultural, dado que não é nosso objetivo analisar a diversidade dentro de cada cultura, ou as diferentes culturas na sua multiplicidade e complexidade. Queremos, sim, abordar a maior ou menor importância da cultura local como contributo decisivo na formação da identidade do indivíduo e como fator

---

<sup>17</sup> <http://www.missão-si.mct.pt> disponível em 12 de Janeiro de 2011

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

preponderante na formação da criança/jovem. Nesse sentido, acreditamos que o recurso aos valores locais, aos usos e costumes da família e dos grupos sociais, pode, e deve, ser um contributo inestimável para o desenvolvimento das diferentes capacidades da criança e do jovem. Nesse pressuposto, queremos realçar: a capacidade para o reconhecimento histórico, através da partilha quotidiana familiar ou da identificação espontânea do património construído que a rodeia; a capacidade para o reconhecimento do outro, através da participação no associativismo local e regional; a capacidade para o reconhecimento ecológico e tecnológico, através da vivência diária em comunidade; a capacidade para reconhecer a necessidade de se tornar num ser eminentemente social, com um desempenho interventivo e criativo que lhe compete como um ser dotado de inteligência. Estas capacidades são, em nosso entender, um suporte básico para a vida em sociedade. Queremos com isto dizer que, de forma mais ou menos elaborada, consoante o extrato social a que a criança/jovem pertence, a cultura local que o aluno transporta para a escola, embora caracterizada por uma linguagem assente em *códigos restritos* (Bernstein, 1973), revelando ainda um conhecimento superficial da língua, considerado por vários estudiosos como deficit cultural, apresenta um património diversificado que urge valorizar. Note-se que as crianças aprendem códigos simples, pouco elaborados, que servem de sustento às suas ações verbais, mas que são fundamentais para a sua inserção na sociedade. Concordamos com Bernstein (1973:74), quando afirma que “o discurso é o processo pelo qual a criança vem a adquirir uma identidade social específica”. Neste sentido, parece-nos que a cultura local, e, mais particularmente, o património oral, constitui um recurso capaz de proporcionar ao professor a capacidade de desenvolver diversos aspetos do currículo formal, se tivermos em conta que aproxima a criança da realidade que a rodeia, aproxima a escola da família, contribuindo, deste modo, para a integração da escola na comunidade local e vice-versa. Estes fatores, podem ser determinantes, quer na motivação da criança, quer na prossecução dos objetivos da escola pública. Ainda nessa perspetiva, segundo Renilfran Cardoso de Sousa (2010), compete à escola desenvolver a educação patrimonial, assente na relação entre aquela, o aluno, o professor e a sociedade. Para maior sustento deste pensamento, não podemos ficar indiferentes à ideia de escola como centro de reposição e recriação da memória coletiva e da cultura local, como afirma Cármen Lúcia Vidal Perez (2011). Nesta perspetiva, Trentim Gaspari (2011- s.p.), no âmbito da formação de professores para o *Património Cultural e Educação Patrimonial*, e no sentido destes poderem estimular nos alunos a consciência da preservação da memória social coletiva, propõe a possibilidade de os professores trabalharem essa área a partir dos bens culturais e do património histórico local, no processo ensino-aprendizagem da História, afirmando que

“A defesa do prazer da História, tendo a memória local como objeto de estudo, representa uma experiência potencializadora para o currículo escolar, pois, a questão da preservação, constitui responsabilidade a ser assumida pela Educação, incentivando os alunos na preservação de sua história de vida e do seu grupo social.”

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

Entretanto, não podemos ignorar a influência do poder instituído na escola, dita democrática, nomeadamente através da imposição de currículos que apontam culturas e visões do mundo baseadas em dados adquiridos, essenciais e indiscutíveis, habitualmente pouco próximos da realidade local, e, por vezes, distantes de um objetivo, quanto a nós essencial - o de desenvolver na criança e no jovem o espírito crítico, assente, não só em critérios dualistas, dicotómicos como Deus-diabo, luz-dia, escuridão-noite, mente-razão, corpo-coração, etc., mas também em conceitos de cariz mais alargado, como o respeito pela diversidade cultural e a valorização profícua do inter-relacionamento. Note-se que as práticas pedagógicas não estão libertas dos interesses das classes sociais dominantes, pelo que estará sempre implícito algo decorrente do momento histórico, quando queremos abordar a hierarquia e estrutura dos saberes escolares. Pensamos, enquanto docentes, que os currículos escolares devem traduzir um conjunto de conhecimentos e estratégias: que possam induzir o desenvolvimento de capacidades e de competências; que proporcionem à criança uma formação social assente em princípios ligados à cidadania, imprescindível para a vida em sociedade; que provoquem o despertar para a curiosidade, nomeadamente pelos fenómenos naturais e artificiais que a rodeiam e que incentivam a descoberta da ciência; que proporcionem o acesso ao saber fazer, através da implementação de práticas conducentes à profissionalização, entendido numa visão universal.

A articulação entre os saberes locais e o currículo escolar nunca terá sido tão pertinente como agora, se considerarmos o sentimento, em nosso entender preocupante, de grande alheamento, demonstrado por uma crescente maioria de jovens, sobre a história e a identidade deste país, que é a sua, face a uma concorrência desleal e permitida, provocada, igualmente, pela dita Revolução Tecnológica, onde a TV, a Internet e o Telemóvel, dominam o seu quotidiano. Encontramos em Sousa (2010), no artigo sobre *A Cultura e a Questão da Identidade*, algum sustento para esta perspetiva, quando refere que

“O consumo geral torna-se fator natural para a fabricação do desenvolvimento capitalista, utilizando de subsídios dos meios de comunicações, para a disseminação ideológica de seus produtos. A TV, o rádio, jornais, internet, telefone, dão maior visibilidade para atingir o maior número de pessoas em menor tempo.”

Concordaremos que a imparável evolução da sociedade implica a necessidade de adaptação permanente à mudança e aos novos conceitos de vida social. Por conseguinte, acreditamos que é urgente continuar a desenvolver investigação no sentido de melhor compreender o indivíduo como elemento eminentemente social, pelo que interessa conhecer melhor a sua estrutura cognitiva e intelectual, os aspetos ligados ao inter-relacionamento com os outros, e o modo como participa nas manifestações do coletivo.

Se o racionalismo moderno recusou a cultura local, o que no pensar de Teixeira Fernandes (1999) se traduziu numa perda de transcendência e, consecutivamente, numa perda de referências, acreditamos que a democracia vigente se traduz, também, por uma sociedade onde proliferam diversas iniciativas e movimentos que intentam, de formas

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

mais ou menos leais, recuperar ou reinventar a tradição, através de recolhas e reprodução de cenários e vivências identificadoras de uma cultura que sustenta valores de identidade e patrimoniais de ordem diversa. A necessidade de recuperar a memória coletiva, perante a ameaça contínua da aldeia global, embora considerando os seus fenómenos positivos e negativos, parece-nos agora mais imprescindível do que nunca, para um verdadeiro autoconhecimento e da sua relação com os fenómenos da alteridade. Se por um lado a cada nova geração se acometem novas vivências, normalmente associadas a novos saberes ou competências, a verdade é que assistimos a uma capacidade reinventiva da cultura, também muito ligada a fenómenos comerciais. Concordamos, assim, com a ideia de Giddens (1995) quando refere que a cultura vai sendo reinventada pelas gerações vindouras, à medida que cada nova geração assume a herança cultural das gerações que a precederam.

Face à recente e tardia emancipação da mulher, a sociedade atual conta agora com as consequências negativas desta natural evolução do pensamento e do comportamento humano, obrigando a uma deslocação temporal das responsabilidades da mulher no seio da família, nomeadamente como tendo sido a grande responsável pela educação dos filhos até então. A natural falta de tempo para esta causa, provocada pelo trabalho que desenvolve fora de casa, à semelhança do homem, terá necessariamente consequências a médio e curto prazo, nomeadamente no que respeita à transmissão de valores e saberes que sustentam a herança cultural do grupo, do bairro, da aldeia ou cidade a que pertence, e, numa perspetiva mais alargada, do país.

É neste contexto atual que consideramos que compete à escola encontrar soluções que possam, de alguma forma, garantir a conservação e transmissão dessa cultura, consubstanciando, desse modo, o direito à diferença, a igualdade de oportunidades e a própria eficácia pedagógica. Este pressuposto, ainda que referido pela LBSE,<sup>18</sup> está longe, em nosso entender, de se assumir verdadeiramente como uma obrigação da escola. Pese embora o facto de a disciplina de *Estudo do Meio* fazer referências diversas ao relacionamento da criança com o ambiente que a rodeia, pensamos que, na sua grande maioria, os professores estão cada vez mais preocupados em cumprir o currículo considerado básico (que é objeto de avaliação interna e externa nas escolas e considerado como um contributo valioso para os mais absorvidos com a estatística), do que propriamente preocupados com a urgente valorização dos aspetos culturais, das vivências e dos saberes que identificam determinada sociedade.

A crise de identidade que assola a sociedade de hoje, na pós-modernidade, pelos motivos já referidos, e tendo em conta os efeitos da integração europeia, com a

---

<sup>18</sup> 1- Todos os portugueses têm direito à educação e à cultura nos termos da Constituição da República  
2- É da especial responsabilidade do Estado promover a democratização do ensino, garantindo o direito a uma justa e efetiva igualdade de oportunidades no acesso e sucesso escolares.  
3- No acesso à educação e na sua prática é garantido a todos os portugueses o respeito pelo princípio da liberdade de aprender e de ensinar, com tolerância para com as escolhas possíveis (...) Lei nº 46-86 de 14 de Outubro - Lei de Bases do Sistema Educativo

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

consequente mobilidade das pessoas, tem, porventura, na escola, uma estrutura capaz de encontrar soluções que podem influenciar o curso dessa perda coletiva. Esta função social da escola está bem patente na pedagogia crítica de Giroux e Simon (2002:95), quando defendem as escolas como potenciadoras das capacidades humanas “afim de habilitar as pessoas a intervir na formação de suas próprias subjetividades e a serem capazes de exercer o poder”. Cabe à escola um papel preponderante e decisivo no desenvolvimento da criança e do jovem, se for capaz de: enfatizar a importância da cultura através da recuperação e adaptação obrigatória da herança cultural nos currículos; valorizar o conhecimento dessas áreas à semelhança dos outros conteúdos; garantir uma efetiva igualdade de oportunidades no acesso ao conhecimento para todos, independentemente da sua cultura, crença, ou religião. Deste modo, poderá contribuir de forma significativa para que a inversão da tendência atual se materialize. Neste sentido, concordamos com Patrício (2010:33) quando afirma que

“Face ao poder cada vez mais totalitário da Economia, face ao maremoto cada vez mais avassalador da globalização, é com a cultura que o Homem tem de se defender. E o professor tem de estar na escola armado de uma boa teoria de cultura”.

Nesse pressuposto, cabe à escola, através do recurso à *cultura local*, reafirmar as identidades locais, no sentido de contribuir efetivamente para a consolidação de uma consciência identitária quer ao nível local, regional, ou nacional, porque, em nosso entender, a valorização da identidade deveria ser considerada como um imperativo nacional.

A renovação de uma cultura escolar como espaço público encontra-se dependente de vários parâmetros. Em Nóvoa (2006:32), encontramos os chamados dilemas dos professores, sendo a partir deles que emergem a comunidade, a autonomia e o conhecimento. O primeiro remete para a necessidade de se estabelecer uma forte ligação com a comunidade. Os professores são chamados a uma intervenção em todos os debates sociais e culturais das comunidades locais; o segundo engloba o trabalho docente numa lógica de adaptação à realidade envolvente, construindo para isso a autonomia necessária; quanto ao terceiro e último dilema aponta para o reconhecimento do professor como alguém capaz de ser detentor do saber e de saber fazer. Os professores são entendidos como atores sociais, com uma forte ligação à comunidade envolvente, mas sempre numa atitude de intervenção, devendo constituir-se como polos de educação igualmente responsáveis pelas grandes mudanças sociais, culturais e tecnológicas.

Horta (1999) transporta-nos para o conceito de educação patrimonial e para a forma como estão representados os conhecimentos. Para o autor, o objetivo da educação patrimonial relaciona-se com o conhecimento da herança que recebemos e sobre a qual construímos o nosso presente e o nosso futuro, sendo que a nossa identidade individual e, ou, social se constrói com base naquele processo de construção do conhecimento e que é vista

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

como um fundo a partir do qual podemos traçar o perfil da nossa identidade, individual e coletiva.

Aqui, queremos salientar outro aspeto de importância fulcral para uma melhor percepção do papel da escola no desenvolvimento do ser humano - o reconhecimento e o respeito pela diversidade cultural dos alunos.

De facto, queremos defender uma escola que saiba valorizar os aspetos da cultura local, como já afirmámos. Porém, este chamamento às raízes não pode ser sentido como algo que nos agarre à terra. A este propósito citamos, novamente, Savater (1997) que alerta para o perigo desta fixação, pois ao ser humano deve ser proporcionada a capacidade de voar, de ir sempre mais longe. O autor, através de algumas metáforas, vai convocando os nacionalistas quando dizem “recuperemos nuestras raices”, os entusiastas do mundo étnico “conservemos la pureza de nuestras raices”, a dos fundamentalistas religiosos “la raiz de nuestra cultura es Cristiana, o musulmana, o judía” bem como a visão de alguns políticos quando referem “la raiz de la democracia está em la libertad de mercado”, ou seja, a educação consistiria em reforçar as nossas raízes por forma a que nos tornássemos mais nacionais, mais étnicos, mais ideologicamente puros, mais idênticos a nós mesmos e o mais diferente possível do outro. Mas, para além da escola, outras instituições têm o dever de contribuir para o enriquecimento da cultura local. Referimo-nos a alguns agentes de literacia que, de algum modo, influenciam a escola enquanto catalisadores das culturas locais: a igreja, as bibliotecas escolares ou municipais, as associações culturais, recreativas, desportivas, etc.

Em Silvares, onde desenvolvemos o estudo, a Escola Básica de Silvares é a primeira agência de literacia local, cuja caracterização já foi feita anteriormente. Consequentemente, ela é fruto de alguns cenários já caracterizados, como o grupo de folclore local, a Associação de Amigos do Zêzere, O Grupo Desportivo e Cultural de Silvares, entre outros.

Uma outra perspetiva, que não podíamos deixar de abordar, é a que diz respeito à sustentabilidade da escola. Nesse enquadramento, vejamos o conceito de ecologia, tão associado às ideias políticas pós-modernas, com um carácter protecionista, não só em relação ao ambiente natural na sua biodiversidade, mas também em relação ao património cultural na sua antro-po-diversidade espacial e temporal, muito associada à ideia de *ecologismo-cultural* referida por Alain Tourraine (1994), e de *linha ecológica* como refere Lipovetsky (1989:26). A sustentabilidade enquadra-se em políticas que apontam para a educação e instrução de indivíduos civicamente preparados para uma intervenção social e cultural, contribuindo, definitivamente, para a sustentabilidade da vida futura, no sentido também referido por Boff (2000), quando aponta para uma sociedade responsável como sendo aquela que preserva os recursos naturais, património ou memórias colectivas para tentar satisfazer as necessidades das sociedades futuras. Estamos convictos de que o papel da herança cultural no currículo escolar, particularmente a que respeita à cultura local, é

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

seguramente uma das condições necessárias para atingir a sustentabilidade da escola e da sociedade.

### 1.1.2. Diversidade Cultural versus Cultura local

As diferentes culturas, raças, nações, povos, etnias, levam à formação de múltiplos sentires, viveres e, concomitantemente, identidades.

O Acordo de Schengen, instituído em 1985 na Europa<sup>19</sup>, veio permitir livre circulação de pessoas e bens na União Europeia, tendo esta realidade consequências sociais diversas na sociedade portuguesa, como em muitas outras, nomeadamente a explosão de um sintoma multicultural que reconhecemos em qualquer parte. É sobretudo na escola que este sintoma se revela mais declarado no âmbito atividade docente e do funcionamento da própria instituição. Ou seja, é ali que se impõe desenvolver todo um conjunto elaborado de atividades que induzam comportamentos de partilha, descoberta, respeito e reconhecimento do outro e pelo outro. O conceito de escola multicultural, que remete para uma visão multidimensional, como encontramos em Manuel Ferreira Patrício (já citado), apresenta na terceira dimensão, a *Extralectiva*, o ambiente adequado ao desenvolvimento de competências que vão para além do ensino formal. Por conseguinte, para o autor, a primeira dimensão, a *Letiva*, encontra-se sustentada naquilo que já está constituído e que é a herança cultural que a escola irá transmitir às sucessivas gerações que a procuram.

Ora, tais afirmações trazem consigo a urgência da necessidade de repensarmos a escola. De facto, uma sociedade multicultural exige da escola um papel pró-ativo que assenta na adoção de modelos promotores da reflexão e da descoberta (Branco, 2006). Tal perspetiva remete para a própria definição da democracia que se pretende, onde a chamada “política do sujeito” se joga na escola, com repercussões na sociedade. Branco (2006:47), a esse propósito, refere

“A instituição escolar deve assegurar o reconhecimento dos direitos do sujeito pessoal e as relações interculturais, mas tem de ir mais longe, desempenhando um papel ativamente democratizador”.

---

<sup>19</sup> “O espaço e a cooperação Schengen assentam no Acordo Schengen de 1985. O espaço Schengen representa um território no qual a livre circulação das pessoas é garantida. Os Estados signatários do acordo aboliram as fronteiras internas a favor de uma fronteira externa única”. “(...) A cooperação Schengen foi integrada no direito da União Europeia pelo Tratado de Amesterdão em 1997” . “(...) O espaço Schengen foi gradualmente alargado para incluir quase todos os Estados-Membros. A Itália assinou os acordos em 27 de Novembro de 1990, a Espanha e Portugal em 25 de Junho de 1991, a Grécia em 6 de Novembro de 1992, a Áustria em 28 de Abril de 1995 e a Dinamarca, a Finlândia e a Suécia em 19 de Dezembro de 1996. A República Checa, a Estónia, a Letónia, a Lituânia, a Hungria, Malta, a Polónia, a Eslovénia e a Eslováquia aderiram em 21 de Dezembro de 2007, e a Suíça, país associado, em 12 de Dezembro de 2008. A Bulgária, o Chipre e a Roménia não são ainda membros de pleno direito do espaço Schengen”  
[http://europa.eu/legislation\\_summaries/justice\\_freedom\\_security/free\\_movement\\_of\\_persons\\_asylum\\_immigration/l33020\\_pt.htm](http://europa.eu/legislation_summaries/justice_freedom_security/free_movement_of_persons_asylum_immigration/l33020_pt.htm) - 12 de março de 2011

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

A autora, apoiando-se em Touraine (1998), aponta para a escola, enquanto instituição, uma *escola do sujeito* que assenta em três grandes princípios: “Deve estar orientada para a liberdade do sujeito; deve promover a comunicação intercultural e favorecer a gestão democrática da sociedade e das suas mudanças”.

Resumindo aqueles três princípios, eles apontam para uma escola heterogénea e multicultural que seja capaz de colocar em prática a interculturalidade, que parta, sempre, no âmbito do ensino aprendizagem, dos conhecimentos de que os sujeitos já são portadores, potenciando-os e, finalmente, uma escola que procure corrigir, no seu quotidiano, todas as desigualdades ali detetadas, de modo a que todos, sem exceção, a sintam como verdadeiramente sua.

Todavia, colocar em prática a escola como vem sendo convocada, não se nos afigura tarefa fácil. A título de exemplo, referimos algumas experiências passadas nos EUA, enquadradas na chamada *livre escolha sem controlo* (Chubb e Moe, 1990, cit. por Marques, 2001) e *escolha do currículo*.<sup>20</sup>

Com efeito, embora a total escolha do currículo ainda não seja possível, como refere Ramiro Marques (2001:86), uma vez que esta opção pode, igualmente, trazer muitas desigualdades sociais. Como diz o autor, baseando-se em Lee (1993),

“(...) a escolha do currículo - através dos alunos mais ricos beneficiando de currículos mais académicos e com melhores professores, em prejuízo dos alunos mais fracos - parece aumentar as diferenças na qualidade da educação disponível à crianças das diversas origens sociais.”

Apresentamos, agora, algumas afirmações que o autor (Marques, 2001: 86, 87) refere como fundamentais:

1. Qualquer mudança no sistema deve visar simultaneamente três objetivos: melhorar a eficácia das escolas, melhorar a qualidade do ensino e fomentar a igualdade de oportunidades. Medidas que fomentem a eficácia mas que promovam a desigualdade são socialmente ineficazes e injustas a média prazo. Medidas que promovam a igualdade de oportunidades à custa do desperdício dos dinheiros públicos são socialmente injustas e perversas, acabando por ser rejeitadas a médio prazo pela opinião pública.
2. Quando os clientes do sistema - isto é as famílias e os alunos - têm voz e poder de escolha - existe uma pressão de baixo para cima que obriga o sistema a reformar-se e a ser mais responsivo às necessidades e expectativas dos utentes.
3. Essa voz e esse poder de escolha só são realmente significativos quando as escolas oferecem um limiar mínimo de diferenciação curricular, o qual deve incidir sobretudo nas dimensões de complemento curricular e interativa de forma a manter a dimensão letiva comum.
4. Uma escolha demasiada ao nível curricular promove a estratificação e a desigualdade, empurrando os alunos mais pobres para as escolas que oferecem currículo academicamente menos orientado.”

---

<sup>20</sup> Segundo Ramiro Marques (2001), a pressão exercida pela procura obrigará a que as escolas menos eficazes venham a desaparecer por falta de clientes. Todavia, Lee (1993, cit. por Marques, 2001), aponta a problemática dali advinda, porque para escolher bem é necessário estar bem informado já que o processo pode trazer grandes injustiças sociais.

## **1.2. O Currículo**

### **1.2.1. Uma tentativa de definição**

O conceito de currículo pode oferecer diversas interpretações, consoante a área ou domínio a que diz respeito. No entanto, a teoria que lhe dá suporte assenta invariavelmente na escolha de um conjunto de conhecimentos, saberes ou competências, que são valorizados em detrimento de outros considerados menos importantes. Esta postura, ao longo das últimas décadas, parece estar sempre associada à cultura ideológica do estado dominante. Como afirma Moreira e Silva (1995:7,8),

“O currículo é considerado um artefacto social e cultural. Isso significa que ele é colocado na moldura mais ampla de suas determinações sociais, de sua história, de sua produção contextual. O currículo não é um elemento inocente e neutro de transmissão desinteressada do conhecimento social. O currículo está implicado em relações de poder, o currículo transmite visões sociais particulares e interessadas, o currículo produz identidades individuais e sociais particulares”.

No entender de Pacheco (1999:15), o currículo é planificado por um grupo social pertencente à classe dominante, segundo os interesses do poder instituído, quando afirma que o currículo é como “um conjunto de disciplinas, ou como um grupo de conteúdos que reforça o que deve ser ensinado nas escolas.” No mesmo sentido, Apple (1982:54) refere-se a esta política do conhecimento oficial, quando infere que

“Afim, à decisão de se definir o conhecimento de alguns grupos como digno de se transmitir às gerações futuras, enquanto a história e a cultura de outros grupos mal vêem a luz do dia, revela algo extremamente importante acerca de quem detém o poder na sociedade.”

Esta ideia é também sustentada por Sacristán (2000:15) que se refere ao currículo como uma invenção social, com base em escolhas conscientes, considerando-o como “um mecanismo através do qual o conhecimento é distribuído socialmente”.

As teorias mais tradicionais sobre a construção de currículos assentam no princípio de que era preciso desenvolver tecnicamente o ser humano para satisfazer, particularmente, a eficiência e a produtividade, cabendo à escola o papel de moldar esse percurso. Nos anos sessenta, surgem diversas críticas a esta teoria, que assentam na ideia de que o currículo está na base da disseminação das ideias do poder dominante. Para Bourdieu(1992)<sup>21</sup>, esta postura revelava uma violência simbólica que, de forma diferenciada, utilizava o currículo escolar para dar suporte à reprodução cultural e social, provocando a exclusão dos menos favorecidos, numa reprodução estável dos relacionamentos sociais, que interessava ao poder

---

<sup>21</sup> Bourdieu, Pierre, filósofo e sociólogo francês (1930-2002), cuja teoria sociológica assenta na influência de Max Weber (teoria das esferas) e Carl Marx (classes sociais).

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

instituído. Conjuntamente com Passeron (1970)<sup>22</sup>, desenvolveram a *Teoria da Reprodução*, através de um estudo aturado sobre o funcionamento do sistema escolar francês, que culmina com a publicação do livro “A Reprodução: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino”, em 1970, onde se estuda, analisa e critica, em particular, a relação entre os efeitos de uma estrutura de oportunidades que é desigual, porque não tem em conta as diferenças sociais e consequentemente culturais dos indivíduos, e o efeito redundante da reprodução das desigualdades, entre as classes sociais, que daí advém.

Se atentarmos nas inúmeras alterações do currículo do ensino básico, em Portugal, nos últimos 30 anos, iremos, certamente, encontrar reflexos deste pensamento. Na verdade, a relação entre os currículos escolares e o poder dominante já era bem patente nas análises de Durkeim (1956) quando se referia à *socialização metódica*, que assentava no pressuposto de que os currículos do sistema educativo têm funções sociais específicas, denunciando um controle objetivo sobre os grupos sociais e sobre a evolução humana.

Quanto ao conceito de currículo escolar, este tem originado largo debate entre os estudiosos das questões do ensino em Portugal. Podemos encontrar definições que o consideram, de uma forma mais simplista, como um conjunto de conteúdos articulados que sustentam um percurso na aquisição de um determinado leque de conhecimentos, ou, de uma forma mais elaborada, se lhe referem como um processo que envolve todas as atividades relacionadas com a aprendizagem.

Para Carrilho Ribeiro (1990:47),

“ É bastante frequente identificar “currículo” com **plano de estudos**, querendo significar o elenco e a sequência de matérias propostas para um ciclo de estudos, um nível de escolaridade ou um curso, cuja frequência e conclusão conduzem a um nível de escolaridade ou um curso, cuja frequência e conclusão conduzem o aluno a graduar-se nesse ciclo, nível ou curso.”

No entanto, em Apple (1994:59), a noção de currículo aponta a política cultural vigente com um papel preponderante na educação, até porque

“o currículo nunca é apenas um conjunto neutro de conhecimentos, que de algum modo aparece nos textos e nas salas de aula de uma nação. Ele é sempre parte de uma tradição seletiva, resultado da seleção de alguém, da visão de algum grupo acerca do que seja conhecimento legítimo.”

Contudo, para Goodson (1997:17), a visão sobre o currículo vai muito além do conjunto de conhecimentos que aparece nos textos e nas salas de aula de uma nação, porque, como refere o autor, esta definição não parece ser assim tão linear: “Até à data, na maior parte das análises educativas, o currículo escrito - manifestação extrema de construções sociais - tem sido tratado como um dado”. Mas “quando os padrões são explicitados, percebe-se que o currículo escolar está longe de ser um fator neutro.”

---

<sup>22</sup> Passeron, Jean Claude, professor de *sociologia* da *École des hautes études en sciences sociales*. Escreveu, em parceria com Pierre Bourdieu, a obra *La Reproduction*, publicada em 1970.

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

Em Alonso (1999), encontramos a urgência de se desenvolverem nas escolas experiências inovadoras e criativas adaptando-se o currículo aos contextos em questão. A autora, remete para a ideia de flexibilização curricular, onde as escolas assumem plenamente a sua autonomia, decidindo educar sobre *o porquê, o para quê, o como e o quando* educar, visando sempre as necessidades reais dos alunos. Na autora, encontramos, de algum modo, a reformulação da concepção tradicional de currículo, onde o professor se limitava a executar, a seguir e a aplicar programas e conteúdos oriundos de diretrizes frequentemente distantes das escolas quer em termos geográficos, quer da própria realidade social onde se inserem. É nesse sentido que Alonso, veiculando a ideia de um mundo globalizado, considera que cada vez mais os contextos locais e a especificidade das comunidades adquirem uma relevância significativa. Esta situação veio salientar a importância do projeto educativo enquanto documento orientador das práticas na escola onde se desenvolve.

Esta ideia de currículo aliada às práticas dos professores, de onde emergem a autonomia e a própria liberdade, vem ao encontro do que Freitas (2000) afirmou acerca da concepção de currículo, onde a mentalidade dos professores requeria grandes transformações ao nível das práticas pedagógicas. De facto, para o autor, o currículo acontecia dentro da sala de aula e dependia do modo como o professor interagira com os seus alunos. Esta perspetiva é contrária à chamada taxonomia do conhecimento, ou plano de estudos, sequencialmente organizado, naquilo que Dolle (2002) apelidou, criticando, de mapa lógico do conhecimento - *linear unbroken progression*, no pressuposto de que o mapa tinha de ter obrigatoriamente as fronteiras bem definidas previamente.

A partir do século XIX, assiste-se a uma necessidade de mudança das mentalidades no que se refere ao currículo. Podemos afirmar que Herbart (1776-1841) foi talvez aquele que foi considerado pai da pedagogia científica, se bem que, em 1918, F. Bobbitt, (cit. por Sousa, 2005), com as obras intituladas *The Curriculum* em 1918, e *How to make a Curriculum* em 1924, veio trazer um novo olhar ao conceito de currículo. Evidentemente que não podemos ausentar a nossa visão quer da perspetiva sociológica, quer histórica, a par de todos os aspetos que englobam e caracterizam o pensamento moderno. Em Portugal, tentava-se implementar um ensino organizado, e, embora longe de Alvin Toffler (1970:390), já que ao nosso país os ventos da mudança chegavam tarde, assistia-se, assim, ao aparecimento da escola pública.

Para este autor, era fundamental um ensino organizado e especializado, assente num

“trabalho repetitivo, portas adentro, a um mundo de fumo, barulho, máquinas, vida em ambientes super povoados e disciplina coletiva, a um mundo em que o tempo, em vez de regulado pelo ciclo sol - lua fosse regido pelo apito da fábrica e pelo relógio.”

Em Tyler (1949), encontramos igualmente esta preocupação pela disciplina, visando a eficácia. Vejamos alguns princípios encontrados neste autor: que objetivos educacionais deve a escola atingir?; que experiências para os atingir?; que tipo de organização devem ter essas experiências?; como medir esses objetivos?. É a chamada fase da pedagogia por objetivos.

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

Todas estas aparentes certezas deixaram de o ser, na medida em que o tempo provou que cada aluno é diferente do outro, que a realidade de cada escola é uma só, que o mundo e o universo estão em constante mudança, assistindo-se a uma “crescente consciência de descontinuidade, da não linearidade, da diferença, da necessidade do diálogo, da polifonia, da incerteza, da dúvida, da insegurança, do acaso, do desvio e da desordem.” (Sousa, 2005:7) A autora socorre-se de Boaventura Sousa Santos (2000:45), que reflete sobre a transição dos paradigmas sociais e epistemológicos relacionados com as mudanças velozes a que assistimos neste limiar do século XXI, do seguinte modo:

“A transição paradigmática é (...) um ambiente de incerteza, de complexidade e de caos que se repercute nas estruturas e nas práticas sociais, nas instituições e nas ideologias, nas representações sociais e nas inteligibilidades na vida vivida e na personalidade”.

As grandes transformações sociais, aliadas a aparelhos ideológicos, trouxeram-nos uma certeza que encontramos em Fernandes (2000:140, cit. por Sousa, 2005):

“A escola não se deve limitar a proporcionar o conhecimento de base disciplinar, antes deve promover aprendizagens que permitam desenvolver competências cognitivas globais necessárias a uma abordagem temática, localizada e integrada dos problemas, estimulando também o trabalho em equipa, de especialistas que colaborativamente desenvolvam novas formas de compreensão da realidade e produzam novos saberes multi, inter e transdisciplinares”.

Igualmente, os sete saberes para a educação do futuro que Edgar Morin (2002) elaborou a pedido da UNESCO, são, ainda hoje, considerados um marco de onde emergem muitas decisões:

1. Entender o conhecimento e os seus processos de construção mental, psíquica e cultural;
2. Relacionar os objetos com os seus contextos;
3. Ter conhecimento da condição humana;
4. Ter conhecimento da história do planeta;
5. Conhecer as dúvidas e as incertezas da Física, da Biologia e da História;
6. Compreender o outro sem xenofobias e racismo;
7. Ter conhecimento da antropológica na relação do sujeito com a sociedade e com a espécie

Ainda assim, veja-se o conceito de currículo apresentado pela Direção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular (2012), em nossa opinião bastante omissivo,

“O Currículo do Ensino Básico diz respeito ao conjunto das aprendizagens que os alunos realizam, ao modo como estão organizadas, ao lugar que ocupam e ao papel que desempenham no percurso escolar ao longo do ensino básico”<sup>23</sup>.

<sup>23</sup> DGIDC, *Currículo do Ensino Básico*, <http://sitio.dgidc.min-edu.pt/basico/Paginas/default.aspx> - 23 de Agosto de 2012

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

O currículo oficial, em termos formais, resulta na seleção de um conjunto organizado e sistematizado de conhecimentos, atitudes e valores, que são necessariamente os que o poder político, representativo da sociedade dominante, reconhece como os melhores para satisfazer os objetivos ou metas para este nível de ensino. Mediante o exposto, não podemos, no entanto, abordar o currículo como se a sua dimensão fosse exclusivamente a formal. Com efeito, há outros aspetos que influenciam decisivamente a sua operacionalização, tendo repercussões diversas na forma como se concretiza. Queremos, aqui, referenciar o papel preponderante do professor, da importância da sua formação inicial e contínua, nas áreas científica e pedagógica, e, também, da sua maior ou menor autonomia para poder gerir o currículo, adaptando-o ao contexto em que desenvolve o seu trabalho. Gerir o currículo do 1ºCEB em Silves, no interior de Portugal, mesmo na segunda década do séc. XXI, será, certamente, muito diferente de o fazer na escola do 1º CEB na Cidade de Castelo Branco.

### 1.2.2. Currículo e currículo oculto

Outro dos aspetos ligado ao currículo escolar, e que só mais recentemente se tem abordado no seio da escola, talvez porque se tenha descuidado a importância dos saberes transportados pelo aluno, é a importância do *currículo oculto*. Como refere Santos (2003:24),

“a experiência de cada comunidade acaba por definir suas identidades e é com tais experiências que cada um dos nossos alunos entrará na escola e se relacionará com os conteúdos que, série após série, vão sendo estudados em sala de aula.”

Em nosso entender, embora o *currículo oculto* esteja relacionado com a cultura local, este conceito vai muito para além do que são as aprendizagens da criança no seu dia-a-dia no seio da família e com os mais próximos.

No entender de Carrilho Ribeiro (1990:19), o *currículo oculto* pode ser abordado de duas maneiras diferentes:

“(...) do primeiro, definir-se-ia como um conjunto de práticas educativas e processos pedagógicos que veiculam aprendizagens diferentes das explicitamente consignadas pelos objetivos do curriculum formal, e cujos efeitos últimos, ainda em grande parte desconhecidos, apenas se indiciam. Do segundo ponto de vista, o curriculum escondido referir-se-ia aos efeitos educativos ‘não académicos’ que a escola parece promover mas que não são explicitamente visados pelo curriculum formal; tais consequências têm a ver, de um modo geral, com aquisição de valores, socialização, manutenção da estrutura de classes sociais e fomento de atitudes de conformismo”<sup>24</sup>

No entender de Bernstein (1994), o *currículo oculto*, embora não fazendo parte do currículo escolar, envolve o ambiente escolar, influenciando decisivamente o processo de aprendizagem dos alunos, se tivermos em conta que provoca a apropriação de valores, a

---

<sup>24</sup> Ver <http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-jose-manuel-pragmatica-comunicacional.pdf>

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

estimulação de atitudes e comportamentos que se reproduzem no seio dos grupos sociais, influenciando e moldando o sujeito às regras vigentes.

Para Michael Apple (1994), o currículo não é neutro nem desinteressado, e o conhecimento que reflete é de interesse particular, carecendo de validação, e representando de forma hegemónica o interesse das estruturas económicas e sociais mais alargadas.

Aliás, Bernstein (1996) estabelece relações entre competências e currículo oculto, mais particularmente com pedagogias invisíveis. O autor distingue a competência como uma pedagogia invisível e o desempenho como pedagogia visível.

A competência, no sentido referido por aquele autor, remete necessariamente para um processo baseado em interações formais, ou seja, assente em realizações práticas. Por exemplo, o filho de um carpinteiro vai adquirindo, através da sua relação e interação com o pai e na dinâmica da oficina de carpintaria, todo um conjunto de conhecimentos de índole diversa, quer no campo da linguística, quando aprende a construir frases com sentido objetivo, como “polir o remate” ou “facear a lingueta”, quer no campo da técnica, hoje associada à tecnologia, quando reconhece e põe em prática os recursos de uma máquina de corte. Este conceito de pedagogia oculta, fruto dessa interação e do processo criativo que advém da prática associada à descoberta, desenvolve um determinado conjunto de competências que escapavam à escola até há bem pouco tempo. O chamado *currículo oculto* que o aluno transporta para a escola, traduz um conhecimento que pode induzir uma competência social, nomeadamente ao nível da elaboração de novas práticas culturais com base nas existentes.

Um fenómeno recente revela claramente este conceito de modernidade. Referimo-nos à reconversão de modelos de exortação social, como os ligados às modas ou às cantigas relacionadas com práticas do calendário religiosos tais como “os penitentes” ou do calendário pagão como “a azeitona”. Em ambos os casos, para além da fusão evidenciada nos arranjos mais modernos, existe um aproveitamento, por vezes doentio, da comunicação social e da publicidade. Note-se, como exemplo, a canção da “rama da oliveira”, agora numa interpretação influenciada por sonoridades e ritmos africanos, que nada têm a ver com a origem, mas imediatamente aproveitados pela marca de azeite “galo” no sentido de “inovar respeitando a origem”. Com esta referência queremos, sobretudo, evidenciar o eventual benefício das novas elaborações culturais, pela inovação dos procedimentos que entendemos serem pertença de uma cultura atual e não como herança de culturas anteriores, mas também fruto de um sistema educativo que está refém da globalização do conhecimento e, conseqüentemente, da sua especulação, da sua banalização e da sua especialização. Estamos em crer que o conhecimento, a escola e o poder nunca estiveram tão próximos e tão distantes. Repare-se a facilidade, ou facilitismo, com que o aluno encara hoje uma qualquer tarefa ou trabalho escolar que o professor lhe propõem: - isso é fácil, está na net. A banalização do conceito de conhecimento é por demais evidente. É óbvio que falamos da grande maioria, porque outros há que aprendem a selecionar as pesquisas e dominam formas

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

de legitimação da informação recolhida. Esta diferença de atitude assenta num modelo de prática pedagógica e contexto educativo específico. Para Bernstein, (1996), existem dois tipos de modelos: os modelos de competência e os modelos de desempenho, como referimos.

Todavia, estas práticas, da cultura atual, assumem um contributo inestimável para a verdadeira igualdade de oportunidades de acesso ao conhecimento. Como dizia Bernstein (1996:78), ao referir-se ao conceito de competência e sua lógica social “todos os sujeitos são intrinsecamente competentes e todos possuem procedimentos em comum. Não existem *deficits*.”

Nesta perspetiva, acreditamos que o estudo que estamos a realizar, particularmente no que respeita aos dados recolhidos nas entrevistas, pode revelar aspetos ligados à prossecução dos objetivos do currículo escolar, tendo em conta que se realizam a professores que lecionam em meios rurais e urbanos.

## Capítulo II - Currículo do 1º CEB

Pelas razões anteriormente apontadas na sua delimitação (vide p. 21), este estudo prende-se com questões relacionadas com a vertente cultural plasmada no currículo do 1º CEB e a sua prossecução pelos professores desse Ciclo de Ensino nas suas práticas letivas, mediadas pelos manuais escolares, mais adiante analisados no Capítulo III. Nesse sentido, entendemos analisar neste capítulo quer os aspetos mais relevantes das políticas educativas, particularmente depois de 1974, com interesse para o nosso estudo, quer os aspetos relacionados com os princípios e a organização do 1º CEB. Procedemos, também, a uma recolha exaustiva dos aspetos ligados à cultura local ali evidenciados, no âmbito do programa oficial para os quatro anos do 1º CEB, particularmente nas áreas disciplinares de Língua Portuguesa, Estudo do Meio e Expressões.

### 2.1. Políticas Educativas e Educação

No que respeita à preocupação dos governos em incluírem a vertente cultural e multicultural no currículo do ensino básico, ela manifesta-se, também, associada ao insucesso e abandono escolar, talvez por assentar numa política educativa uniformizadora, homogénea, e igual para todos, descurando os currículos ocultos, a individualidade e a diferenças entre cada indivíduo. Disso é exemplo o PIPSE (Programa Interministerial de Promoção do Sucesso Escolar) em 1988, aliás, referido por Azevedo (2001:88)

“ Com o PIPSE, criou-se, é certo, uma dinâmica nova na mobilização social sobre a educação em torno das autarquias locais e lançou-se, mais adiante, a inovadora perspectiva das escolas básicas Integradas. No entanto, adiou-se, talvez excessivamente, a reorganização da rede escolar (que continuou por fazer, cinco anos depois) e a revisão do sistema de apoio pedagógico aos alunos com maiores dificuldades de aprendizagem.” (...) “

Uma outra tentativa naquele sentido, que merece ser aqui referida, foi criada, ainda antes, através do PEPT 2000 (Programa de Educação para Todos), saída da Resolução do Conselho de Ministros nº 29/91, tendo como objetivo o cumprimento efetivo da escolaridade obrigatória de nove anos e posterior acesso a uma escolaridade de doze anos. Aliás, em Leite (2003:81-85), encontrámos uma crítica construtiva aos programas supracitados, equacionados numa visão de política intercultural e local, e onde é, ainda, focalizado o aspeto hegemónico do currículo, já que a centralização excessiva da educação poderia promover assimetrias, condicionando fortemente a própria inovação educacional.

Contudo, pese embora aquele investimento na tentativa de alargamento da escolaridade básica obrigatória, segundo Azevedo (2002:76)

“A educação escolar, longe de conseguir corrigir as desigualdades de partida, sobretudo as que derivam do capital cultural familiar, tem no entanto contribuído, como nenhum outro

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

investimento público, para promover a integração social dos cidadãos, para geral mobilidade social e para aumentar o capital cultural da população.”

Em Portugal, a valorização do conhecimento, entendido na sua pluralidade, nem sempre esteve na primeira linha das políticas educativas dos governos, manifestando-se entre avanços e recuos, sempre relacionados com a presença da escolaridade de carácter obrigatório e com a maior ou menor necessidade de mão de obra especializada. Evidentemente, não podemos esquecer toda a conjuntura vivida no início do século passado, cujo reflexo destas políticas se traduziu na grande percentagem de analfabetismo, que se veio a alongar até ao início dos anos noventa (26,4 % de analfabetos e 11,9% de cidadãos portugueses que, embora estando dentro dos parâmetros da escolaridade obrigatória, não tinham frequentado a escola).

Esta perspectiva é assinalada por Fernandes (1981:167) quando refere que:

“(...) as carências de mão-de-obra qualificada e as necessidades do desenvolvimento económico no quadro do capitalismo explicam que a extensão da escolaridade obrigatória voltasse a ser tema de declarações de intenção.”

Os diversos governos, antes (e depois) do 25 de Abril, têm orientado as suas políticas no sentido do alargamento do período de permanência dos jovens na escola (exceção feita em 1926, altura em que o ensino elementar foi reduzido de cinco classes para quatro, caracterizado por uma escola assente num paradigma autoritário de ideologia nacionalista, tão evidente no espírito governativo da época - o Estado Novo). Isso verifica-se já em 1964, com o alargamento da escolaridade obrigatória para seis classes, paralelamente ao surgimento da Telescola.

Posteriormente, a reforma do ensino operada pelo governo em 1973, conhecida como a reforma de Veiga Simão e que nunca foi regulamentada, caiu com a publicação da Constituição da República Portuguesa, em 25 de Abril de 1976, no seguimento do impacto provocado pela Revolução do 25 de Abril de 1974. Segundo aquele documento, que definia os princípios orientadores para a política educativa, competia exclusivamente à Assembleia da República legislar sobre o Sistema Educativo (SE). Embora considerando tratar-se de uma tarefa extremamente difícil, quer pela complexidade que envolve tal reflexão por si só, quer pela diversidade de opiniões, tendo em conta os vários partidos que tinham assento na Assembleia da República, em boa verdade, só volvidos dez anos, com a publicação da Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE) - Lei 46/1986 de 14 de Outubro, ficaram definidos os parâmetros básicos que orientaram até hoje o SE em Portugal, com diversas alterações que apreciaremos mais adiante, quando, eventualmente, se relacionarem com aspetos ligados ao assunto em estudo.

Na reforma educativa, acima referida, levada a cabo por Veiga Simão (Lei nº 5/73 de 25 de Julho), emergia um conceito subjacente que era o da democratização do ensino. Segundo o então Ministro da Educação

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

“No mundo português existem milhões de homens a instruir e a educar; existe uma imensidade de terras à espera do desbravo [...] Educar todos os portugueses, educá-los promovendo uma efectiva igualdade de oportunidade, independentemente das condições sociais e económicas de cada um, é o objetivo desta batalha da educação.”<sup>25</sup>

Os documentos apresentados por Veiga Simão em 1971 (*Projeto do Sistema Escolar e as Linhas Gerais da Reforma do Ensino Superior*), que deram mais tarde origem à Lei nº 5/73 de 25 de Julho, apontavam um sentido mais aberto para a educação, valorizando a sua importância para a economia nacional e vincando a necessidade urgente da educação das massas para a qualificação de mão de obra especializada. Essa perspetiva assentava no alargamento da educação junto das populações, no sentido de servir o desenvolvimento económico. Numa tentativa de harmonização do sistema escolar com as solicitações do desenvolvimento económico, tentava romper, desta forma, com um conjunto de conceitos históricos, sempre assentes em políticas repressivas, sustentadas por leis aprovadas sem qualquer representação parlamentar democrática. Atendendo aos registos das sessões da Assembleia da República em 1973, cit. por Stoer (1983)<sup>26</sup>, tratava-se, aparentemente, da reforma mais ousada de sempre em Portugal no âmbito da educação

“(…) não há dúvida de que, pela sua ambição e vastidão, pelo ritmo das realizações que abrangem globalmente os diferentes graus do ensino, ele é porventura o maior esforço, a tentativa mais ousada que se tem feito em Portugal. (Duarte Amaral, *Diário das Sessões*, 1973, p. 5038.)” (….) A reforma do sistema educativo português representa um dos marcos mais significativos da política reformista do Governo do Prof. Marcello Caetano, etapa importante da acção governativa da «renovação na continuidade, (...) na evolução sem revolução.» (Amílcar Mesquita, *Diário das Sessões*, 1973, p. 5117.)”

O conceito de *democratização do ensino*, assinalado nos documentos apresentados, assentava no princípio nobre da necessidade de garantir educação a um número cada vez maior de portugueses, no sentido de lhes dignificar a vida, tornando-se um contributo essencial quer para a solidariedade nacional quer para o desenvolvimento económico, social e cultural do País. Note-se que este pensamento era considerado, até então, uma ideia subversiva, face à ideologia dominante, a fascista, caracterizada por uma censura castradora.

Não queremos deixar de referir que esta reforma não pode ser considerada como um ato solitário, independente da história da educação em Portugal. Com efeito, tivemos em conta os diversos projetos de reforma da educação levados a cabo desde os anos 50, nomeadamente por Leite Pinto (Ministro da Educação de Salazar), que passou a ser conhecido como “porta-voz dos círculos preocupados com o arranque industrial e com a adopção de novas técnicas de exploração agrária, na perspectiva da integração numa Europa neocapitalista em expansão” (Fernandes, 1967, p. 99, cit. Stoer:802); Galvão Teles, um homem obviamente menos desenvolvimentista, que, no dizer de Rogério Fernandes, representou “uma regressão nítida relativamente aos projetos do ministro Leite Pinto” (idem)

<sup>25</sup> Valente Sanches, *Diário das Sessões*, 1972:3740.

<sup>26</sup> In *Análise Social*, vol. XIX (77-78-79), 1983-3.º, 4.º 5.º, 793-822

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

e José Hermano Saraiva. Embora seus precursores, estavam em eventual contradição com este (projeto) de Veiga Simão.

No entanto, esta apetecida visão humanista da reforma de Veiga Simão, tendo em conta a conjuntura social da época, que considerava a educação como “o veículo poderoso e essencial que torna possível a vida humana ser digna de ser vivida facilitando todo um processo de justiça social, inerente a qualquer fórmula de melhoria da condição do homem» (Simão, 1970:8), nem sempre se revelou consensual. Para Wiarda (1977:25, cit. Stoer, 1983:807), Veiga Simão “Almejava, sim, preservar, fortalecer, revigorar e institucionalizar o sistema corporativo que com Salazar se tornara moribundo, ao invés de almejar substituí-lo por qualquer outro.” Embora considere a explicação de Wiarda assente num determinismo histórico, para um país condenado ao corporativismo assente numa estrutura tradicional, Stoer (1983:808) não deixa de referir-se à reforma de Veiga Simão como um “presente envenenado” dado que

“não fora elaborada para «democratizar Portugal», sendo até enganadora a expressão «democratização do ensino», uma vez que o seu real valor, como ponto de partida para um alargamento das *elites* governativas do País, não só não tinha por objectivo principal tornar a população de Portugal politicamente activa e participativa, como, pelo contrário, almejava manter e consolidar ainda mais o controlo político, sob a capa de alargados benefícios no sector da educação.”

Sem, no entanto, descurar a importância que a reforma de Veiga Simão assumiu na sociedade portuguesa da época, por ter despoletado debates sobre desenvolvimento e modernização, e, conseqüentemente, a dinamização de movimentos estudantis e as atividades políticas dentro e fora do país, Stoer (1983:818), numa tentativa de resumir as opiniões favoráveis e as desfavoráveis à referida reforma, propõe duas posições básicas:

“1) para uns, a Reforma Veiga Simão desempenhou, em primeiro lugar, um papel de *controlo* com o objectivo de neutralizar e/ou quebrar a unidade de oposição, ou ainda de legitimar ou fornecer um fluxo contínuo para o «Estado social»; 2) para outros, a Reforma Veiga Simão actuou, em primeiro lugar, como agente de democratização da sociedade portuguesa, ou seja, cumpriu, antes de mais, uma função de *melhoramento social*.”

Nos anos subsequentes ao 25 de Abril de 1974,<sup>27</sup> desencadeou-se um conjunto de discussões e múltiplos debates sobre o estado da educação em Portugal, que terão contribuído de certa maneira para uma tomada de consciência social, até aí quase inexistente. Face à necessidade urgente de controlar o sistema, tendo em conta a desordem que se seguiu com a demissão e/ou expulsão dos responsáveis pelo controle dos estabelecimentos de ensino, e considerando a pressão provocada por um processo de mudança desgovernado, com escassos meios para exercer o controle geral, e muito particularmente o das instituições de ensino, as autoridades governamentais decidiram validar as comissões de gestão, entretanto constituídas, numa tentativa de legalização do

---

<sup>27</sup> Não nos detemos numa reflexão que esta data nos merecia, uma vez que ela poderia constituir a grande mudança que os portugueses ansiavam. Foram tempos de grandes conflitos sociais que trouxeram à educação tensões que, em nosso entender, ainda não foram ultrapassadas.

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

processo em curso, “considerando a necessidade urgente de apoiar as iniciativas democráticas tendentes ao estabelecimento de órgãos de gestão que sejam verdadeiramente representativos de toda a comunidade escolar e sem prejuízo de outras medidas que venham a ser tomadas para regularizar a vida académica nos diversos níveis de ensino” (In Preâmbulo - Decreto-lei n.º 221/74 de 27 de Maio). Publicado um mês após o 25 de Abril, é o primeiro decreto-lei que vem regulamentar a gestão das escolas, face ao pânico instalado perante o sentimento de perda de controlo dos acontecimentos, nomeadamente a elevada taxa de absentismo que terá despoletado a urgência de uma valorização da cultura e do conhecimento e, conseqüentemente, do papel relevante da escola, como suporte à mudança que se queria implementar no país. Note-se que a ideologia nacionalista, então dominante, era extremamente redutora, tendo em conta que tinha por base a trilogia do *Deus, Pátria, Família*, assente no poder preponderante da Igreja, no seio do Estado. Segundo refere Campos (1987:6), “aprofundou-se a consciência da necessidade de ser aprovada uma nova lei de bases”. No entanto, só durante o ano de 1976, à medida que os poderes públicos foram assumindo mais iniciativa política e implementando medidas executivas, se começou a desenhar o refluxo daquele movimento autogestionário. Mais tarde, com a implementação do Decreto-Lei n.º 769-A/76, de 23 de Outubro, após a aprovação da Constituição da República Portuguesa e da primeira eleição para a Presidência da República, surge, finalmente, um período de crescente normalização do funcionamento das escolas, onde se testemunha o princípio do encerramento do período revolucionário de Abril de 1974. Queremos referir que este diploma, para além da responsabilização dos professores, alunos e pessoal não docente, pretendia, pela primeira vez, regulamentar a necessidade de alcançar objectivos de ordem pedagógica,

“É tempo já de, colhendo da experiência com a necessária lucidez, separar a demagogia da democracia e lançar as bases de uma gestão que, para ser verdadeiramente democrática, exige a atribuição de responsabilidades aos docentes, discentes e pessoal não docente na comunidade escolar. A definição entre competência deliberativa e funções executivas é essencial para uma gestão que acautele os interesses colectivos. Todavia, não poderá esquecer-se que toda a organização se destina a permitir alcançar objectivos de ordem pedagógica, o que anteriormente não foi regulamentado e agora se considera fundamental.” (Decreto-Lei n.º 769-A/76, de 23 de Outubro)”.

Contudo, segundo Barroso (1991:69), este diploma “não passou de uma *prótese democrática*, numa administração burocrática”.

Nos anos 80, damos conta de diversas tentativas para dotar o país de uma Lei de Bases, que teria como função essencial a clarificação da organização do Sistema Educativo, conforme consignado na constituição. Campos (1987:6) refere-se à necessidade de “clarificar a atual estrutura do sistema escolar e evitar a tomada de medidas avulsas, por vezes incoerentes ou contraditórias.”

Estas duas vertentes, a consciência social e o imperativo constitucional, aliadas à contestação social da época, terão sido os factores que mais contribuiram para a elaboração e aprovação da Lei de Bases do Sistema Educativo.

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

Um outro factor de importância fulcral foi o da nomeação de uma Comissão de Reforma do Sistema Educativo (CRSE), conforme resolução nº 8/86 do Conselho de Ministros, que tomou posse a 18 de Março de 1986. Esta nomeação não impediria a continuidade dos trabalhos na Assembleia da República sobre o mesmo assunto. Dois meses depois, a Comissão entregou ao Ministro da Educação e Cultura o Projeto Global de Atividades que ressalva as dificuldades para a implementação de uma Lei de Base do Sistema Educativo: por um lado a necessidade de um profundo reordenamento do Sistema Educativo; e, por outro, uma necessária reforma do mesmo, com base na modernização dos currículos e dos programas de ensino, bem como uma maior articulação dos elementos que o compõem, a par da urgência de fazer da escola um espaço de sucesso educativo.

Quando finalmente em 14 de Outubro de 1986, após dez anos de projetos dispersos, os diversos quadrantes políticos representados na Assembleia da República, pelos partidos políticos Partido Social Democrata, Partido Socialista, Partido Comunista Português. Movimento Democrático Português/Comissão Democrática Eleitoral, e Partido Renovador Democrático, deram por concluído e apresentaram à votação o documento final sobre a organização geral do Sistema Educativo, terá sido dado, por ventura, um passo gigantesco para o futuro da educação em Portugal. Bártolo Paiva Campos (1986:11,12), ao referir-se à essência do documento e às metas fundamentais a atingir pelo Sistema Educativo até ao ano 2000, salientou quatro aspetos que considerou serem os mais representativos:

“Em primeiro lugar, a educação fundamental de todas as crianças portuguesas, (...), através de uma escolaridade de nove anos, efectivamente gratuita e universalmente conseguida, (...)”.

“Em segundo lugar, e para além da formação tecnológica de base, que faz parte do humanismo moderno, a formação de todos os jovens para a vida ativa, quer através do ensino superior quer através de modalidades flexíveis de formação profissional complementar”.

“Em terceiro lugar, através de formas adaptadas de segunda oportunidade educativa, (...), a formação dos jovens e dos adultos que abandonaram precocemente ou nunca tiveram acesso às oportunidades educativas fundamentais”.

“Em quarto lugar, (...), a formação de especialistas e investigadores de elevado nível, graças a um ensino universitário, em que durante alguns anos pelo menos, a preocupação da alta qualidade predomine sobre a da quantidade.”

Em nosso entender, estas conclusões traduziam uma óbvia intenção política - a de tentar alargar a educação básica e fundamental a toda a população, o que aliás é bem patente no art.º 7º “assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses (...)”. Sabemos, no entanto, que esta primeira vaga de massificação do ensino, se bem que imbuída de boas intenções, veio deparar-se com problemas de vária ordem. Queremos referir, nomeadamente, a falta de infraestruturas físicas e a deficiente preparação dos intervenientes. Estes eram professores com habilitação inadequada, incapazes de responder de forma assertiva àquele desafio, com consequências que ainda hoje se fazem sentir. Não era invulgar encontrar advogados a lecionar História ou, ainda, monitores de trabalhos com complemento de formação a lecionar Língua Portuguesa, Engenheiros Técnicos Agrários (5º ano dos Liceus e dois anos de Escola Agrária) a lecionar Matemática e Ciências Naturais, entre

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

muitos outros, sem qualquer formação pedagógica, para não referirmos as instalações deficitárias e mesmo impróprias para o ato educativo.

Por outro lado, concordamos com Formosinho (1988:56,57) quando, a propósito da referida lei, e no âmbito da sua prestação nos seminários sobre a *Gestão do Sistema Escolar*, como elemento da CRSE, assinala os aspetos ligados às diversas finalidades da educação escolar, ao sublinhar

“que a educação escolar tem seis finalidades principais: a finalidade cultural, a finalidade socializadora, a finalidade personalizadora, a finalidade produtiva, a finalidade selectiva e a finalidade igualizadora.”

Face à pertinência para o nosso estudo, queremos, aqui, salientar a finalidade cultural ali referida, e que remete para a valorização deste pressuposto no SE, dado que transmite “um património cultural de conhecimento, técnicas e crenças de uma civilização e, mais especificamente, duma nação, de geração em geração.”(idem:56) O autor, não deixa de alertar para o facto de que “Se não houvesse, esta transmissão tudo o que as gerações passadas produziram seria perdido e cada geração teria de começar de novo.” Neste pressuposto, e tendo em conta os grandes princípios da administração das escolas básicas e secundárias consagrados na Lei de Bases do Sistema Educativo, é no terceiro princípio “Interacção institucionalizada entre a escola e a comunidade local em que a escola se insere (art.º 43º, nº2 e art.º 45, nº 1)” (idem:83) que o autor salienta a necessária interligação entre a escola e a comunidade, “de modo a proporcionar uma correta adaptação às realidades, um elevado sentido de participação das populações, uma adequada inserção no meio comunitário”[artº 3º, g].

Ainda nesta perspectiva, volvidos cerca de vinte anos, não queremos deixar de referir Matias (2006), no âmbito do *Debate Nacional sobre Educação* lançado em maio daquele ano, coordenado pelo Prof. Joaquim Azevedo<sup>28</sup>, quando afirma que a reorganização do Sistema Educativo teria onze princípios fundamentais que interessa recordar, porque terão sido estruturantes para a sua implementação, a saber:

1. Formação integral dos cidadãos;
2. Descentralização e desconcentração;
3. Participação;
4. Correção das assimetrias;
5. Segunda oportunidade educativa;
6. Unidade do sistema (em termos territoriais, horizontais e verticais) e da direcção política.
7. Sequencialidade progressiva, isto é, cada nível de ensino é terminal, organizando-se segundo uma lógica própria;
8. Liberdade de ensinar e de aprender;
9. Democraticidade (de acesso, de sucesso, de ocupação social e profissional);
10. Coabitação e empregabilidade dos saberes;

<sup>28</sup> Segundo o documento, nesta sessão estiveram presentes, para além do signatário deste documento, Joaquim Azevedo (JA) que presidiu, Bártole Paiva Campos, Conceição Dinis, Davide Castro Dias, Maria Emília Brederode, Maria Odete Valente, Ivo Santos, Jacinto Jorge Carvalhal, Maria Odete Valente, Paula Santos, Maria do Céu Roldão, Irene Figueiredo

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

### 11. Inserção e integração comunitária.

Segundo o autor, a LBSE revela temas maiores e menores, sendo que os maiores, ou de maior importância são

“os que foram reconhecidos como determinantes para uma clara definição de sentido de uma reforma educativa posterior, ou como necessárias a uma clara definição do sistema educativo ou ainda os que, por razão de uma possível controvérsia emergente, requeriam maior explicitação e clareza.”

Após a leitura e análise do documento em causa, podemos perceber diversas lacunas, dado que os temas ali referidos não são tratados com a mesma intensidade, o que pode justificar-se com os diversos interesses político-partidários e a sua maior ou menor influência na composição do documento final. Note-se, por exemplo, a ligeireza com que é tratado o Sistema Educativo não Escolar, apenas merecendo referência em dois dos sessenta e quatro artigos. No entanto, todo o documento se revela abrigado em três princípios fundamentais: o desenvolvimento global da personalidade, o progresso social e a democratização da sociedade. Por outro lado, a abertura do processo de ensino a entidades particulares e cooperativas parece diluir o centralismo do estado nesta questão, tanto no ensino escolar, como no não escolar. No primeiro caso, podemos referir o conteúdo do art. 18º, al. 5, para a educação especial “Incumbe ao Estado promover e apoiar a educação especial para deficientes” e nos art. 55º e 56º, al. 1, para o Ensino o Particular e o Cooperativo “1 -Os estabelecimentos do ensino particular e cooperativo que se enquadrem nos princípios gerais, finalidades, estruturas e objectivos do sistema educativo são considerados parte integrante da rede escolar.” (...) “As instituições de ensino particular e cooperativo podem, no exercício da liberdade de ensinar e aprender, seguir os planos curriculares e conteúdos programáticos do ensino a cargo do Estado ou adoptar planos e programas próprios, salvaguardadas as disposições constantes do n.º 1 do artigo anterior.” Quanto ao ensino não escolar, a educação Pré-escolar é referida no art.º 5, al. 5, “A rede de educação pré-escolar é constituída por instituições próprias, de iniciativa do poder central, regional ou local e de outras entidades, colectivas ou individuais, designadamente associações de pais e de moradores, organizações cívicas e confessionais, organizações sindicais e de empresa e instituições de solidariedade social. 6 - O Estado deve apoiar as instituições de educação pré-escolar integradas na rede pública, subvencionando, pelo menos, uma parte dos seus custos de funcionamento.” e a educação Extraescolar é referida no art.º. 23º, al. 5, “Compete ao Estado promover a realização do actividades extraescolares e apoiar as que, neste domínio, sejam da iniciativa das autarquias, associações culturais e recreativas, associações de pais, associações de estudantes e organismos juvenis, associações de educação popular, organizações sindicais e comissões de trabalhadores, organizações cívicas e confessionais e outras.”

Outras medidas contidas na referida Lei, que consideramos inovadoras e até ousadas para a época, são: a atribuição de toda a responsabilidade de organização e gestão do sistema educativo a um só Ministério, o da Educação, revelando aqui um sentimento de

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

controlo efetivo do estado; a uniformização do sistema educativo em todo o território nacional, continente e regiões autónomas, bem como as iniciativas levadas a cabo em comunidades portuguesas no estrangeiro (art. 22º). Por outro lado, a inclusão de um capítulo dedicado ao desenvolvimento e avaliação do Sistema Educativo (Cap. VII), revela, em nosso entender, um avanço considerável para o apuramento de resultados e definição de estratégias. Neste pressuposto, parece-nos pertinente referir um estudo mais recente, solicitado pelo ME, sobre "Políticas de valorização do primeiro ciclo do ensino básico em Portugal"<sup>29</sup>. Com efeito, segundo Campos (1987), a LBSE apontava cinco metas fundamentais que deviam concretizar-se até ao ano 2000,

- “1. escolarização de 9 anos, efectivamente gratuita e universalmente conseguida, precedida de oportunidades intencionais de educação de infância;
2. educação tecnológica de base e formação de todos os jovens para a vida activa;
3. generalização de segundas oportunidades educativas (ensino recorrente, a distância, educação/formação...)
4. formação de especialistas e investigadores de elevado nível;
5. elevação dos níveis educativos de toda a população.“

Na sequência da implementação da Lei de Bases do Sistema Educativo e no âmbito da ação da Comissão de Reforma do Sistema Educativo, surgiram diversas alterações em termos organizacionais e curriculares. A “reforma curricular” de finais dos anos oitenta, consubstanciada pelo Decreto Lei nº 286/89, de 26 de Agosto, criou a Área-Escola. Esta nova vertente do ensino caracteriza-se por ser uma área curricular não disciplinar. Está sobretudo vocacionada para estimular os docentes ao trabalho colaborativo, no sentido de desenvolverem projetos em conjunto, envolvendo diversas disciplinas, em torno de aspetos relacionados com atividades de caráter cívico e social, normalmente propostas pelos alunos. Na opinião de Formosinho (1991:31-51), esta nova área curricular teria como estratégia poder funcionar como uma válvula de segurança do sistema, como se fosse

“a resposta aos anseios dos que desejam uma escola diferente - com autonomia, descentralizada, com participação local, com currículo menos académico e não cingida às atividades letivas da sala de aula e com mais atenção aos aspetos da educação pessoal e social, ao nível moral e dos valores”.

No âmbito do processo de regulamentação da referida lei, surgem diversos diplomas, nomeadamente o Dec. Lei nº 286/89, de 29 de Agosto, que estabelecia os princípios para a reestruturação curricular dos ensinos básico e secundário; o Dec. Lei nº 43/89, de 3 de Fevereiro, que define o regime jurídico da autonomia da escola, através da elaboração de um

---

<sup>29</sup> “o Ministério da Educação solicitou este relatório a uma equipa de peritos internacionais independentes, liderada pelo Prof. Peter Matthews. A avaliação que realizaram em Portugal segue de perto a metodologia e abordagem que a OCDE tem utilizado para avaliar as políticas educativas em muitos países-membros ao longo dos anos.”(p.7) Aponta como resultados principais: “1.1. Liderança do sistema 1.2 Reorganização e desenvolvimento da rede escolar 1.3 Generalização da escola a tempo inteiro e acesso às actividades de enriquecimento curricular 1.4 Formação de professores 1.5 Liderança das escolas e transparência de gestão 1.6 Acompanhamento, avaliação e responsabilização” (p. 15-23)

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

projeto educativo próprio; o Dec. Lei nº 172/91, de 10 de Maio, que define o regime de direção, administração e gestão dos estabelecimentos de educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário, e que visa concretizar os princípios de representatividade, democraticidade e integração comunitária; o Dec. Lei no 319/91, de 23 de Agosto que tem por objetivo implementar as adaptações curriculares; o Despacho Normativo no 98-A/92, de 19 de Junho, que determina que a avaliação seja formativa e o Despacho nº 22/SEEI/96 de 19 de Junho que cria os currículos alternativos, no sentido de combater o insucesso escolar.

Em 1996 o ME deu início a um processo de *Reflexão Participada do Currículo* que, no ano letivo seguinte, daria origem ao *Projeto de Gestão Flexível do Currículo*. Este projeto, regulamentado pelo Despacho Nº 4848/97 de 30 de julho, e enquadrado no Decreto Lei 115-A/98 de 4 de maio, apontava uma nova autonomia para as escola, no sentido de uma mudança gradual nas práticas relacionadas com a gestão curricular. A introdução do conceito de *Gestão Flexível do Currículo* (GFC), particularizada no Despacho 9590/99, art.º 1º, ao referir:

“ (...) a possibilidade de cada escola organizar e gerir autonomamente o processo de ensino-aprendizagem, tomando como referências os saberes e as competências nucleares a desenvolver pelos alunos no final de cada Ciclo e no final da escolaridade básica, adequando-o às necessidades diferenciadas de cada contexto escolar podendo contemplar a introdução no currículo de componentes locais e regionais”,

foi uma tentativa de abrir horizontes, no sentido da “inovação” (Pacheco, 2007:85), através da introdução de mudanças curriculares, que culminaria na reorganização curricular dos ensinos básico e secundário, sustentada, posteriormente, no Dec. Lei nº 6/2001, de 18 de Janeiro, e no Dec. Lei no 7/2001, de 18 de Janeiro.

No âmbito do nosso estudo, não queremos deixar de salientar a GFC, tendo em conta, não só o princípio inovador assente na possibilidade de cada escola organizar e gerir autonomamente todo o processo de ensino/aprendizagem, tomando como referência os saberes e as competências nucleares a desenvolver pelos alunos no final de cada ciclo e no final da escolaridade básica, adequando-o às necessidades diferenciadas de cada contexto escolar, mas, sobretudo, o facto de poder contemplar a introdução no currículo de componentes locais e regionais. No ano 2000, estavam integradas na GFC 100 estabelecimentos de ensino.<sup>30</sup>

Embora este novo século trouxesse mudanças significativas ao 1º CEB, uma vez que é o século da multiculturalidade e da interculturalidade, da globalização da informação, e da Revolução Tecnológica, não nos é possível indagar em profundidade, sendo que há aspetos que merecem ser assinalados, tais como, as medidas para qualificar e integrar o 1.º ciclo do ensino básico, englobadas no documento *Educação - 50 Medidas de Política para melhorar a*

<sup>30</sup> SISTEMA EDUCATIVO Nacional de Portugal: 2003 / Ministério da Educação de Portugal y Organización de Estados Iberoamericanos. © de los textos y gráficos: Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación la Ciencia y la Cultura (OEI), 2003 © de esta edición: Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura (OEI) 2003 c/ Bravo Murillo 38 28015 Madrid España. <http://www.oei.es/quipu/portugal/#sis2> - em 23 de Agosto de 2012

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

*Escola Pública* (2007): “Qualificar o 1.º ciclo do ensino básico integrando-o efetivamente no sistema de ensino e superando problemas de abandono”(p.4). Vejam-se algumas vertentes:

“Escola a tempo inteiro” (p. 5) - atividades de Enriquecimento Curricular na EB1 de acordo com o Despacho n.º 12 591/2006, de 16 de Junho” , nomeadamente através da Generalização do acesso a Atividades de Enriquecimento Curricular nas escolas do 1º ciclo do ensino básico até às 17.30 horas, considerando a inclusão das áreas de Inglês para todos os alunos dos 3º e 4º anos de escolaridade; Estudo Acompanhado para todos os alunos; Inglês para alunos dos 1º e 2º anos de escolaridade; Música e Atividade Física e Desportiva para todos os alunos.

“Programa de Generalização das Refeições no 1.º ciclo” (p. 7) - através da candidatura dos municípios a um financiamento específico.

“Racionalização da rede escolar do 1.º ciclo” (p. 8) - tendo em conta a correlação entre as taxas de insucesso e as escolas com poucos alunos.

“Homologação das cartas educativas” (p. 9) - tendo em conta os pareceres dos órgão consultados, nomeadamente o Concelho Municipal de Educação.

“Isenção do Imposto Automóvel” (p. 10) - para as câmaras Municipais sobre os veículos de transporte de alunos do Ensino Básico, com suporte na Lei n.º 36/2006, de 2 de Agosto Isenção do pagamento de Imposto Automóvel por parte das câmaras municipais relativamente aos veículos adquiram e se destinem ao transporte de crianças em idade escolar do ensino básico.

“Orientações curriculares para o 1º ciclo” (p. 11) - conforme Despacho nº 19 575/2006, de 25 de Setembro.

“Elaboração de orientações sobre os tempos mínimos a dedicar às áreas fundamentais do currículo do 1.º ciclo” (p. 12) - oito horas por semana para a Língua Portuguesa, incluindo: uma hora diária para a leitura; sete horas para a Matemática; cinco horas para o Estudo do Meio, sendo que metade destas últimas deve ser dedicada ao Ensino Experimental das Ciências.

“Programa de formação contínua para professores do 1.º ciclo em Matemática, Português, Ensino Experimental e TIC” (p. 13) - garantindo a formação, o acompanhamento dos professores e das escolas por instituições de ensino superior. Alargamento ao Português, ao Ensino Experimental e às Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC).

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

“Novas regras do Leite Escolar” (p. 14) - assente no Decreto-Lei nº 223/2006, de 13 de Novembro

“Melhorar as condições de ensino e aprendizagem no ensino básico” (p. 15) - através do aperfeiçoamento dos aspectos ligados à organização e funcionamento da escola.

“Ocupação Plena dos Tempos Escolares” (p. 16) - dado que no ano lectivo 2005/06, a ocupação plena dos tempos escolares passou a ser obrigatória em todas as escolas do ensino básico, através da publicação do Despacho nº 13 599/2007, de 28 de Junho, pretende-se que as escolas preencham os “furos” de horário resultantes da ausência de professores, programando atividades educativas diversas.

“Plano de Acção para a Matemática” (p. 17) - visou a promoção de projetos de escola para a recuperação de resultados em Matemática nos 2.º e 3.º ciclos.

“Plano Nacional de Leitura” (p. 18) - tinha como principal objetivo melhorar os níveis de literacia dos portugueses a par dos europeus.  
Resolução do Conselho de Ministros nº 86/2006, de 12 de Julho

“Educação para a Saúde (Educação Sexual)” (p. 19) - obrigatoriedade da Educação Sexual integrada na área de Educação para a Saúde, abordada nas áreas curriculares não disciplinares no ensino básico.

“Tecnologias de Informação e Comunicação” (p. 20) - iniciativa “Escolas, Professores e Computadores Portáteis” para o apetrechamento das escolas e apoio ao trabalho em sala de aula e dos professores.

“Novo regulamento Escola Segura” (p. 21) - novas regras para o Programa Escola Segura como base no Despacho nº 25 650/2006, de 19 de Dezembro, articulando o ME e a PSP.

“Programa Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP)” (p. 22) - inclui a elaboração de projetos educativos visando a intervenção na escola e na comunidade orientados para a reinserção escolar do aluno.

“Língua Portuguesa como Língua não Materna” (p. 23) - certificação em Língua Portuguesa como Língua não Materna para os docentes e indivíduos que requerem a nacionalidade, assente no Despacho normativo n.º 7/2006, de 28 de Novembro.

## ***Cultura, Identidade, Educação e Mudança***

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

“Manuais escolares” (p. 24) - aprovação da lei dos manuais escolares (em processo de regulamentação) enquadrada na Lei n.º 47/2006, 28 de Agosto.

“Educação para a Cidadania” (p. 25) - realização do 1º Fórum Educação para a Cidadania em Setembro 2006.

“Necessidades Educativas Especiais” (p. 26) - através do Decreto-Lei n.º 27/2006 criou-se o Grupo de Recrutamento para a Educação Especial, tendo em conta as necessidades educativas dos alunos.

“Equivalências de habilitações de sistemas educativos estrangeiros - elaboração de portarias relativas às equivalências com a conversão dos sistemas de mais de duas dezenas de países.”(p.27)

Assistiu-se, ainda, à assinatura de protocolos e, concomitantemente, ao reforço de comissões tais como:

“Protocolo com o Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social (MTSS) para o reforço das Comissões de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ) através do envolvimento de um maior número de professores.” (p.28)

## **2.2. Princípios orientadores da organização do currículo do 1º CEB e estrutura curricular**

O conjunto de princípios orientadores que garantem a organização e gestão do currículo do Ensino Básico estão plasmados no Decreto Lei nº 6/2001, de 18 de Janeiro, art. 3º:

“Coerência e sequencialidade entre os três ciclos (...)  
Integração do currículo e da avaliação (...)  
Existência de áreas curriculares disciplinares e não disciplinares (...)  
Integração com carácter transversal, da educação para a cidadania (...)  
Valorização das aprendizagens experimentais nas diferentes áreas (...)  
Racionalização da carga horária semanal dos alunos (...)  
Reconhecimento da autonomia da escola (...)  
Valorização da diversidade de metodologias e estratégias de ensino (...)  
Diversidade de ofertas educativas (...)”

Devemos salientar que os planos curriculares propriamente ditos, tendo em conta as orientações atrás referidas, só foram publicados mais tarde, através do Decreto-Lei nº 208/2002, de 17 de Outubro.

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

Quanto à matriz curricular do 1º CEB (Anexo VI), para um total de vinte e cinco horas semanais, esta assenta em quatro componentes básicas:

- a Educação para a Cidadania, onde se revelam os aspetos ligados aos direitos e deveres do cidadão (...);
- as Áreas Disciplinares de frequência obrigatória - Língua Portuguesa, Matemática, Estudo do Meio e Expressões (...);
- a Formação Pessoal e Social, onde se pretendem valorizar os aspetos ligados ao comportamento do aluno face aos outros e ao que o rodeia (...);
- as Áreas Curriculares não Disciplinares - Área de Projeto, Formação Cívica e Estudo Acompanhado;

Note-se, ainda, a existência da componente de Educação Moral e Religiosa, com uma hora semanal, de frequência não obrigatória (a somar às 25 horas anteriormente referidas).

### **2.3. Princípios Orientadores da Ação Pedagógica no 1º CEB**

Após a análise da estrutura curricular do 1º CEB, plasmado na *Organização Curricular e programas. Ensino Básico - 1º Ciclo* (2004), podemos concluir que o programa proposto pretende uma aprendizagem sequencial e gradual, ao longo de toda a escolaridade básica. Pese embora o facto de no documento em estudo não terem sido definidos objetivos para cada um dos três ciclos de ensino, “a fim de evitar a compartimentação e rupturas indevidas na sequência do processo formativo, que se pretende eminentemente integrador”(p.16), pensamos que o quotidiano das escolas, traduz ainda essa compartimentação, que ganha evidência regular ao fim de cada período letivo e muito particularmente no final de cada ano letivo.

### **2.4. Janelas de Cultura Local no Currículo do 1º CEB**

Formosinho (2008) refere (a propósito da massificação da escola, com o alargamento da escolaridade obrigatória para 9 anos, e do seu relacionamento com o trabalho pedagógico dos professores em torno da estrutura do currículo uniforme baseado numa carga horária semanal) que a primeira evidência formal de inclusão de aspetos ligados à cultura local na estrutura curricular do ensino em Portugal acontece com a publicação da Lei nº 14/86, de 14 de Outubro. Esta, embora não altere a estrutura curricular, não deixa de propor a área de formação pessoal e social e apontar, no art.º 47, “a introdução de componentes regionais e locais, sem prejuízo do estabelecimento à escala nacional dos respectivos planos

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

curriculares.” Este propósito tem para o nosso estudo particular importância dado que queremos considerá-lo como o ponto de partida para a resposta à segunda questão formulada na introdução - até que ponto o currículo do 1ºCEB comporta vertentes relacionadas com a cultura local.

Note-se que, para cada domínio disciplinar, são definidas três componentes (p.27):

“**Princípios Orientadores** que propõem fundamentos e apontam para perspetivas estratégicas de desenvolvimento das práticas educativas nos diversos domínios disciplinares que integram o currículo.

**Objetivos Gerais** do domínio disciplinar ou interdisciplinar que enunciam as competências globais que cada aluno terá de atingir até ao fim do 1.º Ciclo no respectivo domínio do currículo.

**Blocos de Aprendizagem** que correspondem a conjuntos de actividades de aprendizagem designados por um conceito, por um tema articulador ou pela designação de uma etapa de desenvolvimento da atividade curricular.

Cada bloco, enquanto capítulo ou segmento de um domínio disciplinar, é composto por quatro etapas de actividades que correspondem a cada um dos quatro anos do 1.º Ciclo. Os Blocos são introduzidos por um pequeno texto de orientação teórica e pedagógica para cada um dos sub-domínios ou segmentos da ação educativa.

O conteúdo de cada Bloco é constituído por conjuntos de listas de actividades de aprendizagem ou experiências educativas enunciadas sob a forma de objetivos de acção.

Cada conjunto dessas actividades integra-se num enunciado mais genérico de acção ou num conceito ou tema aglutinador das referidas actividades para cada domínio do saber ou programa.”

Com o objetivo de encontrar indicadores no currículo do 1ºCEB, que relevem para a inclusão de aspetos ligados à cultura local, no conjunto das diferentes aprendizagens **ativas, significativas, diversificadas, integradas e socializadoras** que o compõem, percorremos todo o documento e deparámo-nos com um grande número de referências ligadas a este propósito. As disciplinas, ou as áreas de estudo, onde mais se evidenciam são a Língua Portuguesa, o Estudo do Meio e a Expressão e Educação Musical.

Na *área disciplinar de Expressão e Educação Musical* são referidos três aspetos: os princípios orientadores, a voz e os instrumentos. Note-se que é na prática do canto, nos jogos de roda e nas danças que “as crianças desenvolvem potencialidades musicais múltiplas” (p.67).

Queremos evidenciar um dos *princípios orientadores*, porque consideramos estar diretamente relacionado com o nosso objetivo

“A audição ao vivo ou de gravação, o contacto com as actividades musicais existentes na região e a constituição de um repertório de canções do património regional e nacional, são referências culturais que a escola deve proporcionar”(idem).

Este princípio reflete, em nosso entender, um dos pontos cruciais na nossa investigação, que é o da inclusão da cultura local nas referências culturais que a escola deve proporcionar às crianças.

Por outro lado, é através da voz que a criança se exprime e comunica de forma natural. Valoriza-se também, neste aspeto, a importância da vivência familiar e respetiva cultura. Neste sentido, faz-se apelo à “aquisição de um repertório de canções, rimas e lengalengas”(p.68), vertentes da língua que estão intimamente ligadas com a cultura local e

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

que “são a melhor forma de proporcionar o desenvolvimento dos aspetos essenciais da voz , a par com o seu desenvolvimento global” (idem). Também aqui nos parece evidente a intenção de valorizar a cultura local, nomeadamente no que diz respeito à vertente do património oral.

No que respeita ao terceiro aspeto, *os instrumentos*, queremos salientar os jogos de exploração de sons, que fazem parte do nosso imaginário infantil, e o seu inegável interesse educativo está no facto de proporcionarem à criança as suas primeiras experiências criativas, porque ela escolhe, descobre, explora e modifica os diversos sons que escuta. Nesta perspetiva, “Os brinquedos musicais regionais da tradição popular portuguesa merecem especial referência por poderem ser integrados nos instrumentos musicais elementares. (p.70)” São ainda referidos os benefícios que podem advir para a criança se o professor puder contar com a colaboração dos artífices locais, familiares ou fabricantes de instrumentos, no desenvolvimento desta área disciplinar.

Ainda na área de Expressões, particularmente na *Expressão e Educação Dramática*, é referido um princípio orientador que tem para nós particular interesse:

“A exploração de situações imaginárias, a partir de temas sugeridos pelos alunos ou propostos pelo professor, dará oportunidade a que a criança, pela vivência de diferentes papéis, se reconheça melhor e entenda melhor o outro” (p.77).

Este princípio indica a exploração de situações sugeridas pelas crianças, o que em nosso entender está de acordo com a questão formulada na entrevista, quando se pergunta até que ponto o professor explora os saberes que a criança transporta, e até que ponto, conhecendo-se melhor, ela respeita melhor o outro.

É na área disciplinar de Estudo do Meio, muito particularmente no bloco 2 - *À Descoberta dos Outros e das Instituições*, que vislumbramos encontrar diversas referências à importância dos caminhos que, em nosso entender, devem nortear a vida em sociedade e a importância do legado histórico que a caracteriza, tendo em conta que

“É ainda no confronto com os problemas concretos da sua comunidade e com a pluralidade das opiniões nela existentes que os alunos vão adquirindo a noção da responsabilidade perante o ambiente, a sociedade e a cultura em que se inserem, compreendendo, gradualmente, o seu papel de agentes dinâmicos nas transformações da realidade que os cerca.”(p.102).

No Bloco 2, refere-se, ainda, que

“No entanto há que ter em conta que as crianças têm acesso a outros espaços que, podendo estar geograficamente distantes, lhes chegam, por exemplo, através dos meios de comunicação social. O interesse das crianças torna estes espaços afectivamente próximos, mas a

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

compreensão de realidades que elas não conhecem directamente, só será possível a partir das referências que o conhecimento do meio próximo lhes fornece.” (p.101).

Note-se a importância atribuída às referências sobre o meio próximo da criança, como fundamentais para a compreensão de espaços mais distantes. Neste contexto, sobressaem aspetos que estão intimamente ligados à cultura local, nomeadamente as regras de relacionamento dos grupos sociais, que surgem inicialmente na família, e evoluem com a entrada na escola, a quem cabe um papel de grande responsabilidade, no que concerte ao desenvolvimento dessas atitudes e valores, no sentido de contribuir de forma decisiva para o desenvolvimento de cidadãos responsáveis, tolerantes, solidários e respeitadores das diferenças. Por outro lado, o programa sugere que seja dada relevância aos aspetos ligados à história da família para se alargar à história do meio local e às suas ligações com a história nacional, relacionando-os sempre cronologicamente com a História de Portugal, no sentido do desenvolvimento de atitudes de respeito e valorização do legado histórico ao nível do património oral e do construído.

Ainda no que diz respeito à abordagem dessa cultura na escola, e particularmente no 1º CEB, concordamos com os autores quando referem que

“É importante que os alunos reconheçam que os vestígios de outras épocas (sejam eles monumentos, fotografias, documentos escritos, tradições, etc.) constituem fontes de informação que eles podem utilizar, de uma forma elementar, na reconstituição do passado”.

A este propósito, Barbosa (2005) defende as Comunidades Educativas como meio de participação ativa nas sociedades democráticas. O autor refere-se à necessidade da recuperação do espírito de comunidade (entendimento partilhado por todos os seus membros). Distingue, igualmente, Comunidade Educativa de Comunidade Escolar, não sobrevivendo uma sem a outra. Enfatiza ainda que, no que concerne à educação, a própria UNESCO alerta para a sua reconstrução

“como projeto cidadão de formação cívica” e que a escola - verdadeira placa giratória da Comunidade Educativa - deve ser uma “propedêutica para a vida cívica, para a vida cultural, para a vida social e para a vida familiar”

No programa do 3º ano, especialmente no ponto 3 - *O Passado do Meio Local*, está bem patente a valorização da cultura local no currículo, como elemento fundamental para que a criança ganhe conhecimentos sobre as características identificadoras da sua cultura, nomeadamente no que tem a ver com a vertente histórica, como a origem da povoação, a toponímia e a tradição oral; com os costumes e as tradições locais, como as festas, os jogos, as alfaias e os instrumentos e as atividades a que estão associados, no sentido de desenvolver na criança a capacidade de “reconhecer a importância do património histórico local” (p.112). Refere-se também a necessidade de a criança “Conhecer costumes e tradições de outros povos”(p.113) e “Outras culturas da sua comunidade”(idem).

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

No 4º ano, o programa realça, de novo, a necessidade de a criança desenvolver pesquisa sobre o passado local, desta vez de forma muito objetiva, já que propõe o estudo de uma instituição local, quer através da consulta das pessoas oralmente, quer recorrendo “a fontes orais e documentais para a reconstituição do passado da instituição”(ibidem).

Note-se que, para além de se cumprir um objetivo mais científico da instrução escolar, já referido, e que remete para o desenvolvimento inicial de competências, como a pesquisa orientada, a recolha objetiva, a organização de dados, também aqui encontramos mais um contributo para as respostas que procuramos.

No âmbito das áreas disciplinares analisadas, são evidentes, até agora, as referências à importância do património oral local no currículo. Pelo exposto, pensamos que não seria imprudente, nesta altura da investigação, afirmar que são diversas as *janelas de cultura*, sugeridas no currículo escolar para o 1º CEB. No entanto, quisemos analisar especialmente o que a esse respeito nos revelam os conteúdos de Língua Portuguesa.

Em nosso entender, é no conteúdo do bloco 1 - *Comunicação Oral*, e muito particularmente no seu ponto 3 - *Criar o gosto pela recolha de produções do património literário oral*, que mais se evidenciam as vertentes em causa. Note-se que houve a preocupação de manter a estrutura desta vertente ao longo dos quatro anos do 1º CEB. Queremos salientar o sentido progressivo, que tem início na recolha, evolui para a participação e induz o reconhecimento que dará origem à construção criativa.

No 1º e 2º anos, a preocupação prende-se com a recolha de lengalengas, adivinhas, rimas, trava-línguas, contos, cantares, com sua reprodução oral e, eventualmente, na construção de novas rimas e cantilenas, bem como identificar sonoridades. No 3º e 4º anos, para além das vertentes referidas, apela-se já ao desenvolvimento da faculdade de comparar versões dos mesmos contos.

Neste processo, têm particular relevância os aspetos relacionados com a nossa temática, considerando que dada especial atenção à importância da recolha de “produções do património literário oral (lengalengas, adivinhas, rimas, trava-línguas, contos, cantares), à sua participação em “jogos de reprodução da literatura oral (reproduzir trava-línguas, lengalengas, rimas, cantares)”, e, por fim, à construção de novas rimas e cantilenas. Para além do desenvolvimento destas competências, pretende-se que, no 3º e 4º anos, a criança seja capaz de comparar versões de contos e outros objetos literários, e atinja um nível de participação criativa em grupo.

## **Capítulo III - Metodologia, Instrumentos de Recolha de Dados e Apresentação de Resultados**

No que respeita à estratégia metodológica utilizada na recolha de dados para o nosso estudo, dada a diversidade de caminhos possíveis, adoptámos por escolher aquela que nos pareceu mais prática, objetiva e realizável (face ao tempo disponível para a consecução dos nossos objectivos) e que assenta em duas vertentes: em primeiro lugar, analisar os manuais do 1º CEB e, em segundo lugar, recorrer a entrevistas semiestruturadas aos professores seleccionados para a amostra, como veremos a seguir.

No que respeita à metodologia para a recolha dos dados, optámos por duas vertentes: em primeiro lugar proceder à seleção e análise dos catorze (14) manuais escolares utilizados pelos doze (12) professores entrevistados para o ano letivo 2011-2012, nos três concelhos do Distrito de Castelo Branco, no sentido de percebermos até que ponto traduzem aqueles referentes à cultura local plasmados no currículo do 1º Ciclo do EB; em segundo lugar, recorrer a entrevistas semiestruturadas aos referidos professores, como instrumento capaz de nos fornecer a informação sobre as suas práticas pedagógicas, mais diretamente relacionadas com aquela área cultural.

### **3.1. Processo de seleção e análise dos manuais do 1º CEB**

Em nosso entender, os manuais escolares são um veículo fundamental para a consecução do desenvolvimento das competências escolares. Eles são elementos reguladores da prática docente, nomeadamente no que diz respeito à transmissão, à aquisição e avaliação de conhecimentos. Concordamos com a ideia de que aquele artefacto ocupa um lugar central (Choppin:1992,18-20) na recontextualização e transmissão do discurso pedagógico em ambiente de sala de aula ou fora desta (Castro & Sousa:1998).

#### **3.1.1 Definição de parâmetros**

Em relação a este processo, optámos pelas seguintes etapas:

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

- selecionar os manuais de Estudo do Meio e Língua Portuguesa adotados para 2011 e 2012 pelos doze professores do 1º CEB entrevistados nos três concelhos do distrito de Castelo Branco, (Anexo VII);
- através do índice de cada manual, tentar encontrar referências que possam iniciar aspetos ligados à cultura local;
- analisar a estrutura de conteúdos onde são referenciados aspetos ligados à cultura local, bem como a eventual sensibilidade revelada pelos editores para interpretarem e operacionalizarem as *janelas de cultura* plasmadas no currículo nacional;
- analisar aspetos complementares, como propostas de exercícios e atividades relacionadas com a cultura local, em cada um dos referidos manuais.

### 3.1.2. Análise de conteúdo dos Manuais Escolares

Para a consecução deste desiderato, optámos por adaptar o método proposto por Bardin (2009). Começámos por selecionar os três elementos do manual, já referenciados anteriormente, que pudessem aglomerar as informações que pretendíamos obter - *índice, conteúdos e propostas de exercícios e atividades*. Por outro lado, com base na análise dos textos, tentámos encontrar palavras ou frases que pudessem refletir aspetos ligados à cultura local - *referências*, e, finalmente, sugerir alguns *indicadores* que resumissem aquelas referências. Note-se que a metodologia utilizada para a apresentação dos manuais, nomeadamente o índice e os conteúdos, variam muito de editora para editora, pelo que na análise de conteúdo tentámos adaptar essas informações através de referenciais comuns (*guide lines*), sempre que possível, como a seguir apresentamos:

#### Língua Portuguesa:

1º Ano

Manual 1 - *Alfa - Língua Portuguesa 1 - 1º ano*

Editora - Porto Editora

Autor(s) - Eva Lima, Nuno Barrigão, Nuno Pedroso, Susana Santos

Data - 2011

Subcategorias	Referências	Indicadores
Índice	Nenhuma	
Conteúdos	Compreensão do oral: Está referenciada a Compreensão do essencial de histórias contadas, de poemas e textos de tradição oral.	Tradição oral
Proposta de exercícios e atividades	Escutar e memorizar produções do património oral.	Audição de histórias

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	Comunicar oralmente sobre acontecimentos vividos e descobertas realizadas.	Partilha
--	--	----------

Manual 2 - A Grande Aventura - 1º ano \_ LP

Editora -Texto

Autor(s) - Paula Melo e Marisa Costa

Data - 2011

Subcategorias	Referências	Indicadores
<b>Índice</b>	Capítulo 3: Uma aventura... de Natal	
<b>Conteúdos</b>	<p>Capítulo 1: Compreensão oral - está referenciada a descoberta dos hábitos e entretenimentos de cada um.</p> <p>Capítulo 3: Compreensão oral - está referenciada a partilha de hábitos e sentimentos referentes ao Natal.</p> <p>Capítulo 4: Está referenciado o reconhecimento de instituições locais.</p>	<p>Saberes ocultos</p> <p>Tradições natalícias</p> <p>Serviços locais</p>
<b>Proposta de exercícios e atividades</b>	<p>Capítulo 1: Diálogo com os alunos sobre hábitos e ocupações individuais.</p> <p>Capítulo 3: Conversa com a turma sobre o Natal, o que é para ti, como e com quem o festejas?</p> <p>Procura informações e imagens sobre o Natal.</p> <p>Capítulo 4: Com um familiar, vai a uma biblioteca e requisita um livro para ler durante o fim de semana.</p>	<p>Partilha</p> <p>Partilha</p> <p>Pesquisa (Natal)</p> <p>Visita à biblioteca</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.

Manual 3 - *Mundo da Carochinha* - 1º ano - LP

Editora - Gailivro

Autor(s) - Carlos Letra e Miguel Borges

Data - 2011

Subcategorias	Referências	Indicadores
Índice	Nenhuma	
Conteúdos	Nenhuma	
Proposta de exercícios ou atividades	Nenhuma	

2º Ano

Manual 4 - *A Grande Aventura* - 2º ano - Língua Portuguesa

Editora - Texto

Autor(s) - Paula Melo e Marisa Costa

Data - 2011

Subcategorias	Referências	Indicadores
Índice	Capítulo 3: Dia de Natal	
Conteúdos	Capítulo 1: Está referenciada a descoberta da tradição oral.  Capítulo 3: Está referenciada a compreensão leitora de receitas tradicionais.	Tradição oral  Tradições Natalícias
Proposta de exercícios e atividades	Capítulo 1: Pesquisar de lengalengas, trava-línguas e provérbios todos os meses.  Explorar trava-línguas ou lengalengas de tradição oral.  Apresentar hábitos locais dos alunos ao fim de semana.  Capítulo 3: Copiar uma receita típica de Natal.  Constrói com os teus colegas um livro de receitas típicas de Natal.	Pesquisa (provérbios)  Exploração  Partilha (vivências)  Pesquisa  Partilha (elaboração livro)

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

Manual 5 - *O Mundo da Carochinha* - 2º ano - LP

Editora - Gailivro

Autor(s) - Carlos Letra e Miguel Borges

Data - 2011

Subcategorias	Referências	Indicadores
<b>Índice</b>	Módulo 6: O meu pai é lavrador  Módulo 9: Regresso à aldeia	
<b>Conteúdos</b>	Módulo 6: Está referenciada a descrição da profissão de lavrador, pelos alunos, remetendo-os para uma realidade muito próxima/distante.  Módulo 7: Está referenciada a diferença de rituais que se praticam na Páscoa, tendo em atenção alguns lugares de Portugal.	Profissões tradicionais  Tradição da Páscoa
<b>Proposta de exercícios e atividades</b>	Módulo 6: Conversa com os colegas sobre alguém que admiras na tua família; alguma vez acompanhaste essa pessoa no seu trabalho? Conta como foi.  Módulo 7: Quais os doces que costumavas comer na Páscoa?  Módulo 9: As pessoas que te rodeiam preocupam-se com a poluição, com o ambiente e com o local onde vivem? Como é a tua aldeia?	Partilha (vivências familiares)  Pesquisa tradição  Pesquisa ambiente

### 3º Ano

Manual 6 - *Alfa - Língua Portuguesa 3* - 3º ano

Editora - Porto Editora

Autor(s) - Eva Lima, Nuno Barrigão, Nuno Pedroso, Susana Santos

Data - 2012

Subcategorias	Referências	Indicadores
<b>Índice</b>	Outubro: A minha Aldeia A aldeia da avó  Novembro: Magusto	

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	Dezembro: História de um Natal	
<b>Conteúdos</b>	<p>Outubro: Expressão oral - está referenciada a descoberta dos hábitos e entretenimentos de cada um.</p> <p>Dezembro: Compreensão oral - está referenciada a partilha de hábitos e sentimentos referentes ao Natal.</p>	<p>Saberes Ocultos</p> <p>Tradição natalícia</p>
<b>Proposta de exercícios ou atividades</b>	<p>Outubro: Descreve o sítio onde vives.</p> <p>Pesquisa sobre aldeias históricas, e descreve-as oralmente (como são as casas e ruas, as pessoas e em que trabalham, pontos de interesse cultural, recreativo ou comercial).</p> <p>Dezembro: Descreve como costuma ser a tua noite de natal.</p> <p>Canta alguma canção de natal que conheças.</p> <p>Pesquisa e recolhe informação, sobre tradições natalícias, entrevista.</p> <p>Relembrar tradições relacionadas com bolo rei.</p>	<p>Partilha</p> <p>Pesquisa (aldeias históricas)</p> <p>Partilha (tradições Natal)</p> <p>Partilha (canções de Natal)</p> <p>Pesquisa (tradições de Natal)</p> <p>Partilha (bolo rei)</p>

Manual 7 - A Grande Aventura - 3º ano - LP  
 Editora - Texto  
 Autor(s) - Paula Melo e Marisa Costa  
 Data - 2011

Subcategorias	Referências	Indicadores
<b>Índice</b>	Capítulo 3: Tradições de Natal Provérbios	
<b>Conteúdos</b>	Capítulo 3: Faz referência ao incentivo à pesquisa em livros da biblioteca ou na internet sobre o Natal.	Serviços locais
<b>Proposta de exercícios ou atividades</b>	Nenhuma	

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.

### 4º Ano

Manual 8 - *Pasta mágica* - 4º ano - LP

Editora - Areal Editores

Autor(s) - Cláudia Pereira, Isabel Borges, Angelina Rodrigues, Luísa Azevedo

Data - 2010

Subcategorias	Referências	Indicadores
Índice	Novembro: A esfolhada  Fevereiro: Chegou o Carnaval  Março: Ovinhos de Páscoa	
Conteúdos	Faz referência à recolha de informação do ambiente próximo.	Cultura local
Proposta de exercícios ou atividades	Novembro: Escrever sobre uma tradição da região.  Pesquisar sobre uma região.  Abril: Pesquisar sobre a cidade mais perto da sua localidade.  Como elaborar uma visita de estudo a um monumento português. Redigir um roteiro, evidenciando aspetos culturais.  Entrevistar pessoas que tenham testemunhado o 25 de Abril.	Pesquisa  Pesquisa  Pesquisa  Roteiro Cultural  Entrevista

### Estudo do Meio

#### 1º Ano

Manual 9 - *Alfa - Estudo do Meio 1* - 1º ano

Editora - Porto Editora

Autor(s) - Eva Lima, Nuno Barrigão, Nuno Pedroso, Susana Santos

Data - 2012

Subcategorias	Referências	Indicadores
Índice	Setembro: À descoberta de si mesmo.  Janeiro: À descoberta dos outros e das instituições	

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>Fevereiro: À descoberta de si mesmo.</p> <p>Maio: À descoberta do ambiente natural</p>	
<b>Conteúdos</b>	<p>Setembro: Está referenciada a abordagem aos gostos e preferências.</p> <p>Janeiro: Estão referenciadas profissões de pessoas com quem mantêm relações próximas</p> <p>Fevereiro: Referência aos outros elementos próximos da escola.</p>	<p>Saberes ocultos</p> <p>Profissões</p> <p>Itinerário</p>
<b>Proposta de exercícios ou atividades</b>	<p>Setembro: Descrição de lugares visitados e/ou ocupação de tempos livres.</p> <p>Janeiro: Jogo de mímica das profissões.</p> <p>Fevereiro: Desenha itinerário da tua casa à escola.</p>	<p>Saberes ocultos</p> <p>Jogos de mímica</p> <p>Itinerário</p>

Manual 10 - *A Grande Aventura* - 2º ano - Estudo do Meio  
 Editora - Texto  
 Autor(s) - Paula Pires, Ana Landeiro e Henriqueta Gonçalves  
 Data - 2011

Subcategorias	Referências	Indicadores
<b>Índice</b>	<p>Capítulo 1: O meu passado longínquo</p> <p>Capítulo 7: A vida em sociedade</p> <p>Capítulo 8: Os meus itinerários</p>	
<b>Conteúdos</b>	<p>Capítulo 1: Está referenciada a pesquisa sobre o meu passado longínquo.</p> <p>Está referenciada a pesquisa sobre o passado na família.</p> <p>Capítulo 7: Referência aos modos de vida dos elementos da comunidade.</p> <p>Capítulo 8:</p>	<p>Passado (friso cronológico)</p> <p>Passado familiar</p> <p>Tradição local</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	Faz referência ao percurso dos alunos de casa à escola.	Itinerários
<b>Proposta de exercícios ou atividades</b>	Capítulo 7: Procurar saber que lojas e serviços existem perto da tua casa e quem lá trabalha.	Partilha (serviços locais)
	Realiza uma entrevista a um profissional da localidade.	Entrevista (profissão)
	Capítulo 8: Descreve o percurso de casa à escola.	Itinerário

Manual 11 - *O Mundo da Carochinha* - 2º ano - Estudo do Meio

Editora - Gailivro

Autor(s) - Carlos Letra e Ana Margarida Afreixo

Data - 2011

Subcategorias	Referências	Indicadores
<b>Índice</b>	Módulo 1: O meu passado longínquo  Módulo 4: Instituições e serviços existentes na comunidade  Módulo 6: Os aspetos físicos do meio local	
<b>Conteúdos</b>	Módulo 1: O meu passado longínquo, faz referência a tradições.  Módulo 2: O meu corpo - faz referência à origem dos alimentos no meio local.  Módulo 4: Faz referência às instituições e serviços existentes na comunidade.	Passado  Gastronomia (origem dos alimentos)  Serviços locais
<b>Proposta de exercícios ou atividades</b>	Módulo 1: Realização de uma visita de estudo (pocilgas, aviários, vacarias) em que os alunos tenham oportunidade de conversar com pessoas que trabalhem diretamente na produção e recolha de alimentos.  Assinalar no mapa, o local onde nasceu, onde vive, onde passa férias, descrevendo o que sabe sobre estes lugares.  Que datas importantes costumam festejar	Visitas  Pesquisas    Pesquisa    Partilha

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>com a tua família.</p> <p>Módulo 4: Que profissões têm as pessoas que te rodeiam? Que fazem?</p> <p>Assinala as instituições e serviços existentes na tua localidade. Há alguma coletividade (banda de música, clube desportivo...) que conheças?</p> <p>Sugere-se que um elemento da GNR ou bombeiros seja convidado a ir à escola para falar um pouco da sua profissão.</p> <p>Investigação sobre as instituições e serviços da localidade.</p> <p>Dar exemplos de alimentos que consumas que são partes de plantas locais.</p> <p>Descreve locais costumas passar no teu caminho para a escola?</p>	<p>Partilha</p> <p>Pesquisa (Serviços locais)</p> <p>Entrevista</p> <p>Pesquisa</p> <p>Gastronomia (alimentos locais)</p> <p>Itinerários</p>
--	---	--

Manual 12 - Alfa - 3º ano - Estudo do Meio 3

Editora - Porto Editora

Autor(s) - Eva Lima, Nuno Barrigão, Nuno Pedroso, Susana Santos

Data - 2012

Subcategorias	Referências	indicadores
<b>Índice</b>	<p>Setembro: A descoberta das inter-relação entre espaços</p> <p>Outubro: À descoberta dos outros e das instituições</p>	
<b>Conteúdos</b>	<p>Novembro: Está referenciado o património construído.</p> <p>Dezembro: Estão referidas as associações.</p>	<p>Património</p> <p>Serviços locais</p>
<b>Proposta de exercícios ou atividades</b>	<p>Novembro: O passado do meio local, são propostas atividades de recolha: junto dos familiares mais idosos ... na internet na biblioteca local nas associações locais</p>	<p>Pesquisa (família, na internet, na biblioteca e nas associações)</p>

Manual 13 - A Grande Aventura - 3º ano - Estudo do Meio

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

Editora -Texto

Autor(s) - Paula Pires, Henriqueta Gonçalves e Ana Landeiro

Data - 2011

Subcategorias	Referências	Indicadores
<b>Índice</b>	Capítulo 1: A minha nacionalidade e naturalidade  Capítulo 4: Passado do meio local  Capítulo 8: O comércio da minha região	
<b>Conteúdos</b>	Capítulo 1: Faz referência à localização em mapa, a minha nacionalidade e naturalidade.  Capítulo 4: Faz referência ao património construído no meio local.  Referência os pratos típicos da minha região.  Capítulo 8: Referencia o comércio da minha região.	Identificação  Património  Gastronomia regional  Feiras
<b>Proposta de exercícios ou atividades</b>	Capítulo 4: Investiga junto aos avós sobre o local onde nasceram: monumentos, comida típica, feriado.  Ilustra a informação e apresenta-a à turma.  Capítulo 8: Pesquisa sobre uma atividade económica, da tua região e apresenta-a à turma, explicando qual o produto característico e suas origens.	Pesquisa (família, na biblioteca e nas associações)  Partilha  Pesquisa

Manual 14 - *Pasta Mágica* - 4ºano - Estudo do Meio

Editora -Areal Editores

Autor(s) - Angelina Rodrigues, Cláudia Pereira, Isabel Borges, Luísa Azevedo

Data - 2010

Subcategorias	Referências	Indicadores
<b>Índice</b>	Bloco 2: À descoberta dos outros e das instituições  Bloco 5: À descoberta das inter-relações entre a	

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.

	natureza e a Sociedade	
<b>Conteúdos</b>	Bloco 2: Unidade 1 Passado do meio local estão referenciados exemplos de instituições.  Unidade 3 Referência a símbolos nacionais.  Bloco 5: Unidade 2 Referência à qualidade do ambiente próximo.	Serviços locais  Património  Ambiente
<b>Proposta de exercícios ou atividades</b>	Bloco 2: Unidade 3 Recolha de informação sobre feriado municipal e comemoração.  Bloco 3: Unidade 3 Recolha de informação, fotografia, sobre rio e serra locais.  bloco 4: Unidade 2 Recolha de informação/fotografia, localização no mapa de elementos da localidade. Vista de estudo na biblioteca.  bloco 5: Unidade 1 Recolha de informação, visitas de estudo, sobre produtos agrícolas e serviços da localidade.  Unidade 2 Recolha de informação de atitudes locais para proteção do ambiente.	Pesquisa  Pesquisa  Serviços locais  Visita  Ambiente

### 3.1.3. Análise de resultados

#### Manuais de Língua Portuguesa

Foi realizada a análise de conteúdo referente aos oito (8)<sup>31</sup> manuais de Língua Portuguesa utilizados pelos professores, para os quatro anos de escolaridade, correspondentes ao 1º Ciclo do Ensino Básico.

<sup>31</sup> Entre os doze (12) professores, alguns utilizam o mesmo manual (Anexo VI).

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

Após a análise dos dados recolhidos, através da apreciação da subcategoria *Índice* em cada manual, podemos concluir que existem evidências sobre aspetos ligados à cultura local, num total de *treze (13) referências*. Quanto à variação em número de referências, em cada manual, situa-se entre nenhuma (0) [Manual 1 - *Alfa - Língua Portuguesa 1 - 1º ano - 1º CEB*. Autor(s): Eva Lima, Nuno Barrigão, Nuno Pedroso, Susana Santos, 2012 e Manual 3 - *Mundo da Carochinha - 1º ano*. Autor(s): Carlos Letra e Miguel Borges] e quatro (4) referências [Manual 6 - *Alfa - Língua Portuguesa 3 - 3º ano*. Autor(s): Eva Lima, Nuno Barrigão, 2012].

No que respeita à subcategoria *conteúdos* existem evidências sobre aspetos ligados à cultura local, num total de *doze (12) referências*. Quanto à variação em número de referências, em cada manual, situa-se entre nenhuma (0) [Manual 3 - *Mundo da Carochinha - 1º ano*. Autor(s) - Carlos Letra e Miguel Borges, 2011] e três (3) [Manual 2 - *A Grande Aventura - 1º ano - LP*. Autor(s): Paula Melo e Marisa Costa, 2011]

No que concerne à subcategoria *Propostas de exercícios e atividades*, encontramos um total de vinte e cinco (25) abordagens sobre a temática em questão, sendo bastante significativo o aumento de propostas nos manuais dos 3º e 4º anos.

### Manuais de Estudo do Meio

Foi realizada a análise de conteúdo referente aos seis (6)<sup>32</sup> manuais de Estudo do Meio utilizados pelos professores, para os quatro anos de escolaridade, correspondentes ao 1º Ciclo do ensino Básico. Após a análise dos dados recolhidos, através da apreciação da subcategoria *Índice* em cada manual, podemos concluir que existem evidências sobre aspetos ligados à cultura local, num total de dezassete (17) referências. Quanto à variação em número de referências, em cada manual, situa-se entre duas (2) [Manual 6 - *Alfa - Estudo do Meio 3 - 3º ano - 1º CEB*. Autor(s): Eva Lima, Nuno Barrigão, Nuno Pedroso, Susana Santos, 2012 e Manual 14 - *Pasta Mágica - 4º ano*. Autor(s) Angelina Rodrigues, Cláudia Pereira, Isabel Borges e Luísa Azevedo - 2001]] e quatro (4) [Manual 9 - *Alfa - Estudo do Meio 1 - 1º ano - 1º CEB*: Autor(s): Eva Lima, Nuno Barrigão, Nuno Pedroso, Susana Santos, Data - 2012].

No que respeita à subcategoria *Conteúdos*, os manuais orientam-se de maneiras diferentes. Note-se que os manuais Alfa assentam a sua estrutura de “conteúdos” com base nos meses do ano e utilizam um conjunto de temas transversais ao longo da planificação anual, pelo que se deduz a progressão na sua exploração. Fizemos no entanto o levantamento de *dezanove (19) evidências*, cuja variação se situa entre duas (2) [manual 12 - *Alfa - Estudo do Meio 3 - 3º ano*. Autor(s): Eva Lima, Nuno Barrigão, Nuno Pedroso, Susana Santos, 2012] e quatro (4) referências [Manual 10 - *A Grande Aventura - 2º ano \_ Estudo do Meio*. Autor(s): Paula Pires, Henriqueta Gonçalves e Ana Landeiro, 2011 e Manual 13 - *A Grande Aventura - 3º ano \_ Estudo do Meio*. Autor(s): Paula Pires, Henriqueta Gonçalves e Ana Landeiro, 2012].

---

<sup>32</sup> Idem

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

No que concerne à subcategoria *Propostas de exercícios e atividades*, encontramos um total de vinte e cinco (25) abordagens sobre a temática em questão, evidenciando-se, particularmente, nos manuais dos 2º e 4º anos.

### **3.2. Processo de Seleção da Entrevista**

Sabendo nós, por experiência adquirida e vasta bibliografia consultada sobre o assunto, que as questões colocadas abordam uma área sensível que envolve aspetos ligados a um desempenho docente que pode revelar-se mais ou menos atento às questões em estudo, tentámos analisar vantagens e desvantagens nos dois instrumentos mais comuns para a recolha de dados no âmbito das ciências sociais: o questionário escrito e a entrevista. Tendo em conta o que referimos sobre a sensibilidade da abordagem, a desvantagem que encontramos na eventual utilização de questionários, para este efeito, prende-se com a provável distorção de dados, tendo em conta que, pelo facto de ser dirigido a grandes amostras, não tem, habitualmente, um carácter presencial. Por esse motivo, também retira ao entrevistador a oportunidade para questionar e para aprofundar os temas em causa. Uma vantagem das entrevistas semiestruturadas, sobre os questionários, é referida por Flick (2005:77), quando salienta o facto de os “pontos de vistas dos sujeitos serem mais facilmente expressos numa situação de entrevista relativamente aberta do que numa entrevista estruturada ou num questionário”.

Por outro lado, a entrevista semiestruturada pode responder de forma espontânea às nossas questões, dada a possibilidade de partilha de experiências em tempo real, de optimização do tempo disponível, de recurso a informações espontâneas, de posterior edição dos ficheiros áudio, de tratamento mais sistemático dos dados.

A entrevista semiestruturada, ou semidirecta (Quivy et al, 1992), embora a elaboração do guião seja exclusivamente do entrevistador, pode permitir alguma liberdade para conduzir as perguntas no sentido da focagem do assunto, podendo, assim, explorar de uma forma menos rígida (que a entrevista estruturada ou o questionário), os aspetos que aquele considerar mais pertinentes para o assunto.

Entre outras vantagens e desvantagens da entrevista semiestruturada, quisemos realçar pela positiva a possibilidade de acesso a uma riqueza informativa mais alargada, sempre contextualizada através das perspectivas do entrevistado; o facto de poder introduzir novas questões (previamente preparadas e iguais para todos os entrevistados), no sentido de esclarecer e orientar alguns aspetos durante a entrevista, sem induzir a resposta, o que a entrevista estruturada não permite; poder, deste modo, permitir ao entrevistador uma maior flexibilidade e adaptação imediatas. E é sobretudo neste aspeto que encontramos a maior dificuldade na entrevista semiestruturada: a preparação do entrevistador. Para além de ter de dominar muito bem as temáticas a abordar, para prevenir eventuais desvios às questões,

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

### *Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

tem de ter a capacidade para intervir, no sentido de explorar outras abordagens, para que sejam mencionadas de forma clara pelo entrevistado, todas as informações que considera mais importantes para responder às questões formuladas. Após esta reflexão, optámos pela entrevista semiestruturada que tem para nós uma importância crucial, no âmbito deste estudo sobre a *Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB - contributos para a sua consolidação*. De facto, sentimos a necessidade de ouvir os mais diretamente responsáveis pela educação básica, quer no que respeita ao pré-estabelecido, consubstanciado no currículo e nos manuais, quer à sua prestação docente como profissionais do ensino, particularmente no que se refere à integração e valorização dos referentes ligados à cultura local, quer, ainda, sobre os aspetos reflexivos deste trabalho. As informações recolhidas pela análise dos dados obtidos através daquele instrumento, revelam-se, para nós, fundamentais, para, deste modo, tentarmos alavancar os objetivos do nosso estudo.

#### **3.2.1. Guião da Entrevista Semiestruturada**

O guião para a entrevista (Anexo VIII) é composto: pela introdução, que visa a aproximação informal do entrevistador e do entrevistado, na perspetiva de “quebra-gelo”, tentando garantir um sentimento de partilha e sobretudo de confiança; pelas seis questões fundamentais; por uma nota final de agradecimento.

Consideramos tratar-se de um instrumento valioso para o entrevistador, dado que pode auxiliar e ajudar a organizar todos os conceitos e itens a desenvolver ao longo da entrevista, garantindo a sua sequencialidade, e prevenindo, também, qualquer esquecimento momentâneo ou circunstancial.

Para a realização da entrevista, foram elaboradas seis questões de estilo misto, de acordo com os parâmetros iniciais de análise:

- valor atribuído pelos entrevistados às questões relacionadas com a cultura local no desenvolvimento da personalidade da criança;
- reconhecimento e propostas de valorização das janelas de cultura no currículo do 1º CEB;
- prática, ou não, de inclusão dos aspetos ligados à cultura local na preparação e desenvolvimento das atividades letivas e não letivas;
- necessidade, ou não, de um manual com orientações e documentos tipo, para a recolha seletiva da informação;
- vantagens da disponibilização *on line* de um base de dados dinâmica com registo seletivo da informação e *download* de documentos de apoio para a recolha.
- vertente pedagógica da base de dados, no sentido da sua utilização em sala de aula e fora dela.

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

No sentido de tentar validar o guião original, procedemos à sua validação submetendo-o a duas provas distintas: numa primeira fase, houve uma apreciação externa do guião por parte de dois especialistas; numa segunda fase, simulámos duas entrevistas com dois professores, através da utilização do guião original, para analisarmos eventuais deficiências na sua estrutura, quer na elaboração das questões, quer na linguagem utilizada, quer na condução da entrevista, para, posteriormente, procedermos às alterações necessárias e elaborarmos um guião definitivo que pudesse dar respostas ainda mais objetivas e sustentadas às questões formuladas.

Na elaboração do guião, tivemos em conta algumas regras básicas para este método de recolha de dados, nomeadamente: o fornecimento de informação básica ao entrevistado sobre o objetivo da entrevista; a seleção de entrevistados e a autorização para a gravação áudio; a tentativa de aglomeração das perguntas em blocos temáticos por assunto; uma sequência lógica dos blocos temáticos.

### **3.2.2. Planeamento da entrevista**

No sentido de preparar a entrevista, tivemos em conta, em primeiro lugar, os objetivos a que nos propúnhamos, nomeadamente:

- conhecer a opinião dos professores sobre a importância da cultura local no desenvolvimento intelectual e social da criança/ jovem;
- saber até que ponto os entrevistados reconhecem as vertentes ligadas à cultura local, plasmadas no currículo do 1º CEB;
- saber se incluem regularmente aquela vertente na sua programação diária;
- conhecer a sua opinião sobre a pertinência de construir um manual que possa ajudar o professor a desenvolver essa vertente do currículo;
- saber se consideram uma mais valia a construção de um site dinâmico para a inclusão sistematizada da informação, recolhida através da utilização do manual e outras fontes.
- Saber até que ponto essa base de dados pode ser uma ferramenta pedagógica.

No que respeita à metodologia, considerámos os seguintes aspetos:

- Definição do calendário para 2012:

- Fevereiro - elaboração dos guiões e convite aos entrevistados;
- Março/Abril - realização das entrevistas;
- Maio/Junho - seleção e tratamento da informação recolhida;
- Julho - reflexões finais.

- Técnica de recolha:

- Gravação áudio da entrevista, com recurso a guião previamente elaborado;

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

- Logística:

- Recursos - um computador portátil, com microfone incorporado, para o registo da entrevista em formato áudio digital;
- Local - sala no edifício escolar, reservada previamente para o efeito;
- Tempo de duração  
20 a 30 minutos.

### 3.2.3. Organização da Entrevista

- Marcação da entrevista

- Acordar com o entrevistado, dentro da sua disponibilidade, a melhor hora, data e local para a entrevista;
- Ter em conta a data limite para a conclusão das entrevistas, prevista na definição do calendário já referido.

- Variáveis a ter em consideração:

- maior ou menor importância dos saberes da criança ligados à cultura local no desenvolvimento da personalidade da criança;
- maior ou menor reconhecimento da vertente do currículo sobre a cultura local;
- maior ou menor inclusão desses conteúdos na programação diária do docente;
- maior ou menor necessidade de um manual para orientar a recolha sistematizada da informação sobre cultura local;
- maior ou menor importância da construção de um *site* com a sistematização dos dados recolhidos.
- maior ou menor possibilidade de esse *site* servir de apoio à lecionação do currículo, através da disponibilização de dados para consulta, de *upload* e *download* de informação, quer em contexto de sala de aula quer de apoio aos trabalhos escolares fora desta.

- Condução da entrevista:

- induzir positivamente a expectativa do entrevistado;
- num eventual desvio do assunto, ajudar a focagem no tema em questão;
- selecionar um vocabulário cuidado, que permita criar no entrevistado uma sensação de identificação com o tema e um sentimento de partilha e confiança;
- identificar e acompanhar as reações do entrevistado, nomeadamente a emoção, o

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

entusiasmo, as dúvidas, as eventuais contradições, no sentido de criar um ambiente informal mas responsável, sempre procurando ajudar e encorajar na explanação do seu pensamento, tentando estimulá-lo a dizer mais sobre o assunto, evitando influenciar a resposta.

- definir um ritmo, estipulando tempos de resposta flexíveis e resumir regularmente as principais ideias focadas.

### - Aspetos formais:

- Iniciar a conversa de maneira simpática e informal, por exemplo sobre um aspeto transversal, como o tempo, a crise, etc.;

- Referir-se ao entrevistado como um colega de quem se precisa muito, para o desenvolvimento do trabalho;

- Tentar sempre manter uma conversa balanceada entre simpatia e profissionalismo;

- Fazer referência à Universidade da Beira Interior, como a entidade que supervisiona este trabalho;

- Fazer uma breve descrição do projeto, referindo os objetivos e o produto final;

- Solicitar autorização para a gravação da entrevista; e, caso haja consentimento, apresentar a referida autorização por escrito em minuta preparada previamente. Salientar a possibilidade de poder vir a reproduzir no trabalho em curso, alguns dados ali recolhidos, sob anonimato, obviamente.

- Garantir o *terminus* no tempo previsto, conforme referido;

- Descontrair e abrandar o ritmo da conversa, ao aproximar do final;<sup>33</sup>

- Manifestar o apreço pela disponibilidade do entrevistado e agradecer o contributo prestado para o trabalho em curso.

### - Passos subsequentes à realização da entrevista:

- Garantir que a análise das entrevistas seja feita no seu conjunto, num breve espaço de tempo, para que a análise mais subjetiva não varie de acordo com o andamento das entrevistas. Se a condução das entrevistas tiver algum impacto na subjetividade analítica do investigador, então que essa tendência recaia sobre a análise de todas as entrevistas por igual, já no fim de todas realizadas.

- Ouvir e editar os ficheiros áudio com as respostas, eliminando o acessório mas garantindo a sua originalidade no essencial;

- Analisar em primeiro lugar as respostas dos entrevistados a cada uma das perguntas, para melhor compreender a importância, ou não, da mesma para cada entrevistado.

---

<sup>33</sup> Este abrandamento da conversa vai no sentido de proporcionar um momento mais descontraído, na tentativa de o entrevistado falar sobre algum aspeto que não tenha referido anteriormente.

### **3.3. Processo de seleção da amostra**

Como instrumento de recolha de dados, a entrevista semiestruturada pressupõe a seleção de uma amostra de entrevistados, um roteiro de questões que visam a recolha de informações pelo entrevistador para que, após a análise dos dados recolhidos, possa interpretá-los e enquadrar algumas conclusões.

As amostras foram selecionadas tendo em conta ambientes sociais distintos e experiência docente diversa em escolas do distrito de Castelo Branco, que tentamos resumir nos seguintes critérios:

- selecionar professores do distrito de Castelo Branco, tendo em conta uma maior proximidade da zona onde habitamos, no sentido de rentabilizarmos o tempo e reduzirmos os custos de deslocação;
- selecionar três concelhos onde fosse possível encontrar escolas em ambiente urbano e escolas em ambiente rural, no sentido de permitir apreciar as diferenças no desempenho dos respetivos professores, no âmbito do nosso estudo;
- selecionar os três agrupamentos de escolas com maior número de professores a lecionar o 1º ciclo, para permitir uma maior diversidade na escolha da amostra;
- selecionar quatro professores por agrupamento, dois a lecionar em ambiente urbano e dois em ambiente rural, num total de doze, de forma aleatória

Aos professores da amostra foram, posteriormente, atribuídos nomes de código, no sentido de salvaguardar o seu anonimato.

### **3.4. Análise de conteúdo**

Após o registo dos depoimentos em formato áudio, e depois de efetuada a transcrição (Anexo IX), edição e formatação das informações recolhidas ao longo das doze entrevistas aos professores do 1º CEB, procedemos ao seu tratamento através da aplicação das técnicas de análise propostas por Bardin (2009). Nesse pressuposto, para cada questão colocada - *categoria*, inventariámos um conjunto de aspetos que, na nossa perspetiva, poderiam albergar as diferentes informações a recolher, no âmbito dessa questão - *subcategorias*. Para o efeito, em cada resposta dos entrevistados sobre cada uma das questões colocadas, quisemos separar e numerar todos os estratos que, em nosso entender, continham informação que por si só, ou por relacionamento entre si, traduziam um sentido - *unidades de sentido*. Mais tarde, tentámos extrair dessas unidades, de forma sintética, uma evidência sobre o assunto em análise, sob a forma de um - *indicador*.

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

A estrutura para o tratamento das entrevistas, que a seguir se apresenta, com base nas questões inicialmente formuladas, foi basicamente a mesma para todos os entrevistados:

### QUESTÃO Nº 1

1.1. Gostaríamos de saber qual a sua opinião sobre a eventual importância dos saberes ligados à cultura local no desenvolvimento da personalidade da criança, nomeadamente:

- os que têm origem na família;
- nas associações ou instituições que eventualmente frequentam;
- no meio envolvente, com outras crianças, ou em espaços informais - rua, ...

Categoria	Subcategoria
Papel dos saberes ligados à cultura local no desenvolvimento das crianças	Função educativa
	Função social
	Função compensatória
	Outras

Quadro nº 1 - *Categorias e subcategorias dos saberes ocultos na criança para análise das entrevistas dos professores do 1º CEB.*

### QUESTÃO Nº 2

2.1. Em qual das três áreas disciplinares a vertente cultural local lhe parece mais evidente?

2.2. Acha que é clara a forma como estão referenciadas as questões relacionadas com a cultura local no currículo oficial ?

Porquê?

Categorias	Subcategorias
Referências às <i>janelas de cultura</i> no currículo oficial por Áreas disciplinares	Estudo do Meio
	Língua Portuguesa
	Expressões
	Matemática
	Área de projeto
	Outras

Quadro nº 2 - *Categorias e subcategorias das referências às janelas de cultura no currículo oficial por Áreas disciplinares, para análise das entrevistas dos professores do 1º CEB.*

### QUESTÃO Nº 3

3.1. Que aspetos ligados à cultura local inclui na sua programação diária e que atividades tem desenvolvido neste sentido, particularmente no âmbito da Língua Portuguesa,

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

do Estudo do Meio, das Expressões ou em outros contextos?

Categorias	Subcategorias
Organização das estratégias e atividades educativas na abordagem à cultura local	Dinâmicas no processo ensino/aprendizagem da cultura local
	Estimulação das crianças para a valorização da do currículo oculto
	Condicionalismo na realização de atividades sobre cultura local

Quadro nº 3 - *Categorias e subcategorias da organização das estratégias e atividades educativas na abordagem à cultura local, para análise das entrevistas dos professores do 1º CEB.*

### QUESTÃO Nº 4

Que importância atribui à construção de um manual que permita a recolha orientada e organizada de informação sobre estes assuntos?

### QUESTÃO Nº 5

Qual o valor que poderia advir se essa informação, recolhida através do manual, ou outra que o professor considere importante, pudesse ser introduzida numa base de dados dinâmica, com *upload* e *download* de dados em um *site* na Internet?

Categorias	Subcategorias
Artefactos para recolha orientada da informação sobre cultura local	Fontes de recolha de informação
	Organização dos trabalhos produzidos pelas crianças
	Manual para recolha orientada sobre cultura local
	Base de dados dinâmica
	Outros

Quadro nº 4 - *Categorias e subcategorias da Importância dos artefactos para a recolha orientada de informação e utilização da plataforma em contextos diversos, para análise das entrevistas dos professores do 1º CEB.*

### QUESTÃO Nº 6

Como última questão, queremos saber de que forma considera que esse *site* poderá servir de apoio à lecionação do currículo, quer em contexto de sala de aula, quer de apoio aos trabalhos fora desta, nomeadamente nas três áreas curriculares já referidas?

Utilização da Base de Dados Dinâmica na prática letiva e noutros contextos	Alunos
--	--------

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	Pais
	Professores
	Outros sujeitos

Quadro nº 5 - *Categorias e subcategorias da Importância da utilização da plataforma como instrumento de aprendizagem, para análise das entrevistas dos professores do 1º CEB.*

De seguida, procedemos à elaboração de uma tabela com três colunas, cujos campos são os destaques anteriores: *Subcategorias, unidades de sentido e indicadores*, para registo de todas as informações prestadas por cada um dos entrevistados, como se apresenta:

**Professor J\_CB**

**Papel dos saberes ligados à cultura local no desenvolvimento das crianças**

SUBCATEGORIA	UNIDADE DE SENTIDO	INDICADORES
Função Educativa	Têm muita, [importância no desenvolvimento da personalidade da criança] (15)	Muito importante
	Exatamente, sem dúvida nenhuma, todos esses conhecimentos informais são muito importantes. (23)	Conhecimentos informais são muito importantes
	porque uma coisa [saberes informais] leva à outra.[saberes formais] (16)	Conhecimento informal leva ao formal
	Obrigatoriamente teriam que ler para fazer os projetos, teriam também que medir para elaborarem os vários trabalhos que eles iam desenvolver, [vários jogos tradicionais que foram elaborados na escola] (17)	Ler e medir para fazerem projetos e trabalhos
	houve, salvo erro em 2005, um projeto interessante também liderado pelo rancho com o apoio da escola, (13)	Projeto do rancho apoiado pela escola
	sobre usos e costumes da aldeia em termos de jogos infantis, desde o pião, a cantarinha, vários jogos tradicionais que foram elaborados na escola, ia lá um monitor do rancho (14)	Alunos elaboram jogos tradicionais
No ano passado, os meninos		

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	apresentaram duas modas do Retaxo ligadas à aldeia, inclusivamente vestidos e trajados. (4)	Interpretam modas e vestem trajés
Função Social	<p>Ligando ao segundo item relativamente às associações, no Retaxo existe o Rancho Folclórico do Retaxo, que trabalha intimamente com a escola do 1º ciclo. (1)</p> <p>De tal maneira que nós já há dez anos que fazemos um sarau cultural no final do ano e normalmente a partir de fevereiro começamos a prepará-lo. (2)</p> <p>Normalmente no Retaxo é feito em parceria com o rancho. (3)</p> <p>havia uma ligação muito grande até intergeracional, uma vez que eram crianças com adultos. (18)</p> <p>e depois houve o apoio do rancho folclórico para tirá-los da rua, (10)</p>	<p>Rancho trabalha com a escola 1º CEB</p> <p>Sarau cultural anual</p> <p>Escola parceria com o rancho</p> <p>Relação intergeracional</p> <p>Rancho tira crianças abandonadas da rua</p>
Função compensatória	<p>Por natureza, aquela é uma aldeia com características próprias, com um grande deficit de apoio familiar às crianças,(5)</p> <p>porque era uma aldeia que tinha muitas fábricas e na década de 70 acabaram todas e a partir dessa data começou-se a verificar que os pais, as famílias foram assoladas não só pela questão do vinho, o alcoolismo, a drogas, etc.(6)</p> <p>e, portanto, as crianças viram-se abandonadas, (7)</p> <p>e só tinham duas soluções ou iam para a rua brincar e aí está também a resposta à primeira pergunta, (8)</p>	<p>Deficit de apoio familiar</p> <p>Famílias perderam rendimentos</p> <p>Abandono familiar</p> <p>Vão para a rua brincar</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>era aí [na rua] que eles se ligavam (9)</p> <p>de tal maneira que desde a parte informática, ainda nós não falávamos de informática nas escolas, à recreativa, com o apoio do rancho, era aí que eles passavam o seu tempo livre (11)</p> <p>e depois como extensão natural apoiou a escola, (12)</p> <p>Sim, teve que substituir. (19)</p> <p>Isso nota-se muito ao nível dos resultados finais, que são mais fracos (20)</p> <p>onde nós temos uma incidência maior de retenções é exatamente no Retaxo e em Cebolais também tem porque partimos exatamente dos mesmos problemas. (21)</p> <p>Exatamente e porque distam um Km uma aldeia da outra, não é significativo, e os resultados são bastantes inferiores ao nível médio do agrupamento. (22)</p>	<p>Ligavam-se na rua</p> <p>Projeto do Rancho avançado para a época</p> <p>Rancho apoia escola</p> <p>Escola substitui família</p> <p>Resultados escolares fracos</p> <p>O mesmo problema/ o mesmo Insucesso</p> <p>resultados escolares muito inferiores</p>
--	--	---

### Referências às *janelas de cultura* no currículo oficial do 1º ciclo do ensino básico

Subcategorias	Unidades de Sentido	Indicadores
Estudo do Meio	Logo à partida no Estudo Meio, (24)	Primeira área
Língua Portuguesa	e depois a seguir a LP (25)	Segunda área
Expressões		
Matemática	também a Matemática é atingida há medições, jogos, quantas pessoas é que há, quantas participam, masculino e feminino, quantas de um lado e do outro, pode -se aproveitar bastante. (26)	Terceira área (unidades de medida, quantidade e jogos)

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

Área de projeto		
Escolaridade	<p>Ao nível sobretudo do 4º ano é possível fazer essa aproximação, (27)</p> <p>nos outros anos é um pouco mais difícil (28)</p> <p>até pelo nível etário das crianças. (29)</p>	<p>4º ano facilita</p> <p>outros anos é mais difícil</p> <p>nível etário pode condicionar</p>
Janelas de cultura no currículo do 1º ciclo	<p>Não, não estará muito clara (30)</p> <p>mas nós exploramo-la. (31)</p>	<p>Não está claro</p> <p>Mas exploram</p>

### Organização das estratégias e atividades educativas na abordagem à cultura local

Subcategoria	Unidade de Sentido	Indicadores
Dinâmicas no processo ensino/aprendizagem da cultura local	<p>Obrigatoriamente teriam que ler para fazer os projetos, teriam também que medir para elaborarem os vários trabalhos (5)</p> <p>[Aspetos da cultura local que inclui na programação.] Pode ser de duas maneiras. (16)</p> <p>Nós neste agrupamento planificamos por anos. (33)</p> <p>Há uma reunião dos professores por ano de escolaridade. (34)</p> <p>como é uma escola unitária o professor titular da turma opta pelo ano em que há mais dificuldades. (35)</p> <p>Exatamente. [na sua programação diária, a partir de fevereiro, altura em que começam a preparar o sarau cultural, os professores envolvidos têm que desenvolver um trabalho regular com os miúdos nessa área?.] (37)</p> <p>Por exemplo ao nível das AEC temos o apoio do professor de Música, de EF e de Expressão. (38)</p>	<p>Desenvolvimento de competências</p> <p>Programação de duas maneiras</p> <p>Programação por anos</p> <p>Reúnem professores do mesmo ano</p> <p>Escolas unitárias opção do professor escolher o ano para explorar</p> <p>Professores envolvidos trabalham em conjunto com AEC</p> <p>Apoio dos professores às AEC</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>Isto porque há que fazer os fatos, produzir o som, para acompanhar por exemplo o rancho. (39)</p> <p>até familiar sobre a aldeia, ou que outras famílias têm. (42)</p>	<p>Trabalho técnico</p> <p>Trabalho do professor</p>
Estimulação das crianças para a valorização do currículo oculto	<p>É evidente [que explora os conhecimentos de que o aluno é portador]. (46)</p> <p>Se nós temos um pai ou uma mãe que está no rancho, é evidente que o aluno traz já um <i>Know how</i> relativamente a essa situação (47)</p> <p>e, por isso, é mais fácil eles explicarem-nos, (48)</p> <p>nós também não somos <i>experts</i> na situação e, portanto, eles próprios vão dizendo como é que se faz. (49)</p> <p>[quando se fala de coisas que eles dominam os níveis de motivação sobem] Sobem e bastante. (50)</p>	<p>Explora os Conhecimentos do aluno</p> <p>Falar de conhecimentos que os alunos dominam</p> <p>Eles explicam</p> <p>Dizem como se faz</p> <p>Motivação</p>
Condicionalismo na realização de atividades sobre cultura local	<p>Não, não há constrangimentos. (40)</p> <p>Não. Não, de maneira nenhuma. [O programa não o impede] (41)</p> <p>Não, antes pelo contrário, incentiva, (42)</p> <p>porque é uma mais valia, (43)</p> <p>porque é uma maneira de aproveitar aquilo que há localmente (44)</p> <p>para ser aplicado na própria sala de aula. (45)</p>	<p>Não existem</p> <p>O programa não impede</p> <p>A escola incentiva</p> <p>Mais valia</p> <p>Aproveitar cultura local</p> <p>Aplicar na sala de aula</p>

### Artefactos para recolha orientada da informação sobre cultura local

Subcategorias	Unidades de sentido	Indicadores
---------------	---------------------	-------------

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

Fontes de recolha de informação	<p>Eles todos os anos estão habituados a fazer isso, a recolha de base junto das famílias.(51)</p> <p>Eles levam para casa, os pais informam sobre o que é possível e trazem essa informação. (52)</p> <p>Essa recolha é feita com base no portal da CMCB que tem muita informação sobre as aldeias e sobre as associações, ranchos, clubes, etc., e portanto aí há um manancial de recolha (55)</p>	<p>Na família</p> <p>Trabalho familiar</p> <p>Portal da CMCB</p>
Organização dos trabalhos produzidos pelas crianças	<p>Depois é tratada na sala de aula e é feito um dossier com base nessas informações. (53)</p> <p>Este ano foi o 4º ano e aproveitámos essa parte da cultura local para poder explorar em função do sarau, porque é o ponto alto. (36)</p>	<p>Dossier</p> <p>Sarau é o ponto alto</p>
Manual para recolha orientada sobre cultura local	<p>Éra, claro.[a construção de um manual] (54)</p> <p>mas se houvesse um manual organizado tornar-se-ia muito mais fácil. (56)</p>	<p>Construção do manual</p> <p>Seria muito mais fácil</p>
Base de dados dinâmica	<p>Isso era uma maravilha. [uma base de dados dinâmica, com <i>upload</i> e <i>download</i> de dados em um <i>site</i> na Internet] (57)</p> <p>Acho que era muito importante. (61)</p> <p>Não só os futuros alunos tinham ali informação que podiam recolher e trata-la, (58)</p> <p>mas também para pessoas que não conheçam a aldeia e queiram conhecer, (59)</p> <p>ou outros colegas que queiram usar. (60)</p> <p>Isso pode perfeitamente ser</p>	<p>Uma maravilha</p> <p>Muito importante</p> <p>Para futuros alunos</p> <p>Outras Pessoas podem conhecer a localidade</p> <p>Outros colegas professores</p> <p>Trabalho do professor com os alunos</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>feito à base de trabalho individual nosso, dos alunos como coletivo, cada um trazer e abordar informação (66)</p> <p>até familiar sobre a aldeia, ou que outras famílias têm. (67)</p>	<p>Envolvimento das famílias</p>
--	---	----------------------------------

### Utilização da plataforma como instrumento de aprendizagem

Subcategorias	Unidades de Sentido	Indicadores
Alunos	<p>É muito importante por várias razões, (62)</p> <p>entre elas, essas do conhecimento em que o próprio aluno irá à procura da informação. (63)</p> <p>Vou dar um exemplo que aconteceu este ano. Eu sei que no 4º ano havia uma lição, digamos assim, sobre a Batalha. (68)</p> <p>Quinze dias antes tinha estado no site do Museu da Batalha e eles tinham lá uma visita virtual, (69)</p> <p>foi uma maravilha ver o encanto das crianças a olhar para aquilo. (70)</p> <p>Era uma informação visual, era auditiva, e isso motiva os miúdos, (71)</p> <p>era quase com se lá estivessem estado. (72)</p>	<p>Procura de informação</p> <p>Aluno pesquisa informação</p> <p>Exemplo do Museu da Batalha</p> <p>Visita virtual</p> <p>Crianças encantadas</p> <p>Sobe a motivação</p> <p>Como se lá tivessem estado</p>
Pais	<p>Por outro lado os próprios pais também poderão ter esse interesse fomentado pelos próprios filhos (64)</p>	<p>Interesse dos Pais fomentado pelos filhos</p>
Outros sujeitos	<p>e pessoas de fora que tenham conhecimento desse site, antes de lá ir à aldeia, vão ao site recolher esses dados. (65)</p>	<p>Pessoas recolhem conhecimento do site antes de visitar</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

Professor LEO\_CB

### Papel dos saberes ligados à cultura local no desenvolvimento das crianças

SUBCATEGORIA	UNIDADE DE SENTIDO	INDICADORES
Função Educativa	<p>Não é importante nem deixa de ser, faz parte da criança. (1)</p> <p>É essa cultura que informa a criança, (2)</p> <p>porque é essa cultura que os informa.(83)</p> <p>quando chega à escola já vem com essa cultura. (3)</p> <p>Enquanto nas aldeias eles estão com os pais e com os avós, (6)</p> <p>porque eles sabem tantas coisas, (44)</p> <p>[as pessoas idosas] têm tantos conhecimentos, (45)</p> <p>que eles ficavam fascinados a ouvir. (46)</p> <p>Conhecendo todo historial da família, do sítio onde nasceu, dos sítios por onde passou, do país a que pertence, porque foi isso que nos informou, poderemos perceber melhor porque é que gostamos mais disto e não tanto daquilo, (142)</p> <p>e entender melhor as nossas opções que por vezes podem parecer irracionais, mas têm aí uma explicação. (143)</p>	<p>Faz parte da criança</p> <p>Cultura Informa a criança</p> <p>Essa cultura é que os informa</p> <p>Currículo oculto</p> <p>Nas aldeias estão com a família</p> <p>Idosos sabem muitas coisas</p> <p>Idosos têm tantos conhecimentos</p> <p>Crianças fascinadas a ouvir idosos</p> <p>Conhecerno-nos ajuda a decidir</p> <p>Pode explicar opções</p>
Função Social	<p>na cidade eles ficam sozinhos, (7)</p> <p>ficam com os vizinhos,(8)</p> <p>vão para os tempos livres, (9)</p> <p>ou para as associações desportivas. (10)</p> <p>porque os pais, sentindo que</p>	<p>Alunos ficam sozinhos</p> <p>Com os vizinhos</p> <p>Tempos livres</p> <p>Associação desportiva</p> <p>Escola pequena mais</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>é uma escola mais pequena, sentem que há outra segurança e, portanto, procuram aquela escola. (14)</p> <p>Não é propriamente um espaço rural. (16)</p> <p>Eles iam ter com os velhinhos que estavam à porta nas tardes de verão ou no inverno à lareira. (40)</p> <p>Esse tipo de trabalho aproxima as crianças destas pessoas idosas (41)</p> <p>e dá às crianças a possibilidade de valorizar os idosos, (43)</p> <p>que deixam de se sentir tão sozinhas,[as pessoas idosas] (42)</p> <p>Trabalhei no Concelho de Proença, num espaço mesmo do interior, no fundo vale, uma aldeia sem horizontes, onde o sol nasce mais tarde e se poem mais cedo, as crianças ajudam muito os mais velhos, começam cedo a saber o que é o trabalho. (55)</p>	<p>segurança</p> <p>Turmas com alunos da aldeia e da cidade</p> <p>Valorização dos idosos nas aldeias</p> <p>Relação intergeracional</p> <p>Valoriza os idosos</p> <p>Compensa a solidão dos idosos</p> <p>Na aldeia crianças trabalham mais cedo</p>
<p>Função compensatória</p>	<p>A cultura local transmite-se uns aos outros (11)</p> <p>mas as visitas de estudo ajudam muito a abordagem dessas temáticas. (24)</p> <p>Fizemos uma visita de estudo, e, quando os levei à praia, não faz ideia do que foi no cimo do areal vê-los a correr para aquele “rio tão grande”. (57)</p> <p>Nós temos que fazer mais pela cultura local, pela nossa identidade. (76)</p> <p>Neste mundo global, que é importante, estamos quase a perder a nossa identidade (135)</p>	<p>Partilha</p> <p>Visitas de estudo ajudam</p> <p>Rio tão grande</p> <p>Valorizar a identidade</p> <p>Estamos a perder a identidade</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

### Referências às *janelas de cultura* no currículo oficial do 1º ciclo do ensino básico

Subcategorias	Unidades de Sentido	Indicadores
Estudo do Meio	e no EM também. (18)  No EM tem a ver com as temáticas que se abordam e fazem parte do currículo, (50)	Segunda área  Está incluído no currículo
Língua Portuguesa	Na Língua Portuguesa (17)  Além disso quando se faz o jornal faz-se na LP, (28)  Portanto, na minha perspetiva até talvez seja mais ao nível da LP, (47)  Era na LP que eu fazia isto. [entrevistas para o jornal] (49)	Primeira área  Elaboração de jornal  Mais em LP  Entrevistas em LP
Expressões		
Matemática		
AEC	Mas nas AEC, como temos menos alunos, possibilita fazer outros trabalhos dessa área, (30)	AEC, mais possibilidades
Escolaridade		
Janelas de cultura no currículo do 1º ciclo	Não, não é! (68)  Porque, se calhar, quem faz os currículos e quem faz os manuais, muitas vezes vive num espaço urbano, muito limitado, no gabinete, (69)  muitas vezes [quem faz os currículos e quem faz os manuais] não conhece propriamente a realidade de uma turma, de uma escola. (70)  Eu sinto isso ainda mais porque os livros, as editoras são do norte. (71)  Muitas vezes envolve sobretudo uma realidade, (72)	Não é clara  Autores vivem em espaço urbano, limitado  Currículos e manuais desligados da realidade dos alunos  Editoras são do norte  Valorizam o norte ...

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>um vocabulário muito regional, muito próprio daquela zona, (73)</p> <p>que depois nós aqui às vezes não tem muito a ver, (74)</p> <p>ainda tem menos a ver connosco. (75)</p> <p>Nós temos um currículo e temos que adaptar. (77)</p>	<p>Vocabulário daquela zona</p> <p>Desfasamento</p> <p>Não tem a ver</p> <p>Adaptar o currículo</p>
--	--	---

### Organização das estratégias e atividades educativas na abordagem à cultura local

Subcategoria	Unidade de Sentido	Indicadores
Dinâmicas no processo ensino/aprendizagem da cultura local	Agora nós temos o currículo e também há projetos, (4)	Currículo e projetos
	e quando se fala de cultura local eles são diferentes nas aldeias e nas cidades. (5)	Aldeia vs cidade
	As turmas, três, estão cheias e dá-se mais atenção às crianças. (15)	Mais atenção às crianças
	Mas, por exemplo, em LP, no desenvolvimento de um texto, se vamos trabalhar temas que lhes digam alguma coisa, (25)	Temas que lhes digam algo
	fiz várias jornais com os miúdos, onde incluíamos sempre textos da cultura local. (29)	Jornal com textos sobre cultura local
	e na área de investigação fazíamos entrevistas às pessoas da terra (34)	Entrevistas às pessoas da terra
	e isso, além de interessar às pessoas, (35)	Interesse da população
	as pessoas gostavam de participar, (36)	Envolvimento da população local
	gostavam de falar para as crianças. (37)	Gostavam de falar para as crianças
	Era interessantíssimo, (38)	Era interessantíssimo
eles gostavam tanto. (39)	Gostavam muito	
Se eu abordar aquela área das atividades económicas,		

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>se for numa aldeia vamos buscar aquelas temáticas que eles conhecem relativas à exploração da floresta, exploração agrícola, (52)</p> <p>enquanto que na cidade, eles entendem mais as relacionadas com o comércio com a atividade industrial. (53)</p> <p>Agora se é a Matemática, quanto às situações problemáticas que eu passo no quadro, parto sempre de exemplos que eles conheçam: se é numa cidade é duma maneira, tem a ver com autocarros, com semáforos, se é no campo é de outra, tem a ver com os frutos, com os animais. (85)</p> <p>Na cidade não tem nada a ver, (58)</p> <p>na cidade nem dá gosto sair com os miúdos. (59)</p> <p>o espaço das notícias sobre o que aconteceu, (63)</p> <p>onde punham que o guarda chuva tinha fugido aquela senhora e foi prender-se não sei onde, coisas que tinham a ver com as pessoas. (64)</p> <p>As pessoas da aldeia gostavam, (65)</p> <p>aproximava os pequenos dos idosos, (66)</p> <p>foi muito interessante. (67)</p> <p>Parte do currículo tem a ver com o desenvolvimento da capacidade escrita, porque isso desenvolve o interesse dos alunos pela escrita e, assim, já se podem abordar temáticas mais próximas deles, (86)</p> <p>[abordar temáticas mais próximas deles] relacionadas com a cultura, (87)</p>	<p>Professor tem que adaptar na aldeia</p> <p>Professor tem que adaptar na cidade</p> <p>Professor decide exemplificação na cidade e na aldeia</p> <p>Na cidade não tem nada a ver</p> <p>Não dá gosto</p> <p>Notícias sobre o que aconteceu</p> <p>Tinha a ver com as pessoas</p> <p>Pessoas gostavam</p> <p>Aproximava crianças e idosos</p> <p>Muito interessante</p> <p>Saberem escrever facilita</p> <p>Temas ligados à cultura deles</p>
--	--	--

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	fazer investigação, fazer questionários, que têm a ver com a realidade deles. (88)	questionários
Estimulação das crianças para a valorização do currículo oculto	<p>Valorizo os conhecimentos que eles trazem (109)</p> <p>e ajudo a que eles próprios valorizem, [os conhecimentos que eles trazem] (110)</p> <p>os colegas valorizam, [os conhecimentos que eles trazem] (111)</p> <p>e que desenvolva neles o espírito crítico que é muito importante. (112)</p> <p>Isto ajuda também a eles valorizarem também a cultura uns dos outros. (113)</p> <p>e o que lhes diz alguma coisa é a realidade com que eles vivem, a realidade envolvente, (26)</p> <p>É muito mais fácil para crianças pequenas falar da realidade que conhecem, (81)</p> <p>faziam questões de investigação, abordávamos temas relacionados com eles, (33)</p> <p>Por isso é a partir do que eles conhecem, dessa realidade envolvente, que partimos para o trabalho escrito. (84)</p> <p>Em termos de LP, esta vertente de fazer um jornal escolar, o trabalho que eles têm para escrever ali eram coisas deles, (60)</p> <p>Por exemplo ao nível da LP, se eu quiser desenvolver uma atividade escrita vamos buscar temas que os garotos conhecem, coisas da cultura deles, que têm a ver com as vivências que eles trazem. (78)</p>	<p>Valoriza</p> <p>Professor ajuda a que eles valorizem</p> <p>Colegas valorizam</p> <p>Desenvolve espírito crítico</p> <p>Respeito intercultural</p> <p>Realidade deles</p> <p>Mais fácil</p> <p>Temas relacionados com eles</p> <p>A partir do que conhecem</p> <p>No jornal escrevem coisas deles</p> <p>Vivências que eles trazem</p> <p>Realidade deles</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>da realidade deles, (61) eles gostam muito. (27)</p> <p>Às vezes como motivação de um determinado tema, até na exploração do texto, pode ser na LP, no EM e até na Matemática poderá eventualmente acontecer. (105)</p> <p>Quando iniciamos uma temática, as crianças trazem conhecimentos, (106)</p> <p>então dialogamos, a profissão do pai ou da mãe às vezes a criança fala sobre isso, (107)</p> <p>outras vezes na exploração de um texto, em LP, as crianças dizem que até sabem sobre isso, - a minha mãe às vezes fala-me nesse assunto, etc. (108)</p>	<p>Gostam muito</p> <p>Como motivação</p> <p>Trazem conhecimentos</p> <p>Dialogamos</p> <p>Sabem sobre isso</p>
<p>Condicionalismo na realização de atividades sobre cultura local</p>	<p>Precisamente. (89)</p> <p>Atualmente é mais difícil porque tenho turmas muito grandes, (90)</p> <p>nas cidades as crianças não têm um contacto com os pais como têm nas aldeias. (91)</p> <p>mas a cultura deles[na cidade] não envolve uma grande raiz de cultura antiga e conhecimentos. (12)</p> <p>Portanto se eu enviar um questionário por uma criança ela não vai ter tempo de o colocar ao pai ou à mãe, (92)</p> <p>muito menos à vizinha do lado, ou ao avô porque vivem noutra sítio completamente distante. (93)</p> <p>Esses constrangimentos são de origem social, porque as</p>	<p>Existem</p> <p>Turmas grandes</p> <p>Na cidade menos contacto com família</p> <p>Poucas raízes culturais</p> <p>Pais ausentes</p> <p>Pouca proximidade</p> <p>Não há contacto com raízes</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

<p>crianças não têm contactos com as raízes culturais. (95)</p> <p>Em casa vêem televisão, jogam. (96)</p> <p>Na TV às vezes têm programas interessantes, se souberem procurar. (97)</p> <p>Eu como sou de outra geração, a TV até me formou, não deformou, (98)</p> <p>hoje em dia deforma em muitos aspetos, (99)</p> <p>mas também tem abordagens interessantes. (100)</p> <p>Este ano leciono num bairro periférico que também é frequentado por crianças da cidade, (13)</p> <p>Há temáticas no EM que ao abordar com as crianças não lhes diz muito (19)</p> <p>Porque [Há temáticas no EM] não tem nada a ver com a realidade deles, (20)</p> <p>[Há temáticas no EM] não conhecem. (21)</p> <p>Eu trabalhei muito tempo nas aldeias e eu tive essa sensação [Há temáticas no EM que ao abordar com as crianças não lhes diz muito.] (22)</p> <p>Às vezes é difícil por isso, [porque não tem nada a ver com a realidade deles] (23)</p> <p>Aqui, com tantas crianças, não é fácil. (31)</p> <p>mas isto depende do professor e do local. (48)</p> <p>aí [no EM] estamos limitados ao currículo. (51)</p> <p>A atividade piscatória para uma criança do interior isto</p>	<p>culturais</p> <p>Em casa TV e jogos</p> <p>saber procurar programas</p> <p>a TV formava</p> <p>Hoje deforma</p> <p>Tem abordagens interessantes</p> <p>Turma com alunos da aldeia e da cidade</p> <p>Temas do EM não lhes dizem muito</p> <p>Não tem a ver com a realidade deles</p> <p>Desconhecem</p> <p>Temas são mais urbanos</p> <p>Dificulta ao professor,</p> <p>Turmas grandes</p> <p>Depende do professor e do local</p> <p>Currículo limita</p>
--	--

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>não lhe diz nada. (54) Portanto estes miúdos, sem terem visto o mar, quer seja a atividade piscatória, quer o que é um barco, não lhes diz muito. (56)</p> <p>Não se pode descrever, pois é difícil para as crianças imaginar um exemplo de um lugar completamente distante. (79)</p> <p>Pode-se imaginar, e também é uma ideia, uma forma de desenvolver a imaginação das crianças, mas estamos a falar de crianças muito pequenas. (80)</p> <p>Há locais onde a informação não é muita. (101)</p> <p>Fazer trabalho de pesquisa não é fácil, porque não há onde pesquisar. (101)</p> <p>e isso está-se a perder completamente. (104)</p>	<p>Não lhe diz nada</p> <p>Um barco não lhes diz muito</p> <p>Difícil imaginar o desconhecido</p> <p>Abstração dificulta</p> <p>Locais com pouca informação</p> <p>Dificulta trabalho pesquisa</p> <p>Informação vai-se perder</p>
--	---	--

### Artefactos para recolha orientada da informação sobre cultura local

Subcategorias	Unidades de sentido	Indicadores
Fontes de recolha de informação	<p>Aí a Internet facilita. (102)</p> <p>Mas acho que é muito mais interessante e importante [que a Internet] o procurar a informação junto dos pais ou os avós (103)</p>	<p>Internet facilita</p> <p>Mais interessante e importante na família</p>
Organização dos trabalhos produzidos pelas crianças	Fazíamos o jornal e como se destinava à população local, (32)	Jornal para a população local
Manual para recolha orientada sobre cultura local	<p>Acho muito interessante. (115)</p> <p>Claro que isso pode facilitar, mas desde que não seja limitativo. (114)</p> <p>e ter essa orientação ajuda muito. (116)</p>	<p>Muito interessante</p> <p>Não limitativo</p> <p>Ajuda muito</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	até porque pode ter alguma ideia que nem sequer nos ocorra (116)	Novas ideias
Base de dados dinâmica	<p>Acho essa ideia muito interessante, (118)</p> <p>É uma forma muito interessante de registar a informação que se vai perdendo ao longo dos tempos (126)</p> <p>e de forma organizada.(127)</p> <p>inclusivamente pode ser a base para que outros trabalhos surjam, (119)</p>	<p>Muito interessante</p> <p>Não perder informação</p> <p>Organizar informação</p> <p>Base para outros trabalhos</p>

### Utilização da plataforma como instrumento de aprendizagem

Subcategorias	Unidades de Sentido	Indicadores
Alunos	<p>É muito importante para as duas coisas, eu penso que sim. (125)</p> <p>por isso acho que a sua ideia é muito interessante para organizar e preservar essa informação. (141)</p> <p>podem acrescentar a esse trabalho (120)</p> <p>ou partir para um novo[trabalho] .(121)</p> <p>Se for na mesma localidade pode vir a acrescentar informação, (122)</p> <p>se for noutra distante pode ser o ponto de partida por exemplo até para comparar. (123)</p> <p>Como o nosso país que é tão pequeno e tem uma cultura tão vasta e tão distinta. (124)</p> <p>Por outro lado, levar a criança a pesquisar e descobrir essa realidade, a cultura, a nossa história, (128)</p>	<p>Importante para as duas coisas</p> <p>Organizar e preservar</p> <p>Acrescentar dados</p> <p>Partir para um novo trabalho</p> <p>Acrescentar informação local</p> <p>Comparar dados</p> <p>Pais pequeno muita cultura</p> <p>Descobrir a nossa história</p> <p>Diferencia de outros países</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>que o nosso povo tem uma tradição histórica e cultural que nos diferencia dos outros países (129)</p> <p>e dentro do próprio país, (130)</p>	Diferencia dentro do país
Pais		
Preservação da Identidade	<p>Neste mundo global, que é importante, estamos quase a perder a nossa identidade (135)</p> <p>que vamos perdendo porque não damos a conhecer, especialmente às crianças. (137)</p> <p>O património oral vai-se perdendo, (138)</p> <p>porque as pessoas de idade vão desaparecendo, (139)</p> <p>cada vez temos menos conhecimento dessas histórias, (140)</p> <p>e somos um dos povos mais antigos do mundo que tanta cultura deixou espalhada por esse mundo fora, desde Macau aos países africanos, (136)</p>	<p>Perder identidade</p> <p>Não damos a conhecer</p> <p>Perca do património oral</p> <p>Idosos vão desaparecendo</p> <p>Menos conhecimento</p> <p>Espalhámos cultura</p>

**Professor LU\_CB**

**Papel dos saberes ligados à cultura local no desenvolvimento das crianças**

SUBCATEGORIA	UNIDADE DE SENTIDO	INDICADORES
Função Educativa	<p>Têm importância (1)</p> <p>Esses conhecimentos que a criança transporta são muito importantes. (79)</p> <p>na medida em que a criança fica a saber coisas relacionados com a história do país(2)</p> <p>e com a história do local onde vivem. (3)</p>	<p>Têm importância</p> <p>Muito importantes</p> <p>História do país</p> <p>História local</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>Através do conto (3)</p> <p>desses serões que nós tínhamos fica-se a saber muita coisa (4)</p> <p>à laia de histórias contadas ficamos a saber muito (5)</p> <p>é pena que isso também se tenha vindo a perder.(6)</p>	<p>O conto</p> <p>Serões</p> <p>Histórias contadas</p> <p>Vai-se perder</p>
Função Social	<p>Quanto às associações acho que deviam ter esse papel, (11)</p> <p>mas demitem-se um bocadinho desse papel, (12)</p> <p>acho que deviam ter uma vertente mais cultural (14)</p> <p>é mais para tempos livres, desportos, (13)</p> <p>chamar a comunidade a participar, (18)</p> <p>em que a comunidade fosse envolvida, (15)</p> <p>haver mais serões culturais da aldeia, (16)</p> <p>haver mesmo dramatizações (17)</p> <p>Eu também acho que sim. [a criança ao conhecer melhor a sua cultura respeitará mais a dos outros) (74)</p> <p>que respeitam melhor.[a cultura dos outros] (75)</p> <p>E, além do mais, acho que isso se tem vindo a notar. (76)</p> <p>Já não dizem olha aquela é preta, já respeitam. (77)</p> <p>Aprendemos a respeitar a história dos outros quando os outros respeitam a nossa. (78)</p>	<p>Papel do Associativismo</p> <p>Associações demitem-se</p> <p>Vertente mais cultural</p> <p>Mais para Desportos</p> <p>Chamar a comunidade</p> <p>Falta envolvimento da comunidade</p> <p>Faltam serões culturais</p> <p>Faltam dramatizações</p> <p>Conhece a sua cultura respeita as outras</p> <p>Mais respeito pela cultura dos outros</p> <p>Nota-se a diferença de tratamento do outro</p> <p>Já não dizem “preta”</p> <p>Respeito mútuo</p>
Função compensatória	e para isso é necessário haver contrapartidas e as	

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>associações não estão muito viradas para aí, demitem-se desse papel. (19)</p> <p>Aí sim,[na aldeia do Ret.] mas aqui na cidade não se nota tanto.(20)</p> <p>Eu também acho, [que estamos a perder a nossa identidade e é preciso fazer alguma coisa] (20a)</p> <p>acho que estamos todos a ser globais. É a aldeia global. (21)</p> <p>trazem esses conhecimentos de casa, (66)</p> <p>Sim, é o sentido de partilha [conhecimentos de casa]. (70)</p> <p>e isso [conhecimentos de casa] é uma mais valia (67)</p>	<p>Associações demitem-se</p> <p>Associativismo na aldeia compensa falta de apoio</p> <p>Perder a identidade</p> <p>Aldeia global</p> <p>Trazem conhecimentos de casa</p> <p>Partilha</p> <p>Mais-valia</p>
--	---	---

### Referências às *janelas de cultura* no currículo oficial do 1º ciclo do ensino básico

Subcategorias	Unidades de Sentido	Indicadores
Estudo do Meio	<p>É no Estudo do Meio. (28)</p> <p>Porque é mais abrangente. (29)</p> <p>e então trabalhamos mais no Estudo do Meio(37)</p>	<p>Primeira área</p> <p>Mais abrangente</p> <p>Mais Estudo do meio</p>
Língua Portuguesa	<p>Na LP está implícita, (46)</p> <p>porque nós, ao lermos um documento em Estudo do Meio também estamos na Língua Portuguesa, estamos a interpretar.(47)</p>	<p>Está implícito</p> <p>interdisciplinaridade</p>
Expressões	<p>e esquecemo-nos mais das Expressões,(38)</p> <p>As Expressões às vezes são o parente pobre. (48)</p> <p>São um bocadinho esquecidas, (49)</p>	<p>Esquecem as expressões</p> <p>Parente pobre</p> <p>esquecidas</p>
Matemática		

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

Área de projeto		
Escolaridade		
Janelas de cultura no currículo do 1º ciclo	<p>Não. (30)</p> <p>Não estão explícitas. (31)</p> <p>Estão implícitas. (32)</p> <p>O facto de estarem implícitas, muitos de nós, às vezes, passamos um bocadinho ao lado. (33)</p> <p>Porque se houver interdisciplinaridade não se foca mais no Estudo do Meio, (34)</p> <p>podíamos fazer dramatizações, trabalhos de expressão plástica, fazer exposições, representar,(39)</p>	<p>Não é claro</p> <p>Não estão explícitas</p> <p>Estão implícitas</p> <p>Muitos passam ao lado</p> <p>Falta interdisciplinaridade</p> <p>Professor demite-se das Expressões</p>

### Organização das estratégias e atividades educativas na abordagem à cultura local

Subcategoria	Unidade de Sentido	Indicadores
Dinâmicas no processo ensino/aprendizagem da cultura local	<p>Quando tratamos de património local, fazemos visitas ao Castelo de Castelo Branco, (41)</p> <p>visitas ao Jardim do Paço(42)</p> <p>e tudo o que temos que seja significativo. (43)</p> <p>Aqui na cidade temos alunos que não são de cá, que veem de outros sítios, e também aqueles já de cá são e, por isso, também lhes transmitem. (71]</p> <p>Depois também há aqueles que não são de cá, alunos do Brasil e de outros países e eles também traqueiam um bocadinho a cultura deles (72)</p> <p>e então há ali uma transmissão de saberes mútuo.(73)</p>	<p>Visitas ao Castelo,</p> <p>Visitas ao Jardim do Paço</p> <p>Visitas ligadas ao tema</p> <p>Partilha</p> <p>Interculturalidade</p> <p>Transmissão de saberes</p>
Estimulação das crianças para a valorização do currículo oculto	<p>Sim. (62)</p> <p>Em diálogo. (63)</p>	<p>Sim</p> <p>Diálogo</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>Muitos já sabem, [quando fazemos a introdução a um tema perguntamos o que é que eles já sabem. ](65)</p> <p>É uma bagagem que a criança leva para a escola (7)</p> <p>e quando chega pode partilhar esses saberes com as outras crianças(8)</p> <p>o que vem enriquecer a cultura de cada um.(9)</p> <p>Nem mais, [ ao falar-se na sala de aula de aspetos ligados à cultura deles, ](22)</p> <p>A criança à medida que vai crescendo e nas salas de aula, por exemplo, a criança vai transmitindo, (24)</p> <p>porque eles até utilizam a linguagem deles(68)</p> <p>há discussões sobre a cultura de cada um,(25)</p> <p>a partilha entre uns e outros. (26)</p> <p>trazem esses conhecimentos de casa,(66)</p> <p>e isso é uma mais valia(67)</p> <p>que os outros colegas percebem melhor[a linguagem deles] por vezes do que aquela que nós utilizamos.(69)</p>	<p>Currículo oculto</p> <p>Bagagem da criança</p> <p>partilhar</p> <p>enriquecem todos</p> <p>sobe motivação</p> <p>Criança transmite</p> <p>Utilizam a sua linguagem</p> <p>Discussão sobre cultura de cada um</p> <p>partilha</p> <p>Trazem de casa</p> <p>Mais valia</p> <p>Linguagem deles facilita</p>
<p>Condicionalismo na realização de atividades sobre cultura local</p>	<p>Sim existem.(51)</p> <p>É o que temos que cumprir (52)</p> <p>e agora com os exames do 4º ano em abril torna-se tudo mais complicado,(53)</p> <p>mas como temos metas e objetivos a cumprir(35)</p> <p>só que com aquilo que nos exigem no currículo(39)</p>	<p>Existem</p> <p>Exigências do currículo</p> <p>Exames em abril</p> <p>Cumprir metas</p> <p>Exigências do currículo</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>nós também não temos tempo.(40)</p> <p>não fazemos a transversalidade dos conhecimentos(36)</p> <p>mas para além disso houve outra coisa, que não digo que seja mau, mas veio fazer com que essas áreas ficassem mais descuradas, que são as AEC.(54)</p> <p>O facto de haver AEC, eu acho que devia haver era um maior diálogo e articulação entre os professores titulares da turma e os professores das AEC (55)</p> <p>e, assim, esses temas podiam ser tratados em articulação.(56)</p> <p>Como há AEC nós também nos demitimos um bocadinho dessa parte. (57)</p> <p>Mas também com a articulação aquilo ficava assim em banho-maria. (58)</p>	<p>Falta de tempo</p> <p>Falta transversalidade</p> <p>AEC</p> <p>Falta de articulação AEC vs professor</p> <p>Articulação de temas</p> <p>Com AEC professor demite-se dessa área cultural</p> <p>Banho-maria</p>
--	---	---

### Artefactos para recolha orientada da informação sobre cultura local

Subcategorias	Unidades de sentido	Indicadores
Manual para recolha orientada sobre cultura local	Era importante, (80)	Importante
	e acho que nós como professores podíamos ajudar a fazer isso.(81)	Colaboração dos professores
	Assim, com o manual, podemos fazer uma recolha, organizá-la e fazer um documento, (83)	Manual ajuda
	que pode ir para a biblioteca e fica em inventário.(84)	Inventário
	Fica-se a saber que já há alguma coisa sobre aquele tema, (85)	Informação sobre um tema
que poderá vir a ser completado, não fica ali,	Evolutivo	

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>não para, continua,(86)</p> <p>e à medida que vão vindo sempre aumentando outros alunos aquilo vai aumentar, o livro vai aumentando, pode ser nessa perspetiva.(87)</p>	<p>Livro aumenta</p>
Organização dos trabalhos produzidos pelas crianças	<p>Nós temos um defeito de profissão “ai eu faço aquilo” mas não está nada registado. (82)</p>	<p>Falta de registo organizado</p>
Fontes de informação	<p>Para além disso recorreremos à Internet (44)</p> <p>Nós precisamos, vamos à Internet e procuramos. (92)</p> <p>que é aquilo [Internet] que toda a gente faz.(45)</p> <p>Quando queremos essas coisas vamos às páginas das cidades, às juntas de freguesia e procuramos. (100)</p>	<p>Internet</p> <p>Procuramos na Internet</p> <p>Todos recorrem à Internet</p> <p>Pesquisam nas páginas das cidades e j. freguesia</p>
Base de dados dinâmica	<p>Sim era importante. (88)</p> <p>Por isso [os livros deixam de ter um algum significado para os nossos alunos considero isso muito importante]. (97)</p> <p>Não há um site específico para isso, mas devia haver. (99)</p> <p>mas assim [numa base de dados dinâmica, com <i>upload</i> e <i>download</i> de dados] era tudo muito mais organizado. (101)</p> <p>Acho que era aquilo que eu estava a dizer só que era em suporte de papel... (89)</p> <p>No mundo em que vivemos e para onde caminhamos, os livros deixam de ter um algum significado para os nossos alunos. (90)</p> <p>A enciclopédia Luso Brasileira está ultrapassada.</p>	<p>Importante</p> <p>Livros perdem algum significado par alunos</p> <p>Não há site específico</p> <p>Muito mais organizado</p> <p>Suporte papel</p> <p>Livros perdem para digital</p> <p>Enciclopédia LB em papel ultrapassada</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>(91)</p> <p>Por isso acho que isso é muito importante (93)</p> <p>porque agora os miúdos estão muito mais virados para isso [Internet].(94)</p> <p>É mais fácil eu dizer-lhe vai ao <i>site</i> tal e ele vai, (95)</p> <p>mas se eu lhe disser vais à biblioteca procurar na estante número tal ele não vai. (96)</p> <p>Entretanto acho que dever ser em suporte informático e em papel, acho que as duas partes complementam-se. (98]</p>	<p>Muito importante</p> <p>Mais virados para a Internet</p> <p>É mais fácil irem à Internet</p> <p>Não vão à prateleira X da biblioteca</p> <p>Suporte digital e papel</p>
--	---	--

### Utilização da plataforma como instrumento de aprendizagem

Subcategorias	Unidades de Sentido	Indicadores
Alunos	Na sala de aula pode servir como motivação, (102)	Na sala de aula sobem níveis de motivação
	eles ficam mais motivados, (103)	Mais motivados
	e é motivador em contexto de sala de aula. (112)	É motivador
	porque a cor e o movimento sobem os níveis de motivação, (104)	Cor e movimento motivam
	Em casa partimos do pressuposto que já toda a gente tem Internet (106)	Internet em casa
	e esse site que diz vai facilitar os trabalhos de casa. (107)	Facilita trabalhos de casa
	É mais prático o aluno chegar a casa e pede ajuda ao pai e à mãe para pesquisar (108)	Mais prático em casa
É facilitador de aprendizagem em casa (111)	Facilita a aprendizagem em casa	
Pais	o pai e a mãe, ao irem ao	Pais beneficiam

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>site, podem também beneficiar com aquilo que estão a fazer (109)</p> <p>porque eles até podem nem saber e ficam a saber com a pesquisa que o filho precisa. (110)</p>	Interesse fomentado pelos filhos
Professores	até para nós sobem (os níveis de motivação]. (105)	Motiva professores

**Professor MF\_CB**

**Papel dos saberes ligados à cultura local no desenvolvimento das crianças**

SUBCATEGORIA	UNIDADE DE SENTIDO	INDICADORES
Função Educativa	<p>Eu acho que sim. (1)</p> <p>Os alunos são todos daqui da cidade. (3)</p> <p>No entanto, a família, são poucas as que contribuem para isso. (2)</p> <p>A família hoje corre muito e demite-se pura e simplesmente dessas coisas. (4)</p> <p>Porque para os pais, como estão a trabalhar até tarde, (6)</p> <p>Outros [pais] saem de uns empregos e vão para outros, (7)</p>	<p>Importantes</p> <p>Alunos da cidade</p> <p>Família não contribui</p> <p>Família demite-se</p> <p>Pais trabalham até tarde</p> <p>Pais sem tempo</p>
Função Social	<p>No entanto as associações são importantes (5)</p> <p>Aí, as associações têm papel importantíssimo (10)</p> <p>Os alunos vão para as associações. (8)</p> <p>Aí sim, nas associações eles uns com os outros. (9)</p> <p>e ajudam o seu desenvolvimento (11)</p> <p>e enriquecem-nos, (12)</p>	<p>Associações são importantes</p> <p>Associações são importantíssimas</p> <p>Alunos frequentam associações</p> <p>Nas associações partilham</p> <p>Ajudam no desenvolvimento</p> <p>Enriquecem</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

Função Compensatória	<p>Ao mesmo tempo, como há crianças de vários sítios, eles uns com os outros, partilham esses conhecimentos. (14)</p> <p>seja desporto, seja música, seja aquilo que for, eles ficam mais ricos com mais essa experiência. (13)</p> <p>por isso é que eu acho que é importante a criança, e até mesmo no JI haver já a preocupação de transmitir esses saberes. (23)</p>	<p>Partilha</p> <p>Associativismo enriquece</p> <p>Cultura local desde o JI</p>
----------------------	--	---

### Referências às *janelas de cultura* no currículo oficial do 1º ciclo do ensino básico

Subcategorias	Unidades de Sentido	Indicadores
Estudo do Meio	O Estudo do Meio. (15)	Primeira área
Língua Portuguesa	Mas não quer dizer que em LP não se trabalhe também esse aspeto (16)	Segunda área
Expressões		
Matemática	e na Matemática aconteceu muitas vezes este ano. (17)	Terceira área
AEC		
Manuais escolares	<p>Porque o que vem nos livros é Lisboa Porto e outras cidades quaisquer que não têm nada a ver. Nunca apareceu. (21)</p> <p>Os exemplos [nos livros] têm a ver com as grandes cidades e não com o nosso interior. (23)</p> <p>Vi este ano pela primeira vez, no livro de EM falarem na parte alimentar sobre o queijo da Serra da Estrela como um aspeto mais ligado à cultura local, porque não se via. (22)</p> <p>Eles iriam gostar muito de encontrar nos livros essas coisas: - olha vem cá a nossa terra, os nossos usos e costumes. (34)</p>	<p>Referencias nos manuais só de Lisboa e Porto</p> <p>Exemplos não são do interior</p> <p>EM aparece o queijo da Serra de Estrela</p> <p>Deviam trazer mais exemplos locais</p>
Janelas de cultura no	Não. (19)	Não está claro

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

currículo do 1º ciclo	Porque nós, professores, é que temos que levar para a cultura local. (20)	Depende do Professor
	Nós professores é que temos que adaptar. (24)	Professor adapta

### Organização das estratégias e atividades educativas na abordagem à cultura local

Subcategoria	Unidade de Sentido	Indicadores
Dinâmicas no processo ensino/aprendizagem da cultura local	<p>Fomos pesquisar quando é que Castelo Branco tinha tido o foral, (25)</p> <p>fomos pesquisar a história do Amato Lusitano.(26)</p> <p>Os meninos que eu tenho, são meus desde o 1º ano e vão entrar no 4º ano , (31)</p> <p>eram miúdos que gostavam de saber muito. (32)</p> <p>Todas as perguntas que eles fizessem dentro da sala de aula eu respondia, se por acaso houvesse alguma dúvida no dia seguinte esclarecia-se. (33)</p> <p>A Sr.<sup>a</sup> de Mércoles, toda essa história, da gastronomia. (38)</p> <p>quando demos o perímetro, a área, íamos buscar aspetos ligados à cultura local. (18)</p>	<p>Desenvolvimento de competências</p> <p>Pesquisam Amato Lusitano</p> <p>Continuidade educativa</p> <p>Alunos curiosos</p> <p>Trabalho do professor</p> <p>Sr.<sup>a</sup> de Mércoles</p> <p>Cultura local e matemática</p>
Estimulação das crianças para a valorização do currículo oculto	<p>Sim, claro. (41)</p> <p>De forma espontânea. (42)</p> <p>Eles falam. (43)</p> <p>Estão tão habituados a isso desde o 1º ano de escolaridade (44)</p> <p>porque eles quando têm alguma coisa perguntam (45)</p> <p>e depois há uma partilha com toda a turma.(46)</p> <p>Sim, claro. [o aluno fala</p>	<p>Sim.</p> <p>Participação espontânea</p> <p>Alunos falam</p> <p>Falam desde o 1º ano</p> <p>Alunos perguntam</p> <p>Partilha na turma</p> <p>Aluno fala sobre a festa</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>sobre a festa da Sr.<sup>a</sup> de Mércules] Fala sobre isso.(47)</p> <p>Partilha com toda a turma, mesmo com aqueles que não foram lá. (48)</p> <p>Foram à Sr.<sup>a</sup> do Almutão, no Concelho de Idanha a Nova e conversámos muito sobre esse assunto. (49)</p>	<p>Partilha com todos</p> <p>Conversam sobre cultura local</p>
<p>Condicionalismo na realização de atividades sobre cultura local</p>	<p>Sim. [existem constrangimentos] (30)</p> <p>Depois, também não temos muito tempo, (28)</p> <p>tenho uma turma muito grande.(29)</p> <p>porque a turma não era homogénea (35)</p> <p>e tinha-mos que acelerar um pouco.(36)</p> <p>A própria extensão do currículo obriga a gente a ter que parar um pouco. (37)</p> <p>porque estão mais virados para jogos. (40)</p>	<p>Existem</p> <p>Pouco tempo</p> <p>Turma grande</p> <p>Turma heterogénea</p> <p>Professor acelera programa</p> <p>Currículo extenso</p> <p>Jogos em casa</p>

### Artefactos para recolha orientada da informação sobre cultura local

Subcategorias	Unidades de sentido	Indicadores
Fontes de recolha de informação	<p>[essa pesquisa] Foi através da Internet. (27)</p> <p>Sim, mas em casa já só alguns, 39)</p>	<p>Pesquisa na sala de aula</p> <p>Pesquisa em casa só alguns</p>
Manual para recolha orientada sobre cultura local	<p>Era muito bom. (32)</p> <p>Até para o aluno. (33)</p> <p>Eles iriam gostar muito de encontrar no livro essas coisas: os nossos usos e costumes. (52)</p> <p>Ah! Assim podia ser um ponto de partida, (53)</p>	<p>Muito bom</p> <p>Para o aluno</p> <p>Motivação doa alunos</p> <p>Ponto de partida</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	podíamos trabalhar com mais orientação.(54)	Mais orientação
Base de dados dinâmica	<p>É muito interessante, (55) [uma base de dados dinâmica, com <i>upload</i> e <i>download</i> de dados em um <i>site</i> na Internet],</p> <p>era bom que isso acontecesse.(56)</p> <p>Porque sempre que quisesse chegava ali, ia pesquisar (57)</p> <p>e aprendia.(58)</p> <p>Até mesmo para os pais em casa.(59)</p>	<p>Muito Interessante</p> <p>Era bom</p> <p>Pesquisar</p> <p>Aprender</p> <p>Para os pais em casa</p>

### Utilização da plataforma como instrumento de aprendizagem

Subcategorias	Unidades de Sentido	Indicadores
Alunos	<p>Pois é interessante, (60)</p> <p>porque na sala de aula os miúdos iam ver toda a documentação que lá houvesse.(61)</p> <p>Fora da sala de aula, com os pais em casa, iam também ver (62)</p> <p>são persistentes e falam sobre o que aconteceu, nas coisas que foram pesquisar e naquilo que foram fazer, (67)</p>	<p>Interessante</p> <p>Pesquisa de informação na sala de aula</p> <p>Com os pais em casa</p> <p>Coisas que foram pesquisar</p>
Pais	<p>e ao mesmo tempo estavam também a informar-se(63)</p> <p>porque há muitos pais que vivem na cidade e não fazem a menor ideia das coisas que os rodeia(64)</p> <p>e com os miúdos aprendiam também,(65)</p> <p>porque há miúdos muito interessados que “obrigam” depois os próprios pais a estar com eles, (44)</p>	<p>Pais mais informados</p> <p>Pais da cidade desinformados</p> <p>Pais aprendiam</p> <p>Interesse fomentado pelos filhos</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>mas há aqueles que se dedicam e que estão com os filhos e acabam também por ver o trabalho que se faz. (47)</p> <p>embora, como em todo o lado, há muitos que não ligam e não querem saber, (68)</p>	<p>Visibilidade do trabalho realizado</p> <p>Pais desinteressados</p>
Outros sujeitos/lugares	Seria bom porque está sempre disponível em qualquer lado. (70)	Conhecimento do <i>site</i>

**Professor LL\_COV**

**Papel dos saberes ligados à cultura local no desenvolvimento das crianças**

SUBCATEGORIA	UNIDADE DE SENTIDO	INDICADORES
Função Educativa	<p>Eu acho que é extremamente importante, (1)</p> <p>São muito importantes os saberes que trazem de casa, os do dia a dia, das suas brincadeiras. (5)</p> <p>e fizemos uma sessão de jogos tradicionais, que muitos miúdos nem tinham conhecimento. (27)</p> <p>Eu nunca tinha visto.[tosquia] (37)</p> <p>Efetivamente vimos que a tosquia era feita já de uma forma diferente, com uma máquina. (38)</p>	<p>É extremamente importante</p> <p>De casa, das brincadeiras</p> <p>Aquisição de novos (velhos) conhecimentos</p> <p>Professor desconhecia a tosquia</p> <p>Tosquia moderna</p>
Função Social	Culturalmente falando, trazem vivências não só dos familiares como também de outras situações, que conseguem complementar através dos legados de família, de amigos e outros. (6)	Legados de família, amigos e outros
Função compensatória		

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

### Referências às *janelas de cultura* no currículo oficial do 1º ciclo do ensino básico

Subcategorias	Unidades de Sentido	Indicadores
Estudo do Meio	No Estudo do Meio, sem sombra de dúvidas (7)	Primeira área
Língua Portuguesa	se bem que pode haver um paralelismo com a Língua Portuguesa. (8)  Em relação à LP faz-se. (22)	Segunda área  Faz-se
Expressões	Ligado às expressões, depois acabámos por fazer a articulação com os professores das extra curriculares (26)	Articulação com AEC
Matemática		
Apoio ao estudo	e até foi desenvolvido no apoio ao estudo porque é um complemento, e deu perfeitamente para desenvolver essa atividade? (29)	Desenvolver essa atividade
Escolaridade		
Janelas de cultura no currículo do 1º ciclo	Ela é claríssima. (14)  Porque ele está lá, o passado do meio local, está lá referenciado. (10)  No terceiro ano de escolaridade é um dos conteúdos programáticos, (11)  Relativamente à LP, é claro no programa, mas não é uma coisa que se faça continuamente. (21)	Está claro  Está referenciado  No 3º ano é um conteúdo  É claro em LP

### Organização das estratégias e atividades educativas na abordagem à cultura local

Subcategoria	Unidade de Sentido	Indicadores
Dinâmicas no processo ensino/aprendizagem da cultura local	Depende da forma como o professor trabalha. [as questões relacionadas com a cultura local no currículo oficial] (9)  depende se os professores os trabalham ou não. (12)  A escola onde estou a lecionar este ano, na Boi., é	Depende das opções do professor  Professor trabalha ou não  origem dos alunos, cultura

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>uma escola que está na periferia da cidade e, como tal, não são meninos com o perfil idêntico aos da cidade. (32)</p> <p>Miúdos que vivem do campo e que têm um tipo de cultura completamente diferente da minha porque eu sou da cidade. (33)</p> <p>Nós trabalhamos, este ano. (13)</p> <p>Sei que é um conteúdo que se pode passar por cima dele. (15)</p> <p>Quando aparece esse conteúdo programático nós temos que o dar. (16)</p> <p>Desde trabalhos de pesquisa e investigação, procura de lendas, de cantigas populares, jogos tradicionais. (17)</p> <p>Este ano fiz um levantamento. Como é o 3º ano, já os introduzi nos trabalhos de pesquisa, já fizemos levantamentos sobre o passado do meio local (18)</p> <p>[por exemplo] Eu estou na Boidobra, não sabia a lenda da Boidobra e fiquei a saber. É um dos exemplos que achei bastante enriquecedor. (19)</p> <p>Apareceu mais do que uma versão, da mesma lenda, deu para fazer o confronto entre as duas versões. (20)</p> <p>Em relação às versões [das Lendas] que nos vieram, trabalhamos os tipos de textos, fizemos entrevistas. Deu perfeitamente para se incluir o passado do meio local. (23)</p> <p>Sim. [entrevistas sobre a cultura local]. (24)</p>	<p>diferente</p> <p>Cultura rural vs urbana</p> <p>Professor decide</p> <p>Pode não ser opção para o professor</p> <p>Conteúdo obrigatório</p> <p>Desenvolvimento de capacidades</p> <p>Trabalho colectivo sobre meio local no 3º ano</p> <p>Bastante enriquecedor</p> <p>Trabalho do professor Na dinamização da cultura local</p> <p>Versões de lendas</p> <p>Entrevistas sobre cultura local</p>
--	---	---

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>Eles jogaram berlinde, viram o que era jogar ao berlinde, nós fizemos lá as pocinhas, (28)</p> <p>No final [da visita ao Museu de Lanifícios] fomos ver uma tosquia de ovelhas. (36)</p>	<p>Recriam jogos tradicionais infantis</p> <p>Tosquia de ovelhas</p>
<p>Estimulação das crianças para a valorização do currículo oculto</p>	<p>Claro que exploro. (31)</p> <p>Mas eu tenho alunos, nomeadamente uma miúda que tem um rebanho e que me explicava como é que o pai fazia com o corte à tesoura. Obviamente que isso foi aproveitadíssimo. (39)</p> <p>Exatamente. [É um bom exemplo de exploração do conhecimento de que o aluno é portador] (40)</p> <p>E faz-se diariamente de forma espontânea, põe o seu conhecimento à prova e partilha esse conhecimento com os outros. (41)</p>	<p>Explora currículo oculto</p> <p>Aproveitar ao máximo os conhecimentos deles</p> <p>Exemplo do conhecimento da aluna</p> <p>Partilha espontânea na sala de aula</p>
<p>Condicionalismo na realização de atividades sobre cultura local</p>	<p>Não de modo algum. [O programa não impede. A escola não impede] Eu consigo fazer. (30)</p> <p>porque há outro tipo de coisas que de certa forma os aliciam mais. (3)</p> <p>[por exemplo] os computadores, as <i>playstation</i>, os <i>video-games</i>, ... (4)</p> <p>nomeadamente porque os nossos alunos, hoje em dia, convivem com essas realidades mas na realidade, na própria escola, muitas vezes, nós não conseguimos motivá-los, (2)</p>	<p>Programa e escola não impedem mas ...</p> <p>“Concorrentes” da escola</p> <p>Playstation, videojogos</p> <p>Professor tem dificuldade em motivar</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

### Artefactos para recolha orientada da informação sobre cultura local

Subcategorias	Unidades de sentido	Indicadores
Fontes de recolha de informação	<p>Este ano fizemos uma atividade que achei muito interessante que foi a rota dos museus. (34)</p> <p>Fomos ao Museu de Lanifícios e o museu veio à escola. (35)</p>	<p>Rota dos Museus</p> <p>Museu vem à escola</p>
Organização dos trabalhos produzidos pelas crianças	[com as recolhas] Fizemos um boletim informativo, fizemos os textos informativos. (25)	Boletim Informativo
Manual para recolha orientada sobre cultura local	<p>Eu acho que era fantástico porque nos poupava imenso trabalho. (42)</p> <p>Se nós tivermos esse trabalho feito, e com a azáfama que andamos sempre com a monodocência e a quantidade de conhecimentos que tem que ter eu acho que isso seria ótimo e que nos facilitaria imenso o trabalho.(43)</p>	<p>Poupava tempo</p> <p>Facilitaria muito o trabalho</p>
Base de dados dinâmica	<p>Continuo a achar fantástico [uma base de dados dinâmica, com <i>upload</i> e <i>download</i> de dados em um <i>site</i> na Internet] .(44)</p> <p>Porque mais uma vez temos que dizer que a Internet veio ocupar muito á nossa vida, mas ela continua ser uma mais valia, porque nós temo-la ao nosso dispor e havendo um computador dentro de uma sala de aula, rapidamente nós chegamos à informação pretendida.(45)</p>	<p>Fantástico</p> <p>Internet é uma mais valia</p>

### Utilização da plataforma como instrumento de aprendizagem

Subcategorias	Unidades de Sentido	Indicadores
Alunos	<p>e havendo essa plataforma seria fácil para os alunos a consultarem. (47)</p> <p>Seria ótimo para nós. (48)</p>	<p>Fácil para os alunos consultarem</p> <p>Ótimo para nós</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>Era muito interessante. Este ano é 3º ano, também desenvolvemos a utilização das novas tecnologias, foi criado um grupo de alunos, e falamos no MSN, (46)</p> <p>Eu falo em meu nome, a forma com se trabalha esse conteúdo, facilitava imenso, (49)</p> <p>Seria ótimo esse modelo, se assim nós podemos considerar, de forma a nós podermos consultar, acrescentar e os alunos também. (51)</p> <p>Seria, para mim, 5 estrelas. Parabéns pelo tema.(52)</p>	<p>3º ano conteúdo TIC</p> <p>Facilitava imenso</p> <p>Consultar e acrescentar</p> <p>5 estrelas</p>
Outros sujeitos	<p>porque nós de fora não conhecemos muitas realidades locais.(50)</p>	<p>Conhecimento do local</p>

**Professor LM\_COV**

### **Papel dos saberes ligados à cultura local no desenvolvimento das crianças**

Subcategoria	Unidade de Sentido	Indicadores
Função Educativa	<p>Muito importantes, (7)</p> <p>Para mim é muito importante porque são vivências que as crianças aprendem (1)</p> <p>A escola, posteriormente, dá-lhe outro tipo de socialização que é, obviamente, o currículo nacional com outros conhecimentos que veem complementar os primeiros que eles adquiriram. (3)</p> <p>Essa conjugação de saberes permite uma maior capacidade da criança de desenvolvimento global, (4)</p> <p>Sim.[os alunos identificam-se com aquilo que aprendem] (29)</p>	<p>Muito Importantes</p> <p>Vivências que ensinam</p> <p>O currículo formal como complemento</p> <p>Conjugação de saberes, maior desenvolvimento global</p> <p>Identificam-se com o aprendido</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>Criar a identidade local, o conhecimento local sobre os monumentos, a música, a etnografia, (31)</p> <p>Há uma margem. Conseguem-se sempre introduzir essas atividades, porque depois também tem o lado pedagógico que é explorado em termos pedagógicos, (54)</p> <p>se os alunos vão assistir a um concerto de música a expressão musical está ali implícita, (55)</p> <p>se vão a uma peça de teatro também em termos de LP vai explorar essa parte, que é a linguagem teatral, (56)</p> <p>expressão dramática e também a música, o teatro também é música. (57)</p>	<p>Atividades promovem identidade</p> <p>Exploração pedagógica</p> <p>Concerto liga à expressão musical</p> <p>Teatro liga à LP</p> <p>expressão dramática liga á música</p>
<p>Função Social</p>	<p>e no meu entender é a primeira socialização que eles adquirem são precisamente esses conhecimentos que vêm da família, dos amigos, dos locais onde eles passam o tempo e assimilam esses conhecimentos. (2)</p> <p>a cultura local, que eu acho que é muito importante e que se deve valorizar a participação por exemplo em ranchos infantis. (12)</p> <p>O associativismo tem um papel importante em preservar costumes, saberes, (13)</p> <p>E, de facto, a participação precoce dessas crianças é uma mais valia para eles, (14)</p> <p>mas que depois também transmitem aos outros. (15)</p> <p>E com a música é a mesma coisa, pois vão assimilar</p>	<p>São a primeira socialização</p> <p>Muito importante a participação em ranchos infantis</p> <p>Associativismo</p> <p>Mais valia</p> <p>Partilha</p> <p>Pela música assimilam saberes antigos que não são</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>esses saberes antigos, o que é muito diferente, acho eu, daquilo que eles todos vêm na televisão e todos têm acesso. (16)</p> <p>Uma coisa é o aprofundamento, é o conhecimento do meio, é de facto a tal identidade de que falou há pouco e que eu acho extremamente importante. (30)</p> <p>Temos alunos de vários sítios, aqui mesmo da Covilhã. Mas o Rodrigo tem alunos do Teixoso, do Canhoso, de vários locais e nessas vários locais, de facto, as vivências são diferentes. (67)</p>	<p>globais</p> <p>Conhecimento do meio da identidade</p> <p>Diferentes locais - diferentes vivências</p>
Função compensatória	<p>portanto a criança fica com uma globalidade e não fica restringida aquilo que lhe ministram, mas também a assimilação. (5)</p> <p>Penso que a criança é mais uma assimilação que faz no meio e na família, e a escola, aí, é mais um contributo geral que dá para a formação específica do programa. (6)</p> <p>e nós constatamos que aquilo que se pretende, em meu entender, na escola é depois uniformizar a formação para todos, que a escola proporciona para todos, (10)</p>	<p>Assimila na escola com base no que traz,</p> <p>O todo é mais do que a soma das partes</p> <p>A escola tenta uniformizar a formação para todos</p>
Condição familiar	<p>As vezes aquilo a que chamamos de cultura geral, em função também do nível de formação e também socioeconómico, nem todas as famílias têm a possibilidade de dar a mesma formação e há diferenciação (9)</p> <p>mas a família diferencia e a participação, ou não, dos alunos em atividades ligadas à cultura local também, (11)</p>	<p>Depende do nível de formação das famílias</p> <p>Família diferencia a participação dos alunos</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

### Referências às *janelas de cultura* no currículo oficial do 1º ciclo do ensino básico

Subcategorias	Unidades de Sentido	Indicadores
Estudo do Meio	Penso que há uma área em que nos permite de facto um maior contato com o meio local que é o Estudo do Meio (17)	Primeira área
Língua Portuguesa	Na LP também há possibilidade, porque permite desenvolver temas locais, nomeadamente lengalengas, trava línguas, (21)  também pegar em letras de canções locais que de facto dizem alguma coisa ao meio, (22)  e trabalhar em termos de LP e de Música como por exemplo a Covilhã Cidade Neve que é uma canção que dá uma identidade e será mais nessas áreas que há mais potencial. (23)	Possibilidade de desenvolver temas locais  Letras das canções ensinam  Covilhã Cidade Neve e a Identidade local
Expressões	e as Expressões, nomeadamente a música (18) São áreas [EM e Expressões] em que temos, de facto, maior manobra de trabalhar, de recolher e de mobilizar e sensibilizar as crianças, (19)	Segunda área  Maior espaço de manobra
Matemática	a Matemática é um bocado difícil porque não se enquadra muito (20)	Não se enquadra muito
Área Escola	Recordo-me que quando havia o projeto área-escola faziam-se trabalhos extraordinários mesmo em termos de aspetos monográficos (85)	Faziam-se trabalhos extraordinários
Janelas de cultura no currículo do 1º ciclo	Não,(24) Não.(33)  eu penso que no PCT é que podemos introduzir aquilo que nós achamos como objetivos e competências que eles devem ter em	Não é claro  O currículo é abrangente

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>termos de cultura local, porque o currículo nacional é abrangente. (25)</p> <p>Exatamente. [só no âmbito do PCT é que de facto os professores têm, eventualmente, oportunidade de aprofundar um ou outro tema que tenha a ver com a cultura local, porque de outra forma, o currículo oficial é de cariz generalista e portanto não dá essa possibilidade.] (34)</p> <p>Eu recordo-me que há uns anos atrás no EM havia temas que podiam ser trabalhados só localmente. (26)</p> <p>Porque estarmos a falar, não é que não se fale, nas atividades económicas, nos sectores de atividade, a aprofundar o tema da pesca a estes alunos pouco lhes dirá. (27)</p> <p>Assim como no litoral estarem a aprofundar e a elaborar trabalhos sobre a agricultura também estamos na mesma situação. (28)</p>	<p>Só no PCT incluímos objetivos e competências em cultura local</p> <p>Antes EM era mais ligado à cultura local</p> <p>Litoral vs Interior</p> <p>Agricultura vs Pesca</p>
--	--	---

### Organização das estratégias e atividades educativas na abordagem à cultura local

Subcategoria	Unidade de Sentido	Indicadores
Dinâmicas no processo ensino/aprendizagem da cultura local	<p>acho que [Criar a identidade local, o conhecimento local sobre os monumentos, a música, a etnografia] é fundamental e que a escola também tem essa responsabilidade. (32)</p> <p>Há um plano de atividades que é comum ao 1º Ciclo do agrupamento, depois também há a introdução de determinadas atividades de escola e depois de turma. (36)</p> <p>De forma gradual há a possibilidade de em termos gerais se introduzirem</p>	<p>Responsabilidade da escola</p> <p>Programação por ciclo, no agrupamento</p> <p>Atividades que vão surgindo</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>atividades específicas. (37)</p> <p>Há datas que são efetivamente planificadas e referidas em termos de planificação geral que fazem parte do plano de atividades e que têm a ver com a cultura local, nomeadamente em termos de agrupamento. (38)</p> <p>Estamos a falar de atividades que todos os anos são referidas.(44)</p> <p>[por exemplo] No dia do patrono é referido o Pêro da Covilhã (39)</p> <p>e tenho a certeza que todos os alunos do agrupamento ano após ano vão acrescentando algo na planificação do 1º até ao 6º ano (40)</p> <p>e que ficam a conhecer a vida e aquilo que representa o Pêro da Covilhã e a importância que foi na época para a cidade da Covilhã e daí ser o patrono do agrupamento e do hospital, não é por acaso mas é preciso conhecer.(41)</p> <p>Temos também o dia da cidade, em que também é referida a fundação e todo o historial da Covilhã. (42)</p> <p>também é um fator importante do conhecimento da cultura local. (43)</p> <p>Depois temos também atividades no âmbito de entidades locais que nos ajudam a transmitir o que a cidade desenvolve o que a cidade tem, nomeadamente o <i>Museu de Lanifícios</i> onde é frequente a visita, (45)</p> <p><i>Os Dias da Ubi</i> em que os alunos do 4º ano, 3º e depois do 2º e 3º ciclo tem um contato, mas concretamente</p>	<p>Planificação do agrupamento inclui aspetos da cultura local</p> <p>Atividades anuais</p> <p>Exemplo de atividade sobre cultura local</p> <p>Alunos acrescentam informações ao plano</p> <p>Pêro da Covilhã é preciso conhecer</p> <p>Exemplo de atividade sobre cultura local</p> <p>Conhecimento da cultura local</p> <p>Desenvolver conhecimento sobre cultura local,</p> <p>Participação de entidades locais (UBI)</p>
--	--	--

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.

	<p>o 1º ciclo também vão à Ubi conhecer os departamentos, ter o conhecimento do que é uma universidade e a importância de uma universidade. (46)</p> <p>Falando na minha turma, também este ano tivemos uma atividade promovida pela Faculdade de Medicina da UBI, <i>Um Hospital Faz de Conta</i>, em que as crianças do 1º ano e do pré-escolar têm oportunidade de lá ir. (47)</p> <p>Mais atividades que são desenvolvidas em termos locais, por exemplo o Teatro das Beiras também tem uma articulação muito grande com as escolas não precisam de ir lá ao teatro. Isto é uma sensibilização também para a cultura, que é uma articulação e que consta do PA, assim como a banda de música também está a ter uma articulação muito boa com as escolas através da participação em expressão plástica das escolas no festival da “xerovia”. No dia mundial da criança houve uma audição com a banda de música no Teatro Municipal, penso que esta articulação é ótima em termos de promoção da cultura local. (48)</p> <p>Eu acho que é uma mais valia porque eu noto a satisfação e a motivação, (58)</p> <p>e às vezes há uma coisa que eu fico não muito de acordo com alguns colegas, porque eles dizem - lá vão-se portal mal. Mas a experiência que eu tenho é que os alunos ao gostarem da atividade eles portam-se muito bem e já tivemos essa experiência, no Teatro Municipal, à volta de 900 crianças das escolas todas em que eles estiveram</p>	<p>Aproveitar promoção de atividades por outras entidades (Faculdade de Medicina da UBI)</p> <p>Mais exemplos de articulação com outras entidades para a promoção da cultura</p> <p>Sobem os níveis de motivação</p> <p>Gostam da atividade e portam-se bem</p>
--	--	---

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>com toda a atenção a ouvir. (59)</p> <p>Desde que a atividade seja motivante. (60)</p>	<p>Atividade deve ser motivante</p>
<p>Estimulação das crianças para a valorização do currículo oculto</p>	<p>Acontece. (61)</p> <p>Há alunos que têm vivências muito díspares e, de facto, em qualquer sala de aula há alunos que são um contributo, uma mais valia para a turma. (62)</p> <p>Isso é um incentivo da parte desses alunos que portanto motivam os outros também à procura desse saber, nomeadamente a procurar aos pais, aos avós, (63)</p> <p>Pelo menos nas minhas aulas tento aproveitar o máximo a participação deles, porque é uma participação muito rica, muito genuína e que incentiva os outros também a participar na aula, (65)</p> <p>eu não sou adepto muito do ensino direto, eu privilegio a aprendizagem e aprendizagem é com todos, porque há coisas que eles me trazem que eu desconhecia, em termos locais, porque eu não domino totalmente o local. (66)</p>	<p>Espontâneo</p> <p>Mais valia para a turma</p> <p>A partilha é incentivo para os outros</p> <p>Aproveita ao máximo</p> <p>Professor também aprende</p>
<p>Condicionalismo na realização de atividades sobre cultura local</p>	<p>e nós na escola temos essa possibilidade. (8)</p> <p>Os constrangimentos muitas vezes são económicos. É o tal problema de termos que arranjar dinheiro, ou melhor, a escola não tem possibilidades. (49)</p> <p>Os pais é que, ao fim e ao cabo, financiam (50)</p> <p>e o financiamento prende-se muitas vezes com o transporte, porque por exemplo para irmos assistir à banda, no Teatro Municipal,</p>	<p>A escola não impede</p> <p>Há problemas de ordem económica</p> <p>Pais financiam</p> <p>Especialmente o custo de transporte</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>as crianças tem que ir no transporte e então os pais participam o transporte, já que a entrada é não paga. (51)</p> <p>Sim, o custo das atividades. [pode ser um constrangimento] (52)</p> <p>Tem, sim. [margem de manobra em termos de lecionação do currículo] (53)</p>	<p>Custo das atividades é constrangimento</p> <p>Currículo não impede</p>
--	--	---

### Artefactos para recolha orientada da informação sobre cultura local

Subcategorias	Unidades de sentido	Indicadores
Fontes de recolha de informação	<p>A questão do acesso, temos o caso da plataforma Moodle, que o Centro de Formação tem implementado e que permite o acesso mediante um registo. (88)</p> <p>Há professores que já têm blogues de apoio aos alunos. (95)</p> <p>O problema [dos Blogues] está se têm todos acesso ou não. Às vezes é o problema de a intenção ser muito boa e de facto é, mas é preciso colocar o problema se todos têm acesso ou não. (96)</p> <p>O site da Câmara, por exemplo, no dia da Cidade é muito importante, queremos saber alguma atividade da Banda da Covilhã, vamos ao site e é uma forma de incentivar a pesquisa, e de recolher o que nos interessa.(98)</p>	<p>Plataforma Moodle</p> <p>Blogues</p> <p>Nem todos têm acesso</p> <p>Site da CMC incentiva a pesquisa</p>
Organização dos trabalhos produzidos pelas crianças	<p>porque quando eu proponho uma recolha por exemplo de provérbios, de quadras populares, as janeiras, que é uma atividade que eles gostam. Esse tipo de recolha que eles fazem junto da família dos avós dos vizinhos, às vezes é uma</p>	

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>espécie de competição, porque depois podemos fazer um placard, feita a recolha e fica a identificação de quem trouxe, aí está também o contributo deles. (64)</p> <p>Há determinados trabalhos que são feitos na escola, que são muito ricos, (69)</p> <p>e que são muito úteis futuramente mesmo em termos comparativos (70)</p> <p>porque onde há escolas em que isso acontece e tem biblioteca organizada geralmente esses trabalhos vão para lá. (71)</p> <p>O problema é quando há escolas em que não há biblioteca e não têm um corpo docente estável. (72)</p> <p>O professor simplesmente ou leva como recordação o que foi feito por ele e pelos alunos (73)</p> <p>ou fica lá e passado algum tempo não lhe dão valor nenhum e vai para o lixo, isto é uma realidade que eu já pude constatar. (74)</p> <p>Mas também há outra vertente que são trabalhos feitos, de pesquisa, muito bem feitos, e nós temos uma exposição anual, de final de ano, aqui no agrupamento. (75)</p> <p>Passamos pelas várias escolas e vemos trabalhos muito bem feitos, sobre efemérides, sobre pesquisa, (76)</p>	<p>Placard</p> <p>Trabalhos muito ricos</p> <p>Utilizar futuramente</p> <p>Se tiverem biblioteca organizada</p> <p>Falta de biblioteca</p> <p>Corpo docente instável - tirar</p> <p>Professor leva os trabalhos</p> <p>Vai para o lixo</p> <p>Exposição anual</p> <p>Escolas mostram bons trabalhos sobre cultura local</p>
Manual para recolha orientada sobre cultura local	<p>Eu penso que sim. (68)</p> <p>Sim, eu penso que sim. Podia ajudar a organizar e a evitar a perda da informação que vai sendo recolhida. (78)</p>	<p>Concorda</p> <p>Informação mais orientada e organizada</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

Base de dados dinâmica	<p>Penso que era uma excelente ideia. (79)</p> <p>isso era o ideal. (83)</p> <p>Eu acho que haver uma base de dados informatizada e organizada sobre cultura local, de facto é fundamental para o trabalho docente atualmente. (99)</p> <p>Aí o tratamento de dados estaria sempre disponível (80)</p> <p>e poderia ser sempre atualizado (81)</p> <p>e também para consulta, (82)</p> <p>Não iríamos ter perda de dados que acontece muitas vezes com o suporte em papel. (84)</p> <p>e com o recurso da Internet seria o ideal, uma base de dados atualizada, com consulta para todos e onde fosse possível acrescentar sempre algo. (86)</p>	<p>Excelente ideia</p> <p>Era o ideal</p> <p>Fundamental para o professor atual</p> <p>Dados sempre disponíveis</p> <p>Atualização permanente</p> <p>Para consulta</p> <p>Evita perda de dados em papel</p> <p>Sempre possível acrescentar algo</p>
------------------------	---	---

### Utilização da plataforma como instrumento de aprendizagem

Subcategorias	Unidades de Sentido	Indicadores
Alunos	<p>Seria um suporte muito bom, quer na sala de aula, na biblioteca, em casa. (87)</p> <p>Aquilo que eu acho é que nesse <i>site</i> alguém teria que validar o trabalho feito, seria um trabalho de equipa. (89)</p> <p>Quem contribuísse teria acesso, e a validade do trabalho teria que ser aferida pedagogicamente e cientificamente, isso era um fator importante. (90)</p> <p>Sim, [essa responsabilidade de edição e validação seria]</p>	<p>Suporte muito bom</p> <p>Validação dos dados</p> <p>Aferição pedagógica e científica</p> <p>Responsabilidade do professor</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	do professor e da equipa. (91)	
Professor	<p>Eu penso que quanto mais dados houver em termos de informação, em termos de registo, maior é a quantidade de informação que o professor pode dispor para utilizar pedagogicamente. (92)</p> <p>Na escola temos acesso à Internet e a minha sala tem um quadro interativo. Recorremos muito, temos essa possibilidade e rentabilizamos. (97)</p>	<p>Muita informação para professor usar pedagogicamente</p> <p>Internet e Quadro interativo</p>
Outros sujeitos	Eu estou convencido que era um instrumento muito útil para professores, alunos e para toda a gente. (93)	Instrumento muito útil para todos

**Professor MLB\_COV**

**Papel dos saberes ligados à cultura local no desenvolvimento das crianças**

Subcategoria	Unidade de Sentido	Indicadores
Função Educativa	<p>Penso que é importante (1)</p> <p>conhecerem o meio em que vivem para depois desenvolverem outros saberes.(2)</p> <p>Acho que são importantes os conhecimentos que a crianças traz de casa (8)</p> <p>e de outros locais,(9)</p> <p>mesmo antes de chegar à escola, aí pode desenvolvê-los. (10)</p> <p>cada um deles com conhecimentos diferentes (5)</p> <p>que depois podem trazer para a escola e enriquecer, partilhar, (6)</p> <p>e a partir daí desenvolver trabalhos que podem ser</p>	<p>É importante</p> <p>Desenvolver outros conhecimentos</p> <p>São importantes os de casa</p> <p>Outros locais</p> <p>Podem potenciar na escola</p> <p>Conhecimentos diversos</p> <p>Partilhar e enriquecer</p> <p>Desenvolver trabalhos úteis</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p> muito úteis. (7)</p>	
Função Social	<p>A questão da identidade de cada um é essencial.(3)</p> <p>Na escola onde leciono, em Per., temos realidades bastante diferentes, temos por exemplo etnia cigana e temos os outros alunos, (4)</p> <p>mas já há uma ligação à comunidade que é importante. (40)</p>	<p>Identidade de cada um</p> <p>Realidades diferentes</p> <p>Ligação á comunidade</p>
Função compensatória		

### Referências às *janelas de cultura* no currículo oficial do 1º ciclo do ensino básico

Subcategorias	Unidades de Sentido	Indicadores
Estudo do Meio	<p>Pode ser explorado no Estudo do Meio (11)</p> <p>uma vez que tem bastantes conteúdos que podem ser explorados,(12)</p>	<p>Primeira área</p> <p>Bastantes conteúdos</p>
Língua Portuguesa	<p>no entanto, penso que na Língua Portuguesa também,(13)</p> <p>a nível do património oral, por exemplo lendas, histórias.(14)</p>	<p>Segunda área</p> <p>Património oral</p>
Expressões		
Matemática		
Área de projeto	<p>Nós aproveitamos muito também os bocadinhos que temos no horário da Área de Projeto para desenvolver estes conteúdos.(25)</p> <p>Aproveitamos exatamente na Área de Projeto e no Estudo do Meio para desenvolver estes projetos.(35)</p>	<p>Aproveitam AP para desenvolver estes conteúdos</p> <p>Desenvolvem em EM</p>
Escolaridade		
Janelas de cultura no currículo do 1º ciclo	<p>Penso que não estarão totalmente exploradas as questões do meio local,(17)</p> <p>mas existem determinados blocos que têm a ver com o património local.(18)</p>	<p>Não estão exploradas</p> <p>Existem blocos que têm a ver</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>Por exemplo, no 3º ano, há o conhecimento da localidade, das entidades, instituições locais, usos e costumes.(19)</p> <p>Poderia haver mais conteúdos.(20)</p>	<p>3º ano conhecimento da localidade, ...</p> <p>Poderia haver mais</p>
--	---	---

### Organização das estratégias e atividades educativas na abordagem à cultura local

Subcategoria	Unidade de Sentido	Indicadores
Dinâmicas no processo ensino/aprendizagem da cultura local	É com cada um, desenvolver à sua maneira(23).	Depende do professor
	Cada um pode explorar mais os usos e costumes, as tradições.(24)	Professor decide
	Por exemplo, uma das atividades que temos colocado sempre no nosso plano anual da escola é a semana da leitura.(15)	Desenvolvimento de competências em leitura
	O objetivo é exatamente o de que os avós vão à escola contar as histórias antigas, do tempo deles.(16)	Relação intergeracional
	Por exemplo, no EM, no ano passado tínhamos ligado ao nosso projeto da Área Escola o tema “Era uma vez no tempo dos nossos avós”.(26)	Ligação EM e projeto na AE
	No caso da LP, como disse, a semana da leitura que pretendia trazer os avós, essencialmente as pessoas mais antigas por causa da tradição oral. (36)	Semana da leitura - Valorização da tradição oral
	Por exemplo, o dia da espiga é um dia que nós continuamos a comemorar, (54)	Dia da espiga
	apesar de ser uma tradição um bocado passada, (55)	Valoriza a tradição
	e os avós acham piada como é que ainda se fala sobre isso.(57)	Admiração dos avós
	Eles depois contam de	Diferentes versões da espiga

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>diferentes maneiras, (58)</p> <p>porque cada terra muda os usos e costumes.(59)</p> <p>A própria exploração da história da localidade.(60)</p> <p>Tentamos sempre fazer todos os anos uma saída, tiramos fotografias e depois eles pesquisam sobre o antigo. (61)</p> <p>Eu moro em Castelo Branco, o primeiro ano que aqui estive foi uma exploração, uma descoberta,(69)</p> <p>e agora já é o terceiro ano que estou em Peraboa, de modo que acabo por conhecer um pouco mais.(70)</p>	<p>Cada terra com seu uso</p> <p>Exploram a história da localidade</p> <p>Pesquisa sobre o antigo</p> <p>Professor aprende</p> <p>Fixação do professor ajuda</p>
<p>Estimulação das crianças para a valorização do currículo oculto</p>	<p>Sim. (49)</p> <p>Quando estamos a explorar determinado tema, eles gostam muito de participar e estão sempre a querer contar coisas. (50)</p> <p>Eu, normalmente, tento não quebrar muito essas vontades de eles contarem o que sabem. (51)</p> <p>mas alguns deles levam aquela informação (56)</p> <p>Depois também temos o caso dos nossos alunos de etnia cigana que nós estamos sempre a tentar saber como é que é com eles. (52)</p> <p>E eles [de etnia cigana] também participam. (53)</p> <p>Já aconteceu haver um casamento cigano e depois eles contam como costumam fazer, (62)</p> <p>é muito diferente dos nossos e depois eles partilham essas coisas.(63)</p>	<p>Sim</p> <p>Conhecimentos do aluno</p> <p>Falar de conhecimentos que os alunos dominam</p> <p>Não quebra a vontade do aluno falar</p> <p>Alunos levam informação</p> <p>Contam os hábitos da etnia cigana</p> <p>Integram Etnia cigana</p>
<p>Condicionalismo na</p>	<p>Lá está, o programa é muito</p>	<p>Programa extenso</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

realização de atividades sobre cultura local	extenso (21)	
	e nós não podemos desenvolver. (22)	Não podemos desenvolver
	porque é muito diverso o currículo. (44)	Currículo diverso
	e depois a necessidade de atingir todos os conteúdos que temos que lecionar (42)	Atingir todos os conteúdos
	Essencialmente o tempo, o tempo letivo que temos (41)	Falta de tempo letivo
	Essencialmente a falta de tempo.(48)	Falta de tempo
	portanto não podemos “perder” muito tempo, que não é perder é ganhar, a explorar estes aspetos,(43)	Não é perder é ganhar
	Nós não conseguimos muito atingir este objetivo da tradição oral e das histórias dos nossos avós.(37)	Não conseguiram o objetivo porque
	Vinham mais os pais que traziam um livro e apresentavam histórias, umas mais tradicionais que outras.(38)	As histórias nem sempre são tradicionais
	Ainda não conseguimos chegar ao essencial, (39)	Não atingimos esse objetivo com os avós
Às vezes também a própria colaboração das pessoas nem sempre é muita,(45)	Por vezes há falta de colaboração da comunidade	
apesar de ali em Peraboa as pessoas terem colaborado sempre muito bem.(46)	Em Per. colaboram	
Colaboram, trazem, participam.(47)	Comunidade participa	
Nós juntamo-los pertinho do computador, as turmas são pequenas.(101)	Utilização de um computador para todos	

### Artefactos para recolha orientada da informação sobre cultura local

Subcategorias	Unidades de sentido	Indicadores
Fontes de recolha de informação	Numa primeira fase os	Junto dos familiares

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>alunos recolheram objetos antigos que os pais, avós, vizinhos, familiares teriam ligados ao trabalho, à própria habitação, tudo o que fosse antigo, e traziam para a escola.(22)</p> <p>Quando nós pedimos aos alunos para fazerem pesquisas em casa, eles procuram na Internet. (96)</p>	<p>Pesquisa na Internet em casa</p>
<p>Organização dos trabalhos produzidos pelas crianças</p>	<p>O projeto desenvolveu-se em três fases.(21):</p> <p>Numa primeira fase os alunos recolheram objetos antigos que os pais, avós, vizinhos, familiares teriam ligados ao trabalho, à própria habitação, tudo o que fosse antigo, e traziam para a escola.(22)</p> <p>Numa segunda fase os objetos eram catalogados (29)</p> <p>era feito uma ficha de identificação dos objetos, (30)</p> <p>que eles tinham que apresentar aos colegas, para lhes dizer o que era, para que servia. (31)</p> <p>Não foi só uma recolha em si, mas para dar a conhecer aos colegas e ficarem com o conhecimento dessas coisas. (32)</p> <p>Numa terceira fase foi a exposição, no final de ano, aberta à comunidade (33)</p> <p>para depois toda a gente poder ver os objetos e a sua ficha de identificação. (34)</p>	<p>Projeto em 3 fases:</p> <p>Alunos Recolhem informação em casa, vizinhos</p> <p>Catologação das recolhas</p> <p>Ficha de identificação</p> <p>Partilha da informação</p> <p>Dará a conhecer essas aos colegas</p> <p>Exposição final de ano</p> <p>Visibilidade na comunidade</p>
<p>Manual para recolha orientada sobre cultura local</p>	<p>Se houvesse no início do ano um manual com essa informação seria mais fácil para mim. (71)</p>	<p>Mais fácil o trabalho do professor</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>Eu seria a primeira pessoa a fazer uma leitura dele, (72)</p> <p>para depois orientar melhor o meu trabalho. (73)</p> <p>para ajudar o nosso trabalho (66)</p> <p>e desenvolver mais em pormenor determinados assuntos (67)</p> <p>porque às vezes nem sempre são do sítio. [os exemplos do manual] (68)</p> <p>Se fosse um manual não acabado, (74)</p> <p>que eles recolhessem e completassem era uma mais valia. (75)</p> <p>Sim, é difícil existir [um manual que permita a recolha orientada]. (64)</p> <p>Mas se houvesse era uma mais valia importante (65)</p>	<p>Seria o primeiro a ler o manual</p> <p>Para orientar melhor o trabalho</p> <p>Ajuda ao professor</p> <p>Desenvolver mais em pormenor</p> <p>Exemplos descontextualizados</p> <p>Manual para continuar</p> <p>Alunos podiam atualizar</p> <p>Difícil existir um manual assim</p> <p>Mais valia importante</p>
<p>Base de dados dinâmica</p>	<p>Sim era uma forma muito atual (76)</p> <p>e dinâmica de trabalhar, (77)</p> <p>Acho que era muito importante. (35)</p> <p>de ter acesso à informação, (78)</p> <p>partilhá-la, (79)</p> <p>enriquecer.(80)</p> <p>Já agora, porque, sem dúvida, os trabalhos e as recolhas que fazemos, no final do ano ficam fechadas num armário.(81)</p> <p>Por exemplo este projeto que já lhe falei “Era uma vez no tempo dos nossos avós”, nós com as fichas de identificação dos objetos fizemos uma espécie de um</p>	<p>Atual</p> <p>Dinâmica</p> <p>Muito importante</p> <p>Acesso,</p> <p>partilha,</p> <p>enriquecedor</p> <p>Recolhas perdem-se, no armário</p> <p>Livro de recolhas no armário</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>livro que está lá fechado num armário. (82)</p> <p>É um desperdício. [ livro que está lá fechado num armário] (83)</p> <p>Foi um desperdício de tempo, (84)</p> <p>de gosto por fazer uma coisa que depois não é partilhada (85)</p> <p>e não é dada a conhecer. [o livro das recolhas] (86)</p> <p>Esteve em exposição [o livro das recolhas] (87)</p> <p>mas a partir de aí fica esquecida. [o livro das recolhas] (88)</p> <p>Por isso [a base de dados dinâmica] era muito importante para recolher, (89)</p> <p>para organizar (90)</p> <p>e preservar essa informação. (91)</p>	<p>Desperdício dos trabalhos</p> <p>Desperdício de tempo</p> <p>Trabalhos não são partilhados</p> <p>Não são dados a conhecer</p> <p>Esteve em exposição</p> <p>Mas fica esquecida</p> <p>Importante para recolher</p> <p>Para organizar;</p> <p>Para preservar essa informação</p>
--	--	---

### Utilização da plataforma como instrumento de aprendizagem

Subcategorias	Unidades de Sentido	Indicadores
Alunos	<p>A exploração dessa informação no próprio contexto de sala de aula, (102)</p> <p>e o trabalhar desses temas [no próprio contexto de sala de aula] seria muito interessante.(103)</p> <p>Podia servir de apoio, (92)</p> <p>porque essas pesquisas que nós fazemos, com base na informação recolhida através desse livro, (93)</p> <p>[informação recolhida através desse livro] era depois enriquecida (94)</p>	<p>Exploração em contexto de sala de aula</p> <p>Muito interessante</p> <p>Apoio</p> <p>Recolhas com base no manual</p> <p>Enriquecimento da informação do manual</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>e partilhada. (95)</p> <p>Isso seria um <i>site</i>, uma base de dados, muito útil (97)</p> <p>para eles depois fazerem as suas pesquisas (98)</p>	<p>Partilhada</p> <p>Muito útil</p> <p>Para os alunos pesquisarem</p>
Professores	<p>e para os professores também. [seria um <i>site</i>, uma base de dados, muito útil ] (68)</p> <p>Nós não temos quadros interativos, mas para quem tem essa possibilidade pode explorar ainda melhor.(69)</p>	<p>Muito útil para os professores</p> <p>Quadros interativos facilitam a exploração</p>

### Professor OND\_COV

#### Papel dos saberes ligados à cultura local no desenvolvimento das crianças

Subcategorias	Unidades de Sentido	Indicadores
Função Educativa	<p>Para mim é fundamental. (1)</p> <p>A cultura que eles trazem e o envolvimento que eles têm, quer com a família, quer com as associações, será a base,(2)</p> <p>Mas essas, [vivências] quanto a mim, são fundamentais. (9)</p> <p>Exatamente. [toda a parte ligada à cultura local, que têm origem quer na família quer nas instituições ou nos tais espaços informais, são fundamentais para o desenvolvimento da personalidade da criança ](10)</p>	<p>Fundamental</p> <p>Base vem de casa e das associações</p> <p>Vivências são fundamentais</p> <p>São fundamentais</p>
Função Social	<p>Porque, efetivamente, são a ponte entre a escola e a família. (11)</p> <p>No fundo é a sua identidade.(12a)</p> <p>É o ser cada um, um ser diferente. (12)</p>	<p>Ponte entre a escola e a família</p> <p>Sua identidade</p> <p>Todos iguais todos diferentes</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	hoje não há essa cultura do contar histórias dos avós. (31)	Já não se contam histórias
Função compensatória	<p>que se perdeu também neste momento, sobretudo por essa forma, através do postal. (36)</p> <p>Ainda noutro dia, eles não sabiam o que era uma vindima. (70)</p> <p>As coisas hoje não são assim, e perde-se tudo um pouco. (73)</p> <p>eles não têm noção de como as coisas se passaram, o pisar da uva, etc. (74)</p>	<p>Perdeu-se o postal escrito</p> <p>Alunos desconhecem o que é uma vindima</p> <p>Interrompe-se o conhecimento</p> <p>Desconheciam o pisar da uva</p>

### Referências às *janelas de cultura* no currículo oficial do 1º ciclo do ensino básico

Subcategorias	Unidades de Sentido	Indicadores
Estudo do Meio	<p>Das três penso que será o Estudo do Meio, (13)</p> <p>assim mais evidente será o Estudo do Meio, (14)</p> <p>mas aquela onde realmente há mais ligação, será o EM. (16)</p> <p>Nós fazemos isso [recolha orientada e organizada de informação] em Estudo do Meio porque há uma parte do programa que vai precisamente ao encontro do estudo do meio local e avançamos para isso, (63)</p>	<p>Primeira área</p> <p>Mais evidente</p> <p>Mais ligação</p> <p>Recolhem informação em estudo do meio local</p>
Língua Portuguesa	embora também se possa inserir nas outras quer em LP quer em Matemática, (15)	Segunda área
Expressões	[reviver dos postais de natal] ligado com a expressão plástica(33)	postais de Natal em Expressão Plástica
Matemática	[embora também se possa inserir nas outras quer em LP] quer em Matemática, (15a)	Terceira área
Área de projeto	Nós aproveitamos muito	desenvolvem estes

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	também os bocadinhos que temos no horário da Área de Projeto para desenvolver estes conteúdos. (19)	conteúdos na AP
Escolaridade	Por exemplo, no 3º ano, há o conhecimento da localidade, das entidades, instituições locais, usos e costumes. (14)	3º ano conhecimento da localidade, ...
Janelas de cultura no currículo do 1º ciclo	<p>Não, Não. (17)</p> <p>mas não está assim claramente definido, (23)</p> <p>quanto a mim não está. (24)</p> <p>mas não há nada estruturado, (64)</p> <p>É mais abrangente, ou seja, dá-se a matéria que vem no currículo, será generalizada, não é? (18)</p> <p>Todas as matérias são inicialmente dadas no geral, (21)</p> <p>depois o particular, (19)</p> <p>depois, claro, pode-se ir ao particular (22)</p> <p>é claro que o professor pode sempre descer ao particular. (20)</p>	<p>Não é clara</p> <p>não está claramente</p> <p>Não está claro</p> <p>não está estruturado no currículo</p> <p>Dá-se a matéria</p> <p>Conhecimentos gerais primeiro ...</p> <p>só depois o particular</p> <p>pode dar-se o particular</p> <p>depende do professor</p>

### Organização das estratégias e atividades educativas na abordagem à cultura local

Subcategorias	Unidades de Sentido	Indicadores
Dinâmicas no processo ensino/aprendizagem da cultura local	Sim. [inclui regularmente aspetos ligados à cultura local na sua programação diária] (38a)	Sim, inclui.
	No Estudo do Meio desenvolvi precisamente o estudo das instituições, (25)	Estudo das instituições locais
	nomeadamente quando estive na escola do Rodrigo estudamos o Grupo do Rodrigo. (26)	Estudamos a associação
	Em Santo António também já	Estudo da origem da escola

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>fizemos um estudo da origem da escola (27)</p> <p>por exemplo na comunidade.(28)</p> <p>Tivemos uma vez um projeto que tinha a ver com os avós. (29)</p> <p>Vinham à escola relatar a sua experiência contando histórias que se perderam, (30)</p> <p>Fizemos o reviver dos postais de natal, (32)</p> <p>Isto para, precisamente, incentivar a escrita do postal e o envio de mensagens de Natal (35)</p> <p>[No Estudo do Meio desenvolvi ...] As profissões também. (37)</p> <p>Os pais eram convidados a vir à escola, pais e mães, para falar sobre a profissão que cada um tem, o que faz e não faz, para que eles se apercebam das várias profissões que há e as valorizem também. (38)</p> <p>e encontrámos uns vídeos [na Internet], onde fizeram uma situação de reconstituição de uma vindima como era antigamente. (72)</p>	<p>Aspetos da comunidade</p> <p>Relação intergeracional</p> <p>Avós contam histórias que se perderam</p> <p>Reviver postais escritos</p> <p>Incentivar a escrita</p> <p>História das profissões</p> <p>Valorização de outras profissões</p> <p>Pesquisa na Internet em sala de aula</p>
<p>Estimulação das crianças para a valorização do currículo oculto</p>	<p>Sim. (51)</p> <p>E eles gostam muito, de falar disso. (60)</p> <p>Exatamente.[porque isso identifica-os com a cultura deles.] Isso é a melhor coisa que lhe podemos dar. (61)</p> <p>aproveita-se o que eles sabem (57)</p> <p>a partir do que eles sabem, do que eles trazem das vivências que têm, (7)</p>	<p>Sim, explora.</p> <p>Motivação</p> <p>A melhor coisa que lhes podem os dar</p> <p>A partir dos conhecimentos</p> <p>A partir das vivências</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>para daí, depois, sair a motivação para as atividades que vamos desenvolver com eles,(3)</p> <p>até porque se não for dessa forma, não haverá depois alguma ligação,(4)</p> <p>e, depois, [dessa vivências que os alunos têm] partir para outras mais alargadas. (8)</p> <p>e, a partir daí, transmite-se à turma (58)</p> <p>e se é realmente uma coisa muito interessante, avançamos e aprofundamos mais. (59)</p> <p>Todas os anos aprendo muitas coisas com eles.</p> <p>Esses saberes que eles nos transmitem são naturais. (53)</p> <p>No meio de uma aula, qualquer coisa que há, há sempre um aluno que transmite à turma o que sabe e o que não sabe. (54)</p> <p>Os [alunos] mais velhinhos acabam por trazer já outras coisas. (55)</p> <p>Está-se a falar de um determinado assunto e eles partem logo, têm uma ligação muito grande, se nós os deixamos, a conversa é como as cerejas, é espontâneo, vai acontecendo, (56)</p>	<p>Motivação</p> <p>Para haver ligação</p> <p>Avançar para outras ...</p> <p>Partilha na turma</p> <p>Aprofundamento</p> <p>Professor também aprende</p> <p>Saberes naturais</p> <p>Partilha com a turma</p> <p>Mais velhos trazem outras coisas</p> <p>Alunos falam espontaneamente</p>
<p>Condicionalismo na realização de atividades sobre cultura local</p>	<p>Sim.(39)</p> <p>Desde logo a disponibilidade.(40)</p> <p>Mas fundamentalmente é o currículo extenso, as matérias a lecionar muito extensas e haver</p>	<p>Sim há</p> <p>Pouca disponibilidade</p> <p>Fundamentalmente:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- currículo extenso</li> <li>- matérias extensas</li> <li>- grande exigência de</li> </ul>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>necessidade de haver uma sistematização muito grande da parte dos professores (49)</p> <p>porque se não, eles em casa não têm o acompanhamento e são crianças pequenas. (50)</p> <p>Primeiro disponibilidade nossa enquanto carga letiva porque os programas são extensos,(41)</p> <p>o tempo é pouco,(42)</p> <p>as crianças do 1º ciclo requerem muito trabalho de sistematização e isso leva muito tempo(43)</p> <p>e às vezes, não é o perder tempo, mas a gente vai evitando este tipo de situações porque demoram mais algum tempo. (44)</p> <p>tem que ser da parte do professor e como sabe o professor está um bocadinho cheio com tanta coisa que tem que fazer e perde-se um pouco. (65)</p> <p>Depois também desde logo a disponibilidade dos pais e de outras pessoas para virem à escola e estarem connosco naquelas horas em que os miúdos lá estão.(45)</p> <p>E tem sido fundamentalmente com isso. O que temos ou tenho feito não se prende com outras verbas, tem que ser tudo custo zero.(46)</p> <p>Exatamente.[é mais difícil deslocar os alunos do que eventualmente vir o pai à escola](47)</p> <p>Tentamos que seja o contrário, embora os alunos já tenham ido, situações em que nós vamos visitar, vamos ver e pronto vamos tentando assim.(48)</p>	<p>sistematização</p> <p>falta de acompanhamento em casa</p> <p>Programas extensos</p> <p>Pouco tempo</p> <p>Sistematização de conhecimentos muito demorada</p> <p>Evitam porque leva tempo</p> <p>professor perde-se um pouco</p> <p>Pouca disponibilidade da família naquelas horas</p> <p>Atividades a custo zero</p> <p>Falta de verbas para Transportes</p> <p>Tentam fazer visitas de estudo</p>
--	---	--

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

--	--	--

### Artefactos para recolha orientada da informação sobre cultura local

Subcategorias	Unidades de sentido	Indicadores
Fontes de recolha de informação	<p>Aliás já conseguimos encontrar algumas situações na Internet.(68)</p> <p>Não, [de forma organizada] tem que se procurar. (69)</p> <p>A propósito das vindimas, andámos á procura na Internet(71)</p>	<p>Internet</p> <p>Informação dispersa</p> <p>Pesquisa na Internet</p>
Organização dos trabalhos produzidos pelas crianças	em que a comunidade toda trabalhou para fazer postais de natal e depois fizemos uma exposição e venda.(34)	Exposição e venda
Manual para recolha orientada sobre cultura local	<p>Isso era ótimo. Acho que sim. Era muito bom.(62)</p> <p>Se isso fosse possível seria uma mais valia, seria ótimo(66)</p>	<p>Ótimo</p> <p>Mais valia se for possível</p>
Base de dados dinâmica	<p>Isso era ótimo se fosse possível fazer-se.(75)</p> <p>Eu acho que isso aí, hoje em dia então, é fundamental.(85)</p> <p>em que eles podem ir buscar alguns conhecimentos que podem usar, (79)</p> <p>e a partir de aí desenvolver outros, (80)</p> <p>porque claro que estas coisas estão sempre abertas, há sempre novos dados a acrescentar, não seria estanque.(81)</p>	<p>Ótimo se for possível</p> <p>Fundamental</p> <p>Pesquisar informação</p> <p>desenvolver novos conhecimentos</p> <p>atualização contínua</p>

### Utilização da plataforma como instrumento de aprendizagem

Subcategorias	Unidades de Sentido	Indicadores
Alunos	E serve [esse <i>site</i> poderá servir de apoio à lecionação do currículo,].(76)	Serve

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	Pode servir, desde logo, como consolidação do que foi dado.(77)  Depois, para outros que venham, já há uma base(78)	Consolidação da aprendizagem  Base para outros alunos
Professores	Sim, na sala de aula.(82)	Na sala de aula
Outros sujeitos	Fora dela, a comunidade local, e não só, uma vez que a Internet é um mundo vastíssimo e está aberto a todos.(83)  Seria uma maneira, também, de passarmos aos outros a nossa própria identidade e aquilo que somos.(84)	Internet é muito vasta, aberta a todos  Visibilidade à nossa identidade

**Professor AC\_FND**

**Papel dos saberes ligados à cultura local no desenvolvimento das crianças**

Subcategorias	Unidades de Sentido	Indicadores
Função Educativa	Considero essa questão muito pertinente.(1)  Essa parte é fundamental.(36)  a importância desses saberes é muito grande.(17)  Muito sinceramente, se é bom que um aluno desenvolva competências ao nível do conhecimento e que mergulhe na ciência, é também muito importante que ele tenha memória,(2)  Temos alunos que vêm do Fundão para aqui, que nos procuram,(19)  É valorizada, é muito importante. [essa cultura, no que diz respeito aos saberes que vêm da família] .(25)  Ligado a isso há também expressões próprias do meio que é preciso conhecer,(54)	Muito pertinente  É fundamental  Importância grande  conhecimento científico vs importância das memórias  Pais da cidade procuram escola na aldeia  Saberes oriundos na família  Conhecer as expressões próprias do meio

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	para conhecer e entender melhor as pessoas que vivem nesse meio(55)	Entender as pessoas que ali vivem
Função Social	<p>Tem importância.[os eventuais saberes que os alunos apreendem ao frequentarem as associações ou instituições ](26)</p> <p>e isso muitas vezes é esquecido, é a questão das memórias.(3)</p> <p>Porque as memórias são fundamentais para podermos planificar muito melhor aquilo que queremos no futuro(4)</p> <p>e nós não tendo memória, isso esgota-se e perdemos o rumo, nesse sentido. (5)</p> <p>O nosso leque de alunos aqui é diversificado.(18)</p> <p>e outros que vivem mesmo aqui, alguns vivem mesmo em quintas.(20)</p> <p>e quando os temas são desenvolvidos em sala de aula, vê-se bem qual é a cultura que se vive em casa de cada um.(22)</p> <p>Uma associação, seja ela qual for, seja desportiva, sejam os escuteiros, tende sempre a filiar o aluno no meio onde está inserido,(27)</p> <p>e a dar-lhe valores para que ele se insira na comunidade.(28)</p> <p>Ora, da comunidade é que veem os valores em si, as memórias,(29)</p> <p>pelo que tudo isso é uma forma, é mais um contributo, para que ele assimile melhor o meio em que está inserido.(30)</p> <p>É daquelas coisas,[ saberes</p>	<p>Tem importância os saberes adquiridos nas associações</p> <p>Faltas na memória</p> <p>Memórias para planificar o futuro</p> <p>Sem memória perde-se o rumo</p> <p>Alunos de diversos estratos sociais</p> <p>Vivem em quintas</p> <p>Saberes do aluno identificam origem familiar</p> <p>A associação filia o aluno no meio</p> <p>Incute valores para a inserção social</p> <p>Valores vêm da comunidade</p> <p>Associativismo é um contributo</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>que o aluno adquire informalmente , na rua ] que quando tirarmos isso de uma criança estamos a esvazia-la (32)</p> <p>O mundo circundante não é só a paisagem que se observa, é também a forma como ali se vive.(52)</p>	<p>Esvaziar a criança</p> <p>Conhecer como se vive no meio</p>
Função compensatória?	<p>Nesta escola e sou coordenador da escola, por acaso temos essa preocupação.[valorizar as memórias](6)</p> <p>Aqui cruzam-se muitos saberes (21)</p> <p>Tentamos misturar as coisas por forma a que uns aprendam com outros(23)</p> <p>Desenvolve de certeza.[esses saberes que o aluno adquire informalmente, na rua ](31)</p> <p>há uma grande parte que tem que ser ele a descobrir,(33)</p> <p>nem que seja a dizer duas ou três asneiras(34)</p> <p>fazer uma asneira faz parte do crescimento dele.(35)</p> <p>Portanto, todas as oportunidades são de incentivar os alunos de irem lá para fora brincar e criar estas situações, partilharem esses conhecimentos.(39)</p> <p>Esta questão da interação com os colegas é muito importante.(40)</p>	<p>complementaridade</p> <p>cruzar saberes</p> <p>misturar as coisas aprendem todos</p> <p>saberes da rua contribuem para o desenvolvimento</p> <p>a criança descobre por si própria</p> <p>descobrir pela asneira</p> <p>asneira faz crescer</p> <p>Compensar o pouco tempo que brincam juntos</p> <p>Interação com os colegas</p>

### Referências às *janelas de cultura* no currículo oficial do 1º ciclo do ensino básico

Subcategorias	Unidades de Sentido	Indicadores
Estudo do Meio	o grande motor para que isso se verifique, quanto a mim, é o Estudo do Meio(50)	EM é o motor

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	e Estudo do Meio.(42)	Primeira área
Língua Portuguesa	Língua Portuguesa(41)	Segunda área
Expressões		
Matemática		
Escolaridade		
Janelas de cultura no currículo do 1º ciclo	<p>De modo nenhum.(43)</p> <p>Porque o currículo é demasiado formal,(44)</p> <p>e incentivador até a situações quase artificiais,(45)</p> <p>caminha-se por aqui, às vezes com falta de referências locais(46)</p> <p>e no fundo falta até um pouco humanizar o currículo,(47)</p> <p>fazer sentido que com ele se possa respirar.(48)</p> <p>é isso mesmo, [as referências que estão no currículo são estandardizadas para o país, portanto há pouca abertura ]há uma formatação.(49)</p>	<p>Não é clara</p> <p>Currículo demasiado formal</p> <p>Situações artificiais</p> <p>Falta de referencias locais</p> <p>Humanizar o currículo</p> <p>respirar</p> <p>Currículo formata alunos</p>

### Organização das estratégias e atividades educativas na abordagem à cultura local

Subcategoria	Unidade de Sentido	Indicadores
Dinâmicas no processo ensino/aprendizagem da cultura local	<p>tentamos ir lá através de projetos,(8)</p> <p>para mim um projeto só faz sentido se acrescentar algo.(10)</p> <p>O fundamental é que eles realmente adquiram competências em várias áreas, mas depois os projetos vêm acrescentar sempre algo.(10)</p> <p>Nós, durante 4 anos, tivemos aqui um projeto, que pensamos retomar este ano, que é o Ciclo do Pão onde damos como se cultivava</p>	<p>Vão com projetos</p> <p>Que acrescentem algo</p> <p>Adquirem competências</p> <p>Relação intergeracional - Ciclo do Pão</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

<p>antigamente o pão o trabalho que as pessoas tinham para o produzir.(11)</p> <p>Todas aquelas fases, a sementeira, a ceifa, a gastronomia.(12)</p> <p>Fazemos de dois em dois anos uma desfolhada.(13)</p> <p>Arranjamos os agricultores, trazemos para aqui o milho, os miúdos desfolham, descamisam o milho, aquela coisa do milho rei(14)</p> <p>e depois exploramos toda essa vertente, cruzando com o Estudo do Meio com a LP com Matemática,(15)</p> <p>é na exploração de diversos temas, levá-los a sair da escola e explorar e desenvolver melhor o mundo circundante.(51)</p> <p>Esse meio, tem pessoas, tem animais e levá-los a conhecer melhor essa realidade e a conhecer a forma como é que isso se desenvolve, como é que se movimenta.(53)</p> <p>A escola não pode ser uma ilha, não se pode isolar da realidade que a envolve.(57)</p> <p>Para ser eficaz [ a escola] tem que abrir as portas,(58)</p> <p>tem que dar a conhecer o meio onde está inserida,(59)</p> <p>e não se pode desligar dele.(60)</p> <p>É conhecendo e vivendo essas realidades que se vai desenvolvendo o dia a dia por aqui.(61)</p> <p>Nós temos um blog e publicamos trabalhos,(85)</p> <p>todos os dias publicamos alguma coisa no blog.(86)</p>	<p>Saberes tradicionais</p> <p>Desfolhada</p> <p>Trabalho coletivo</p> <p>Cruzar o EM, LP e Matemática</p> <p>Ensino de proximidade</p> <p>Levá-los a conhecer o movimento e o desenvolvimento do meio local</p> <p>A escola não é uma ilha</p> <p>Escola eficaz abre as portas ao meio local</p> <p>Tem que conhecer o meio</p> <p>Não se pode desligar</p> <p>Conhecer e viver as realidades locais</p> <p>Blog</p> <p>Publicação diária</p>
---	--

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>Há umas que têm a ver com certeza.[ com aspetos ligados à cultura local ](87)</p> <p>Agora, cada um, todos os fins de semana, seleciona uma notícia de um jornal que eles gostem, aparecem notícias do Jornal do Fundão e já começam a aparecer de jornais <i>on-line</i> e eles apresentam a notícia à turma.(89)</p> <p>E, já agora, referir que nos sábados fizemos um forno comunitário. (108)</p> <p>Foi reconstruído, trazemos os pais e pomo-los a fazer pão, a aprender a fazer pão caseiro.(108)</p> <p>Todos os anos fazemos pão, levamos os pais a participar.(109)</p> <p>Depois na festa final eles comem o pão que fizeram, fazemos comida tradicional daquela época, sopa da malha que só se fazia naquela altura, uma coisa substancial, os enchidos, as papas de carolo, com eles a trabalhar a descascar as coisas, com um envolvimento total.(110)</p>	<p>Artigos sobre cultura local</p> <p>Selecionam notícias do Jornal do Fundão e de jornais <i>on-line</i></p> <p>Forno comunitário</p> <p>Trabalho coletivo</p> <p>Participação ativa dos pais.</p> <p>Partilha, visibilidade</p>
<p>Estimulação das crianças para a valorização do currículo oculto</p>	<p>A exploração[eventuais conhecimentos de que o aluno é portador] é de diversas formas.(62)</p> <p>Normalmente através da expressão oral,(80)</p> <p>Eu gosto muito de explorar a nível da escrita.(84)</p> <p>Tentamos misturar as coisas por forma a que uns aprendam com outros(23)</p> <p>e que, no fundo, todos partilhem um pouco aquilo que possuem.(24)</p>	<p>De diversas formas</p> <p>Expressão oral</p> <p>Expressão escrita</p> <p>Misturar as coisas</p> <p>Saberes diferentes, todos aprendem</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>e isso [eventuais conhecimentos de que o aluno é portador] aparece com alguma regularidade. (56)</p> <p>Estou-me a lembrar por exemplo, ainda na semana passada, cada aluno apresentou na sala aos colegas uma profissão, (63)</p> <p>e escolheu normalmente a profissão do pai, ou de alguém ligado. (64)</p> <p>dando a oportunidade de outros falarem. (81)</p> <p>Depois cruza-se com outros ensinamentos, (82)</p> <p>como um a aprender a falar, o outro a aprender a ouvir, tem toda essa vertente. (83)</p> <p>Sim, sim, em relação à cultura deles. (88)</p> <p>Nisto, dos conhecimentos que eles têm, há aqui muitos saberes envolvidos que se podem explorar. (90)</p> <p>ir ao encontro deles. (106)</p>	<p>Partilha, a partir do conhecimento do aluno</p> <p>Partilha profissões</p> <p>Profissões dos pais</p> <p>Respeito pelos outros</p> <p>Integração de conhecimentos</p> <p>Aprender a falar e a ouvir</p> <p>Cultura dos alunos</p> <p>Explorar os conhecimentos dos alunos</p> <p>Ir ao encontro dos alunos</p>
<p>Condicionalismo na realização de atividades sobre cultura local</p>	<p>Há constrangimentos (69)</p> <p>É uma boa questão. (65)</p> <p>Já que nos currículos é complicado, (7)</p> <p>porque há uma exigência cada vez maior para que se cumpram determinados rituais a nível do ensino, (70)</p> <p>a tal standardização [do currículo], (71)</p> <p>e muitas vezes torna-se complicado fugir a isso e é preciso ter um certo estofo para saber filtrar as coisas (72)</p> <p>filtra-se, (74)</p>	<p>Há</p> <p>Boa questão</p> <p>Currículo complica</p> <p>Cumprir rituais de ensino</p> <p>Standardização</p> <p>Complicado fugir a isso</p> <p>Saber filtrar</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>e então, dentro dessa exigência é que uma pessoa também tem que corresponder,(73)</p> <p>saber o que é essencial, para podermos introduzir conceitos que nós temos e que consideramos importantes.(75)</p> <p>Hoje em dia têm um problema, estão muitas horas ou nos tempos livres ou nas AECS,(37)</p> <p>estão muitas horas dentro de muros.(38)</p> <p>Agora aqui vou me valer da minha experiencia e da forma como vou contornando essas coisas.(66)</p> <p>Habituei-me a contorna-los e acabo por já nem os ver.(67)</p> <p>Não sei se me faço entender, quer dizer, fala para aí que eu cá faço o que tenho a fazer e aquilo que eu entendo.(68)</p> <p>Até porque a nível do 1º Ciclo a personalidade do professor é determinante(76)</p> <p>e a maneira como ele está dentro da sala de aula, porque é uma relação diferente dos outros ciclos.(77)</p> <p>Fica uma marca eternamente e isso permite que se jogue ali muito.(78)</p> <p>Na fase decisiva do crescimento.(79)</p>	<p>Trabalho do professor</p> <p>Introduzir outros conceitos que considera importantes</p> <p>Muito tempo nos tempos e livres e nas AEC</p> <p>Dentro de muros ...</p> <p>Vou contornando essas coisas</p> <p>Papel do professor</p> <p>Opção do professor</p> <p>Professor do 1º CEB é determinante</p> <p>Diferente dos outros professores</p> <p>Influência do professor do 1º CEB</p> <p>Fase decisiva do crescimento</p>
--	---	--

### Artefactos para recolha orientada da informação sobre cultura local

Subcategorias	Unidades de sentido	Indicadores
Fontes de recolha de informação		Família Comunidade

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

		Internet
Organização dos trabalhos produzidos pelas crianças		
Manual para recolha orientada sobre cultura local	<p>Eu considero que é muito importante,(91)</p> <p>Isso seria uma ferramenta ótima para por em prática e consolidar ainda mais essa vertente.(95)</p> <p>no pensamento que já foi desenvolvido, até é uma maneira de consolidar a aprendizagem,(92)</p> <p>da aquisição das tais memórias,(93)</p> <p>das tais referências que há e que nos envolvem.(94)</p>	<p>Muito importante</p> <p>Ferramenta ótima</p> <p>Consolidar a aprendizagem</p> <p>Aquisição de memórias</p> <p>Aquisição das referencias</p>
Base de dados dinâmica	<p>Isso era uma forma ótima de melhorar a tal ferramenta que já está perpetuada no manual.(96)</p> <p>Era tornar essa ferramenta muito mais ágil,(97)</p> <p>muito mais acessível(98)</p> <p>para que chegasse a mais pessoas.(99)</p>	<p>Forma de melhorar o manual</p> <p>Ferramenta mais ágil</p> <p>Mais acessível</p> <p>Mais utilizadores</p>

### Utilização da plataforma como instrumento de aprendizagem

Subcategorias	Unidades de Sentido	Indicadores
Alunos	<p>Seria muito bom, seria muito bom.(101)</p> <p>Hoje em dia a maioria dos nossos alunos trabalha em computadores.(100)</p> <p>Em termos de exploração de sala de aula, nós temos projetor, temos tela, seria ótimo para trabalhar,(103)</p> <p>tornaria o ensino muito mais ágil, muito mais eficaz.(104)</p>	<p>Muito bom</p> <p>Maioria dos alunos usam computadores</p> <p>Ótimo na sala de aula</p> <p>Ensino mais ágil e eficaz</p>
Professores	Eu, se isso existisse, seria um frequentador assíduo e	Frequentador assíduo

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>colocaria com certeza lá algum material.(102)</p> <p>Eu, se isso existisse, como disse, estaria lá, com certeza.(105)</p> <p>Eu é que agradeço e enalteço a pertinência das questões, gostei bastante.(107)</p>	<p>Utilizador</p> <p>Pertinência das questões</p>
--	--	---

### GAV\_FND

#### Papel dos saberes ligados à cultura local no desenvolvimento das crianças

SUBCATEGORIA	UNIDADE DE SENTIDO	INDICADORES
Função Educativa	<p>Sim.(1)</p> <p>Acho que os saberes locais têm muita importância no desenvolvimento global da criança e são uma mais valia para que melhore as suas capacidades tanto cognitivas como comportamentais.(2)</p> <p>Mas, em termos comportamentais, em termos do saber fazer e do saber estar, contribuíam e eram muito vinculativos e eram preponderantes para a mudança de atitudes, de comportamento e até de saberes.(5)</p> <p>era um complemento em que associavam a parte lúdica à parte cognitiva, à parte da aquisição de novos saberes, novas competências, e de novas atitudes em termos comportamentais e em termos cognitivos.(7)</p>	<p>Concorda</p> <p>Mais valia cognitiva e comportamental</p> <p>Preponderantes para mudança de atitudes</p> <p>Novos saberes , novas competências</p>
Função Social	<p>Isso põem-se também a questão de ser um meio rural ou um meio urbano.(18)</p> <p>No meio rural as crianças têm os saberes mais ligados à localidade, quando se fala do campo, daqueles saberes que os avós lhes foram</p>	<p>Rural vs urbano:</p> <p>Rural - Mais ligado à comunidade</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

<p>transmitindo, e os pais, de coisas básicas, por exemplo como se semeia e se planta uma árvore,(19)</p> <p>e na cidade têm algumas dificuldades em alhear-se do imaginário e passar para uma realidade.(20)</p> <p>No meio urbano as crianças têm outras possibilidades, ligadas a outros saberes, que são saberes da rua,(21)</p> <p>têm possibilidades de frequentar as associações, uma biblioteca municipal,(22)</p> <p>de ter outro tipo de atrações que não têm as pessoas da aldeia.(23)</p> <p>Os saberes são todos importantes, são é saberes diferentes.(24)</p> <p>A minha experiência diz que normalmente, os filhos de pais mais escolarizados têm outra cultura,(8)</p> <p>até porque têm outras ferramentas em casa que podem usar no dia a dia.(9)</p> <p>Normalmente são alunos que têm mais em termos de raciocínio, em termos de cultura geral,(10)</p> <p>conseguem ter uma cultura geral com maior amplitude em relação aos outros alunos,(11)</p> <p>não quer dizer que não haja regra sem exceção. Já tive filhos de pais até analfabetos e eles conseguiram até, quase autodidáticos, sem a ajuda dos familiares, conseguiram sobreviver neste mundo, pelo empenhamento do aluno.(12)</p> <p>Costuma-se dizer que há</p>	<p>Urbano - menos real, mais imaginário</p> <p>Outras possibilidades na rua</p> <p>Mais associações e Biblioteca municipal</p> <p>Outras atrações</p> <p>Saberes diferentes</p> <p>Nível sociocultural dos pais</p> <p>Mais recursos</p> <p>Melhor desempenho</p> <p>Cultura geral mais ampla</p> <p>Alunos “autodidatas”</p>
--	---

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>alunos que têm todas as condições para serem ótimos alunos mas não as aproveitam.(13)</p> <p>E às vezes há alunos que conseguem batalhar, não têm tanta disponibilidade, nem tantos meios, mas conseguem fazer um trabalho que é uma mais valia até para o ensino e para o seu enriquecimento pessoal.(14)</p> <p>Gosto de trabalhar em colaboração com os encarregados de educação e é uma maneira de os envolver na educação dos seus educandos.(59)</p> <p>Lembro-me que há dois anos desenvolvi um trabalho a nível de LP, em que da escola saiu um livro em branco e quando chegou à escola vinha repleto de coisas magníficas, desde lengalengas, histórias, lendas das próprias localidades.(60)</p> <p>Esse livro, era um livro aberto, serviu-nos para explorar textos o ano inteiro.(61)</p> <p>Nós estamos ali todos com um objetivo comum que é educar, enriquecer, desenvolver quer a nível da escola quer a nível da localidade.(85)</p>	<p>Alguns não aproveitam</p> <p>Outros lutam e conseguem</p> <p>Envolve os encarregados de educação</p> <p>Participação ativa das famílias no Livro Branco</p> <p>Exploração dos textos do livro</p> <p>Trabalho coletivo da comunidade educativa</p>
Função compensatória	<p>Eu fiz parte de um agrupamento de escuteiros, em que a filosofia estava muito ligada a metodologias muito parecidas com o ensino, só que era tudo mais ligado à natureza.(4)</p> <p>Acho que era uma complementaridade que ia além da escolarização,(6)</p> <p>Porque estou ligado ao associativismo e muitas das</p>	<p>Papel dos escuteiros na Ecologia</p> <p>complementaridade</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	vezes aplico coisas que vou levando da escola para a comunidade e outras vezes o contrário, trago coisas da comunidade para a escola.(86)	partilha conhecimentos escola vs associação
Sucesso	<p>Costumo dizer que para mim a avaliação do aluno têm duas situações: o aluno que no início do ano tem poucas possibilidades, mas consegue fazer uma caminhada, ainda que pequena;(15)</p> <p>outro aluno, com grandes possibilidades, consegue uma caminhada maior, mas tinha muito mais possibilidades e tinha capacidades para a fazer ainda muito maior.(16)</p> <p>Não quer dizer que o aluno que fez uma caminhada mais pequena, mas com muito maior esforço, não tenha tido muito mais mérito que aquele que fez uma caminhada maior, tudo depende das capacidades dos alunos.(17)</p>	<p>Depende muito do empenho e dedicação aluno</p> <p>Alunos que trabalham mais</p> <p>Depende das capacidades dos alunos</p>

### Referências às *janelas de cultura* no currículo oficial do 1º ciclo do ensino básico

Subcategorias	Unidades de Sentido	Indicadores
Estudo do Meio	<p>Mas a nível dos saberes acho que o Estudo do Meio é o ponto de partida para as outras áreas.(32)</p> <p>mas o Estudo do Meio é a área mais abrangente em que apelamos mais à imaginação, apelamos mais os saberes da criança.(37)</p>	<p>Primeira área</p> <p>Área mais abrangente</p>
Língua Portuguesa		
Expressões	embora haja outras áreas [para além das 3 áreas nucleares] que fazem parte do currículo do 1º ciclo, como a Educação Física, a Educação Musical, a Expressão Plástica e a Expressão Dramática,(27)	Descuido do professor com as Expressões

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>Às vezes também descaramos muito a parte das Expressões, mas elas são muito importantes.(33)</p> <p>Por exemplo, na escrita, se não houver uma boa motricidade, um bom desenvolvimento óculo-manual da criança, dificilmente vai aprender a ler e a escrever,(34)</p>	<p>Expressões importantes</p> <p>Desenvolvimento óculo-manual</p>
Matemática	embora também se possa inserir nas outras quer em LP quer em Matemática, (15)	Terceira área
NADNC	Agora, também apareceram as NADNC, novas áreas disciplinares não curriculares, também elas contribuem para o desenvolvimento da criança.(28)	NADNC contribuem para o desenvolvimento das crianças
Escolaridade	<p>O 1º ciclo é um caso muito específico, é um trabalho muito interdisciplinar,(29)</p> <p>Há três nucleares que são a LP, a Matemática e o Estudo do Meio,(26)</p> <p>elas estão muito ligadas umas com as outras.(30)</p> <p>é muito importante, elas concorrem todas para um grande objectivo e estão todas interligados.(35)</p> <p>Acho que estão muito unidas e muito interligadas,(36)</p>	<p>1º CEB é caso específico</p> <p>interdisciplinaridade</p> <p>3 áreas nucleares</p> <p>ligadas</p> <p>idem</p>
Janelas de cultura no currículo do 1º ciclo	<p>Muito clara não está.(38)</p> <p>Mas subentende-se.(39)</p> <p>Por exemplo, na área de Estudo do Meio, no 3º ano, onde apela para o estudo de uma associação local,(40)</p> <p>para aspetos ligados a uma entidade,(41)</p> <p>e quando se faz alusão à</p>	<p>Não é clara</p> <p>Subentende-se</p> <p>estudo de uma associação</p> <p>de uma entidade</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>divisão administrativa local, apela para esses aspetos.(43)</p> <p>Exatamente. [Apesar de não ser muito clara, entende que há lá aspetos que têm a ver com a cultura local.](52)</p> <p>Temos é que saber canalizá-los.(44)</p> <p>Temos é que adaptar o currículo.(53)</p> <p>Quando se fala nisso, o nosso currículo é a nível nacional mas temos que o adaptar á nossa realidade local.(54)</p> <p>Sou também defensor de um currículo local.(55)</p> <p>Estarmos aqui a falar com um aluno que nunca viu o mar e estarmos aqui a falar de barcos, é um pouco entrar no mundo do imaginário.(56)</p> <p>É claro que com as novas tecnologias podemos visualizar o mar como se lá estivéssemos presentes.(56a)</p> <p>Mas é diferente, a presença física do alunos no local é muito importante, até porque tudo o que possamos ver através da Internet é virtual.(57)</p>	<p>apela para a cultura local</p> <p>há referencias</p> <p>depende do professor</p> <p>adaptar o currículo</p> <p>currículo local</p> <p>Defende currículo local</p> <p>Exemplos com barcos, no Interior</p> <p>Tecnologias ajudam</p> <p>Na Internet a visita é virtual</p>
--	--	--

### Organização das estratégias e atividades educativas na abordagem à cultura local

Subcategoria	Unidade de Sentido	Indicadores
Dinâmicas no processo ensino/aprendizagem da cultura local	<p>Costumo incluir [aspetos ligados à cultura local na programação diária] (58)</p> <p>Quando nós estamos a desenvolver, por exemplo, a dar um assunto, um conteúdo de LP, praticamente, sem nos apercebermos estamos a entrar na área da</p>	<p>Inclui</p> <p>interdisciplinaridade espontânea</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

<p>Matemática e estamos a entrar no Estudo do Meio.(31)</p> <p>Por exemplo, este ano nós temos um projeto e estamos a trabalhar sobre ele, são os jogos tradicionais que envolve a participação dos pais.(45)</p> <p>Os alunos, as pesquisas que fizeram envolviam os pais e os avós.(46)</p> <p>Como é que se jogava antigamente, aqueles jogos deles.(47)</p> <p>Neste momento são muito diferentes, são bicicletas, são computadores.(48)</p> <p>Tudo era do desconhecimento deles e resultou bastante.(49)</p> <p>Na Língua Portuguesa falam-se mais as lengalengas, em todos os anos de escolaridade, mas ali no 1º ano, aquelas lengalengas para a parte fonológica, e dos sons.(50)</p> <p>Apelamos muito às lengalengas e às adivinhas, e, nessa parte, até se vão buscar alguns saberes tradicionais.(51)</p> <p>Acho que temos um ensino de proximidade, quer com os alunos quer com os encarregados de educação.(66)</p> <p>No 1º ciclo, nós fazemos imensas atividades com a colaboração dos encarregados de educação e das forças vivas da localidade,(67)</p> <p>muitas vezes até naquelas programações que fazemos, incluímos a associação A, B ou C em que contribuem com os seus saberes(68)</p>	<p>Jogos Tradicionais</p> <p>Relação intergeracional</p> <p>Jogos que se perderam</p> <p>Mudança de paradigma cultural</p> <p>Desconheciam</p> <p>Lengalengas associadas ao desenvolvimento da fala</p> <p>Saberes tradicionais</p> <p>Ensino de proximidade</p> <p>Envolvimento das Forças vivas</p> <p>Associações contribuem com saberes</p>
---	---

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>e vão enriquecer muito mais a atividade e então há uma partilha constante.(69)</p> <p>Nós ensinamos algumas coisas e eles vão-nos ensinar outras que eles desenvolvam.(70)</p> <p>Nós temos um blog na nossa escola em que as atividades mais significativas, através de registos quer escritos quer fotográficos, nós vamos lá colocar e até pode servir para outras pessoas poderem usar noutros contexto e até de outra forma.(102)</p> <p>Na sala de aula fazemos isso muita vez, por exemplo antes de uma visita de estudo. Vamos saber um pouco mais sobre aquilo que vamos visitar e quando lá chegamos é só constatar factos daquilo que já sabemos.(106)</p>	<p>Enriquecimento e Partilha</p> <p>Troca de conhecimentos</p> <p>Utilizam o Blog</p> <p>Preparar visitas de estudo</p>
<p>Estimulação das crianças para a valorização do currículo oculto</p>	<p>Está mais que provado, e a pedagogia diz-nos, que se nós partirmos do conhecimento da criança é muito mais fácil desenvolver-lhe as capacidades.(71)</p> <p>Não há nada para melhor motivar as crianças do que partir do próprio saber delas(79)</p> <p>Neste aspeto, aproveitando aquilo que o aluno sabe(72)</p> <p>Aproveitamos os saberes deles (77)</p> <p>Temos é que saber conjuga-los [os diferentes saberes dos alunos] e trata-los de maneira a que se torne uma mais valia para o desenvolvimento da criança.(25)</p>	<p>Partir do conhecimento do aluno</p> <p>O melhor para as motivar</p> <p>Aluno sabe</p> <p>Aproveitar o que sabem</p> <p>Mais valia</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>Ele já tinha um pequeno conhecimento acerca de certo assunto.(76)</p> <p>até porque eles se sentem muito mais motivados quando falam das suas próprias coisas.(78)</p> <p>e com os nossos saberes que o professor vai imprimindo, e com os trabalhos que vai realizando,(73)</p> <p>e com as motivações que lhe vai fazendo, e apelando para a pesquisa,(74)</p> <p>vai desenvolver aquilo que inicialmente era uma ideia muito pequena mas que depois ficou mais engrandecida.(75)</p> <p>e depois é incentivá-las, dar-lhe ferramentas, por vários recursos à sua disposição para que ele possa, juntamente com o professor, criar ideias e desenvolve-las para se enriquecer pessoalmente.(80)</p>	<p>Pequeno conhecimento</p> <p>Eleva muito os níveis de motivação</p> <p>Papel do professor</p> <p>Pesquisa</p> <p>Ideia evolui</p> <p>Dar ferramentas</p>
<p>Condicionalismo na realização de atividades sobre cultura local</p>	<p>Eu acho que não.(63)</p> <p>Nós, no 1º ciclo, temos alguma liberdade de desenvolver o currículo(64)</p> <p>e isso dá-nos a possibilidades de fazer muitas coisas, até ligadas com a comunidade.(65)</p>	<p>Não há</p> <p>Alguma liberdade ao professor</p> <p>Possibilidades diversas</p>

### Artefactos para recolha orientada da informação sobre cultura local

Subcategorias	Unidades de sentido	Indicadores
<p>Fontes de recolha de informação</p>	<p>por exemplo na comunidade.(28)</p> <p>Quando queremos elaborar um trabalho também nos vamos socorrer da Internet(103)</p>	<p>Comunidade</p> <p>Internet</p>
<p>Organização dos trabalhos produzidos pelas crianças</p>	<p>Depois aplicamos num sarau com a apresentação dos</p>	<p>Sarau com participação dos pais e avós</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>próprios avós e pais, a contar alguns dos texto e a narrar alguns dos acontecimentos que estavam explanados a esse livro.(62)</p>	
Manual para recolha orientada sobre cultura local	<p>Acho que sim.(81)</p> <p>Era de toda a importância.(82)</p> <p>Quando falei há bocado no currículo local, isso do manual iria ajudar muito.(88)</p> <p>Quando chegamos a uma comunidade, e até conhecermos essa comunidade e sabermos como lidar com as pessoas, se houvesse alguma orientação nesse aspeto, acho que iríamos ganhar algum tempo e isso iria ajudar muito.(89)</p> <p>O tempo enquanto andamos a descobrir e a estudar um pouco o meio, já era um ponto de partida,(90)</p> <p>portanto já íamos com alguns aspetos, com uma etapa feita era só continuá-la.(91)</p>	<p>Sim</p> <p>Muito importante</p> <p>la ajudar muito</p> <p>Para conhecer o local</p> <p>Ponto de partida</p> <p>Ganhar a 1ª etapa</p>
Base de dados dinâmica	<p>Isso seria uma mais valia sim.(94)</p> <p>Desde que seja utilizado de forma útil e que contribua para o enriquecimento e para que seja uma mais valia para o aluno e até para o próprio professor, como é o caso dessa base de dados na Internet, é tudo bem vindo.(98)</p> <p>Cada vez mais nos apelam para que usemos as novas ferramentas e as novas tecnologias.(92)</p> <p>Era impensável, há uns anos atrás, irmos visitar um museu através da Internet. Agora já temos essa possibilidade de ver vários</p>	<p>Mais valia</p> <p>enriquecimento do aluno e do professor</p> <p>Programas solicitam uso de novas tecnologias</p> <p>Visitas virtuais</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>museus e tudo o que ali está exposto através da Internet, porque é virtual.(93)</p> <p>Tudo depende como apresentamos as coisas, da tal motivação que nós fazemos com os alunos.(95)</p> <p>Se calhar, se eu lhe der um texto numa folha de papel A4, talvez não lhe dirá muito. Mas se projetar um Powerpoint com aquela informação parece que o aluno fica mais motivado.(96)</p>	<p>Depende do professor</p> <p>Mais motivação com recurso às TIC</p>
--	--	--

### Utilização da plataforma como instrumento de aprendizagem

Subcategorias	Unidades de Sentido	Indicadores
Alunos	<p>Claro que podia.(100)</p> <p>Portanto é a melhor forma de o fazer.(107)</p> <p>Todas as ferramentas são importantes e todas contribuem para o desenvolvimento tanto pessoal como social, temos é saber aproveitá-las todas, quer o livro, quer o computador quer tudo o que nós possamos utilizar, devemos é saber utilizar convenientemente, quando e nos sítios próprios.(99)</p> <p>Eu começava por colocar uma questão: porque não partilhar aquilo que nós fizemos, porque não partilhar os nossos saberes com outras pessoas? E nada melhor para fazer isso, como através da Internet.(101)</p> <p>e vamos procurar trabalhos relacionados com o assunto que queremos investigar ou queremos trabalhar e às vezes há imensa informação que nós vamos recolher dos outros, porque é que nós também temos informação e não a podemos partilhar com</p>	<p>Podia</p> <p>É a melhor forma</p> <p>Todas as ferramentas são importantes</p> <p>Partilha de saberes na Internet</p> <p>Vontade de partilhar informação</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	os outros?(104)	
Professores	Já fiz intercâmbio escolares entre países e também entre localidades dentro de Portugal, e só nos reunimos uma vez por ano e eles sabiam tudo o que se passava connosco e nós com eles.(106)	Intercâmbio, fora do país
Outros sujeitos	É da mesma forma.[que um Blog) Esse <i>site</i> podia servir para isso, com muito mais informação e organizada.(105)	Mais do que um blog

**Professor MJ\_FND**

### Papel dos saberes ligados à cultura local no desenvolvimento das crianças

Subcategorias	Unidades de Sentido	Indicadores
Função Educativa	Isso é incontestável.(1)	Incontestável
	Sem dúvida, muito importantes.[esses conhecimentos, oriundos da família].(13)	Muito importantes
	Nota-se essa lacuna[na cidade].(14)	Família demite-se da educação
	Na cidade não é muita. [a influência dos saberes da cultura local no desenvolvimento da criança,](39)	Na cidade tem pouca influência
	Eu aprendi imensas coisas na rua,(21)	Professor aprendeu muito na rua
	parte daquilo que sou aprendi na rua.(22)	Faz parte do que é hoje
	Hoje praticamente não conhecem a rua.(23)	Hoje os alunos não conhecem a rua
	Eu tenho miúdos com oito e nove anos que não vêm sozinhos para a escola.(24)	Pouca autonomia
que também contribui para isso[o relacionamento com outras crianças.(26)	não interagem uns com os outros	
Claro.[Porque em casa têm tudo](28)	Têm tudo em casa	

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>Em casa têm os jogos, têm a PlayStation, para eles se entreterem(29)</p> <p>e os pais aproveitam para fazer aquilo que não podem fazer durante a semana.(30)</p> <p>os pais estão sempre muito ocupados e não têm muito tempo para eles,(42)</p>	<p>Jogos, PlayStation</p> <p>Pais ocupados</p> <p>Pais muito ocupados</p>
<p>Função Social</p>	<p>Acho é que cada vez os meninos têm mais lacunas nesse aspeto[saberes ligados à cultura local ](3)</p> <p>Com os meus alunos passa-se isso e cada dia noto que há mais lacunas(5)</p> <p>porque o tempo passado em família e onde essa formação devia começar, por aí, cada vez é menor.(4)</p> <p>eu até digo, para simplificar, que é muita falta de maturidade agora nos miúdos, mas não é, é falta disso mesmo.[o tempo passado em família e onde essa formação devia começar ] (8)</p> <p>e isso [o tempo passado em família e onde essa formação devia começar] depois tem implicações na sala de aula(6)</p> <p>Eu até já fui tão radical nessa reflexão que pensei que os alunos que estamos a receber serão os filhos do 25 de Abril. Porque é aquela fase de euforia e que começou por aí a haver uma certa banalização disso e, como os pais já passaram por essa fase, os filhos que estamos a receber são os filhos dessa situação?(12)</p> <p>Neste meio citadino,</p>	<p>Hoje vêm com mais lacunas</p> <p>Cada vez mais lacunas</p> <p>Pouca formação de casa</p> <p>É falta da formação em família</p> <p>Tem implicação na sala de aula</p> <p>Os alunos do 1º CEB são filhos da “banalização” do 25 de Abril</p> <p>Na cidade frequentam pouco as associações</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>praticamente não frequentam.[associações](17)</p> <p>Porque que não há associações, a não ser desportivas e pouco mais,(40)</p> <p>Tirando o aspeto religioso, falo na catequese, que já é um número muito restrito, mas ainda razoável, um número muito restrito no futebol e resume-se a isto.(18)</p> <p>Não, não estão.[ muito vocacionados para o associativismo ](19)</p> <p>E é um círculo vicioso. Nem o associativismo recebe novos elementos e estagna, nem influencia o desenvolvimento pessoal nas crianças, pelo menos no Fundão está-se a passar isso.(20)</p> <p>porque há troca de experiências, mas muito pela Internet.(32)</p> <p>na rua eles não se divertem uns com os outros porque têm os jogos e a televisão em casa,(41)</p> <p>Porque nós fazemos parte da realidade, temos a nossa história mas fazemos parte desta.(85)</p>	<p>Só associações desportivas</p> <p>Catequese e futebol</p> <p>Pouco vocacionados</p> <p>Círculo vicioso no Associativismo do Fundão</p> <p>Internet é o meio de relacionamento privilegiado</p> <p>Jogos e televisão substituem convívio</p> <p>Temos a nossa história</p>
Função compensatória	<p>Falta um conjunto de conceitos base, de educação e formação(9)</p> <p>que nós trazia-mos da família e que agora os meninos não trazem.(10)</p> <p>Tem que ser na escola.(11)</p> <p>Hoje pede-se muito mais ao professor do que ensinar.(15)</p> <p>Tem que substituir muitas vezes os pais na educação que os filhos já deviam</p>	<p>Faltam conceitos base de educação e formação</p> <p>Mudança de paradigma educacional</p> <p>Esse papel passou para a escolas</p> <p>Para além da instrução, tem que educar</p> <p>Substitui os pais na educação dos filhos</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>trazer de casa.(16)</p> <p>Só os intervalinhos dos dez minutos em que é mais para gastar energias, brincar, brigar, essas coisas, e o fim de semana é em casa.(27)</p> <p>Eu hoje acho que os miúdos cada vez estão mais sozinhos, no aspeto individual, e, por isso, têm dificuldade em crescer,(31)</p> <p>por isso e pelo que disse antes, acho que as questões ligadas à cultura local, hoje em dia, não é através da família, é na escola.(43)</p>	<p>Só convivem na escola e pouco</p> <p>Sozinho cresce menos</p> <p>Escola substitui os pais em cultura local?</p>
--	--	--

### Referências às *janelas de cultura* no currículo oficial do 1º ciclo do ensino básico

Subcategorias	Unidades de Sentido	Indicadores
Estudo do Meio	Estudo do Meio(44)  O Estudo do Meio está diretamente ligado ao meio local,(46)	Primeira área  Ligado ao meio
Língua Portuguesa	e Língua Portuguesa.(45)  O manual de LP traz sempre alguma coisa a ver com a cultura local.(65)  e quando trabalho no Estudo do Meio trabalho em Língua Portuguesa.(47)	Segunda área  Manual refere  Ambas as áreas
Expressões		
Matemática		
Escolaridade		
Janelas de cultura no currículo do 1º ciclo	Em Estudo do Meio acho que sim.(48)  Em Língua Portuguesa o programa solicita muito ir ao meio local buscar exemplos.(49)  Até porque na própria programação lá está, não se pode fugir dali, temos mesmo que ir ao meio.(50)	É clara no Estudo do Meio  Em Língua portuguesa solicita muito  Está na programação

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

### Organização das estratégias e atividades educativas na abordagem à cultura local

Subcategoria	Unidade de Sentido	Indicadores
Dinâmicas no processo ensino/aprendizagem da cultura local	Quando fazemos o estudo dos monumentos da localidade, (51)	Estudo do património construído
	saber as figuras importantes, (52)	Figuras importantes
	o nome das ruas, (53)	Toponímia
	a gastronomia, (54)	Gastronomia
	costumes, (55)	Costumes
	feriados, (56)	Feriados
	nessa parte[aspetos ligados à cultura local] aprofundo muito porque aí eles estão a zero, (57)	Trabalho do professor
	mas e é uma coisa[ aspetos ligados à cultura local ] que os miúdos gostam. (58)	Mais motivados
Estimulação das crianças para a valorização do currículo oculto	mas ela[a cultura local] esta quase sempre presente, mesmo sem estar concretamente na minha planificação diária. (60)	Cultura local sempre presente
	Os pais lembram-se de outro provérbio, eles trazem e isso faz parte da participação deles, (67)	Interação com a família
	trazerem já alguma coisa em conforme trabalharam os textos em casa. (68)	Trabalham em casa
	Parto do princípio que hoje o professor tem que respeitar o que eles já trazem(2)	Respeito pelo que trazem
e que já faz parte da vida deles. (3)	Faz parte da vida deles	
Isso é um trabalho que tenho uma preocupação muito grande no 1º e 2º anos de escolaridade. (77)	Em especial no 1º e 2º anos	
Sirvo-me disso quando vou	Quando falo do meio, da	

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>falar do meio envolvente, da história local ou para atingir um determinado fim.(78)</p> <p>É uma maneira de os motivar.(79)</p> <p>Quando eles falam de conhecimentos que eles já viveram é muito fácil tê-los na mão.(80)</p> <p>Eu tenho o hábito de à segunda feira, na primeira parte, fazer a hora das novidades.(33)</p> <p>Desde o 1º ano que sempre tive este espaço.(34)</p> <p>Escolhem uma ou duas coisas que mais significado tiveram para eles no fim de semana, ou pela positiva ou pela negativa.(35)</p> <p>Ou é um jogo novo da PlayStation(36)</p> <p>ou quando brincam com um amigo na rua é uma grande novidade.(37)</p> <p>E é tão importante para eles que é uma das coisas que escolhem para a hora das novidades.(38)</p> <p>[exemplo dos provérbios] É uma forma de valorizar os conhecimentos deles.(69)</p> <p>Até porque ao falar daquilo que eles sabem, daquilo que eles conhecem, ficam mais motivados para a aprendizagem.(81)</p>	<p>história local</p> <p>Para motivar</p> <p>Tê-los na mão</p> <p>Hora das novidades</p> <p>Parte das vivências do aluno</p> <p>Relato do fim de semana</p> <p>Jogo novo na PlayStation</p> <p>Falta de convívio com os colegas</p> <p>Falam deles</p> <p>Forma de valorizar</p> <p>Maior motivação</p>
<p>Condicionalismo na realização de atividades sobre cultura local</p>	<p>Não, (70)</p> <p>não vejo constrangimentos nenhuns,(71)</p> <p>só há vantagens.(72)</p> <p>Qualquer tema que a gente trabalha, estamos inseridos no meio e é muito mais fácil exemplificar.(61)</p>	<p>Não há</p> <p>Nenhuns</p> <p>Só vantagens</p> <p>Possibilidades diversas</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>O currículo é longo(73)</p> <p>mas é uma questão de articulação,(74)</p> <p>consegue-se trabalhar o programa.(75)</p> <p>Depende do professor.(76)</p>	<p>Currículo longo</p> <p>Articulação</p> <p>Programa não inibe</p> <p>Depende do professor</p>
--	---	---

### Artefactos para recolha orientada da informação sobre cultura local

Subcategorias	Unidades de sentido	Indicadores
Fontes de recolha de informação	<p>por exemplo na comunidade.(28)</p> <p>Quando vou trabalhar em áreas relacionadas com a cultura local, peço sempre para falarem com os avós.(62)</p> <p>Com os pais é muito mais empobrecedor, porque os pais já têm essas lacunas.(63)</p> <p>Até porque os manuais nem sempre dão bons exemplos.(64)</p> <p>Por exemplo, quando exploramos provérbios, eles, normalmente, perguntam aos avós e aos pais o que é que o provérbio quer dizer.(66)</p>	<p>Na comunidade</p> <p>Falam com os avós</p> <p>Os pais é empobrecedor</p> <p>Exemplos dos manuais não são os melhores</p> <p>Interação com a família</p>
Organização dos trabalhos produzidos pelas crianças	<p>Guardam-se no armário,(86)</p> <p>podem consultar depois.(87)</p>	<p>No armário</p> <p>Podem consultar</p>
Manual para recolha orientada sobre cultura local	<p>Sim, podia ajudar.(82)</p> <p>Quando me falas num documento desses, um manual, acho que era é ótimo.(89)</p> <p>Ajudava a organizar melhor as coisas.(90)</p> <p>O manual que compramos na livraria apoia mas para mim não é o essencial.(83)</p>	<p>Sim</p> <p>Era ótimo</p> <p>Melhorava a organização</p> <p>Manual oficial não é o essencial</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	Sempre que alguma coisa me pode ajudar nesse percurso que eu tenho seguido, aproveito.(88)	Manual pode ajudar
Base de dados dinâmica	Claro que era bom.(91) Estamos na era digital.(92) Isso[base de dados dinâmica] ajudava muito,(93) porque todo o tempo que eu poderia andar, não digo perdido, poderia canalizá-lo para outras coisas.(94) E podíamos sempre ir atualizando esses dados não é?(95)	Era bom Atual Ajudava muito Ganhar tempo Atualização contínua

### Utilização da plataforma como instrumento de aprendizagem

Subcategorias	Unidades de Sentido	Indicadores
Alunos	Acho que era importante(98) Seria muito interessante para eles[alunos].(104) era muito mais importante para os alunos.(97) porque é um documento que está ali à mão,(99) E a questão de irem procurar, é que para isso já há motivação.(102) No fundo, embora com orientações, são eles que estão a participar no que estão a fazer.(103)	importante muito interessante para os alunos muito importante para os alunos Está ali à mão Alunos motivados Alunos são também protagonistas
Professores	Eu acho que mais importante do que para mim(96) do qual[Base de dados dinâmica] eu me posso servir na sala de aula,(100)	Mais para os alunos Serve na sala de aula
Outros sujeitos		

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

Professor TER\_FND

### Papel dos saberes ligados à cultura local no desenvolvimento das crianças

Subcategorias	Unidades de Sentido	Indicadores
Função Educativa	<p>O desenvolvimento deles fica muito mais rico tanto a nível psicológico, como um ser humano para o futuro,(1)</p> <p>conhecerem os saberes dos seus avós, dos seus antepassados,(2)</p> <p>[conhecerem os saberes] da cultura local(3)</p>	<p>Mais valia a nível psicológico</p> <p>Saberes oriundos na família</p> <p>Saberes da cultura local</p>
Função Social	<p>e para poderem valorizar a sua própria história.(4)</p> <p>os [os saberes]que vêm da família ainda melhor,(5)</p> <p>No Castelejo, na Enxabarda e no Açor existem associações. Têm os ranchos.(10)</p> <p>Eles frequentam e participam muito.(11)</p> <p>Sim claro. Sem dúvida.[que é importante a participação no associativismo](12)</p> <p>Tirando o fim de semana em que frequentam as associações do Açor e da Enxabarda e aqui também.(20)</p> <p>Neste momento, aqueles meninos de rua já não existem tanto como há dez anos atrás,(16)</p> <p>porque estão na escola até às cinco e meia da tarde e vão para casa, têm os transportes.(17)</p> <p>De rua é mais aos fins de semana, porque durante a semana já não há.(18)</p> <p>Mais aos fins de semana, durante a semana não, porque eles não têm mesmo tempo, neste momento. (21)</p>	<p>Valorizar a sua história</p> <p>saberes adquiridos no meio familiar</p> <p>Associativismo local</p> <p>Alunos frequentam e participam</p> <p>É importante essa participação</p> <p>Frequentam só ao fim-de-semana</p> <p>Já não há meninos de rua</p> <p>Estão na escola até às 5 da tarde e vão para casa nos transportes</p> <p>Só aos fins-de-semana</p> <p>Durante a semana não têm tempo</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	O que eles aprendem na rua já não é tanto, já não é o que era.(19)	Já não é o que era
Função compensatória	e valorizei sempre essa cultura na escola(7)  Até porque o Sarau Cultural, desculpe voltar a trás, tem sido feito no Açor, Enxabarda ou Castelejo, temos descentralizado.(34)  As pessoas aderem muito,(35)  sentem-se valorizadas.(36)	Valorização da cultura local na escola  Descentralização do Sarau Cultural  Participação coletiva  Autoestima

### Referências às *janelas de cultura* no currículo oficial do 1º ciclo do ensino básico

Subcategorias	Unidades de Sentido	Indicadores
Estudo do Meio	e Estudo do Meio.(23)	Segunda área
Língua Portuguesa	Língua Portuguesa(22)  Eu aproveito muito para a LP, essencialmente para produção de textos.(24)	Primeira área  Produção de textos
Expressões		
Matemática		
NADNC		
Escolaridade		
Janelas de cultura no currículo do 1º ciclo	Não está claro. (27)  Não acho,(25)  Esse aspeto não está devidamente organizado no currículo, mas o professor dá a volta.(37)  mas eu tento dar a volta. Olho para ali e dou a volta.(26)  Até porque o currículo é a nível nacional(28)  É muito vago.(30)  e eles falam por exemplo de costumes da terra, mas qual terra?(29)	Não é clara  Não está clara  Papel do professor  Dá a volta ao currículo  O currículo é estandardizado para o país  É muito vago  Faltam janelas de proximidade

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

--	--	--

### Organização das estratégias e atividades educativas na abordagem à cultura local

Subcategoria	Unidade de Sentido	Indicadores
Dinâmicas no processo ensino/aprendizagem da cultura local	neste caso concreto aqui dos meus alunos, tenho netos de poetas, tenho netos de escritores e aproveitei sempre esses saberes(6)	Aproveita esses saberes
	partilham com os colegas,(14)	Partilham com os colegas
	escrevemos e isso tudo serve para a Língua Portuguesa.(15)	Fazem textos para Língua Portuguesa
	Vou falar então do Sarau Cultural que é sempre ligado à semana da leitura,(38)	Sarau Cultural
	integrado no agrupamento,(39)	Integração no PAA do agrupamento
	com a participação da comunidade local.(40)	Trabalho coletivo
	Temos as flores de Sta. Luzia que são feitas pelos adultos da escola(41)	Participação dos assistentes
	e a receita da venda reverte para a escola.(42)	Receita para a escola
	Este ano, integrado no projeto Comenius e também no Projeto Educativo do Agrupamento, já fizemos uma recolha de jogos tradicionais(44)	integração com o PEA e outros projetos - Comenius
	O alunos recolheram, trouxeram,(47)	Recolhem e trazem para a sala
	explicaram-nos aqui na sala,(48)	explicam a todos
	e pusemos em prática [os jogos tradicionais] aqui na escola.(46)	praticam os jogos tradicionais
Fizemos cá os jogos todos na escola.(52)	Jogos tradicionais	
e adoraram.(49)	adoraram	
Jogos que eu nem sequer		

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>conhecia, ouvia falar neles.(50)</p> <p>O jogo da marquinha, que é o botão a atirar à parede.(51)</p> <p>O jogo do cântaro que normalmente se usa no Carnaval,(53)</p> <p>a recolha de receitas tradicionais, (54)</p> <p>também as trabalhámos, construímos o texto instrucional, têm que saber o que são os ingredientes,(55)</p> <p>proveitei as receitas que eles trouxeram.(56)</p> <p>ano também já trouxemos à escola um apicultor que veio dar uma aula.(58)</p> <p>É uma aula ao vivo, onde ele explicou se calhar muito melhor do que eu, (59)</p> <p>E [a aula dada pelo apicultor] foi uma aula fantástica, eles adoraram.(60)</p> <p>Registamos no quadro[partindo do que eles já sabem ] e depois tiramos conclusões sobre o que sabiam, ou não, sobre aquele assunto.(76)</p>	<p>professor aprende</p> <p>jogo da marquinha</p> <p>jogo do Cântaro - Carnaval</p> <p>recolha de receitas</p> <p>trabalham os textos</p> <p>Aproveita esses saberes</p> <p>Apicultor dá uma aula</p> <p>Mais valia</p> <p>Foi uma aula fantástica Alunos adoraram</p> <p>Registam e comparam com o que não sabiam</p>
<p>Estimulação das crianças para a valorização do currículo oculto</p>	<p>Exploro.(67)</p> <p>Para já isto ainda vem da parte da formação que fizemos na ESE(68)</p> <p>onde nos ensinaram que temos que saber que o aluno sabe qualquer coisa,(69)</p> <p>São as concepções alternativas que eu aprendi e aplico.(70)</p> <p>Primeiro, quando tenho um tema qualquer para dar, vou</p>	<p>Explora</p> <p>Aprendeu na formação na ESE</p> <p>Professor reconhece Aluno sabe coisas</p> <p>Concepções alternativas</p> <p>Primeiro os alunos falam</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>ver o que é que eles sabem.(71)</p> <p>A partir daí exploro, mas sempre partindo do que é que eles já sabem sobre isso.(72)</p> <p>Eles sabem sempre qualquer coisa.(73)</p> <p>Até porque hoje em dia o ensino não é chegar aqui a despejar a matéria.(74)</p> <p>- Vamos estudar isto, vocês até já sabem alguma coisa sobre isto.(75)</p>	<p>sobre o tema que vai dar</p> <p>Parte do conhecimento dos alunos</p> <p>Sabem sempre algo</p> <p>Não despeja matéria</p> <p>Saberes dos alunos</p>
<p>Condicionalismo na realização de atividades sobre cultura local</p>	<p>Não encontro.(61)</p> <p>Mas não encontro, na parte pedagógica não.(65)</p> <p>A nível do agrupamento está sempre aberto a quaisquer atividades.(62)</p> <p>Há sempre aquelas burocracias,(63)</p> <p>se eu quiser sair com os miúdos é preciso aquelas autorizações todas que antigamente não existia.(64)</p> <p>Eu faço a gestão do currículo e do tempo para essas coisas.(66)</p>	<p>Não encontra</p> <p>Na parte pedagógica não encontra</p> <p>Agrupamento não impede</p> <p>Há burocracias</p> <p>Autorizações que não havia antes</p> <p>Professor gere o tempo</p>

### Artefactos para recolha orientada da informação sobre cultura local

Subcategorias	Unidades de sentido	Indicadores
Fontes de recolha de informação	<p>aproveitando precisamente os familiares e a cultura local.(9)</p> <p>junto dos familiares, dos avós das pessoas antigas(45)</p> <p>Quando vão de fim de semana, trazem para a escola, e contam,(13)</p> <p>Então eu vou mesmo aos costumes daqui,(31)</p>	<p>Comunidade local</p> <p>Pessoas antigas</p> <p>Alunos trazem para a escola</p> <p>Costumes locais</p>

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

	<p>daqui da nossa terra,(32)</p> <p>incluindo as anexas, incluindo Açor e Enxabarda.(33)</p>	<p>Costumes da terras</p> <p>Costumes da terra dos alunos</p>
Organização dos trabalhos produzidos pelas crianças	<p>Como tínhamos que estudar a água, aproveitámos as fontes do Castelejo, do Açor e o património local e fizemos um folheto.(43)</p> <p>Existe nesta escola um livro escrito pelos pais sobre tradições na localidade, que foi feito pelo professor Gavinhos e pelo professor António Melo.(57)</p> <p>tanto que fazemos sempre de dois em dois anos um sarau cultural(8)</p>	<p>Folheto informativo</p> <p>Professores elaboram Livro sobre tradições locais</p> <p>Sarau Cultural</p>
Manual para recolha orientada sobre cultura local	<p>Isso era meio caminho andado para o nosso trabalho,(77)</p> <p>já temos tanta coisa para fazer,(78)</p> <p>isso era uma ajuda ótima.(79)</p> <p>até para organizar as recolhas(80).</p>	<p>Meio caminho andado</p> <p>Muita coisa para fazer</p> <p>Era uma ajuda ótima</p> <p>Melhor organização das recolhas</p>
Base de dados dinâmica	<p>Isso era ouro sobre azul.(81) isso então era ouro sobre azul.(85)</p> <p>Era muito importante.(86)</p> <p>temos Internet sem fios,(83)</p> <p>temos videoprojector,(84)</p> <p>Eles já dominam bem o computador(87)</p>	<p>Ouro sobre azul</p> <p>Muito importante</p> <p>Têm internet sem fios</p> <p>Têm videoprojector</p> <p>Dominam o computador</p>

### Utilização da plataforma como instrumento de aprendizagem

Subcategorias	Unidades de Sentido	Indicadores
Alunos	Eu acho que realmente era ótimo termos esse recurso(90)	Recurso ótimo

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.

	Até porque já lá vamos[Internet] por outras coisas.(91)  Quadro e giz é importante, mas com acesso a essa base de dados a dinâmica e a motivação na aula é outra.(89)  Vai servir bastante em sala de aula quer fora de aula.(92)	Já consultam a Internet  Maior motivação  Serve em sala de aula e fora dela
Professores	e a dinâmica de aula seria muito diferente.(88)  Na sala de aula porque em qualquer altura se pode utilizar para mostrar exemplos reais(93)	Outra dinâmica na sala de aula  Na sala para mostrar exemplos reais
Outros utilizadores	e em casa para eles e os pais consultarem.(94)  E até para outras pessoas poderem consultar,(95)  por exemplo, alunos mais velhos para os trabalhos que fazem.(96)	Pais podem consultar em casa  Outras pessoas  Alunos mais velhos para trabalhos

### 3.5. Análise de resultados

No sentido de tentarmos compreender as diferentes opiniões de cada entrevistado sobre cada uma das questões formuladas, retomámos as respostas dos professores e recolhemos todos os *indicadores e unidades de sentido*, para cada *subcategoria* em cada questão (Anexo X). Embora tendo consciência da dimensão que esta documentação ocupa no trabalho, considera-se, no entanto, que ela é fundamental para a compreensão do tipo de análise em curso. Note-se, que nesta fase da análise de conteúdo, pretendíamos saber as opiniões de todos os entrevistados, para cada uma das questões em particular.

Com base nessa recolha, procedemos à análise qualitativa desses dados. Tendo em conta a quantidade de informações recolhidas, seleccionámos aquelas que, pela pertinência para a nossa investigação, se revelaram mais significativas. Nesse sentido, apresentamos, para cada questão enunciada, referências aos indicadores mais relevantes, e respetivo sustendo nas palavras dos entrevistados, por subcategoria. No final de cada questão procedemos à inclusão de um breve comentário sobre o conteúdo das respostas analisadas.

### **Papel dos saberes ligados à cultura local no desenvolvimento das crianças.**

As respostas à Questão nº1 refletem a importância dos saberes ligados à cultura local, nomeadamente os que têm origem na família, no associativismo, ou em espaços informais, e permitem-nos salientar até que ponto eles traduzem aspetos enquadrados na função educativa, social ou compensatória da escola, entre outras.

#### **Função Educativa**

Assim, de acordo com a maioria dos professores, a função educativa dos saberes ligados à cultura local é muito importante para o desenvolvimento da criança. Diz-nos AC\_FND que “Considero essa questão muito pertinente”. J\_CB refere que “Têm muita, [importância no desenvolvimento da personalidade da criança ]. A prof. LL\_COV acrescenta que “São muito importantes os saberes que trazem de casa, os do dia a dia, das suas brincadeiras.”, havendo mesmo um outro professor, GAV\_FND, que “concorda” e até nos diz que “Acho que os saberes locais têm muita importância no desenvolvimento global da criança e são uma mais valia para que melhore as suas capacidades tanto cognitivas como comportamentais”. MJ\_FND considera que “isso é incontestável”, havendo um outro professor, TER\_FND, para quem “o desenvolvimento deles fica muito mais rico tanto a nível psicológico, como um ser humano para o futuro”. Ainda relativamente a esta função, LU\_CB, refere-se, num tom “saudosista”, aos conhecimentos que adquiríamos “desses serões que nós tínhamos fica-se a saber muita coisa”(4), “na medida em que a criança fica a saber coisas relacionados com a história do País”(2) “e com a história do local onde vivem.”(3). O professor LEO\_CB refere essa cultura como fazendo parte da criança, “É essa cultura que informa a criança,”(2) e salienta o facto de as crianças na aldeia passarem mais tempo com a família do que na cidade, “Nas aldeias estão com a família. [as pessoas idosas] têm tantos conhecimentos,”(45), facto, aliás, corroborado por MF\_CB quando afirma que em meio urbano “A família hoje corre muito e demite-se pura e simplesmente dessas coisas.”(4), adiantando uma explicação para este aparente descuido, a falta de tempo, “porque para os pais, como estão a trabalhar até tarde,”(6) e “outros [pais] saem de uns empregos e vão para outros,” (7). No mesmo sentido, refere MJ\_FND, “Família demite-se da educação - Nota-se essa lacuna[na cidade]”(14) e “Na cidade tem pouca influência - Na cidade não é muita. [a influência dos saberes da cultura local no desenvolvimento da criança,]”(39). Ainda neste sentido, GAV\_FND realça a questão do meio rural versus meio urbano: “põem-se também a questão de ser um meio rural ou um meio urbano” (18). “Rural é mais ligado à comunidade. No meio rural, as crianças têm os saberes mais ligados à localidade, quando se fala do campo,

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

daqueles saberes que os avós lhes foram transmitindo, e os pais, de coisas básicas, por exemplo como se semeia e se planta uma árvore,(19)”.

Para LM\_COV, essas vivências ensinam, quando afirma “Para mim é muito importante porque são vivências que as crianças aprendem”(1) e acrescenta, referindo-se à complementaridade entre saberes formais e informais, “Essa conjugação de saberes permite uma maior capacidade da criança de desenvolvimento global”. Ainda neste sentido, MLB\_COV refere *que esses conhecimentos informais podem ser potenciados na escola*: “Acho que são importantes os conhecimentos que a criança traz de casa e de outros locais, mesmo antes de chegar à escola, aí pode desenvolvê-los.”(5). GAV\_FND reforça essa complementaridade, ao referir que “[...]era um complemento em que associavam a parte lúdica à parte cognitiva, à parte da aquisição de novos saberes, novas competências e de novas atitudes em termos comportamentais e em termos cognitivos.”(7). AC\_FND salienta a importância das memórias, em comparação com o conhecimento científico, ao afirmar: “Muito sinceramente, se é bom que um aluno desenvolva competências ao nível do conhecimento e que mergulhe na ciência, é também muito importante que ele tenha memória,”(2) e, ainda no sentido de valorizar as memórias: “Sem memória perde-se o rumo - e nós não tendo memória, isso esgota-se e perdemos o rumo, nesse sentido.” (5). Este sentido é complementado com MLB\_COV ao afirmar que “depois podem trazer para a escola e enriquecer, partilhar,” (6) e posteriormente desenvolverem trabalhos com utilidade “e a partir daí desenvolver trabalhos que podem ser muito úteis.” (7). O nível de escolarização da família e a sua influência no desenvolvimento da criança é referido por GAV\_FND: “A minha experiência diz que normalmente, os filhos de pais mais escolarizados têm outra cultura”(8). No entanto, não deixa de contraditar ao evidenciar a vontade de cada um como aspeto determinante na sua valorização pessoal, ao referir que: “[...]não quer dizer que não haja regra sem exceção. Já tive filhos de pais até analfabetos e eles conseguiram até, quase autodidáticos, sem a ajuda dos familiares, conseguiram sobreviver neste mundo, pelo empenhamento do aluno”(12) Mas alguns não aproveitam - “Costuma-se dizer que há alunos que têm todas as condições para serem ótimos alunos mas não as aproveitam”(13), outros lutam “E, às vezes, há alunos que conseguem batalhar, não têm tanta disponibilidade, nem tantos meios, mas conseguem fazer um trabalho que é uma mais valia até para o ensino e para o seu enriquecimento pessoal”(14).

### **Função Social**

Neste aspeto, são muitos os professores que consideram que a frequência das associações pelas crianças e jovens traz um valor acrescentado, quer em termos de integração social, quer ao nível do desenvolvimento de outras competências.

Neste sentido, queremos referir AC\_FND quando diz que a associação filia o aluno no meio “Uma associação, seja ela qual for, seja desportiva, sejam os escuteiros, tende sempre

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

a filiar o aluno no meio onde está inserido” (27) e incute no aluno os valores para a inserção social: “e a dar-lhe valores para que ele se insira na comunidade” (28). Acrescenta ainda “Ora, da comunidade é que vêm os valores em si, as memórias, (29). OND\_COV considera que esses conhecimentos, que vêm de casa e das instituições, são o ponto de partida para o aprofundamento: “A cultura que eles trazem e o envolvimento que eles têm, quer com a família, quer com as associações, será a base”,(2). Por outro lado, MLB\_COV salienta a necessidade da escola ser inclusiva dadas as diferentes realidades culturais ali presentes, quando nos diz: “Na escola onde leciono, em Per., temos realidades bastante diferentes, temos por exemplo etnia cigana e temos os outros alunos” (3). OND\_COV salienta o valor daqueles saberes como sendo o elo de ligação “Porque, efetivamente, são a ponte entre a escola e a família” (11). Refere-se, ainda, à falta desses contos tradicionais que ligavam gerações “[...] hoje não há essa cultura do contar histórias dos avós” (31). De novo, o contraste entre o meio urbano e o rural é referenciado por MJ\_FND quando, em relação à frequência das associações, nos diz: “Neste meio citadino, praticamente não frequentam [associações](17) e acrescenta mesmo: “Tirando o aspeto religioso, falo na catequese, que já é um número muito restrito, mas ainda razoável, um número muito restrito no futebol e resume-se a isto”(18). Ao contrário da cidade, os alunos do meio rural, segundo TER\_FND, têm essa rotina nos fins de semana “Tirando o fim de semana em que frequentam as associações do A. e da E. e aqui também” (20). Há semelhança de MJ\_FND refere que já não há meninos de rua “Neste momento, aqueles meninos de rua já não existem tanto como há dez anos atrás(16), porque “[...] estão na escola até às cinco e meia da tarde e vão para casa, têm os transportes”(17). MJ\_FND Aponta também algumas razões para essa realidade “[...] na rua eles não se divertem uns com os outros porque têm os jogos e a televisão em casa (41).

### **Função Compensatória**

Esta função pode evidenciar-se, quer do lado do associativismo, quando se substitui à escola ou à família, quer do lado da escola, quando tenta compensar o aluno pelas falhas nos conhecimentos e na educação, dos quais, à partida, este devia ser portador ao chegar lá, ou mesmo da compensação espontânea que advém da partilha entre todos eles.

A compensação é aqui referida, de forma muito particular, por J\_CB, ao salientar o papel de uma associação local que se tem substituído à família e até à escola, numa grave situação de desemprego dos pais, quando afirma: “porque era uma aldeia que tinha muitas fábricas e na década de 70 acabaram todas e a partir dessa data começou-se a verificar que os pais, as famílias foram assoladas não só pela questão do vinho, o alcoolismo, a drogas, etc.” (6), o que veio provocar abandono familiar “[...] e, portanto, as crianças viram-se abandonadas”(7). Por outro lado, refere o papel da escola, que, em parceria com essa associação local, tenta tirá-los da rua para evitar males maiores: “e só tinham duas soluções

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

ou iam para a rua brincar e aí está também a resposta à primeira pergunta” (8) e “era aí [na rua] que eles se ligavam” (9). Noutra perspetiva, LEO\_CB fala sobre a compensação que advém da partilha entre as crianças: “A cultura local transmite-se uns aos outros”(11) e refere ainda a importância das visitas de estudo nesse sentido, ao dizer-nos “mas as visitas de estudo ajudam muito a abordagem dessas temáticas (24). Como exemplo, relata-nos uma delas, dizendo: “Fizemos uma visita de estudo, e, quando os levei à praia, não faz ideia do que foi no cimo do areal vê-los a correr para aquele “rio tão grande” (57). Curiosamente, LU\_CB “acusa” o associativismo urbano de eventual negligência quanto ao seu papel social e compensatório quando afirma que “e para isso é necessário haver contrapartidas e as associações não estão muito viradas para aí, demitem-se desse papel” (19), ao contrário do meio rural onde o associativismo compensa a falta de apoio “Aí sim,[na aldeia do R.] mas aqui na cidade não se nota tanto” (20).

Ainda no que respeita à importância dos saberes locais no desenvolvimento da personalidade da criança, MF\_CB considera que essa herança cultural devia começar mais cedo, quando afirma: “por isso é que eu acho que é importante a criança, e até mesmo no JI haver já a preocupação de transmitir esses saberes” (23). No que respeita ao processo cognitivo, LM\_COV valoriza esses saberes considerando que o todo é mais do que a soma das partes: “Penso que a criança é mais uma assimilação que faz no meio e na família, e a escola, aí, é mais um contributo geral que dá para a formação específica do programa. (6) Dado que a escola tenta uniformizar a formação para todos “[...] e nós constatamos que aquilo que se pretende, em meu entender, na escola é depois uniformizar a formação para todos, que a escola proporciona para todos”(10). AC\_FND valoriza o cruzamento de saberes, os aprendidos na rua, ao referir que ao misturar as coisas aprendem todos: “Tentamos misturar as coisas por forma a que uns aprendam com outros (23), “Desenvolve de certeza.[esses saberes que o aluno adquire informalmente, na rua](31). Refere, também, o papel da escola, no que diz respeito à compensação da falta de contacto entre eles fora da escola: “Portanto, todas as oportunidades são de incentivar os alunos de irem lá para fora brincar e criar estas situações, partilharem esses conhecimentos (39)”. GAV\_FND recorre à compensação pela frequência do escutismo, porque “Acho que era uma complementaridade que ia além da escolarização” (6). LM\_FND refere-se, ainda, à questão da necessidade de a escola ter que compensar a falta de apoio da família ao aluno, se bem que por falta de formação, quando nos diz que: “Às vezes aquilo a que chamamos de cultura geral, em função também do nível de formação e também socioeconómico, nem todas as famílias têm a possibilidade de dar a mesma formação e há diferenciação” (9), “[...] mas a família diferencia e a participação, ou não, dos alunos em atividades ligadas à cultura local, também” (11).

Das respostas dos professores, acima evidenciadas, concluímos que estão de acordo acerca do valor educativo dos saberes ocultos dos alunos, particularmente os relacionados com a cultura local. Muitos encontram nesses saberes o ponto de partida para outros mais

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

estruturados, que competem à escola em termos de complementaridade. Referem, no entanto, alguns aspetos que pretendemos realçar, nomeadamente a questão do meio rural *versus* meio urbano, dado que se revelam meios muito distintos. Salientam, a esse propósito, a mais valia do convívio diário com a família, que é mais evidente nas aldeias, e da sua importância para a preservação das memórias, cuja partilha em sala de aula se revela essencial para o enriquecimento de todos os alunos e até dos professores.

À semelhança das respostas sobre a função educativa, os professores encontram naqueles saberes, oriundos da família e das associações, uma mais valia social porque, de facto, consideram que é da frequência regular do associativismo que emergem um conjunto de saberes, valores e regras que filiam o aluno à comunidade local e que são a base para o aprofundamento na escola. Em relação aos saberes adquiridos informalmente, na rua, os professores revelam a sua parca importância, dado que, quer na aldeia, quer na cidade “já não há meninos de rua”. Na aldeia não têm oportunidade de brincar juntos durante a semana, porque saem da escola muito tarde e têm de utilizar os transportes com hora marcada para o regresso. Na cidade os pais “demitem-se” deste papel integrador, e os filhos ou frequentam as poucas associações mais ligadas aos desportos, ou ficam em casa a jogar *PlayStation*.

No que respeita à função compensatória, o exemplo mais flagrante e que se traduz numa boa prática, é o que diz respeito ao papel do associativismo local que, em parceria com a escola do 1º CEB, desenvolve um projeto de integração dos mais jovens, entretanto pouco acompanhados pela família, destroçada socialmente pela falta de emprego e das suas consequências marginalizadoras. Por outro lado, os professores referem-se à partilha desses saberes, particularmente na sala de aula, como uma oportunidade de compensação, quer pela demissão dos pais atarefados, mais frequente na cidade, quer pela eventual falta de informação nas aldeias.

### **Referências à vertente cultural local no currículo oficial do 1ºCEB**

As respostas à Questão nº 2 evidenciam a posição dos professores face à vertente cultural plasmada no currículo do 1º CEB. Neste pressuposto, pretende saber-se em qual das três áreas disciplinares, LP, EM e Expressões, a vertente cultural apresenta mais evidências e se estas se revelam de forma clara.

#### **Estudo do Meio**

Assim, tendo em conta os testemunhos dos professores, apenas um (LEO\_CB), entende que o EM aparece como segunda área: “[...] e no EM também” (18). Todos os outros afirmam que o EM é a primeira área onde sobressaem maiores referências à vertente cultural no currículo. Para MLB\_COV, aquela vertente “pode ser explorado no Estudo do Meio” (11), pelo facto de ter muitos conteúdos em relação às outras áreas “[...] uma vez que tem

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

bastantes conteúdos que podem ser explorados” (12). OND\_COV acrescenta que é no EM que essa vertente é mais evidente “assim mais evidente será o Estudo do Meio (14), porque é onde descobre mais ligação “mas aquela onde realmente há mais ligação, será o EM. (16) e assinala passos do processo de recolha de informação do meio local: “Nós fazemos isso [recolha orientada e organizada de informação] em Estudo do Meio porque há uma parte do programa que vai precisamente ao encontro do estudo do meio local e avançamos para isso” (63). AC\_FND refere que “o grande motor para que isso se verifique, quanto a mim, é o Estudo do Meio (50) e GAV\_FND como sendo o ponto de partida: “Mas a nível dos saberes acho que o Estudo do Meio é o ponto de partida para as outras áreas” (32).

### **Língua Portuguesa**

No que respeita à inclusão de referências à cultura local em LP, todos os professores concordam que também existem no currículo. Dez consideram LP como segunda área, apenas dois entendem que a LP aparece como primeira área: LEO\_CB, quando afirma que é “Na Língua Portuguesa” (17), e “Portanto, na minha perspectiva até talvez seja mais ao nível da LP” (47), e LM\_COV quando considera como segunda área as expressões, como veremos a seguir. MJ\_FND diz-nos que “O manual de LP traz sempre alguma coisa a ver com a cultura local” (65).

No entender de LM\_COV, em LP, existe a possibilidade de desenvolver temas locais - “Na LP também há possibilidade, porque permite desenvolver temas locais, nomeadamente lengalengas, trava línguas” (21) e refere as letras das “cantigas” podem ensinar “também pegar em letras de canções locais que de facto dizem alguma coisa ao meio” (22). Ainda nesse sentido, TER\_FND assinala que “Eu aproveito muito para a LP, essencialmente para produção de textos”(24).

### **Expressões**

Nesta área, as referências à cultura local são assinaladas por cinco (5) professores. LM\_COV refere-as como segunda área “[...] e as Expressões, nomeadamente a música (18), salientando que “São áreas [EM e Expressões] em que temos, de facto, maior manobra de trabalhar, de recolher e de mobilizar e sensibilizar as crianças” (19).

O seu necessário relacionamento com as AECS é referido por LL\_COV: “Ligado às expressões, depois acabámos por fazer a articulação com os professores das extra curriculares” (26).

Dois professores afirmam que existe algum descuido em relação às Expressões. GAV\_FND “Às vezes também descuramos muito a parte das Expressões, mas elas são muito importantes”(33) e LU\_CB quando nos diz “As Expressões às vezes são o parente pobre” (48).

## ***Cultura, Identidade, Educação e Mudança***

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

### **Matemática**

Apenas três professores salientam esta área, no que respeita a aspetos ligados à cultura local. É a terceira preferência nas respostas. LM\_COV refere mesmo que não se enquadra muito - “[...] a Matemática é um bocado difícil porque não se enquadra muito” (20). Noutra perspetiva, J\_CB afirma que se pode aproveitar nas unidades de medida, quantidade e jogos “também a Matemática é atingida, há medições, jogos, quantas pessoas é que há, quantas participam, masculino e feminino, quantas de um lado e do outro, pode-se aproveitar bastante” (26). MF\_CB salienta alguma regularidade nesse sentido em termos de prática na sala de aula “e na Matemática aconteceu muitas vezes este ano” (17).

### **Área de Projeto**

Apenas dois entrevistados apontam atividades realizadas especificamente nesta área, relacionadas com a cultura local, sendo que ambos são do mesmo concelho. MLB\_COV diz-nos “Nós aproveitamos muito também os bocadinhos que temos no horário da Área de Projeto para desenvolver estes projetos”(35) e OND\_COV refere, a esse propósito “Aproveitamos exatamente na Área de Projeto e no Estudo do Meio para desenvolver estes conteúdos”(19).

### **Escolaridade**

Este aspeto é referido por dois professores, quando assinalam os anos de escolaridade mais propícios para o desenvolvimento da vertente cultural local. A este propósito, J\_CB afirma que há mais facilidade no 4º ano do 1º CEB: “Ao nível sobretudo do 4º ano é possível fazer essa aproximação”(27), “[...] nos outros anos é um pouco mais difícil”(28), “[...] até pelo nível etário das crianças”(29).

### **Janelas de cultura no currículo do 1º ciclo**

No que respeita à maior ou menor clareza com que estão referenciadas as questões ligadas à cultura local no currículo oficial do 1º CEB, a maioria dos professores informa que não são claras essas referências.

J\_CB afirma que “ Não, não estará muito clara”(30), LEO\_CB diz-nos que “Não, não é!”(68) e LU\_CB também refere que “Não”(30). Para alguns, estão apenas implícitas e depende muito do professor: LU\_CB assinala que “Não estão explícitas”(31) e acrescenta “O facto de estarem implícitas, muitos de nós, às vezes, passamos um bocadinho ao lado”(33) e acrescenta “Muito clara não está”(38), “Mas subentende-se”(39).

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

LM\_COV diz-nos que não é claro “Não”(24) e refere-se à abrangência do currículo quando afirma “[...] eu penso que no PCT é que podemos introduzir aquilo que nós achamos como objetivos e competências que eles devem ter em termos de cultura local, porque o currículo nacional é abrangente” (25) e recorda, com algum saudosismo, “Eu recordo-me que há uns anos atrás no EM havia temas que podiam ser trabalhados só localmente”(26). OND\_COV assinala também que “[o currículo] É mais abrangente, ou seja, dá-se a matéria que vem no currículo, será generalizada, não é? (18). Ainda naquele sentido, AC\_FND salienta o carácter fechado do currículo “[...] é isso mesmo, [as referências que estão no currículo são estandardizadas para o país, portanto há pouca abertura] há uma formatação”(49), no entanto, exemplifica referências culturais ao salientar que “Por exemplo na área de Estudo do Meio, no 3º ano, onde apela para o estudo de uma associação local” (40), “para aspetos ligados a uma entidade”(41), “e quando se faz alusão à divisão administrativa local, apela para esses aspetos”(43).

Alguns dos entrevistados fazem depender da vontade do professor a concretização dessa vertente sobre cultura local, como, aliás, assinalaremos mais adiante, ao analisarmos os eventuais condicionalismos encontrados nesse sentido. GAV\_FND refere “Temos é que saber canalizá-los”(44), “Temos é que adaptar o currículo”(53), e “Quando se fala nisso, o nosso currículo é a nível nacional mas temos que o adaptar à nossa realidade local”(54). Ainda neste sentido, TER\_FND diz-nos que “Esse aspeto não está devidamente organizado no currículo, mas o professor dá a volta”(37) e, se não estão claras, é porque “[...] se calhar, quem faz os currículos e quem faz os manuais, muitas vezes vive num espaço urbano, muito limitado, no gabinete,”(69).

No entanto, outros consideram que essa vertente é bem clara, quer no EM quer na LP: LL\_COV refere “Ela é claríssima”(14), até “Porque ele está lá, o passado do meio local, está lá referenciado”(10). Salienta, ainda, que “No terceiro ano de escolaridade é um dos conteúdos programáticos” (11) e que “Relativamente à LP, é claro no programa, mas não é uma coisa que se faça continuamente” (21). MLB\_COV refere haver blocos específicos nessa vertente, quando afirma “mas existem determinados blocos que têm a ver com o património local” (18), como “Por exemplo, no 3º ano, há o conhecimento da localidade, das entidades, instituições locais, usos e costumes”(19). No entanto, também assinala que “Poderia haver mais conteúdos”(20).

GAV\_FND declara que defende um currículo local, quando afirma: “Sou também defensor de um currículo local”(55), e salienta as eventuais discrepâncias na narrativa docente, quando exemplifica “Estarmos aqui a falar com um aluno que nunca viu o mar e estarmos aqui a falar de barcos, é um pouco entrar no mundo do imaginário”(56) e continua, no sentido de comparar o Litoral ao Interior “Porque estarmos a falar, não é que não se fale, nas atividades económicas, nos sectores de atividade, a aprofundar o tema da pesca a estes alunos pouco lhes dirá” (27), “Assim como no litoral estarem a aprofundar e a elaborar trabalhos sobre a agricultura também estamos na mesma situação” (28). AC\_FND acrescenta

## ***Cultura, Identidade, Educação e Mudança***

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

“Porque o currículo é demasiado formal”(44), “e incentivador até a situações quase artificiais,(45), nomeadamente porque “[...] caminha-se por aqui, às vezes com falta de referências locais” (46). MJ\_FND afirma que aquelas vertentes ligadas à cultura local são mais claras no EM, quando nos diz que: “Em Estudo do Meio acho que sim” (48) e “Em Língua Portuguesa o programa solicita muito ir ao meio local buscar exemplos”(49) “Até porque na própria programação lá está, não se pode fugir dali, temos mesmo que ir ao meio”(50).

Um outro aspeto referido por MF\_CB está relacionado com a eventual tendência de os manuais apresentarem mais referentes das grandes cidades, quando assinala que “Porque o que vem nos livros é Lisboa, Porto e outras cidades quaisquer que não têm nada a ver. Nunca apareceu”(21). “Os exemplos [nos livros] têm a ver com as grandes cidades e não com o nosso interior”(23) e salienta que com a inclusão de mais referência locais “Eles iriam gostar muito de encontrar nos livros essas coisas: - olha vem cá a nossa terra, os nossos usos e costumes”(34).

LL\_COV salienta que algumas atividades sobre aquela vertente plasmada no currículo privilegiam o Apoio ao Estudo. Por exemplo, para desenvolver o *Ciclo da Lã* “[...] até foi desenvolvido no Apoio ao Estudo porque é um complemento, e deu perfeitamente para desenvolver essa atividade”(29).

Pelas respostas dos professores, acima evidenciadas, concluímos que a maioria concorda que é na área de Estudo do Meio que as referências à cultura local são mais evidentes. Muitos concordam que também em Língua Portuguesa existem muitas referências, particularmente relacionadas com o património oral. No que diz respeito às Expressões, embora reconheçam as referências no currículo, alguns professores evidenciam algum descuido em relação à sua implementação, pelo facto de o currículo ser muito extenso, de as metas a atingir obrigarem a uma preocupação com a sistematização dos conteúdos mais formais, bem como a falta de tempo para estas atividades. Por outro lado, referem ainda a inclusão das NAC como que um “escape” para estas realizações. No entanto, não deixam de salientar a necessidade de haver mais articulação entre os professores do 1º CEB e os professores/monitores responsáveis por aquelas áreas curriculares não disciplinares. Ainda sobre este assunto, são poucos os professores que assumem esta vertente do currículo como estando claramente estruturada. Outros assinalam várias discrepâncias nos referentes apresentados nos manuais, em relação às vivências dos alunos e ao meio local, pelo que compete também ao professor fazer essa adaptação.

### **Dinâmicas no processo ensino/aprendizagem da cultura local**

Relativamente à Questão nº 3, sobre as dinâmicas que o professor desenvolve com os alunos na sala de aula, e para além dela, pretende-se saber até que ponto ele valoriza as que se dirigem mais explicitamente para a recolha, para as fontes, para o envolvimento da

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

comunidade e para o tratamento e valorização dos aspetos ligados à cultura local.

O professor J\_CB refere que no seu agrupamento de escolas a planificação é feita por ano de escolaridade “Nós neste agrupamento planificamos por anos”(33), pelo que “Há uma reunião dos professores por ano de escolaridade”(34). Diz-nos, ainda, que o professor escolhe o ano com o qual quer trabalhar, por exemplo o ano em que pensa encontrar mais dificuldades “como é uma escola unitária o professor titular da turma opta pelo ano em que há mais dificuldades”(35). Aponta o *Sarau Cultural* como o projeto mais envolvente, desenvolvido em conjunto com os professores das AEC, quando afirma: “Exatamente. [na sua programação diária, a partir de fevereiro, altura em que começam a preparar o sarau cultural, os professores envolvidos têm que desenvolver um trabalho regular com os miúdos nessa área.]”(37), “Por exemplo ao nível das AEC temos o apoio do professor de Música, de EF e de Expressão”(38).

LEO\_CB afirma que aquelas dinâmicas dependem do facto de os alunos serem da cidade ou da aldeia “[...] e quando se fala de cultura local eles são diferentes nas aldeias e nas cidades”(5), dando indicadores no sentido de o professor adaptar o currículo: “Se eu abordar aquela área das atividades económicas, se for numa aldeia vamos buscar aquelas temáticas que eles conhecem relativas à exploração da floresta, exploração agrícola”(52), “[...] enquanto que na cidade, eles entendem mais as relacionadas com o comércio com a atividade industrial”(53). Salienta, também, que os alunos gostam muito de trabalhar em temas com os quais se identificam “Mas, por exemplo, em LP, no desenvolvimento de um texto, se vamos trabalhar temas que lhes digam alguma coisa”(25) e parte dos conhecimentos deles “Agora se é a Matemática, quanto às situações problemáticas que eu passo no quadro, parto sempre de exemplos que eles conheçam: se é numa cidade é numa maneira, tem a ver com autocarros, com semáforos, se é no campo é de outra, tem a ver com os frutos, com os animais”(85). Refere, ainda, toda a dinâmica na elaboração do jornal com referências à cultura local e com o envolvimento da comunidade: “[...] fiz vários jornais com os miúdos, onde incluíamos sempre textos da cultura local”(29), “[...] as pessoas gostavam de participar(36), “[...] gostavam de falar para as crianças”(37), “Era interessantíssimo”(38), “[...] eles gostavam tanto”(39). O professor LU\_CB assinala as visitas ao património local “Quando tratamos de património local, fazemos visitas ao Castelo de Castelo Branco”(41), “[...] visitas ao Jardim do Paço”(42) e fenómenos de partilha de saberes provocados pela interculturalidade na turma dado que: “Depois também há aqueles que não são de cá, alunos do Brasil e de outros países e eles também traqueiam um bocadinho a cultura deles”(72), “e então há ali uma transmissão de saberes mútuo”(73).

MF\_CB salienta a valorização dos saberes das crianças quando explora conteúdos matemáticos nomeadamente “quando demos o perímetro, a área, íamos buscar aspetos ligados à cultura local”(18). Já o professor LL\_COV faz depender aquela vertente cultural das opções do professor: “Depende da forma como o professor trabalha. [as questões relacionadas com a cultura local no currículo oficial]”(9) e repete a ideia de que “[...]”

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

depende se os professores os trabalham ou não”(12), acrescentando que embora seja um conteúdo obrigatório “Quando aparece esse conteúdo programático nós temos que o dar”(16), mas “Sei que é um conteúdo que se pode passar por cima dele”(15). Assinala, também, diferenças culturais na cidade e no campo: “Miúdos que vivem do campo e que têm um tipo de cultura completamente diferente da minha porque eu sou da cidade”(33). Como trabalha com o 3º ano desenvolveu um trabalho mais virado para a cultura local bastante enriquecedor: “Este ano fiz um levantamento. Como é o 3º ano, já os introduzi nos trabalhos de pesquisa, já fizemos levantamentos sobre o passado do meio local”(18), “[por exemplo] Eu estou na aldeia B, não sabia a lenda da B e fiquei a saber. É um dos exemplos que achei bastante enriquecedor”(19), “Apareceu mais do que uma versão, da mesma lenda, deu para fazer o confronto entre as duas versões”(20), Em relação às versões [das Lendas] que nos vieram, trabalhámos os tipos de textos, fizemos entrevistas. Deu perfeitamente para se incluir o passado do meio local”(23).

Para LM\_COV há responsabilidade da escola nesta matéria quando afirma que “[...] acho que [Criar a identidade local, o conhecimento local sobre os monumentos, a música, a etnografia] é fundamental e que a escola também tem essa responsabilidade”(32) e prossegue com referência à programação por ciclo, no agrupamento: “Há um plano de atividades que é comum ao 1º Ciclo do agrupamento, depois também há a introdução de determinadas atividades de escola e depois de turma”(36). Salienta as atividades realizadas anualmente como a celebração do dia da cidade: “Há datas que são efetivamente planificadas e referidas em termos de planificação geral que fazem parte do plano de atividades e que têm a ver com a cultura local, nomeadamente em termos de agrupamento”(38) e destaca os protocolos com entidades locais com quem desenvolvem muitas atividades ligadas à cultura local tais como: “Depois temos também atividades no âmbito de entidades locais que nos ajudam a transmitir o que a cidade desenvolve o que a cidade tem, nomeadamente o *Museu de Lanifícios* onde é frequente a visita”(45), “*Os Dias da Ubi* em que os alunos do 4º ano, 3º e depois do 2º e 3º ciclo tem um contato, mas concretamente o 1º ciclo também vão à UBI conhecer os departamentos, ter o conhecimento do que é uma universidade e a importância de uma universidade”(46), “Mais atividades que são desenvolvidas em termos locais, por exemplo o Teatro das Beiras também tem uma articulação muito grande com as escolas não precisam de ir lá ao teatro. Isto é uma sensibilização também para a cultura, que é uma articulação e que consta do PA, assim como a banda de música também está a ter uma articulação muito boa com as escolas através da participação em expressão plástica das escolas no festival da *Cherovia*. No dia mundial da criança, houve uma audição com a banda de música no Teatro Municipal, penso que esta articulação é ótima em termos de promoção da cultura local”(48). No entanto, não também de frisar o papel decisivo do professor, dado que “É com cada um, desenvolver à sua maneira”(23). No que diz respeito à valorização da tradição oral, é na Semana da Leitura que essa dinâmica se revela mais profícua, através do relacionamento intergeracional, cujo “[...]”

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

objetivo é exatamente o de que os avós vão à escola contar as histórias antigas, do tempo deles”(16), “Por exemplo, no EM, no ano passado tínhamos ligado ao nosso projeto da Área Escola o tema “Era uma vez no tempo dos nossos avós”(26). Refere-se, ainda, à importância da continuidade do professor na mesma escola ajuda ao conhecimento local “Eu moro em Castelo Branco, o primeiro ano que aqui estive foi uma exploração, uma descoberta”(69), “e agora já é o terceiro ano que estou em Per., de modo que acabo por conhecer um pouco mais”(70). Do mesmo modo, o professor OND\_COV assinala uma atividade idêntica à anterior, ao dizer-nos que “Tivemos uma vez um projeto que tinha a ver com os avós”(29), “Vinham à escola relatar a sua experiência contando histórias que se perderam”(30). Refere, igualmente, uma outra dinâmica com a envolvência da comunidade educativa: Os pais eram convidados a vir à escola, pais e mães, para falar sobre a profissão que cada um tem, o que faz e não faz, para que eles se apercebam das várias profissões que há e as valorizem também”(38). Ainda na mesma perspetiva, a dos eventuais benefícios do relacionamento intergeracional, AC\_FND recorda que “Nós, durante 4 anos, tivemos aqui um projeto, que pensamos retomar este ano, que é o *Ciclo do Pão* onde damos como se cultivava antigamente o pão o trabalho que as pessoas tinham para o produzir”(11), onde traduz a vontade de promover os saberes tradicionais: “Todas aquelas fases, a sementeira, a ceifa, a gastronomia”(12), “Fazemos de dois em dois anos uma desfolhada”(13), “Arranjamos os agricultores, trazemos para aqui o milho, os miúdos desfolham, descamisam o milho, aquela coisa do milho rei”(14) e “Todos os anos fazemos pão, levamos os pais a participar”(109) e continua, afirmando que “Depois, na festa final, eles comem o pão que fizeram, fazemos comida tradicional daquela época, sopa da malha que só se fazia naquela altura, uma coisa substancial, os enchidos, as papas de carolo, com eles a trabalhar a descascar as coisas, com um envolvimento total”(110). Salienta, também, a necessidade de a escola se abrir ao meio local e “respirar”: “A escola não pode ser uma ilha, não se pode isolar da realidade que a envolve”(57), “Escola eficaz abre as portas ao meio local - Para ser eficaz [ a escola] tem que abrir as portas”(58), “Tem que conhecer o meio - tem que dar a conhecer o meio onde está inserida”(59) “e não se pode desligar dele”(60). Refere que no Blog da escola também publicam artigos ligados à cultura local: Nós temos um blog e publicamos trabalhos”(85) e “todos os dias publicamos alguma coisa no blog”(86), “Há umas que têm a ver com certeza.[ com aspetos ligados à cultura local]”(87).

Todos os entrevistado assumem e assinalam atividades onde é patente a valorização dos saberes ocultos dos alunos. LEO\_CB refere que “Valorizo os conhecimentos que eles trazem” (109), “e ajudo a que eles próprios valorizem,[os conhecimentos que eles trazem] (110) até porque facilita a tarefa do professor “É muito mais fácil para crianças pequenas falar da realidade que conhecem(81) e induz neles o respeito por outros saberes “Isto ajuda também a eles valorizarem também a cultura uns dos outros”(113). No mesmo sentido, J\_CB diz-nos que “ É evidente [que explora os conhecimentos de que o aluno é portador]”(46) e exemplifica: “Se nós temos um pai ou uma mãe que está no rancho, é evidente que o aluno

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

traz já um *Know how* relativamente a essa situação”(47), “[...] e, por isso, é mais fácil eles explicarem-nos”(48). Salienta ainda [quando se fala de coisas que eles dominam os níveis de motivação sobem] Sobem e bastante”(50). LEO\_CB acrescenta que quando falam “da realidade deles”(61), “Gostam muito - eles gostam muito”(27) e “Às vezes como motivação de um determinado tema, até na exploração do texto, pode ser na LP, no EM e até na Matemática poderá eventualmente acontecer”(105). MLB\_COV acrescenta que “Quando estamos a explorar determinado tema, eles gostam muito de participar e estão sempre a querer contar coisas”(50). Também OND\_CVL refere que é melhor que se lhes pode dar: E eles gostam muito, de falar disso”(60), “Exatamente.[porque isso identifica-os com a cultura deles.] Isso é a melhor coisa que lhe podemos dar”(61)

Para LU\_CB, “É uma bagagem que a criança leva para a escola”(7), “[...] há discussões sobre a cultura de cada um”(25), “[...] a partilha entre uns e outros”(26), “[...] trazem esses conhecimentos de casa”(66), o que é profícuo para todos “[...] e isso é uma mais valia”(67), dado “que os outros colegas percebem melhor[a linguagem deles] por vezes do que aquela que nós utilizamos(69). Esta dinâmica de partilha também é evidenciada por MF\_CB ao afirmar: “porque eles quando têm alguma coisa perguntam”(45), “[...] e depois há uma partilha com toda a turma”(46). Aproveitar ao máximo os conhecimentos deles - Mas eu tenho alunos, nomeadamente uma miúda que tem um rebanho e que me explicava como é que o pai fazia com o corte à tesoura. LL\_COV aproveita ao máximo esses conhecimentos do aluno, e de forma espontânea, ao referir o exemplo da tosquia da ovelha, que ela própria desconhecia:” Mas eu tenho alunos, nomeadamente uma miúda que tem um rebanho e que me explicava como é que o pai fazia com o corte à tesoura. Obviamente que isso foi aproveitadíssimo”(39), “E faz-se diariamente de forma espontânea, põe o seu conhecimento à prova e partilha esse conhecimento com os outros”(41). OND\_COV assinala também essa espontaneidade: “Está-se a falar de um determinado assunto e eles partem logo, têm uma ligação muito grande, se nós os deixamos, a conversa é como as cerejas, é espontâneo, vai acontecendo”(56). LM\_COV comunga o mesmo espírito ao dizer-nos que “Pelo menos nas minhas aulas tento aproveitar o máximo a participação deles, porque é uma participação muito rica, muito genuína e que incentiva os outros também a participar na aula”(65), acrescentando que aprende com os conhecimentos revelados pelos alunos: “[...] eu não sou adepto muito do ensino direto, eu privilegio a aprendizagem e aprendizagem é com todos, porque há coisas que eles me trazem que eu desconhecia, em termos locais, porque eu não domino totalmente o local”(66). Refere ainda um fenómeno de interculturalidade, sobre a partilha das particularidades do casamento cigano: “Já aconteceu haver um casamento cigano e depois eles contam como costumam fazer”(62) e “[...] é muito diferente dos nossos e depois eles partilham essas coisas”(63). OND\_CVL aproveita os conhecimentos dos alunos e fala desses conhecimentos como ponto de partida para os outros: “[...] aproveita-se o que eles sabem”(57), e, “[...] a partir do que eles sabem, do que eles trazem das vivências que têm”(7),”para daí, depois, sair a motivação para as atividades que vamos desenvolver com

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

eles,(3), no sentido da continuidade do raciocínio “[...] até porque se não for dessa forma, não haverá depois alguma ligação,(4) “[...] e, depois, [dessa vivências que os alunos têm] partir para outras mais alargadas”(8). Também salienta que tudo depende do professor “[...] e se é realmente uma coisa muito interessante, avançamos e aprofundamos mais”(59).

No que respeita a eventuais condicionalismos para desenvolverem essas dinâmicas ligadas à cultura local, quase todos os professores afirmam existirem. Apenas dois assumem que não, como é o caso de J\_CB, quando refere que “Não, não há constrangimentos”(40), “Não. Não, de maneira nenhuma.[O programa não o impede]”(41) e que a escola onde leciona “Não, antes pelo contrário, incentiva”(42). No mesmo sentido, LL\_COV diz que o programa e a escola não impedem “Não de modo algum. [O programa não impede. A escola não impede] Eu consigo fazer”(30), no entanto há concorrentes do trabalho escolar “[...] porque há outro tipo de coisas que de certa forma os aliciam mais”(3) , como “[por exemplo] os computadores, as *playstation*, os *video-games*, ...”(4).

Todos os outros entrevistados referem diversos constrangimentos, tais como programa extenso, metas a atingir, pouco tempo, número elevado de alunos por turma, demissão dos pais na cidade, etc. LEO\_CB concorda quando afirma “Precisamente”(89) e acrescenta que “Atualmente é mais difícil porque tenho turmas muito grandes”(90), “mas a cultura deles [na cidade] não envolve uma grande raiz de cultura antiga e conhecimentos”(12), “Portanto se eu enviar um questionário por uma criança ela não vai ter tempo de o colocar ao pai ou à mãe”(92) e salienta que na cidade “Esses constrangimentos são de origem social, porque as crianças não têm contactos com as raízes culturais”(95), “Em casa vêem televisão, jogam”(96). MF\_CB afirma que “Sim. [existem constrangimentos]”(30) e que “Depois, também não temos muito tempo, (28), e “[...] tenho uma turma muito grande”(29) e, acrescenta “porque a turma não era homogénea”(35). MLB\_COV indica-nos que “[...] portanto não podemos “perder” muito tempo, que não é perder é ganhar, a explorar estes aspetos”(43). Também nesse sentido, OND\_COV afirma que “[...] as crianças do 1º ciclo requerem muito trabalho de sistematização e isso leva muito tempo(43), “[...] e às vezes, não é o perder tempo, mas a gente vai evitando este tipo de situações porque demoram mais algum tempo. (44. LU\_CB diz-nos que é preciso cumprir o currículo “É o que temos que cumprir (52), “[...] e agora com os exames do 4º ano em abril torna-se tudo mais complicado”(53) dado que há “[...] objetivos a cumprir”(35), “[...] só que com aquilo que nos exigem no currículo(39) e assina também a falta de tempo “[...] nós também não temos tempo”(40) e, também por esse motivo “[...] não fazemos a transversalidade dos conhecimentos”(36). Salienta também o papel das AEC naquelas dinâmicas quando afirma “mas para além disso houve outra coisa, que não digo que seja mau, mas veio fazer com que essas áreas ficassem mais descuradas, que são as AEC”(54) e assume que “Como há AEC, nós também nos demitimos um bocadinho dessa parte”(57). A este respeito, AC\_FND afirma que “Hoje em dia, têm um problema: estão muitas horas ou nos tempos livres ou nas AECS,(37) e acrescenta que “estão muitas horas dentro de muros”(38).

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

Outro condicionalismo referido é o que aponta discrepâncias entre as temáticas abordadas no EM e as realidades deles. LEO\_CB refere a eventual tendência das editoras para apresentarem mais aspetos citadinos nos manuais "Há temáticas no EM que ao abordar com as crianças não lhes diz muito"(19), "Porque [Há temáticas no EM] que não tem nada a ver com a realidade deles"(20),"[Há temáticas no EM que] não conhecem"(21). Eu trabalhei muito tempo nas aldeias e eu tive essa sensação [Há temáticas no EM que ao abordar com as crianças não lhes diz muito.] (22), e "Às vezes é difícil por isso, [porque não tem nada a ver com a realidade deles] "(23) Por exemplo "A atividade piscatória para uma criança do interior isto não lhe diz nada"(54).

LM\_COV assinala um outro eventual constrangimento, que é o custo de transporte "e o financiamento prende-se muitas vezes com o transporte, porque por exemplo para irmos assistir à banda, no Teatro Municipal, as crianças têm que ir no transporte e então os pais participam o transporte, já que a entrada é não paga"(51), "Sim, o custo das atividades. [pode ser um constrangimento] "(52).

Os professores referem, com alguma frequência que o desenvolvimento dos conteúdos, mais diretamente relacionados com a cultura local, depende muito dos professores. LEO\_CB afirma "[...] mas isto depende do professor e do local". (48) No mesmo sentido, OND\_COV refere "[...] tem que ser da parte do professor e como sabe o professor está um bocadinho cheio com tanta coisa que tem que fazer e perde-se um pouco"(65) e acrescenta "Depois também desde logo a disponibilidade dos pais e de outras pessoas para virem à escola e estarem connosco naquelas horas em que os miúdos lá estão".(45) AC\_FND salienta "e muitas vezes torna-se complicado fugir a isso e é preciso ter um certo estofa para saber filtrar as coisas(72)

As respostas obtidas para esta questão refletem o empenhamento dos professores na dinamização de atividades relacionadas com a cultura local. São de índole muito diversa, tendo em consideração que aquelas dinâmicas estão muitas vezes incluídas na programação das escolas, quer ao nível do seu Projeto Educativo, quer ao nível do Projeto Curricular de Ciclo ou do Projeto Curricular de Ano ou de Turma. No entanto, não deixam de referir que toda essa dinâmica depende muito dos professores e, também, do local onde lecionam. No que respeita aos condicionalismos, a maioria salienta que eles existem, embora os professores consigam contornar os eventuais impedimentos. Alguns assinalam a necessidade de adaptar os referentes dos manuais para os exemplos locais, porque isso motiva os alunos para a exploração dos conteúdos. Salientam, também, a responsabilidade da escola no sentido da concretização da "finalidade cultural" plasmada na LBSE.

### **Artefactos para recolha orientada da informação sobre cultura local**

As respostas apresentadas à Questão Nº 4, sobre a importância da construção de um Manual que permita a recolha orientada e organizada de informação sobre estes assuntos, os entrevistados assinalaram aspetos relacionados com as fontes que usavam mais regularmente

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

e a forma como organizavam e mostravam as informações recolhidas. Considerando que as respostas registadas à Questão nº 5 se interligaram com as da questão anterior, dado o seu encadeamento (pelo facto de o Manual constituir o primeiro passo para a recolha orientada e sistematizada das informações para, mais tarde, serem carregadas para a Base de Dados na Internet) resolvemos apreciar as respostas a ambas, em conjunto.

### **Fontes de recolha de informação**

Relativamente às fontes utilizadas pelos professores para a recolha, J\_CB refere que “Eles todos os anos estão habituados a fazer isso, a recolha de base junto das famílias”(51), “Eles levam para casa, os pais informam sobre o que é possível e trazem essa informação”(52). Ainda nesse sentido, LEO\_COV acrescenta “Mas acho que é muito mais interessante e importante [que a Internet] o procurar a informação junto dos pais ou os avós” (103). MLB\_COV assinala que “Numa primeira fase os alunos recolheram objetos antigos que os pais, avós, vizinhos, familiares teriam ligados ao trabalho, à própria habitação, tudo o que fosse antigo, e traziam para a escola”(22), e TER\_FND tira proveito “[...] aproveitando precisamente os familiares e a cultura local”(9), “[...] junto dos familiares, dos avós das pessoas antigas”(45), enquanto que GAV\_FND refere a comunidade de um modo geral “[...] por exemplo na comunidade”(28) tal como MJ\_FND “[...] por exemplo na comunidade”(28), ainda que este saliente “Quando vou trabalhar em áreas relacionadas com a cultura local, peço sempre para falarem com os avós”(62) e não deixe de referir que “Com os pais é muito mais empobrecedor, porque os pais já têm essas lacunas”(63).

LL\_COV assinala outra fonte de informação, os museus, quando nos diz que “Fomos ao Museu de Lanifícios e o museu veio à escola”(35).

É óbvio que a maioria dos professores consulta frequentemente a Internet, com a intenção de encontrar informação, neste particular, sobre cultura local. LEO\_CB

Diz-nos que “Aí a Internet facilita”(102). LU\_CB reconhece que “Nós precisamos, vamos à Internet e procuramos”(92) e “Quando queremos essas coisas vamos às páginas das cidades, às juntas de freguesia e procuramos”(100) . (MF\_CB) ao referir a pesquisa em sala de aula assinala que “[essa pesquisa] Foi através da Internet”(27) até porque “Sim, mas em casa já só alguns”(39).

Ainda nas consultas pela Internet, LM\_COV salienta por um lado “[...] temos o caso da plataforma *Moodle*, que o Centro de Formação tem implementado e que permite o acesso mediante um registo”(88) e por outro lado “Há professores que já têm blogues de apoio aos alunos”(95). No entanto, deixa um alerta: “O problema [dos Blogues] está se têm todos acesso ou não. Às vezes, é o problema de a intenção ser muito boa e de facto é, mas é preciso colocar o problema se todos têm acesso ou não”(96). OND\_COV salienta a dispersão da informação na Internet ao afirmar que “Aliás já conseguimos encontrar algumas situações na Internet(68), “Não, [de forma organizada] tem que se procurar”(69).

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

MJ\_FND levanta também a questão dos eventuais maus exemplos que vêm nos manuais pelo que têm que pesquisar outros mais consentâneos com o que estão a aprender: “Até porque os manuais nem sempre dão bons exemplos”(64).

### **Organização dos trabalhos produzidos pelas crianças**

Sobre a forma ou processos que os entrevistados usam para a organização das recolhas e outros trabalhos ou atividades relacionados com a cultura local, J\_CB refere que “Depois é tratada na sala de aula e é feito um dossier com base nessas informações. (53) e que “Este ano foi o 4º ano e aproveitámos essa parte da cultura local para poder explorar em função do sarau, porque é o ponto alto”(36). LEO\_CB salienta uma publicação “Fazíamos o jornal e como se destinava à população local”(32) enquanto que LL\_COV afirma que [com as recolhas] “Fizemos um boletim informativo, fizemos os textos informativos.” (25)

LM\_COV assinala o processo de recolha que culmina com um expositor “[...] porque quando eu proponho uma recolha, por exemplo, de provérbios, de quadras populares, as janeiras, que é uma atividade que eles gostam. Esse tipo de recolha que eles fazem junto da família dos avós dos vizinhos, às vezes é uma espécie de competição, porque depois podemos fazer um placard, feita a recolha e fica a identificação de quem trouxe, aí está também o contributo deles”(64), “Mas também há outra vertente que são trabalhos feitos, de pesquisa, muito bem feitos, e nós temos uma exposição anual, de final de ano, aqui no agrupamento”(75). MLB\_COV também refere a catalogação, partilha e divulgação dessas recolhas “era feito uma ficha de identificação dos objetos”(30), “[...] que eles tinham que apresentar aos colegas, para lhes dizer o que era, para que servia”(31) e acrescenta que “Não foi só uma recolha em si, mas para dar a conhecer aos colegas e ficarem com o conhecimento dessas coisas(32). No final do processo, “Numa terceira fase, foi a exposição, no final de ano, aberta à comunidade”(33). TER\_FND também salienta a composição de um folheto “Como tínhamos que estudar a água, aproveitámos as fontes do Cast., do Aç. e o património local e fizemos um folheto”(43). Refere ainda que “Existe nesta escola um livro escrito pelos pais sobre tradições na localidade, que foi feito pelo professor Gavinhos e pelo professor António Melo(57) e destaca a realização de um evento cultural bienal “[...] tanto que fazemos sempre de dois em dois anos um sarau cultural”.(8) Um evento idêntico é referido por GAV\_FND: “Depois aplicamos num sarau com a apresentação dos próprios avós e pais, a contar alguns dos texto e a narrar alguns dos acontecimentos que estavam explanados a esse livro [Livro Branco]”(62).

Alguns professores não deixaram de referir aspetos menos positivos nesta questão da organização da informação recolhida. Ainda que MJ\_FND refira que esses trabalhos “Guardam-se no armário”(86) e “[...] podem consultar depois”(87), LM\_COV aponta algumas situações que podem impedir a sua futura consulta, tais como: “O problema é quando há escolas em que não há biblioteca e não têm um corpo docente estável”(72); “O professor

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

simplesmente ou leva como recordação o que foi feito por ele e pelos alunos”(73); ou fica lá e passado algum tempo não lhe dão valor nenhum e vai para o lixo, isto é uma realidade que eu já pude constatar”(74). Ainda nesse sentido MLB\_COV assinala “Já agora, porque, sem dúvida, os trabalhos e as recolhas que fazemos, no final do ano ficam fechadas num armário.(81) e “Por exemplo este projeto que já lhe falei *Era uma vez no tempo dos nossos avós*, nós com as fichas de identificação dos objetos fizemos uma espécie de um livro que está lá fechado num armário”(82) e conclui que “É um desperdício. [ livro que está lá fechado num armário]”(83), “Foi um desperdício de tempo”(84).

LU\_CB refere-se, também, à falta de um registo organizado quando nos diz “ Nós temos um defeito de profissão, aí eu faço aquilo, mas não está nada registado”(82).

### **Manual para recolha orientada sobre cultura local**

No que respeita ao artefacto para orientar a recola, o manual ora proposto, J\_CB refere que “Era, claro.[a construção de um manual]”(54); LEO\_CB considera interessante “Acho muito interessante”(115) enquanto que LU\_CB acha importante “Era importante”(80), MF\_CB diz-nos que “Era muito bom”(32). J\_CB salienta o carácter facilitador para o professor “[...] mas se houvesse um manual organizado tornar-se-ia muito mais fácil”(56). LL\_COV Diz-nos “Eu acho que era fantástico porque nos poupava imenso trabalho”(42) e acrescenta que “Se nós tivermos esse trabalho feito, e com a azáfama que andamos sempre com a monodocência e a quantidade de conhecimentos que tem que ter eu acho que isso seria ótimo e que nos facilitaria imenso o trabalho”(43). LEO\_CB, a esse propósito, refere que “Claro que isso pode facilitar, mas desde que não seja limitativo”(114), e que “ter essa orientação ajuda muito”(116), “[...] até porque pode ter alguma ideia que nem sequer nos ocorra”(116). LU\_CB fala na possível colaboração dos professores na construção do manual “[...] e acho que nós como professores podíamos ajudar a fazer isso(81) e na sua evolução “Fica-se a saber que já há alguma coisa sobre aquele tema”(85), “[...] que poderá vir a ser completado, não fica ali, não para, continua”(86) “[...] à medida que vão vindo sempre aumentando outros alunos aquilo vai aumentar, o livro vai aumentando, pode ser nessa perspectiva”(87). Ainda nessa perspectiva MLB\_COV afirma que podia ser uma mais valia “Se fosse um manual não acabado”(74) “[...] que eles recolhessem e completassem era uma mais valia”(75). TER\_FND conclui que “isso era uma ajuda ótima.(79), “[...] até para organizar as recolhas”(80). MF\_CB salienta que “Era muito bom”(32), “Até para o aluno”(33) como motivação, porque “Eles iriam gostar muito de encontrar no livro essas coisas: os nossos usos e costumes”(52), “Ah! Assim podia ser um ponto de partida(53) dado que “podíamos trabalhar com mais orientação”(54). LM\_COV acrescenta que “Sim, eu penso que sim. Podia ajudar a organizar e a evitar a perda da informação que vai sendo recolhida”(78). AC\_FND concorda ao assinalar que “Isso seria uma ferramenta ótima para por em prática e consolidar ainda mais essa vertente”(95). GAV\_FND, também salienta que se ganhava uma etapa no processo de

## Cultura, Identidade, Educação e Mudança

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

recolha, uma vez que “O tempo enquanto andamos a descobrir e a estudar um pouco o meio, já era um ponto de partida”(90) e “[...] portanto já íamos com alguns aspetos, com uma etapa feita era só continuá-la”(91).

### Base de dados dinâmica

A utilização da Internet é hoje lugar comum, com tudo de positivo ou de negativo que isso possa representar. Todos os entrevistados encontraram vantagens na publicação e atualização de dados numa plataforma interativa disponível através da Internet. Assim, J\_CB afirma “Acho que era muito importante”(61), “Não só os futuros alunos tinham ali informação que podiam recolher e trata-la”(58), “[...] mas também para pessoas que não conheçam a aldeia e queiram conhecer,(59) “[...] ou outros colegas que queiram usar”(60). LEO\_CB refere “Acho essa ideia muito interessante, (118) e diz-nos que “É uma forma muito interessante de registar a informação que se vai perdendo ao longo dos tempos (126) “e de forma organizada”(127) e que “[...] inclusivamente pode ser a base para que outros trabalhos surjam”(119). LU\_CB, referindo-se à eventual desmotivação dos alunos para a utilização dos livros em papel diz-nos que “ No mundo em que vivemos e para onde caminhamos, os livros deixam de ter um algum significado para os nossos alunos”(90), que “A enciclopédia Luso Brasileira está ultrapassada”(91), e “Por isso [os livros deixam de ter um algum significado para os nossos alunos] considero isso muito importante”(97), até porque “É mais fácil eu dizer-lhe vai ao *site* tal e ele vai”(95), “[...] mas se eu lhe disser vais à biblioteca procurar na estante número tal ele não vai”(96). No entanto considera que ambos os suportes devem ser considerados “Entretanto acho que dever ser em suporte informático e em papel, acho que as duas partes complementam-se”(98). MF\_CB concorda “Porque sempre que quisesse chegava ali, ia pesquisar“(57) “[...] e aprendia.(58), ”Até mesmo para os pais em casa“(59). LL\_COV afirma “Continuo a achar fantástico [uma base de dados dinâmica, com *upload* e *download* de dados em um *site* na Internet] “(44), “Porque mais uma vez temos que dizer que a Internet veio ocupar muito á nossa vida, mas ela continua ser uma mais valia, porque nós temo-la ao nosso dispor e havendo um computador dentro de uma sala de aula, rapidamente nós chegamos à informação pretendida”(45). MLB\_COV salienta a atualidade dessa ferramenta quando assinala que “Sim era uma forma muito atual”(76) e dinâmica de trabalhar”(77) reconhece que “Por isso [a base de dados dinâmica] era muito importante para recolher”(89), “[...] para organizar”(90) “[...] e preservar essa informação”(91). OND\_COV à condição refere que “Isso era ótimo se fosse possível fazer-se”(75) tendo em conta “[...] que eles podem ir buscar alguns conhecimentos que podem usar”(79) e a partir de aí desenvolver outros”(80). TER\_FND afirma que “[...] temos Internet sem fios”(83), “[...] temos videoprojector”(84), e “Eles” Isso era uma forma ótima de melhorar a tal ferramenta que já está perpetuada no manual”(96) acrescenta que “Era tornar essa ferramenta muito mais ágil”(97), “[...] muito mais acessível”(98) “[...] para que chegasse a mais pessoas”(99).

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

GAV\_FND considera que “Isso seria uma mais valia sim”(94) mas “Desde que seja utilizado de forma útil e que contribua para o enriquecimento e para que seja uma mais valia para o aluno e até para o próprio professor, como é o caso dessa base de dados na Internet, é tudo bem vindo”(98), até porque “Cada vez mais nos apelam para que usemos as novas ferramentas e as novas tecnologias”(92) e que “Tudo depende como apresentamos as coisas, da tal motivação que nós fazemos com os alunos”(95).

Os professores referiram, como exemplos de fontes de informação sobre aspetos da cultura local, a família, e em particular os mais idosos; a biblioteca, quando existe; os Museus, quando é possível; e a Internet, onde têm por hábito consultar páginas das autarquias, dos museus, ou *blogs*.

Os entrevistados, que se referem a esta questão, assinalam diferentes formas de organizar e mostrar essa informação, tais como: a elaboração de um dossier final ou boletins informativos; a realização de um sarau cultural anual; a composição de um jornal escolar, entre outras.

Alguns queixam-se do desperdício de tempo, dado que muitos trabalhos acabam por ir para os armários e, mais tarde, são despejados no lixo.

Quanto à existência de um manual elaborado especificamente para orientar o professor do 1º CEB na recolha de aspetos ligados com o património imaterial e material local, os professores aprovaram a ideia e salientaram a possibilidade de ajudarem a estruturar esse manual, dado tratar-se de uma proposta de carácter reflexivo neste estudo.

A proposta da construção de uma base de dados dinâmica, com suporte numa recolha orientada da informação sobre cultura local através do manual específico para esse efeito, recolheu dos entrevistados apoio unânime. Consideraram-no uma ferramenta atual, uma mais valia, capaz de reunir um conjunto de informações ímpar sobre a cultura local e a identidade nacional, agilizando o acesso imediato àquelas informações organizadas, tornando possível a sua preservação, dada a perda contínua dessas informações pelo desaparecimento de muitas recolhas e, particularmente, das suas fontes vivas.

### **Utilização da Base de Dados Dinâmica na prática letiva e noutros contextos**

No que respeita ao conteúdo das respostas à questão nº 6, os professores, assinalaram vantagens em ambos os contextos, quer para alunos, professores ou outros eventuais utilizadores.

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

### **Alunos**

Neste sentido, J\_CB afirma “É muito importante por várias razões”(62), “[...] entre elas, essas do conhecimento em que o próprio aluno irá à procura da informação”(63) e fala da motivação ao referir um exemplo de utilização orientada da Internet em sala de aula: “Quinze dias antes tinha estado no site do Museu da Batalha e eles tinham lá uma visita virtual”(69)f, e “[...] foi uma maravilha ver o encanto das crianças a olhar para aquilo”(70), dado que “Era uma informação visual, era auditiva, e isso motiva os miúdos”(71) pois “[...] era quase com se lá estivessem estado”(72). LEO\_CB concorda quando afirma que “É muito importante para as duas coisas, eu penso que sim”(125). E, continua, “Por outro lado, levar a criança a pesquisar e descobrir essa realidade, a cultura, a nossa história”(128) porque “[...] o nosso povo tem uma tradição histórica e cultural que nos diferencia dos outros países”(129), “[...] e dentro do próprio país”(13). LU\_CB refere-se aos níveis de motivação quando assinala que “Na sala de aula, pode servir como motivação”(102), dado que “eles ficam mais motivados”(103) “[...] e é motivador em contexto de sala de aula”(112), “[...] porque a cor e o movimento sobem os níveis de motivação”(104). MF\_CB, respondendo mais diretamente à questão concorda com ambas as situações “[...] porque na sala de aula os miúdos iam ver toda a documentação que lá houvesse”(61) e, “Fora da sala de aula, com os pais em casa, iam também ver (62). LL\_COV refere que “[...] havendo essa plataforma seria fácil para os alunos a consultarem”(47) mas também “Seria ótimo para nós”(48). Considera que “Eu falo em meu nome, a forma com se trabalha esse conteúdo, facilitava imenso, (49) e acredita que “Seria ótimo esse modelo, se assim nós podemos considerar, de forma a nós podermos consultar, acrescentar e os alunos também”(51). Para LM\_COV “Seria um suporte muito bom, quer na sala de aula, na biblioteca, em casa”(87). No entanto, refere a validação como condição para a credibilidade da informação ali plasmada, quando afirma: “Aquilo que eu acho é que nesse *site* alguém teria que validar o trabalho feito, seria um trabalho de equipa”(89) e propõe mesmo que “Quem contribuísse teria acesso, e a validade do trabalho teria que ser aferida pedagogicamente e cientificamente, isso era um fator importante”(90), e acrescenta que “Sim, [essa responsabilidade de edição e validação seria] do professor e da equipa”(91). Ainda sobre a exploração da plataforma em sala de aula e fora dela, MLB\_COV salienta “A exploração dessa informação no próprio contexto de sala de aula”(102) e o trabalhar desses temas [no próprio contexto de sala de aula] seria muito interessante”(103). Assinala, que “Podia servir de apoio”(92), “[...] porque essas pesquisas que nós fazemos, com base na informação recolhida através desse livro”(93) “era depois enriquecida”(94) “e partilhada”(95). Concorda que “Isso seria um *site*, uma base de dados, muito útil”(97) “para eles depois fazerem as suas pesquisas”(98). OND\_COV fala dessa ferramenta como apoio à consolidação de conhecimentos ao afirmar “Pode servir, desde logo, como consolidação do que foi dado”(77) e “Depois, para outros que venham, já há uma base”(78). Para MJ\_FND “era muito mais importante para os alunos(97) “porque é um documento que está ali à

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

mão”(99). Salienta ainda os níveis de motivação dos alunos enquanto protagonistas da pesquisa quando assinala “E a questão de irem procurar, é que para isso já há motivação”(102), “No fundo, embora com orientações, são eles que estão a participar no que estão a fazer”(103). GAV\_FND coloca mesmo a questão de não se partilhar toda essa informação dado que “vamos procurar trabalhos relacionados com o assunto que queremos investigar ou queremos trabalhar e às vezes há imensa informação que nós vamos recolher dos outros, porque é que nós também temos informação e não a podemos partilhar com os outros?”(104). AC\_FND diz-nos que, tendo em conta que “Hoje em dia a maioria dos nossos alunos trabalha em computadores”(100), e que “Em termos de exploração de sala de aula, nós temos projetor, temos tela, seria ótimo para trabalhar”(103), concluindo que “tornaria o ensino muito mais ágil, muito mais eficaz”(104).

### **Professores**

Para LU\_CB, também os professores podem ganhar motivação ao usar essa plataforma quando diz que “até para nós sobem [os níveis de motivação]”(105). LM\_COV salienta a rentabilização das ferramentas tecnológicas ao alcance do professor atual, quando nos diz “Eu penso que quanto mais dados houver em termos de informação, em termos de registo, maior é a quantidade de informação que o professor pode dispor para utilizar pedagogicamente”(92), até porque, “Na escola, temos acesso à Internet e a minha sala tem um quadro interativo. Recorremos muito, temos essa possibilidade e rentabilizamos”(97). MLB\_COV salienta “e para os professores também. [seria um *site*, uma base de dados, muito útil]”(68) e lamenta “Nós não temos quadros interativos, mas para quem tem essa possibilidade pode explorar ainda melhor”(69).OND\_COV concorda com essa vertente da utilização das TIC “Sim, na sala de aula”(82). [...] MJ\_FND salienta “[...] da qual [Base de dados dinâmica] eu me posso servir na sala de aula”(100)

No entender de AC\_FND, “Eu, se isso existisse, seria um frequentador assíduo e colocaria com certeza lá algum material”(102). À semelhança de LL\_COV, quando, ao referir-se à temática em estudo, afirma “Seria, para mim, 5 estrelas. Parabéns pelo tema”(52), AC\_FND conclui salientando a eventual pertinência das questões formuladas no âmbito deste trabalho “Eu é que agradeço e enalteço a pertinência das questões, gostei bastante”(107).

### **Pais**

Alguns dos entrevistados referiram o eventual interesse dessa plataforma para outros utilizadores, nomeadamente os pais dos alunos.

Nesse pressuposto, J\_CB salienta o facto de “Por outro lado os próprios pais também poderão ter esse interesse fomentado pelos próprios filhos”(64). LU\_CB refere que “[...] o pai e a mãe, ao irem ao site, podem também beneficiar com aquilo que estão a fazer”(109), “porque

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

eles até podem nem saber e ficam a saber com a pesquisa que o filho precisa”(110). No mesmo sentido, MF\_CB assinala “e ao mesmo tempo estavam também a informar-se”(63), “porque há muitos pais que vivem na cidade e não fazem a menor ideia das coisas que os rodeia”(64), “e com os miúdos aprendiam também”(65), e acrescenta que “embora, como em todo o lado, há muitos que não ligam e não querem saber”(68).

### **Outros sujeitos**

Para além dos potenciais utilizadores já referidos, alguns professores alargam a possibilidade de utilização da plataforma em qualquer lugar e a toda a gente, como afirma MF\_CB “Seria bom porque está sempre disponível em qualquer lado”(70). OND\_COV concorda ao afirmar que “Fora dela, a comunidade local, e não só, uma vez que a Internet é um mundo vastíssimo e está aberto a todos”(83). TER\_FND salienta outra provável utilização “E até para outras pessoas poderem consultar”(95), “por exemplo, alunos mais velhos para os trabalhos que fazem”(96). GAV\_FND destaca o eventual valor acrescentado desta plataforma sobre o Blog, quando afirma que “É da mesma forma [que um Blog]. Esse *site* podia servir para isso, com muito mais informação e organizada”(105).

LM\_COV afirma, convicto, que “Eu estou convencido que era um instrumento muito útil para professores, alunos e para toda a gente”(93).

Tendo em conta as respostas apresentadas pelos entrevistados, podemos concluir que todos encontram versatilidade na utilização da base de dados, ou seja, que ela vai permitir a sua utilização em contexto de sala de aula, quer pelo professor e muito particularmente pelos alunos, quer em casa, com a eventual ajuda dos pais, que também podem usufruir dessa informação. Alguns referem, ainda, que, pelo seu carácter dinâmico e atual, nomeadamente pelo recurso a imagens, vídeos e sons, podem motivar os alunos, e também os professores, para a sua utilização regular. Tendo em conta que se trata de uma Base de Dados Dinâmica, salientam, ainda, a vantagem de ela ser atualizada pelos professores sempre que se justifique, o que também é uma forma de validação desses dados, e também assinalam a possibilidade da sua utilização por alunos que frequentam outros anos de escolaridade mais avançados.

No entanto, alguns não deixam de lamentar a perda continuada de património imaterial, e conseqüentemente da nossa identidade, à medida que as pessoas idosas vão desaparecendo, considerando essa situação como irreversível e que é preciso atalhar. Neste sentido, consideram que o Manual de Recolha e a Base de Dados Dinâmica podem ser ferramentas muito úteis, no sentido de contribuírem para inverter o processo de desaparecimento dessas memórias locais e coletivas. Um professor refere-se também à questão da validação da informação.

## Considerações Finais

Face às características do mundo atual, considerando o impacto provocado pela Revolução Tecnológica, nomeadamente as consequências da globalização e do acesso instantâneo à informação, bem como as alterações provocadas no *modus vivendi* da sociedade atual, urge tentar conservar o património local como fonte de construção da identidade das pessoas que ali habitam. Nesta perspetiva, nunca será de mais discutir o papel da escola e dos professores, especificamente no 1º CEB, enquanto mediadores dos saberes já referidos, complementados com os saberes mais formais e estruturados, ambos de vital importância para o futuro da criança e, conseqüentemente, da vida em sociedade.

No início do nosso trabalho de investigação, formulámos algumas questões de âmbito mais lato, para as quais nos propusemos encontrar respostas. Neste sentir, avaliámos 14 manuais do 1º CEB, para a lecionação de EM e LP, utilizados pelos professores igualmente entrevistados, que nos trouxessem indicações relevantes sobre as vertentes culturais referenciadas nos documentos legitimados para o efeito, bem como sobre a capacidade de as integrarem nas suas práticas letivas.

No que concerne à 1ª Questão, *Será que os professores têm consciência de que todos os alunos, quando chegam à escola, já são detentores da sua própria narrativa?*, podemos afirmar que, através das respostas às entrevistas efetuadas, todos os professores revelam essa consciência, sendo que alguns deles conseguem ir mais além, ao falarem do modo como estes saberes podem ser potenciados pela própria escola. De facto, no que diz respeito às funções que destacámos a seu tempo (*Função Educativa, Função Social e Função Compensatória*) concluem que são uma mais valia para que melhorem as suas capacidades tanto cognitivas, como comportamentais.

Na opinião dos professores, essa narrativa depende muito de fatores que se revelam, também, no ambiente socioeconómico da família, bem como do espaço geográfico, ou seja, se o seu habitat se identifica com o ambiente urbano, ou se vivem na aldeia. Face à eventual importância da proximidade da família, particularmente dos mais idosos na transmissão daqueles saberes, é na aldeia que os entrevistados encontram melhor espelho desta vertente, acreditando, também, que o papel do associativismo, como fator eventualmente compensador da escola e da ausência da família é, ali, mais evidente, pelos motivos referidos.

Convocamos, novamente, Gianni Rodari (1982), de cuja obra emerge a valorização da linguagem, da cultura e dos valores da criança, que esta já transporta consigo. Para o autor, a escola deve saber potenciar todas as aprendizagens de que ela já é portadora. Recordamos, igualmente, Bruner (1981), precursor de que a linguagem se aprende pelo uso, o que exige estruturas organizadas de falante de um mesmo universo, ou seja que transmitam linguagem e culturas porque ambas se complementam. O autor refere-se à importância da relação que a criança estabelece no seio da família, que apelida de *setting cultural*

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

Relativamente à 2ª Questão, *O currículo do 1º Ciclo do Ensino Básico comporta vertentes relacionadas com a cultura local?*, podemos afirmar que a maioria dos professores afirmou que é na área de Estudo do Meio que se revelam as maiores referências. A título de exemplo, convocamos a descarga e utilização de excertos de textos para exploração de conceitos e elementos ligados à *Língua Portuguesa*; de registos gráficos que denunciam comportamentos pouco ecológicos e cívicos, ou que evidenciam aspetos da evolução humana, para no *Estudo do Meio* local; guiões de entrevistas que possam envolver a participação da família, cujas respostas podem ser um contributo valioso para exploração da oralidade, da história, do canto, da dramatização; janelas para recolha de provérbios, lengalengas, rimas, que podem ajudar a melhor compreender a evolução do cálculo na Matemática, como por exemplo o jogo do eixo, o salta para diante, a macaca, entre outros.

Retomamos, no âmbito da importância da cultura local, o Relatório para a UNESCO, da Comissão Internacional sobre Educação para o Séc. XXI (1996), onde se privilegia a reação escola-meio, bem como a ligação do ser humano ao seu ambiente, aspeto que, igualmente, foi convocado por Batista (2003), no âmbito da definição de cultura. Para o autor, cultura assume-se numa relação de equilíbrio constante entre o homem e a natureza.

No que respeita à 3ª Questão, *Os manuais do 1º CEB refletem vertentes relacionadas com a cultura, entendidas enquanto conjunto de quadros intertextuais e meta-narrativas fundacionais da própria cultura, tal como refere Hirsch (1998) porque, em princípio, abordam os conteúdos referidos no respetivo currículo?*, remetemos para a análise dos manuais do 1º CEB, selecionados pelos doze professores entrevistados, e podemos afirmar que cada uma das editoras apresenta o *índice* e os *conteúdos* de forma diversa. Nenhum dos índices traduz implicitamente o conjunto de referências à cultura local proposto no âmbito do currículo nacional e evidenciados no capítulo II, (2.3.). Assim sendo, parece-nos haver algum vazio, ou descuido, quer dos autores, na elaboração da estrutura de conteúdos dos ditos manuais, quer das editoras, no controle dessas correspondências entre conteúdos e currículo nacional, quer até do Ministério da Educação a quem compete a sua supervisão. Trata-se de manuais diferentes, onde cada editora faz prevalecer determinados conteúdos em detrimento de outros. Aquela em que, efetivamente, os relacionados com a cultura local são mais evidentes é a editora Alfa. No entanto, outros professores referem-se à inclusão de uma grande maioria de exemplos citadinos naqueles artefactos, pelo que os alunos oriundos de meios rurais revelam pouca motivação, face à falta de identificação com esses referentes. cremos, pois, que os manuais, ao continuarem a legitimar a prática pedagógica dos professores do 1º CEB, devem conter textos que, entendidos à luz da cultura local, possam funcionar como quadros intertextuais.

A 4ª Questão, *Os professores do 1º CEB incluem, na sua práxis, as componentes culturais plasmadas no currículo?*, já foi respondida, de algum modo, porque todas se interrelacionam entre si. Apesar de os manuais, enquanto artefactos culturais que medeiam as práticas letivas, apresentarem algumas lacunas no que respeita à inclusão de aspetos

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

ligados à cultura local, os docentes revelaram a capacidade de desenvolver atividades onde a transversalidade da cultura local é notória. Devemos, contudo, evidenciar que tal não acontece em todas as áreas. Face às *janelas de cultura* plasmadas no currículo oficial do 1º CEB, alguns professores, embora considerem que estas não se revelam, ali, de forma muito clara, salientam a extensão do mesmo e a falta de tempo para um eventual descuido com aquela vertente.

Em nossa opinião, os professores, enquanto verdadeiros mediadores e sendo os manuais artefactos culturais nem sempre capazes de fornecer todas as respostas desejadas, deverão ter competência para levar à sala os chamados textos autênticos que comportam vozes e ecos da cultura local. Referimo-nos aos jornais locais, a fotografias, postais, e outros documentos significativos e expressivos da memória coletiva (adivinhas, provérbios, lengalengas, cantigas, jogos

No que concerne ao objetivo geral da tese - *valorizar as culturas locais, enquanto percursos da identidade de um povo, integrando-as no currículo do 1º CEB, personificando a escola cenários de discursos polifónicos, transversais e multiculturais*, cremos ter conseguido atingi-lo. Com efeito, este trabalho, ao caracterizar-se por uma profunda reflexão sobre o tema em análise, ele enquadra-se, ainda assim, numa forte reflexividade, tanto nos professores que foram alvo das nossas entrevistas, como nas escolas onde estes exercem a sua prática. O diálogo permanente entre uns e outros,<sup>34</sup> e concomitantemente o projeto sobre a Base de Dados Dinâmica, que já anunciámos, apresentam aspetos que, seguramente, irão ser tomados em conta no âmbito da prática pedagógica, num futuro próximo.

Por conseguinte, a problemática inicialmente levantada - *A sociedade portuguesa da atualidade confronta-se com uma gradual perda de referências culturais e conseqüentemente identitárias, particularmente evidentes nas camadas mais jovens, causada, muito particularmente, em nosso entender, pela globalização da informação*, encontrou eco na prossecução do objetivo supracitado, nos diálogos que referimos, e, também, pela consciência e renovada visão do mundo, que este trabalho aportou a todos quantos contribuíram para que se concretizasse.

Enquanto profissionais de ensino, interrogámo-nos sobre o modo como poderá a escola contrariar tais tendências, e encontrámos alguns caminhos que, embora não podendo ser apontados como soluções, enveredam por perspectivas e visões que, alicerçados em novas crenças e oportunidades, vêm trazer, indiscutivelmente, outra consciência aos profissionais de ensino que trabalham no 1º CEB, ao assentarem em dinâmicas inovadoras e criativas integradas, por sua vez, em discursos multiculturais e polifónicos, imbuídos de respeito pela cultura dos outros e concomitantemente de respeito pelo próprio homem.

---

<sup>34</sup> Estes diálogos estão em consonância com o Projeto EMA - Estímulo à Melhoria das Aprendizagens. Nas candidaturas aprovadas destaca-se a nossa escola. Este projeto “tem como objetivo incentivar o aparecimento, o desenvolvimento e a divulgação de projetos inovadores, de qualidade [...] que fomentem o sucesso dos alunos através da sua participação em atividades devidamente estruturadas e realizadas em parceria com entidades externas à comunidade escolar.  
[www.gulbenkian.pt/session65arteld3062langld1.html](http://www.gulbenkian.pt/session65arteld3062langld1.html) - em 12 Agosto de 2012

## Propostas para estudos futuros

Quando se desenvolvem investigações como a nossa, há sempre aspetos da investigação que, por questões temporais, ou porque não é objetivo imediato da mesma, não encontram a sua concretização. Assim, numa fase posterior a este trabalho, queremos compor um *Manual de Recolha*, de apoio ao professor, para que este possa organizar de forma sistematizada toda a informação relacionada com a cultura local, utilizá-la na sua programação diária, e dar visibilidade a esses conhecimentos, partilhando-os através da Internet, recorrendo, para tal, a uma *Base de Dados Dinâmica* de cariz interativo.

Acreditamos que esta prática poderia tornar-se em mais um contributo valioso para a revitalização da identidade nacional, na sua diversidade cultural, social e étnica, bem como uma alavanca para a inclusão social dos alunos. Não temos dúvida de que alguns professores necessitam de orientação, pois, frequentemente, não são da região onde a escola se implanta, o que vem comprometer o conhecimento destes sobre o meio envolvente. Em simultâneo, a referida base de dados pode contribuir para a recolha organizada e sistematizada das informações sobre o património imaterial local, que, de outra forma, se vão perdendo na memória do tempo. Esta base de dados de carácter dinâmico e interativo, ao ser espaço de contínua edição e atualização, faz com que os seus utilizadores promovam e desenvolvam aprendizagens que estruturam e modelam núcleos de desenvolvimento profissional e social quer deles próprios quer de toda a comunidade.

Terminamos convictos de que a sistematização dos dados recolhidos pode, ainda, projetar o horizonte deste estudo para patamares mais alargados, com ligação ao turismo cultural, nomeadamente no âmbito do Programa das Aldeias Históricas de Portugal, através da *Associação de Desenvolvimento Turístico das Aldeias Históricas de Portugal*,<sup>35</sup> com quem estamos a preparar um projeto que visa, entre outros aspetos, essa vertente ligada à cultura local nas escolas do 1º CEB, numa perspetiva que pretende estimular a comunicação interna

---

<sup>35</sup> O Programa de Aldeias Históricas foi formulado pelo governo português em 1991 e, desde então, restaurou as seguintes aldeias na [Beira Interior](#) (parte da antiga [Beira Alta](#) e [Beira Baixa](#)):

- [Almeida](#) (vila e sede de concelho)
- [Castelo Mendo](#), (concelho de [Almeida](#))
- [Castelo Novo](#), (concelho de [Fundão](#))
- [Castelo Rodrigo](#) (vila)
- [Idanha-a-Velha](#), (concelho de [Idanha-a-Nova](#))
- [Linhares](#), (concelho de [Celorico da Beira](#))
- [Marialva](#), (concelho de [Mêda](#))
- [Monsanto](#) (vila do concelho de [Idanha-a-Nova](#))
- [Piódão](#), (concelho de [Arganil](#))
- [Sortelha](#), (concelho de [Sabugal](#))

Em 2003, foram incluídas no programa as seguintes povoações medievais:

- [Belmonte](#) (vila)
- [Trancoso](#) (cidade)

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

dentro dessas aldeias, assente no envolvimento integrado da comunidade local em cada Aldeia Histórica.

Esperamos, deste modo, que este trabalho venha contribuir para a consciencialização de todos, sobre a importância da cultura local, impregnada de uma visão que se pretende cada vez mais tolerante, mais digna e mais universal.

## **Bibliografia**

- ABRANTES, J. (1994). *A outra face da escola*. Ministério da Educação.
- ALONSO, L. (1999). Atas do seminário *Autonomia, Flexibilidade e Associação*, realizado em 9 de junho de 1999, no Instituto de Estudos da Criança. Universidade de Aveiro.
- ALTHIER, M. L. (2004). *Learning to Be Literacy Teachers in Urban Schools: Stories of Growth and Change*. Newark, DE: International Reading Association.
- APPLE, M. W. (1982). *A Ideologia e o Currículo*. Brasil, Brasiliense.
- APPLE, M. W. (1989). *Educação e Poder*. Porto Alegre, Artes médicas.
- APPLE, M. W. (2001). *Educating the 'right' way*. New York : Routledge.
- APPLE, M. W. (2002). “Endireitar” a Educação: as escolas e a nova aliança conservadora. In *Currículo sem Fronteiras*, v.2, n.1, pp.55-78, Jan/Jun 2002.
- AZEVEDO, J. (2002). *O fim de um ciclo? A educação em Portugal no início do século XXI*. Porto: Edições ASA.
- AZEVEDO, F. (2006). *Literatura Infantil e leitores. Da teoria às práticas*. Instituto de Estudos da Criança. Braga: Universidade do Minho.
- AZEVEDO, J. (1999). *Voos de borboleta*. Porto: Edições ASA.
- BARATA, J. (1962). O desenvolvimento regional e as realidades portuguesas. In Sep. da *Revista de Direito Administrativo*, tomo IX, n.º 2. Coimbra.
- BARDIN, L. (2009). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, Almedina.
- BARROSO, J. (1991). Modos de organização pedagógica e processos de gestão da escola: sentido de uma evolução. In *Inovação*, 4, p.p. 55-86.
- BATISTA, F. P. do C. (2003). *Tributo à Madre Língua*. Coimbra: Pé de Página Editores.
- BENTO XVI, Papa (2010). *Encontro com o Mundo da Cultura*. Centro Cultural de Belém, Lisboa, 12 de Maio de 2010.

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

- BERNSTEIN, B. (1971). *Class, Codes and Control*, Londres, Routledge & Kegan Paul (trad. fr : *Langage et classes sociales. Codes sociolinguistiques et contrôle social*, Paris: Éditions de Minuit, 1975)
- BERNSTEIN, B. (1994). *La Estructura del Discurso Pedagógico*. Madrid, Morata.
- BERNSTEIN, B. (1996). *A Pedagogização do Conhecimento: estudos sobre a recontextualização*. Londres: Taylor & Francis, Londres. Tradução de Maria Lourdes Soares e outros, Cadernos de Pesquisa, n. 120, p. 78.
- BERNSTEIN, B. (2000). *Pedagogy, symbolic control and identity*. Rowman & Littlefield publishers, inc. Boston.
- BLOOM, H. (2002). *Stories and poems for extremely intelligent children of all ages*, New York, London - Toronto- Sidney- Singapore. Simon & Shuster.
- BOFF, L. (2000). *Saber Cuidar. Ética do Humano - Compaixão pela Terra*. Petrópolis, Vozes.
- BOURDIEU, P. & PASSERON, J. (1970). *A Reprodução: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino*. Lisboa: Ed. Francisco Alves.
- BOURDIEU, P. (1992). *O Poder Simbólico*. Brasil, Rio de Janeiro: Bertrand.
- BOYER, J. La notion de «région» aux Pays-Bas. In *Annales de Géographie, Bulletin de la Société de Géographie*. Paris: LXXVII<sup>e</sup> année, n.9421, Mai-Juin 1968, pp. 323-335.
- BRAGA, T. (1885). *O povo português nos seus costumes, crenças e tradições*. Lisboa: Livraria Ferreira.
- BRANCO, A. F. (1966). *Covilhã: Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. Dissertação de licenciatura (inérita).
- BRANCO, L. (2006). A Educação Democrática face aos desafios do Multiculturalismo. In PARASKEVA, João (org) *Currículo e Multiculturalismo*. Edições Pedagógicas.
- BREITING, S., MAYER, M. & MOGENSEN, F. (2006). *Critérios de Qualidade para Escolas - ED. Guia para a melhoria da qualidade da Educação para o Desenvolvimento Sustentável*. Austrian Federal Ministry of Education, Science and Culture, Tradução de Manuel Carvalho Gomes.
- BRUNER, J. (1981). *El Desarrollo en el Niño*. 814 Vols. Série Bruner. Madrid: Ed. Morata.
- CAMPOS, B. P. (1987). Prefácio da *Lei de Bases do Sistema Educativo* de Eurico Lemos Pires. Porto: ASA

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

- CHOPPIN, A. (1992). *Les Manuels Scolaires. Histoire e Atualité*. Paris: Hachette.
- CHOPPIN, A. Les Manuels, Scolaires: De la production aux modes de consommation. In R. Vieira de Castro, A. Rodrigues, J. Silva & M. Dionízio de Sousa.orgs., (1999), *Manuais escolares, estatuto, funções, história, Actas do I encontro internacional sobre manuais Escolares*. Braga: Universidade do Minho.
- COSTA, A. (1949) *Dicionário coreográfico de Portugal continental e insular*. Porto: Livraria Civilização, 1929-1949, 12 vols.
- CRABOT, G. (1967). Les conceptions françaises de la région géographique. In *Pinisterra*, Lisboa, vol. II, n.º 3, pp 5-16.
- CUNHA, J. C. (1967). Regionalização do território metropolitano. In: Sep. da *Revista de Planeamento e Integração Económica*. Lisboa.
- DELORS, J. (1996). *Educação para o Século XXI: Um Tesouro a Descobrir*. Lisboa: Edições ASA.
- DEUSDADO, F. (1934). *Regionalismo e Patriotismo*. Lisboa: Livraria Bertrand.
- DIAS, J. L. (1964). *Etnografia da Beira*. 2: ed., vol. II. Lisboa: Livraria Ferin, Ld.<sup>a</sup>.
- DOLLE, Jr. W. (2002). Ghosts in the curriculum. In W. Dolle Jr.& Noel Gough (eds). *Curriculum Visions*. pp. 23 - 70. New York: Peter Lang.
- DUARTE, I. (2001). A formação em Língua Portuguesa na dupla perspectiva do formando como utilizador e como futuro docente da língua materna. In Inês Sim-Sim (org.), *A Formação para o Ensino da Língua Portuguesa na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico, Cadernos de Formação de Professores*, n.º 2, pp. 27-34
- DURKEIM, É. (1978). *Educação e sociologia*. 11ª ed. São Paulo: Melhoramentos.
- ECO, U. (2003). *Como se faz uma tese em Ciências Humanas*. 10 ed. Lisboa: Editorial Presença.
- EVANGELISTA, J. (1957). *Louvor e defesa da vida local*. Lisboa: L. Henry Gris, Ld.<sup>a</sup>.
- FERNANDES, A. (1999). *Para uma Sociologia da Cultura*. Porto: Campo das Letras.
- FERNANDES, M. R. (2000). *Mudança e Inovação na Pós-modernidade. Perspectivas Curriculares*. Porto: Porto Editora.
- FLICK, U. (2005). *Métodos qualitativos na investigação científica*. Lisboa: Monitor

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

- FORMOSINHO, J. & MACHADO, J. (2008). *Currículo e Organização - as equipas educativas como modelo de organização pedagógica*. Braga: Universidade do Minho.
- FORMOSINHO, J. (1991). *Concepções de Escola Na Reforma Educativa*. In SPCE, *Ciências da Educação em Portugal: Situação Actual e Perspectivas*. Porto: Afrontamento.
- FREIRE, P. (1970). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra SA.
- FREITAS, V. C. (2000). O Currículo em Debate: positivismo - pós modernismo. Teoria - prática. *Revista de Educação*, IX (1.39-52).
- GEERTZ, C. (1973). *A interpretação das culturas*. l.ed., IS.reimpr. Direitos exclusivos para a língua portuguesa Copyright © 1989 by LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A.
- GEERTZ, C. (2008). *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, LTC - Livros Técnicos, e Científicos. Editora SA.
- GIDDENS, A. (1995). *As Consequências da Modernidade*. Oeiras: Celta Editora, p.30.
- GIROUX, H. & SIMON, R. *Cultura popular e pedagogia crítica: a vida cotidiana como base para o conhecimento curricular*. In: MOREIRA, A. & SILVA, T. (Orgs.) (1995). *Currículo, cultura e sociedade*. 2. ed. São Paulo: Cortez, p. 93-124.
- GOODSON, I. F. (1997). *A Construção Social do Currículo*. Lisboa: Educa.
- HAUSER, H. (1924). *Le problème du régionalisme*. Paris: Les Presses universitaires de France.
- HIRSCH, ED. (1998). *Cultural literacy, What every American needs to know*. New York: Random House.
- HORTA, M. de L. P. (1999). *Guia básico de educação patrimonial*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial.
- LARCHER, T. (1930-1931). *Estudos de regionalismo*. Leiria, vol 2.
- LEITE, C. (2003). *Para uma escola curricularmente inteligente*. Porto: Edições ASA.
- LIPOVETSKY, G. (1989). *A Era do Vazio - Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*, Coleção Antropos, Lisboa: Relógio d'Água.
- MARQUES, R. (2001). *Professores, Famílias e projeto educativo*. Coleção *Perspectivas Actuais*. Porto: Edições Asa.
- MARTELLI, C. (2006). *Mundo Globalizado: Entre o Particular e o Universal*. Instituto

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

Matonense Municipal de Ensino Superior Brasil. Araraquara - SP - Brasil: *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v.11, n.20, p.155-167.

MARTINS, E. C. (2010). *Luzes e Sombras em Tempo de Rupturas - Educação e Ética nos laços da (Pós) Modernidade*. Viseu: Palimage.

MARTINS, J. (2011). *A Literatura na Escola: concepções, práticas e recepção pelos alunos - um estudo de caso da realidade portuguesa*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade do Minho, não publicada).

MATIAS, J. (2006). *Lei de Bases do Sistema Educativo 1986-2006 - Linhas para uma revisão da Lei*. Este documento retoma o texto apresentado ao Conselho Nacional de Educação (CNE) em Outubro 2006.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2008). *Educação 2006 - 50 Medidas de Política para melhorar a escola pública*. Lisboa: EME.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (1988). *A Gestão do Sistema Escolar*, Lisboa: EME.

MOREIRA, A. F. & SILVA, T. (1995). Sociologia e teoria do currículo: uma introdução. IN: MOREIRA, A. F. & SILVA, T. *Currículo, Cultura e Sociedade*. São Paulo: Cortez Editora, pp. 7-38.

MORIN, E. (2002). *Os Sete Saberes para e a Educação do Futuro*. Lisboa: Instituto Piaget

MORGADO & PIRES, (2010). *Educação Intercultural e Literatura Infantil*. Lisboa: Colibri.

NÓVOA, A. (1995). *Dilemas Actuais dos Professores - A comunidade, A autonomia, O conhecimento*. Porto: Porto Editora

PACHECO, J. (org.) (1999). *Componentes do Processo de Desenvolvimento Currículo*. Braga: Livraria Minho, ed. lit..

PACHECO, J. (2007). Currículo, investigação e mudança. In: CNE (Ed.), *A Educação em Portugal. Alguns contributos de investigação*. Lisboa: Ministério da Educação, pp. 79 - 148

PALAZZOLI, C. (1966). *Les régions italiennes: contribution à l' étude de la décentralisation politique*. Paris: Librairie Générale de Droit et Jurisprudence.

PARASKEVA, J. & MORGADO J. (1998). *Autonomia Curricular: uma nova Ferramenta Ideológica in Reflexão e Inovação Curricular*. Pacheco J., Paraskeva J., Silva A. (Orgs). Braga: Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

- PATRÍCIO, M. F. (2010). *Riscos Pedidos*. Porto: Porto Editora.
- PEREIRA, A. (2008). *Portugal Descoberto, Vol. I, Cultura Medieval e Moderna*. Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- PEREIRA, A. (2009). *Portugal Adentro: do Douro ao Tejo. O Milénio Beirão*. Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- PEREIRA, A. (2003). *Como escrever uma tese*. Lisboa: Edições Silabo, 2ª Edição.
- PIAGET, J. (1967). *Seis Estudos de Psicologia*, Trad. D'Amorim, M., Silva, P. Rio de Janeiro: Forense.
- PINHO, L. (1998). Culturas Locais, Testemunhos. In *Reflexão e Inovação Curricular*. Pacheco, J.; Paraskeva, J. & Silva, A. (Orgs). Braga: Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.
- PINTO, L. (1966). O significado do desenvolvimento regional. In Sep. de *Análise Económica*, n.º 14, 1966. Lisboa: Gabinete de Investigações Económicas.
- PIRES, E. (1987). *Lei de Bases do Sistema Educativo*. Porto: Asa.
- POYATOS, F. (1994). *La comunicación no verbal. (Cultura, language y comunicación)*. Madrid: (1992). *Manual de Investigación em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- RAMALHO, G. (Coord.) (2001) Resultados do Estudo Internacional PISA 2000 - GAVE. Lisboa: Ministério da Educação.
- RIBEIRO, A. C. (1990). *Desenvolvimento Curricular*. Lisboa: Texto Editora, p. 19.
- RIBEIRO, A. (1990). *Planificação e Avaliação do Ensino- Aprendizagem*. Lisboa: Univ. Aberta.
- RODARI, G. (1982). *A Gramática da Fantasia*. 7 edição. São Paulo: Summus.
- RODARI, G. (s.d.) (2003). *La escuela de la fantasia*. Madrid: Editorial Popular.
- SACRISTÁN, J. (2000). *O Currículo: Uma reflexão sobre a prática*. S. Paulo: Porto Alegre.
- SANTOMÉ, T. (1995). Jurjo, *Globalizacion e Interdisciplinaredad: el curriculum integrado*. Porto Alegre, Artes Médicas.
- SANTOS, B. (2000). *A crítica da Razão indolente*. S. Paulo: Cortez.
- SARAIVA, A. (2003). *O que é cultura*. Lisboa: Gradiva.

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

- SAVATER, F. (1997). *El Valor de Educar*. Barcelona: Editorial Ariel, SA Córcega.
- SEQUEIROS, A. (2005). Para quem abrimos as nossas portas - Leitura pública e exclusão social. *Revista da Faculdade de Letras : Sociologia*. Vol:15; Issue: 1; 399 - 412;
- SÉRGIO, A. (1976). *Ensaio*. Ed. crítica orientada por CHAVES, C. [et al] , (org) COSTA, I., ABELAIRA A. 2.ª ed., Lisboa: Liv. Sá da Costa, 6 vols.
- SIMÃO, J. V. (1970). *Batalha da educação*, discurso proferido pelo ministro da Educação Nacional.
- SOUSA, J. (2005). Que currículo para a pós modernidade? 8º Congresso das SPCE. *Cenários da Educação Formação: Novos Espaços, cultura e saberes*. Instituto Politécnico de Castelo Branco.
- SOUSA, M. & SAMPAIO, M. (2000). *A Parceria entre a Escola, a Família e a Comunidade: O Património Cultural Local como Forma de Envolvimento dos Pais*. Divisão de Avaliação, Prospectiva e Planeamento, Ministério da Educação.
- STEINER, G. (2003). O Leitor Incomum, in *Paixão Intacta*. Lisboa: Relógio D'Água.
- STOER, S. (1983). A reforma de Veiga Simão no ensino: projecto de desenvolvimento social ou «disfarce humanista»? In *Análise Social*, vol. XIX (77-78-79), 1983-3.º, 4.º 5.º, 793-822
- SUTHERLAND, P. (1996). *O desenvolvimento cognitivo atual*. Lisboa: Instituto Piaget
- THANASOULAS, D. (2001). The Importance of Teaching Culture in the Foreign Language Classroom. *Radical Pedagogy*, v.3, n.3.
- TODOROV, T. (1990). *Introduction à la littérature fantastique*, Seuil: Paris.
- TOFFLER, A. (1970). *Choque do Futuro*. Lisboa: livros do Brasil.
- TOURAINÉ, A. (1994). *Crítica da Modernidade*. Lisboa: Instituto Piaget.
- TYLER, R. (1949). *Basic Principles of Curriculum and Instruction*. Chicago: University of Chicago press.
- WHITAKER, P. (1999). *Gerir a mudança nas escolas*. Porto: Edições ASA.

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

### WEBGRAFIA

Bernstein, Basil (1990). *Pedagogy, Symbolic Control and Identity*. Boston. Rowman & Littlefield Publishers, inc.

[http://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=\\_V0L-6eTYUAC&oi=fnd&pg=PR9&dq=pedagogy+symbolic+control+and+identity+1996&ots=7fiuT9e4-&sig=b\\_\\_sa7PAWvnDrBvUdDJQTr3WeVg&redir\\_esc=y#v=onepage&q=pedagogy%20symbolic%20control%20and%20identity%201996&f=false](http://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=_V0L-6eTYUAC&oi=fnd&pg=PR9&dq=pedagogy+symbolic+control+and+identity+1996&ots=7fiuT9e4-&sig=b__sa7PAWvnDrBvUdDJQTr3WeVg&redir_esc=y#v=onepage&q=pedagogy%20symbolic%20control%20and%20identity%201996&f=false) - em 23 de junho de 2010.

GASPARI, L.T. (2011). *Património Cultural e Educação Patrimonial*. Plano de Ação Docente. <http://poshistoria.blogspot.pt/2011/01/patrimonio-cultural-e-educacao.html> - em 25 de junho de 2012.

PEREZ, C. V. [et al]. *Património, memória e formação de professores: outros diálogos na formação docente*. <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/posteres/GT08-1933--Int.pdf1> - em 5 de novembro de 2011.

RABELLO, E. PASSOS, (2005) J. *Vygotsky e o desenvolvimento humano*. em <http://www.josesilveira.com/artigos/vygotsky.pdf> - em 15 de agosto de 2012.

SOUZA, Renilfran. (2010). *A cultura e a questão da identidade*. <http://www.webartigos.com/artigos/a-cultura-e-a-questao-da-identidade/31099/> - em janeiro 21, 2012.

SOUZA, Renilfran C. (2010). *Educação patrimonial: escola, aluno/professor e sociedade*. em <http://www.webartigos.com/artigos/educacao-patrimonial-escola-aluno-professor-e-sociedade/31672/> - em 21 janeiro de 2012.

## *Cultura, Identidade, Educação e Mudança*

*Importância da Cultura Local no Currículo do 1º CEB – contributos para a sua consolidação.*

### 14 MANUAIS ESCOLARES

*A Grande Aventura* - 1º ano - LP. Paula Melo e Marisa Costa. Texto. 2011.

*A Grande Aventura* - 2º ano - EM. Paula Pires, Ana Landeiro e Henriqueta Gonçalves. Texto. 2011.

*A Grande Aventura* - 2º ano - LP. Paula Melo e Marisa Costa. Texto. 2011.

*A Grande Aventura* - 3º ano - EM. Paula Pires, Henriqueta Gonçalves e Ana Landeiro. Texto. 2011.

*A Grande Aventura* - 3º ano - LP. Paula Melo e Marisa Costa. Texto. 2011.

*Alfa - Estudo do Meio 1* - 1º ano. Eva Lima, Nuno Barrigão, Nuno Pedroso, Susana Santos. Porto Editora. 2012.

*Alfa - Estudo do Meio 3* - 3º ano. Eva Lima, Nuno Barrigão, Nuno Pedroso, Susana Santos. Porto Editora. 2012.

*Alfa - Língua Portuguesa 1* - 1º ano. Eva Lima, Nuno Barrigão, Nuno Pedroso, Susana Santos. Porto Editora. 2011.

*Alfa - Língua Portuguesa 3* - 3º ano. Eva Lima, Nuno Barrigão, Nuno Pedroso, Susana Santos. Porto Editora. 2012.

*O Mundo da Carochinha* - 1º ano - LP. Carlos Letra e Miguel Borges. Gailivro. 2011.

*O Mundo da Carochinha* - 2º ano - EM. Carlos Letra e Ana Margarida Afreixo. Gailivro. 2011.

*O Mundo da Carochinha* - 2º ano - LP. Carlos Letra e Miguel Borges. Gailivro. 2011.

*Pasta mágica* - 4º ano - LP. Cláudia Pereira, Isabel Borges, Angelina Rodrigues, Luísa Azevedo. Areal Editores. 2010.

*Pasta Mágica* - 4ºano, EM. Angelina Rodrigues, Cláudia Pereira, Isabel Borges, Luísa Azevedo. Areal Editores. 2010.